

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ANNA PAULA VENCATO**

"EXISTIMOS PELO PRAZER DE SER MULHER": uma análise do Brazilian
Crossdresser Club.

**RIO DE JANEIRO
2009**

Anna Paula Vencato

"EXISTIMOS PELO PRAZER DE SER MULHER": uma análise do Brazilian
Crossdresser Club.

Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Sociologia e Antropologia, Instituto de
Filosofia e Ciências Sociais, Universidade
Federal do Rio de Janeiro, como requisito
parcial à obtenção do título de doutor em
Sociologia e Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Peter Henry Fry

Rio de Janeiro
2009

Vencato, Anna Paula.
“Existimos pelo prazer de ser mulher”: uma análise do Brazilian
Crossdresser Club. / Anna Paula Vencato. Rio de Janeiro:
UFRJ/IFCS/PPGSA, 2009.
xv, 277p.: il.

Tese (Doutorado em Antropologia Cultural) – Universidade
Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais,
Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia,
Rio de Janeiro, 2009.

Orientador: Peter Henry Fry

1. Gênero 2. Sexualidade 3. Cross-Dressing 4. Segredo 5. Estigma
– Teses. I. Fry, Peter Henry (Orient.). II. Universidade Federal do
Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e
Antropologia. III. Título.

Anna Paula Vencato

"EXISTIMOS PELO PRAZER DE SER MULHER": uma análise do Brazilian
Crossdresser Club.

Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Sociologia e Antropologia, Instituto de
Filosofia e Ciências Sociais, Universidade
Federal do Rio de Janeiro, como requisito
parcial à obtenção do título de doutor em
Sociologia e Antropologia.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

Prof. Dr. Peter Henry Fry (Orientador)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Adriana de Resende Barreto Vianna
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Jane de Araújo Russo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Maria Filomena Gregori
Universidade Estadual de Campinas

Profa. Dra. Mirian Goldenberg
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dedico este trabalho aos meus avós-pais, Aquilino e Irani, a meus pais, Walmor e Melânia, à minha irmã, Fernanda, à minha sobrinha, Maria Eduarda.

Também o dedico a todas aquelas que me acolheram como pesquisadora no Brazilian Crossdresser Club.

E, finalmente, dedico a Princesa Patrícia Din, Primeira e Única.

*Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada.*

*Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.*

*A Princesa Adormecida,
Se espera, dormindo espera,
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.*

*Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado,
Ele dela é ignorado,
Ela para ele é ninguém.*

*Mas cada um cumpre o Destino
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.*

*E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora,*

*E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.*

(Eros e Psique, de Fernando Pessoa)

Agradecimentos

Nenhuma pessoa escreve um trabalho acadêmico sozinha. Espero que estas páginas dêem conta de expressar o quanto as pessoas aqui listadas são importantes para o andamento desta tese.

Em primeiro lugar a meu orientador, Peter Henry Fry, pela orientação firme, presente e afetuosa. Sem você, Peter, nada disso teria sido possível. Obrigada pelo acolhimento, bons conselhos, generosidade e interlocuções.

Ao Programa em Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em especial àquelas professoras com que tive aulas ou mais contato: Bila Sorj, Yvonne Maggie, Mirian Goldenberg, Elsje Lagrou, Maria Laura Cavalcanti e Neide Esterci. À Diana Lima, Peter Fry e Mirian Goldenberg por me ensinarem a ensinar ao longo do estágio de docência. Às secretárias do PPGSA, Claudia de Jesus Vianna e Denise Alves da Silva e Angela Dias por resolverem muitas das burocracias necessárias à vida na pós-graduação. À Cristina Fernandes, que secretariava o Peter, pelas excelentes e divertidas conversas enquanto eu esperava pelas reuniões de orientação. Aos colegas do doutorado, especialmente a Luciane Soares, Tatiana Bacal, Mylene Mizrahi, Roberto Marques, Ana Paula da Silva, Antonio Brasil e Jayme Aranha.

A Adriana Vianna e Mirian Goldenberg, pelas contribuições importantes em meu exame de qualificação.

As professoras Adriana Vianna, Jane Russo, Maria Filomena Gregori e Mirian Goldenberg por terem aceito participar como avaliadoras este trabalho. Agraceço também à professoras Bila Sorj e ao professor Sérgio Luis Carrara, que aceitaram participar desta banca como suplementes. Agradeço antecipadamente as discussões e sugestões que a banca tecerá a propósito deste trabalho.

Às professoras do Mestrado em Antropologia Social (PPGAS/UFSC) pela formação inicial na área, em especial a Sonia Weidner Maluf, que orientou meu trabalho. Também agradeço especialmente a Miriam Pillar Grossi, Ilka Boaventura Leite, Antonella Tassinari e Esther Jean Langdon, que foram fundamentais a minha formação. Das pessoas com quem estudei no mestrado, gostaria de agradecer a Danielle Silveira de Almeida e Flávio Luiz Tarnovski, meus grandes amigos.

Aos professores e professoras da graduação em Pedagogia (UDESC), especialmente aos que ainda estão próximos. Gostaria de agradecer sobretudo a Vera Lucia Gaspar da Silva (minha orientadora de iniciação científica por anos), Nadir Azibeiro, Gláucia de Oliveira Assis, Francisco Canella, Graça Soares e Ione Ribeiro Valle. Desta época, gostaria de agradecer também a minhas colegas Roberta Fantin Schnell, Mirella Fabiana de Melo e Maria Eugenia Thisted.

Ao Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM), pelo acolhimento ao longo dos últimos anos e pela formação “extra-oficial”. Gostaria de agradecer em especial a Sérgio Carrara e Maria Luiza Heilborn. Agradeço também a Jane Russo, Fabíola Rohden e Horácio Sívori.

A toda a equipe carioca da pesquisa “Relations among ‘race’, sexuality and gender in different local and national contexts”, em especial a equipe de pesquisa “Lapa”, que coordenei: Bruno Zilli, Igor Torres, Layla Peçanha e Diana Dianovski. Obrigada pela paciência com minha inexperiência como coordenadora e pelo grande aprendizado, além do compartilhamento das dúvidas e angústias quanto ao trabalho a ser feito, que tive junto a vocês. Agradeço também à Laura Moutinho (coordenadora geral da pesquisa), Simone Monteiro (coordenadora para o Rio de Janeiro) e Fátima Cechetto (coordenadora do campo Madureira), pelos diálogos e aprendizados ao longo do trabalho.

A Veriano Terto e Sonia Correa, da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), pelas várias conversas inspiradoras ao longo desses anos.

A Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo pelo acolhimento quando cheguei em São Paulo. Agradeço em especial a Alexandre Santos (Xande) por ser um “sapo firmeza” e me ensinar muito sobre este “mundo T” da militância. Às pessoas que estiveram na APOGLBT-SP durante os anos em que estive próxima a esta instituição, em especial a Regina Facchini, Isadora Lins França, Eduardo Lourenço, Ana Ferri, Gustavo Menezes, Murilo Sarno, Adriana Bonita, Alessandra Saraiva, Cesar Xavier, Ricardo Gamboa, Cléo Dumas e Manoel Zanini.

Ao Departamento de Sociologia da UFSCar, do qual fui professora substituta. Em especial a Richard Miskolci, Jorge Leite Junior e Luciane Cristina de Oliveira. Agradeço também a meus alunos e alunas pela paciência com uma professora em fase de escrita de tese.

À minha família, pelo afeto, apoio, investimento e suporte (emocional e financeiro), e paciência com as ausências que a vida acadêmica demanda. Em especial aos meus avós, Aquilino Carlos Vencato e Irani Nicoletti Vencato, que assumiram generosamente para si a tarefa de cuidar de mim e de minha irmã ao longo da infância e de boa parte da adolescência. Dá saudade das épocas em que assistíamos tv na sala, todos os dias, deitadas no colo de vocês. E é triste não poder morar perto o suficiente para abraçar sempre meus dois velhinhos magrinhos e que hoje parecem tão pequenos. Saudade sem fim.

A Walmor Carlos Vencato, meu pai, por estar presente. Obrigada por tudo, veinho. Não sei como expressar aqui o quão importante tem sido saber que você está por perto, mas obrigada por estar por perto desde sempre. Obrigada pelo “paitrocínio” que se estendeu durante diversos momentos ao longo de meu trabalho e por nunca me deixar na mão quando eu precisei.

A Melânia Elizabeth Boehme Vencato, minha mãe, que tem estado por perto nos últimos anos e sido fundamental no apoio a algumas decisões que tomei ao longo da minha vida adulta. Obrigada por respeitar meus modos de viver minha vida e defender que eu deveria

fazer o que me fosse melhor, mesmo quando exigiam dela que enquanto “filha da pastora” eu deveria andar por caminhos outros que não os que havia escohido.

À Fernanda Vencato, minha irmã mais nova. A gente sempre brigou como cão e gato, já diziam o vô e a vó. Seria difícil que não acontecesse, já que somos tão diferentes. Mas os anos acalmaram nossas formas de lidar uma com a outra e tornaram possível que a gente aprendesse a aproveitar melhor a companhia uma da outra. Obrigada por estar sempre a meu lado... “i carry your heart with me (i carry it in my heart)”. À Maria Eduarda Vencato Moreira, minha sobrinha, por trazer alegria e ensinar-me que há amores à primeira vista que duram para sempre.

A Liliane Boehme Tepedino Martins (Tia Lili) e Roberto Tepedino Martins (Titio Robertinho), pelas inúmeras ajudas ao longo dos anos e, especialmente, pelo carinho e cuidado que dispensaram e dispensam a mim, a Ferr e a Duda. Nenhum agradecimento aqui seria o bastante.

A minha tia Dalva Pazin Vencato, que me incentivou a ler diversas coisas legais ao longo da infância e adolescência, incluindo um tal “Orlando”, quando eu estava com uns 16, talvez 17 anos... lembro-me ainda como aquela história por alguma razão qualquer me fascinou. E aqui estou, ainda hoje, fascinada por homens que, de alguma maneira, se tornam mulheres.

Agradeço também a meus tios Vilson José Vencato, Volney Antônio Vencato, Helmutt José Boehme da Silva (*in memorian*) e minha tia Virgínia de Almeida.

A Ingeborg Magdalena Boehme, minha Oma Inge, que nos deixou em 2007, com saudade. Também a meu avô, Wandyck Tertuliano da Silva (*in memorian*).

A Aline Almeida da Silva e Mariana Almeida da Silva, primas queridas, que de uma forma ou de outra, cresceram junto comigo. Aos primos “bem mais novos”: André Boehme Tepedino Martins, Augusto Boehme Tepedino Martins, Arthur Boehme Tepedino Martins, Victor Carlos Vencato, Renan José Vencato e Bruno Luis Vencato (*in memorian*). Um agradecimento especial ao Augusto por me apresentar ao mundo do *cosplay* e a uma amiga que contribuiu com informações acerca do *crossplay*.

Várias pessoas contribuíram para que minha ida ao doutorado acontecesse. Gostaria de iniciar agradecendo às pessoas que “deram a idéia” de eu ir ao Rio tentar trabalhar com o Peter: Laura Moutinho e Adriana Vianna. Ainda, gostaria de agradecer imensamente a Anna Paula Uziel (e ao Bernardo e Ricardo) pela hospedagem durante a seleção. Agradeço também à Debora Baldelli e Silvia Aguião, que me guiaram pela cidade na época em que lá estive para as provas. A Flávia Motta e Sônia Maluf pelas leituras do projeto e conselhos. A Gláucia de Oliveira Assis e Francisco Canella por estarem sempre por perto, desde a iniciação científica.

Não poderia deixar de mencionar minha família do Rio, que me recebeu para morar por algum tempo em sua casa quando me mudei para aquela cidade sem mesmo me conhecer. Obrigada pelo acolhimento e pelo carinho. Agradeço aos meus tios-avós Hans Hellmuth

Gerhard Boehme e Aysil Boehme, e a aos/às primos/as queridos/as: Hans Boehme Junior (Nuno), Andréia Boehme, Cynthia Boehme e Patricia Boehme. Em especial ao Nuno, que se tornou, com sua docura e amizade, uma das pessoas mais queridas desta minha vida. Mais que primo, tornou-se um amigo. Mais que um amigo, tornou-se um irmão.

Aos professores e professoras que estiveram em diálogo ao longo da tese, nos congressos ou outros momentos, pelas contribuições para com este trabalho. Não poderia deixar de mencionar aqui Mara Coelho de Souza Lago, Júlio Assis Simões, Antônio Carlos de Souza Lima, Adriana Vianna, Luiz Mello de Almeida Neto, Fabiano Gontijo, Márcia Áran, Heloísa Buarque de Almeida, Anna Paula Uziel, Yvonne Maggie, Mirian Goldenberg, Elisete Schwade, Diana Lima, Flávia Motta, Laura Moutinho e Guacira Lopes Louro.

Aos colegas e amigos “da vida acadêmica” pelo compartilhar de idéias, angústias e, eventualmente risadas de nós mesmos. Em especial: Andrea Lacombe, Liliane Brum Ribeiro, Raquel Wiggers, Miriam Steffen Vieira, Débora Krischke Leitão, Ivia Maksud, Bruno Zilli, Silvia Aguião, Paula Lacerda, Jorge Leite Jr, Regina Facchini, Isadora Lins França, Michelle Alcantara Camargo, Daniela Murta, Claudia Cunha, Igor Torres, Marko Monteiro, William Peres, Fernanda Eugênio, Tatiana Laai, Helmut Paulus Kleinsorgen, Daniela Manica, Alinne Bonetti, Elisiane Pasini, Rozeli Porto, Fernanda Cardozo, Juliana Perucchi, Alexandre Vega, Jorge Leite Júnior, María Elvira Díaz Benítez, Thaddeus G. Blanchette, Marcelo Daniliauskas, Cláudio Roberto da Silva, Gustavo Gomes da Costa Santos, Érica Renata de Souza, Marcelo Natividade, Leandro de Oliveira, Érica Peçanha do Nascimento, Luiz Henrique Passador, Jurema Brittes, Rosa Maria Rodrigues de Oliveira, Flávia do Bonsucesso Teixeira, Larissa Pelúcio, Berenice Bento, Flávio Luiz Tarnovski, Mônica Siqueira, Márcio Macedo (Kibe), Jaqueline Ferreira, Vitor Grunvald, Bernadete Grossi e Heloísa Paim.

A Ana Carolina Bazzo e Ana Ferri pelo trabalho de transcrição de parte das entrevistas. A Isadora Lins França, Regina Facchini, Maria Elvira Diaz e Bruno Zilli pela disposição em ler e comentar os capítulos desta tese conforme os escrevi. Sem estas leituras meu trabalho não seria possível.

Agradeço a todas as pessoas com quem morei ao longo dos últimos anos e que compartilharam no cotidiano o fazer desta tese, em momentos diversos. No Rio, Fabiana Caetano Bandeira, Carlomagno Bahia, Elian Botelho, Silvia Patricia Costa, Oscar Perné do Carmo Júnior e Fernando Márcio Brasil Cruz. Em Sampa: Isadora Lins França, Regina Facchini, Michelle Alcantara Camargo, Maria Elvira Diaz e Bahia Munen. Em especial a Fabi e Isa, com quem dividi casa, angústias, conversas e risadas a maior parte deste tempo e que estiveram lá em momentos cruciais. À Michelle pelas comidinhas vegetarianas e conversas de cozinha que contribuiram muito para apaziguar angústias dessa fase de escrita.

Aos amigos e amigas que fiz no Rio, obrigada pela acolhida e carinho. Em especial: Marco Haidar, Paulo Laranjeira, Luciano Tavares, Flavio Quixadá, Leonardo Arromba, Leonardo Oliveira, Tânia Fernandes, Lenita Queiroz, Fernanda Raphael, Carla Pires, Maristella Ciminelli, Marcia Barbosa, Fabio Deslandes, Gustavo Borges, Luiz Fernando Medeiros, Priscilla Araujo, Roger Willians, Letícia Provedel, Vietia Zangrandi, Felipe Riveiro, Jorge

Tadeu, Maria Cecilia Barbosa da Silva, Aline Maria Silva, Tatiana Ribeiro Queiroz de Oliveira, Maitê Carmo, Camila Castelo Branco, Ana Rachel Fonseca, Ursula Holanda e Helmut Paulus Kleinsorgen.

Aos amigos e amigas de São Paulo, sobretudo Margaret Arakaki, Eduardo Lourenço, Marcelo Caetano, Sarah Jacob, Elisabeth Gomes, Mayra Poitena, Bruna Angrisani, Carol Folhasi, Raquel Espírito Santo, Luciana Lima, Matheus Moscardini Moreira, Anderson Souza, Eduardo Freitas Prates, Rafael Rangel, Geraldo (Pitu), Ricardo Frochtengarten e Márcio Régis. Ao pessoal que conheci no/do Espaço Impróprio, pela acolhida quando cheguei a São Paulo: Foz, Jou, Andreza, Ian, Guilla JD, Giba, Bruno Foca, Neto, Daniel Pina, Aline de Freitas e tantas outras pessoas. A Alexandre Vega e Joana Sarue, amigos queridos que fiz logo ao chegar em Sampa. A Gustavo Gomes da Costa pela presença constante ao longo do meu primeiro ano na cidade. A meu *partner in crime*, Marcelo Daniliauskas, pelas interlocuções acadêmicas e “de boteco”. É bom retornar aos debates em sociologia da educação através de alguém tão querido. A Guilherme Aragão Cardoso, amigo querido que me fez me perder pelas noites impróprias dessa Sampa... ele sabe, como ninguém, como “enjoy the silence” (my silence, his silence). A Jorge Cabelo, pelos momentos augustianos, amanheceres com cerveja e bons papos pelos botecos da vida e também pelo compartilhar de angústias que tivemos ao longo de nossas pesquisas, ao mesmo tempo tão próximas e tão distantes.

Há amigas de fora do mundo acadêmico que me apoiaram imensamente ao longo dos últimos anos e não poderiam deixar de ser citados: Raquel Nassif dos Anjos, Simone Igino, Gabi Debem, Alexandre Michel, Danielle Mordini, Carmela Soares, Karin Helena Mello, Joao Guilherme Mello, Carla Capovilla, Alexandra Thomazini, Giselle Cavatti, Renata Capovilla, Sylvia Couto Nunes, Mitch, Eduarda Seara de Abreu Domingues, Adalberto Melchides Martins Neto, Gustavo Aita Menna Barreto (e a toda sua família), Cristiano Pereira, Angela da Rosa Pereira, Maria Cristina da Silva, Jhowey Gomes, Chuchi Silva, Breno Maestri, Fabiano Melato, Diana Wiggers, Natacha Wiggers, Eduardo Chinato Ribeiro, Eliane Thomsen, Gicele Thomsen, Naiara Zanuzzo, DJ Spark, DJ Ifi, DJ Eduardo M, DJ Ledgroove, Camila Franco Sala e Ariadna Ledesma.

Há pessoas que desempenharam papel fundamental ao longo dos anos, às quais gostaria de agradecer mais uma vez e especialmente, não apenas pelo pelas trocas no campo acadêmico como pela amizade, presença, carinho, cuidado e apoio. Não há palavras que expressem adequadamente o quanto devo a todas/os vocês, sem os/as quais nada disso teria sido possível: Flávia Motta, Isadora Lins França, Regina Facchini, María Elvira Díaz Benitez, Bruno Zilli e Silvia Aguião.

Esta pesquisa não existiria sem as pessoas que me cederam suas histórias, sua atenção e seu tempo para tentar me explicar um tanto de seus mundos. Às pessoas que contribuíram com esta tese meu eterno agradecimento, em especial: Adriana Jones, Adriana Volup, Alexia Legrand, Ana Paula Oliveira, Bárbara Stone, Candice Hiheels, Carolina Yummy, Cristina Camps, Deborah Cristina (Debbi), Denise Taynah, Dudda Nandez, Ellen Vera, Jacque Volup, Jessica Evans, Jorgete DelRio, Julia Bourbon, Kelly da Silva Neta, Lini Moon, Louise Stern, Magally Sanchez, Marcela West, Marcia Elisa Polari, Marcia Regina Moreira, Marcia Rocha & Dri, Maria Antonietta, MaLu Ribas, Marina Montenegro, Marina

White, Marisa Rosselini, Marcos "Shinobu", Natalia White, Paula Andrews, Patricia Din, Pekena, Reicla Daks, Solange Elizabeth Pearly, Thaís Manzini, Valerie Munoz, Velani e Verme. Às pessoas que conversam nos fóruns real e virtual do BCC, pelas conversas e experiências interessantíssimas que compartilham naquele espaço, muitas das quais estão presentes no texto e foram importantes a este trabalho.

A Kelly, presidente e professora de balé, pelo apoio institucional, por me apoiar ao longo da pesquisa e proporcionar meu acesso ao BCC. Às três Márcias pelos passeios pelo Arouche, conversas sempre agradáveis, pelo cuidado e delicadeza com que sempre me trataram e pela amizade. Agradeço, ainda, a Márcia Regina, por ter me indicado a poesia que serve de epígrafe a esta tese. À Betsy pela gentileza de me permitir compartilhar do mesmo quarto nos eventos a que fui, pelo carinho com que sempre me recebeu e pelos auxílios com materiais para a tese.

À Marina, Alexia, Dri, MaLu e Pekena, por me receberem maravilhosamente e pelos diálogos constantes que foram importantes não apenas para a pesquisa em si. A elas e todas as outras S/O's que me fizeram entender um pouco do que é "ser mulher" neste universo.

À Lini Moon e Marcos "Shinobu" pelas contribuições com informações sobre *crossplay*.

Mais uma vez, e sobretudo, agradeço a Patricia Din. Obrigada por me levar inúmeras vezes pela mão para conhecer lugares, espaços e idéias pertinentes a esta tese. Muito do que conheci se deu à sua generosidade em me auxiliar a conhecer e entender como as coisas funcionavam no "meio crossdresser". Todo o meu carinho e respeito a você, que desempenhou o papel de "interlocutora principal" de meu trabalho, assim como tornou-se uma grande amiga pessoal, sem quem nada disso teria sido possível.

Por fim, agradeço à Capes, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que apoiou financeiramente esta pesquisa.

* absolutely no regrets *

Resumo

VENCATO, Anna Paula. “**Existimos pelo prazer de ser mulher**”: uma análise do Brazilian Crossdresser Club. Rio de Janeiro, 2009. Tese (doutorado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

Este trabalho está embasado em pesquisa de base etnográfica realizada de 2007 a 2009 com homens que praticam “crossdressing”. Buscou-se entender como o “se montar” ou “se vestir de mulher” é negociado em diversas instâncias de suas vidas, como as relações com família, trabalho, amigos, intra-grupo, etc. Também se buscou compreender como noções de gênero se articulam na produção das “mulheres” que constróem. Tentou-se compreender também como estes homens negociam com o estigma relativo à prática do “crossdressing” e com o segredo necessário para que mantenham o status em suas vidas quando desmontados. A pesquisa realizou-se em eventos do Brazilian Crossdresser Club (BCC) ou de membros deste clube, na internet e através de dezessete entrevistas. Questões como manejo do estigma, desvio, negociações do segredo e a construção de pessoa articulada a certas convenções de gênero nortearam a análise empreendida. O que se evidenciou, ao final é que antes de compreender as crossdressers como “marginais” ou “desviantes”, é preciso entender as estratégias que empreendem para manter uma “vida dupla”. Esta “vida dupla” das “crossdressers” informa que a idéia de uma separação entre desvio e norma precisa ser matizada: a gestão que fazem para manter esta duplidade indica que se há, por um lado, um distanciamento das normas, por outro lado, há também um esforço para manter-se em diálogo com elas.

Palavras-chave: 1. Gênero 2. Sexualidade 3. Cross-Dressing 4. Segredo 5. Estigma

Abstract

VENCATO, Anna Paula. “**Existimos pelo prazer de ser mulher**”: uma análise do Brazilian Crossdresser Club. Rio de Janeiro, 2009. Tese (doutorado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

This thesis is based on an ethnographic research developed from 2007 to 2009 with men that practices cross-dressing. It was aimed to understand how “se montar” or “dress up like a woman” is negotiated in several instances of their lives, such as the relations with family, at work, with friends, inside the group of cross-dressers, etc. It was also aimed to understand how notions of gender articulate on the production of the “women” they compose. Also, it was inquired how these men negotiate with stigma that evolves to practice cross-dressing and with the secrecy required to keep their social status when they are not “en femme”. The research was developed on events from the Brazilian Crossdresser Club (BCC) or events from its members, on the internet and through seventeen interviews. The questions that guided the analysis were stigma management, deviance, negotiation of secrecy and the construction of the person articulated to certain gender conventions. What become evident in the end is that it is not possible to understand the cross-dressers only through the lens of “marginality” or “deviance”. It is necessary to perceive also the strategies they use to keep up a “double life”. This “double life” shows us that the idea of a separation between deviance and norm needs to be weighed: the administration that these men do to keep this duplicity indicates that they may repel the norms by one side, but on the other, they are still dialoguing with them.

Keywords: 1. Gender 2. Sexuality 3. Cross-Dressing 4. Secrecy 5. Stigma

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| Apresentação | 1 |
| Algumas notas sobre vocabulário | 9 |
| Percursos da Pesquisa | 11 |
| Apresentação geral das pessoas que contribuíram com a pesquisa | 22 |
| | |
| Capítulo 1 - Algumas Cenas da Pesquisa: As <i>Olim...piadas</i> | 27 |
| Abertura das <i>Olim...piadas</i> | 28 |
| As <i>Olim...piadas</i> | 40 |
| O Miss BCC e a festa | 48 |
| Café da manhã e retorno a São Paulo | 58 |
| Manejo do estigma, noção de desvio e papel do segredo | 62 |
| | |
| Capítulo 2 - <i>Crossdressers, Crossdressings</i> | 72 |
| 2.1 Alguns tipos de <i>cds: reais, virtuais, de armário ou do Xuxu</i> | 81 |
| Ativas, Inativas, Reais e Virtuais | 82 |
| As cds Xuxu e as cds de armário | 88 |
| 2.2 Crossdressing FtM (female-to-male) | 95 |
| 2.3 Breves notas sobre <i>crossplay</i> | 101 |
| 2.4 Crossdressing como fetiche | 105 |
| 2.5 Feminização, Inversão de Papéis e Sissies | 111 |
| | |
| Capítulo 3 - “Uma crossdresser não vai a lugar nenhum sozinha”: espaços e lugares no contexto do se montar | 117 |
| 3.1 “Nós existimos pelo prazer de ser mulher”: O Brazilian Crossdresser Club | 118 |
| Apresentando a estrutura do BCC | 121 |
| A presidência e as diretorias | 125 |
| O Comitê de Ética e Avaliação | 126 |
| O Regimento Interno | 127 |
| As Regionais do BCC | 130 |
| O <i>Holiday en Femme</i> (HeF) | 132 |
| As listas de discussão do BCC | 134 |
| 3.2 “Vai gostar de ser mulher assim... lá no Arouche!!!”: Do <i>Le Closet</i> a outros espaços | 138 |
| O <i>Le Closet</i> São Paulo | 138 |
| O <i>The Marcinha's</i> e o <i>Espaço Moulin Rouge</i> | 147 |
| O BCC na <i>Turma OK</i> | 152 |
| Restaurantes e Bares do Largo do Arouche | 156 |
| | |
| Capítulo 4 - “Quase uma mulher”: negociações entre estar montada e desmontado | 164 |
| 4.1 Depilação, hormonização e outras mudanças corporais | 165 |
| 4.2 Um homem pra chamar de seu: sobre os <i>sapos</i> que sustentam as <i>princesas</i> | 176 |

| | |
|--|-----|
| Capítulo 5 - “Vestidos para ir a lugar nenhum”: crossdressing e negociações para se estar montada | 187 |
| 5.1 Relações com família, amigos e vida profissional | 189 |
| 5.2 Relação com S/O’s e intra-grupo | 197 |
| 5.3 Sair <i>montada</i> /aparecer na mídia: negociações entre <i>adrenalina</i> e <i>risco</i> | 202 |
| 5.4 Mudanças corporais, classe social e acesso à saúde | 217 |
| Considerações finais | 223 |
| Referências Bibliográficas | 230 |
| Bibliografia Citada | 230 |
| Bibliografia Consultada | 237 |
| Anexos | 240 |
| Anexo I - Regimento Interno do Brazilian Crossdresser Club | 241 |
| Anexo II - Regulamento de Inscrição | 260 |
| Anexo III - Ficha de Inscrição | 264 |
| Anexo IV - Roteiro da peça de teatro “A doce vida de uma cd” | 267 |
| Anexo V – Quadrinhos de associadas sobre a prática de <i>crossdressing</i> | 273 |

Apresentação

Esta tese está embasada em pesquisa realizada com homens que praticam *crossdressing*¹ ao longo dos anos de 2007 a 2009. A questão central que norteou esta investigação foi entender como pessoas que se identificam como praticantes de *crossdressing* ou *crossdressers*² negociam o *se montar* ou *se vestir de mulher* em diversas instâncias de suas vidas. Essas instâncias compreendem as relações com família, trabalho, relações afetivas e/ou conjugais, etc. Também se buscou compreender como estes homens articulam noções de gênero na produção dessas *mujeres* que constróem, e como as produzem a partir de noções de feminilidade específicas que retiram daquilo que acreditam ser ou vêem como *legitimamente feminino*.

Se é possível afirmar que há diversas formas de praticar *crossdressing*, pode-se também argumentar que estas formas assumem significados específicos em diferentes grupos. Estes grupos, inclusive, não costumam ser homogêneos e, por vezes, as definições do que se está fazendo varia de acordo com os elementos sociais e subjetivos de que uma pessoa que se veste do *outro sexo* possa lançar mão³. Embora as significações sobre o termo possam variar, *grosso modo*, uma pessoa que se identifica como *crossdresser* pode ser definida como alguém que eventualmente usa ou se produz com roupas e acessórios tidos como do *sexo oposto ao sexo com que se nasceu*.

¹ Ao longo deste trabalho o termo *crossdressing* aparecerá grifado de dois modos. Na maior parte do tempo, farei uso da grafia *crossdressing*, uma vez que é a forma as pessoas pesquisadas utilizam o termo. Já a grafia *cross-dressing*, utilizada nos países de língua inglesa, é comumente encontrada nas páginas estrangeiras da internet ou na literatura científica sobre o assunto.

² Em diversos momentos de minha pesquisa, o termo *crossdresser* foi utilizado pelas interlocutoras deste trabalho tanto em relação às pessoas que praticam *crossdressing* quanto à prática em si. Um exemplo é quando falam coisas como *quando eu comecei o meu crossdresser ou para mim o crossdresser é uma terapia*. Para facilitar a leitura do trabalho, contudo, optei por manter certa separação entre termos para me referir aos indivíduos (*crossdressers*) e a suas práticas (*crossdressing*).

³ Ao longo desta pesquisa, pude identificar que há diversos grupos que passam pela experiência de *vestir-se do outro sexo* para além das *crossdressers*. Esta experiência é vivida de modo diferenciado por grupos diversos, cujas fronteiras nem sempre encontram-se bem delimitadas (Barbosa, 2008, Vencato, 2009). A prática de vestir-se com roupas que socialmente são identificadas com o sexo biológico e o gênero diferente do da pessoa que as veste tem sido objeto de estudo da antropologia desde os *berdaches* entre os nativos norte-americanos (Mead, 2000), passando pelos *hijras* da Índia (Nanda, 1996) e os *guayaki* do Brasil (Clastres, 2003), entre outros grupos. Pode-se afirmar que, em contextos urbanos ou não, a antropologia sempre esteve atenta às diversas manifestações de *crossdressing* (não necessariamente lançando mão deste termo para o fazer), seja pelo valor mágico e ritual que alcança em alguns, seja pela idéia de *inversão* e *marginalidade* subjacente a esta prática em outros.

Crossdressers não são mulheres e não se vêem como tal. De forma rápida, poder-se-ia dizer que são homens que *se vestem de mulher*, ou que efetivam o *desejo de se vestir com roupas e acessórios femininos*, embora o *crossdressing* seja algo um tanto mais complexo que isso. E, mesmo assim, a noção de feminino que usam para se montar é bastante peculiar. É uma *montagem transitória*, realizada em alguns momentos específicos, que envolve graus variados de intervenção corporal, dependendo do que se pretende em termos de resultado final daquela produção. De modo geral, as *crossdressers* se inspiram e buscam realizar em suas *montagens* coisas que observam nas mulheres e que admiram ou coisas que elas vêem nas mulheres e acham bonito ou interessante. Para algumas é como uma espécie de brincadeira, mas também produz uma grande satisfação pessoal. Elas não são e nem procuram ser uma *caricatura de mulher* embora em alguns momentos a noção de uma espécie de *paródia do real* pareça informar suas montagens, atitudes e, sobretudo, sociabilidades.

Embora exista uma ampla gama de possibilidades do que possa ser considerado *crossdressing*, minha pesquisa, de base etnográfica, foi realizada basicamente em eventos do Brazilian Crossdresser Club (BCC) ou organizados por membros deste clube e também na internet. Na internet, o contato com *crossdressers* se deu desde o início do ano de 2007. Com o BCC passei a ter contato no final do ano de 2007, e acompanhei diversos eventos locais semanais em São Paulo (jantares, aniversários, festas), alguns que aconteceram no Rio de Janeiro e outros eventos maiores do clube ao longo do ano de 2008 (que reúnem membros de diversas cidades do Brasil e geralmente acontecem em hotéis/pousadas que são fechadas para o evento). Também realizei dezessete entrevistas com pessoas de dentro e de fora do BCC, que se identificam como *crossdressers* ou *S/O's* (ou *Supportive Opposites*, que são *mulheres de nascença* que apoiam e auxiliam a um homem que pratica *crossdressing* a se *montar*) e pessoas que prestam serviços para *cds*⁴. Uma *S/O* pode ser uma amiga, namorada, esposa, irmã, prima. É comum no grupo que pesquisei que as *S/O's* sejam esposas ou namoradas. De qualquer modo, nem toda *crossdresser* tem ou deseja ter uma *S/O*. Quatro dessas entrevistas foram realizadas com pessoas que não estavam associadas ao clube no momento da pesquisa.

De modo geral, ao *se vestirem de mulher*, procuram incorporar elementos do universo feminino que lhes atraem porque consideram *bonitos, sensuais, agradáveis*

⁴ Cd é um diminutivo de *crossdresser* bastante utilizado pelas pessoas que compartilham desta prática de *vestir-se do outro sexo*.

etc., mas que também consideram *verdadeiros* e *adequados*. Assim, tentar reproduzir em seus corpos e gestualidades essas coisas, de modo a tentar experimentar um pouco do que as mulheres experienciam ao fazer uso daquelas mesmas coisas. De qualquer modo, elas afirmam que sabem, também, que as mulheres não pensam sobre o uso e sensação de certas coisas, ou prestam atenção, como elas o fazem.

Pode-se argumentar que as diversas formas de praticar *crossdressing* também assumem significados específicos em diferentes grupos. Estes grupos, inclusive, não costumam ser homogêneos e, por vezes, as definições do que se está fazendo varia de acordo com os elementos sociais e subjetivos de que uma pessoa que se veste do *outro sexo* possa lançar mão. Dentro destes diferentes grupos, os tipos de *montagem* são diversos tanto em grau de publicização da prática quanto em graus de intervenção e mudança corporal, que variam de acordo com o que desejam como resultado final do *se vestir de mulher* e também da possibilidade de investir mais ou menos economicamente no *cding*.

Nesse contexto, as falas das pessoas que praticam *crossdressing* com quem conversei ao longo desta pesquisa apontam para alguns eixos de discussão. Um deles diz respeito ao corpo, sua produção e significado, assim como instância fundamental de negociação e intervenção. Outro eixo diz respeito ao gênero, campo em que a produção de si se vincula às noções e práticas acerca do que é masculino e feminino, por vezes através de idéias naturalizadas acerca do que é ser homem ou mulher. Ainda, como terceiro eixo, haveria a sexualidade, campo em que se mesclam a idéia de paixão/*tesão*, amor, afeto, etc., ou a quem estão dedicados estes interesses. Todos estes campos aparecem nas falas dos/as informantes deste trabalho articulados pelas idéias de desejo e de risco, daquilo que se pretende/quer ser e daquilo que se tem medo de ser/sofrer⁵, aspectos constantemente negociados com e mediados pelas diversas formas de inserção social que tenham em suas vidas cotidianas.

Este recorte analítico diferencia este trabalho do de Eliane Chermann Kogut (2006), que pesquisou em sua tese de doutorado a sexualidade de *travestis masculinos* que são chamados de *crossdressers* de modo a diferenciá-los de *travestis que se prostituem*. O trabalho, de orientação psicanalítica clínica, propõe a idéia de *erotismo crossdresser* para entender a *psicodinâmica crossdresser* e sua relação com o

⁵ Pretendo desenvolver essa discussão acerca de desejo e risco no Capítulo 5. Esta discussão aparece de forma bastante elaborada no trabalho de Nestor Perlongher (1987) acerca dos michês paulistanos em meados da década de 1980.

fetichismo e com a *perversão*. A noção de *erotismo crossdresser*, para a autora, implica em perceber que há uma dimensão narcisística nessa vivência. Para Kogut,

“quando o *crossdresser* se identifica com uma mulher, embora, não consiga saber como de fato uma mulher vivencia o próprio corpo e seu cotidiano feminino, imagina-se estar vivenciando o feminino. Aquilo que imagina que ela sente, na realidade, refere-se a um erotismo masculino espelhado. Assim, para ele, esta mulher imaginada sentiria os mesmos prazeres que um **homem**, eventualmente, sentiria ao possuí-la ou ao desejá-la, isto é, ela se excitaria com visões que na realidade só um homem pode ter da mulher. (...) Trata-se de algo como uma simetria erótica imaginária. A mulher fantasiada pelo *crossdresser* deseja narcisisticamente a si mesma⁶.” (p.107-108).

Este *erotismo crossdresser* se pauta, quando da vivência do ato sexual⁷ com uma mulher, na idéia de que o *crossdresser* “vive o ato sexual no que acredita ser o ponto de vista dela [a mulher com quem se relaciona sexualmente]. Esta mulher (ele mesmo encarnado na parceira⁸) é objeto e sujeito da ação. É em torno dela que tudo gira” (p. 109). Para a autora, “o *crossdresser* deseja ser uma mulher, mas ao mesmo tempo não quer perder a sua consciência de homem” (p.110). Para a autora,

“com a evolução do *crossdressing* na vida do sujeito, ele passa a sensualizar diversos aspectos que imagina ser o cotidiano feminino e curte então passear ‘montada’, ir ao shopping, em cinema, restaurantes, supermercados e etc. Deste modo, os mesmos mecanismos de encarnaçāo e identificação secundária cruzada são mobilizados, mas agora aplicados a outros contextos que não são diretamente sexuais e sim sensuais e eróticos” (p. 113).

⁶ Grifos da autora.

⁷ Quanto às práticas性uais, embora no trabalho de campo que venho desenvolvendo não apareçam nas conversas ou relatos das interlocutoras deste trabalho, é possível encontrar na bibliografia alguns exemplos. É o caso da pesquisa realizada por Leandro Oliveira (2006) em uma boate de classes populares no Rio de Janeiro em que há performances de gênero que constroem lugares específicos para homens e *crossdressers* que por ali circulam. Neste local, dado o valor atribuído a certa masculinização, homens não pagam para entrar e devem ter certos cuidados para não se *contaminarem* com a feminilidade, seja através das práticas性uais que venham ter, seja através dos gestos e atitudes. Até o momento, o tipo de *crossdressing* que venho observando em campo parece diferenciar-se deste pesquisado por Oliveira, sobretudo no que concerne a certa ocupação do espaço para o encontro de parceiros/as性uais. Vale ressaltar aqui que, embora tenha tentado me aproximar de alguns grupos que praticam diferentes tipos de *crossdressing* de formas diversas, de modo geral, as *crossdressers* que dizem *se vestir de mulher* com intuito erótico não apareceu dentre as interlocutoras desta pesquisa.

⁸ A autora define em seu trabalho e articula diversas formas de erotismo (erotismo heterossexual masculino, erotismo heterossexual feminino, erotismo homossexual masculino, erotismo homossexual feminino, erotismo bissexual masculino, transexualismo, erotismo *drag-queen* e, por fim, erotismo *crossdresser*) sobre os quais não falarei aqui. Apenas mencionarei um deles, que diz respeito às relações性uais de *crossdressers* com homens quando *montadas*, em que a autora argumenta que é necessário que se coloque em perspectiva para entender como diferentes erotismos podem se combinar, evitando assim que se caia em estereótipos dos discursos homo e heterossexuais socialmente disponíveis.

Neste trabalho versarei também sobre questões próximas ao que levou a autora à elaborar a noção de *erotismo crossdresser*, como as negociações que estes homens empreendem entre seu lado *sapo* e *princesa*. As *crossdressers* com que convivi relatam que as mulheres são de fato referenciais importantes na produção de si quando *se montam*. Ao mesmo tempo, também relatam que sabem que as *mulheres de verdade* não experienciam as coisas que elas sentem ao *se montarem*. Contudo, a relação com estas mulheres não são as únicas que importam. Assim, há diferenças entre o aporte psicanalítico proposto por Kogut e o antropológico desenvolvido aqui. Não é o ponto central desta tese comparar o discurso médico ou da psicologia com o discurso das pessoas que foram interlocutoras de meu trabalho. Assim, mais do que focar em categorias que compreendam certos modos de certo funcionamento da psiquê de indivíduos que se identificam como *crossdressers*, estou interessada aqui em compreender como estes interpretam e significam a prática do *crossdressing* e a negociam nas diversas instâncias de suas vidas, tanto dentro do grupo pesquisado quanto fora.

É importante dizer que não estou fazendo um trabalho comparativo do discurso *nativo* com o discurso (bio)médico, ou mais especificamente como foi feito no trabalho de Kogut, com o discurso psicanalítico. Estes discursos são patologizantes em alguma medida, e são pautados na idéia de que este indivíduo é portador de alguma desordem, no caso, o *transtorno de identidade de gênero*. O termo *identidade de gênero* foi primeiramente apresentado em 1963, pelo médico Robert Stoller ao Congresso Internacional de Psicanálise, em Estocolmo (Haraway, 2004). Junto a ele, outra pessoa referida na literatura médica e de gênero como uma das primeiras pessoas a falar sobre o termo é [do também médico] John Money que, segundo Mariza Corrêa, foram “... os primeiros a terem adotado o mote de Simone de Beauvoir⁹ *cientificamente*” (2004, p. 2).

O termo *identidade de gênero*, para Stoller¹⁰ “...se refere à mescla de masculinidade e feminilidade em um indivíduo, significando que tanto a masculinidade como a feminilidade são encontradas em todas as pessoas, mas em formas e graus diferentes” (1993, p. 28). Para Donna Haraway (2004), Stoller

⁹ “Não se nasce mulher: torna-se”.

¹⁰ Para uma discussão deste conceito na obra de Stoller ver Miriam Grossi (1998).

“...formulou o conceito de identidade de gênero no quadro da distinção biologia/cultura, de tal modo que sexo estava vinculado à biologia (hormônios, genes, sistema nervoso, morfologia) e gênero à cultura (psicologia, sociologia). O produto do trabalho da cultura sobre a biologia era o centro, a pessoa produzida pelo gênero – um homem ou uma mulher.” (p. 216).

Foi John Money, em parceria com Anke Ehrhardt, na década de 1950 que

“... desenvolveu e popularizou a versão interacionista do paradigma de identidade de gênero na qual a mistura funcionalista de causas biológicas e sociais dava lugar a uma miríade de programas terapêuticos e de pesquisa sobre as ‘diferenças de sexo/gênero’ – o que incluía cirurgia, aconselhamento, pedagogia, serviço social, e assim por diante” (p. 217).

Haraway elabora uma crítica importante à formulação e desenvolvimento deste conceito, assim como aos seus impactos em certo discurso científico ao argumentar que

“a versão da distinção natureza/cultura no paradigma da identidade de gênero era parte de uma vasta reformulação liberal das ciências da vida e das ciências sociais no desmentido do pósguerra, feito pelas elites governamentais e profissionais do ocidente, das exibições de racismo biológico de antes da Segunda Guerra. Essas reformulações deixaram de interrogar a história sócio-política de categorias binárias tais como natureza/cultura, e também sexo/gênero, no discurso colonialista ocidental. Este discurso estrutura o mundo como objeto do conhecimento em termos da apropriação, pela cultura, dos recursos da natureza. Uma variada literatura recente, liberatória e oposicional, tem criticado esta dimensão epistemológica e lingüística, etnocêntrica, de dominação daqueles que habitam categorias ‘naturais’ ou vivem nas fronteiras mediadoras dos binarismos (mulheres, povos de cor, animais, o meio ambiente não humano). As feministas da segunda onda cedo fizeram a crítica da lógica binária do par natureza/cultura, inclusive das versões dialéticas da narrativa marxista-humanista de dominação, apropriação ou mediação da ‘natureza’ pelos ‘homens’ através do ‘trabalho’. Mas esses esforços hesitaram em ampliar inteiramente sua crítica à distinção derivada sexo/gênero. Esta distinção era muito útil no combate aos determinismos biológicos pervasivos constantemente utilizados contra as feministas em lutas políticas urgentes a respeito das ‘diferenças sexuais’ nas escolas, nas editoras, nas clínicas e assim por diante. Fatalmente, nesse clima político limitado, aquelas primeiras críticas não historicizaram ou relativizaram culturalmente as categorias ‘passivas’ de sexo ou natureza. Assim, as formulações de uma identidade essencial como homem ou como mulher permaneceram analiticamente intocadas e politicamente perigosas.” (p. 217-218).

Para além desta crítica importante, quando se pensa na classificação de certas práticas no discurso médico-psiquiátrico é preciso lembrar, ainda, que a fronteira entre normal e patológico na psicanálise não é nítida. Conforme Jane Russo,

“a psicanálise, surgida no início do século XX, pode ser considerada como uma espécie de sexologia que deu certo. Apesar de não ter como foco de atenção as perversões ou desvios sexuais em si, a teoria psicanalítica implicou um alargamento da própria concepção de sexualidade – que deixa de se referir às práticas sexuais *stricto sensu*, para contaminar toda a vida mental do sujeito. (...) A grande difusão da psicanálise no meio psiquiátrico teve implicações importantes para a classificação das desordens mentais. Significou, antes de mais nada, uma guinada em direção a concepção *psicológica* das mesmas, em detrimento da visão fisicalista até então predominante. No que tange à sexualidade, embora não tenha havido mudanças importantes na nomenclatura em si – as antigas designações das perversões sexuais permaneceram -, a interpretação mudou radicalmente. É importante assinalar que a classificação psicanalítica diz respeito, sobretudo, a uma nova visão acerca da perturbação mental¹¹” (2004, p. 98-99).

Meu foco, nesse contexto, diferente daquele de viés psicanalítico, que se preocupa com as desordens mentais, é no *discurso nativo* e nas categorias simbólicas que este articula. Este discurso, por vezes, até dialoga com discursos patologizantes. De qualquer modo, embora os indivíduos pesquisados possam falar de si dialogando com estas categorias em algumas situações, pelo que observei ao longo da pesquisa, eles não significam ou entendem o que fazem a partir delas. Não estou analisando, portanto, as interseções ou os embates entre o discurso êmico e discurso psicanalítico, já que todos os ditos *perversos*, hoje em dia, não querem mais ser considerados *doentes* e sim, serem vistos como que compartilhando um estilo de vida. Isto pode ser percebido entre as interlocutoras de meu trabalho nos seus discursos em que se afastam da idéia de que teriam algum *transtorno de identidade de gênero* ou, para mencionar outro grupo, dentre os/as praticantes de BDSM¹² pesquisados por Bruno Zilli (2007).

É importante perceber, ainda, que a maioria dos trabalhos realizados com uma amostragem de indivíduos tirados da prática clínica se caracteriza pelo fato de que estes são justamente aqueles que foram buscar ajuda especializada e, por esta razão,

¹¹ Grifos da autora.

¹² De acordo com Bruno Zilli, “O BDSM é um acrônimo utilizado pelo grupo identitário para nomear suas atividades e sintetiza uma variedade de práticas: B é para *bondage*, ou imobilização, geralmente com cordas ou algemas. O par B e D para *bondage* e disciplina, o uso de fantasias eróticas de castigos e punições; que ligam-se ao par D e S que representam dominação e submissão. São fantasias de entrega ao parceiro sexual e jogos de representação de humilhação e violação. O par S e M representam sadismo e masoquismo, ou sadomasoquismo – o uso de dor como estímulo erótico. O BDSM envolve ainda práticas ligadas ao fetichismo. Esse acrônimo foi desenvolvido em uma tentativa de englobar uma diversidade de atividades性ais, unidas por duas características definidoras: são tradicionalmente classificadas como distúrbios sexuais e entre seus adeptos são regidas e definidas pelo respeito ao consentimento dos parceiros em fazer parte dessas relações” (2007, p. 8-9).

geralmente têm uma relação difícil, por assim dizer, com seus desejos. Assim, minimamente, é esperado da prática clínica que o indivíduo que apele para ela resolva certo sofrimento psíquico em relação aos seus desejos. Nesse contexto, o trabalho de Kogut apresenta, ao final, sugestões clínicas para o atendimento de *crossdressers* que procurem aderir a um processo terapêutico. Além disso, há de se considerar que há casos, e não me refiro aqui ao trabalho da autora, em que estes indivíduos são vistos pelo próprio profissional que os atende como *doentes*.

Esta tese não pretende realizar uma análise psicanalítica e também não propõe perscrutar a vivência sexual das *cds*. O que pretendo mostrar aqui, é como esses homens mobilizam aspectos de sua vida *montada* e *desmontada* na prática do *crossdressing*, e como negociam em suas vidas, nas diversas inserções que tenham, a efetivação do desejo de *se montar*. As *crossdressers* estão inseridas em seus cotidianos em contextos sociológicos que exigem delas posturas diversificadas frente às coisas, como a quaisquer outros indivíduos (conforme Goffman, 2005). O *crossdressing* seria, nesse contexto, uma coisa a mais, mesmo que não qualquer coisa, para negociarem e que em diferentes instâncias de suas vidas pode vir a ter espaço ou não. Nesse contexto, o objetivo de meu trabalho é entender como essas negociações sociais se dão nas diversas sociabilidades estabelecidas por pessoas que *praticam crossdressing*, através de entrevistas com algumas *cds* e *S/O's* e, especialmente, da observação etnográfica realizada em momentos diversos em que as/os acompanhei *montadas* ou *desmontados*.

Fiz algumas opções metodológicas para situar melhor a prática de *crossdressing* neste trabalho, considerando que ela e suas nuances são ainda bastante desconhecidas, beirando a falta de inteligibilidade em alguns contextos; seja por não se encaixar em um modelo identitário mais conhecido, seja pela contingencialidade que a cerca. Assim, inspirei-me no modelo proposto por Max Gluckman (1987) e seguido por J. Clyde Mitchell (1959). Gluckman propõe como modelo de análise uma descrição diacrônica, em que se torna possível, através da reconstrução de processos sociais de um dado evento ou situação compreender como aquele grupo ou sociedade se pensa, se articula e quais são as questões que fazem com que aquelas pessoas signifiquem de uma forma ou de outra aquilo que fazem. Assim, conforme Gluckman e Mitchell, partirei da análise de uma situação social do grupo pesquisado - no caso, um dos eventos que reunem associadas de diversas partes do país e que se passa em um hotel fechado para tal fim. Poderia neste início, como afirmam os autores, ter

escolhido quaisquer outros eventos ou situações mais cotidianas da convivência do grupo, mas optei por descrever um final de semana, da forma como o registrei em meus diários de campo. A partir dessa descrição pinçarei os elementos que darão as bases para os argumentos desenvolvidos ao longo dos demais capítulos e que, espero, possam servir de guia para compreender como o grupo pesquisado pensa e significa o que está fazendo (nos termos de Geertz, 2000). Em certo sentido, esta tese se insere dentro de uma tradição de análise micro-sociológica (Geertz, 1978) e diz respeito às situações vivenciadas com e observadas no grupo pesquisado ao longo da pesquisa etnográfica.

1.1 Algumas notas sobre vocabulário

O uso frequente de algumas palavras e conceitos toma um significado especial para as/os informantes desta pesquisa que, de modo geral, são pouco ou nada conhecidas por pessoas *de fora do meio*. Este tópico, sem se pretender um glossário com definições mais fechadas e/ou extensas acerca dos significados atribuídos a cada um dos termos elencados, busca trazê-los acompanhados dos significados e usos com que mais frequentemente são apresentados em campo, como *se montar*, *se vestir*, *crossdressing/cd* e *S/O/ Supportive Opposite*¹³.

A expressão *se montar* é bastante utilizada pelas *drag queens*. Pode-se dizer que uma *drag queen* não se veste ou maquia, ela se *monta*. *Montar-se* é o termo *nativo* que define o ato ou processo de travestir-se, (trans)vestir-se ou produzir-se. De qualquer modo, não são apenas as *drags* que podem se montar e o uso do termo é bastante comum dentre as pessoas com que venho tendo contato durante este trabalho de campo.

Também foi comum ouvir a expressão *estar en femme*¹⁴ para se referir ao *estar montada*. Embora a expressão *en femme* se contraponha a *en homme*, a segunda

¹³ Embora o termo apareça referido também como *Significant Other*, referido sobretudo ao que quer dizer *S/O* em inglês, de modo geral, ao longo de minha pesquisa, *Supportive Opposite* foi o termo usado quase todo o tempo para este fim, tanto nas páginas da internet quanto nas falas das pessoas.

¹⁴ Encontrei uma definição muito próxima da que constatei ao longo da pesquisa sobre o termo *en femme* na Wikipédia. Essa proximidade talvez se dê pela própria construção inicial do BCC, que se pautou em modelos de clubes que já existiam internacionalmente, como o norte-americano *Tri-Ess*. “O termo *en femme* é utilizado na *comunidade transgênera*, usualmente por *crossdressers masculinos*,

expressão foi usada raras vezes ao longo dos meses em que convivi com as interlocutoras deste trabalho. Para falar dos momentos em que estavam *desmontados* geralmente lançavam mão do termo *sapo*, o qual se contrapõe ao termo *princesa*. Neste caso, quando estão *desmontados* estão *de sapo* ou em *forma sapóide* (explicando através de termos que foram usados por *elas*: são feios, toscos, desarrumados, rudes, peludos, etc.) e quando se montam tornam-se *princesas* (bonitas, delicadas, femininas, etc.).

O termo *se vestir*, para algumas *crossdressers*, significa quase o mesmo que *se montar*, embora o percebam como mais adequado. Há *crossdressers* que se sentem incomodadas com o termo *montagem*. Conforme uma interlocutora deste trabalho me explicou: *eu particularmente não gosto do termo montar, eu não sou um guarda roupa para ser montado (risos)* (Conversa via MSN¹⁵, 30/04/2007).

O uso do termo em inglês *crossdressing* é feito correntemente pelas pessoas com que tenho conversado ao longo deste trabalho de campo, mesmo que algumas se manifestem desconfortáveis com o estrangeirismo, sendo que a maior parte delas relata que teve o primeiro contato com o termo através da internet. Algumas *cds*, inclusive, relatam que não sabiam como nominar seu desejo de se vestir de mulher até ter acesso ao termo através de pesquisas realizadas em páginas da internet ou em salas de bate-papo.

Conforme dito anteriormente, *Supportive Opposite*, ou *S/O*, “é uma pessoa do sexo oposto que apoia a prática Crossdresser. Pode ser uma amiga, namorada, esposa, irmã, prima... Importante ressaltar que é alguém que APOIA, não só que aceita¹⁶”. É

para descrever vertir-se com roupas femininas ou expressar-se com uma personalidade feminina. O termos deriva do francês, significando, literalmente, *como uma mulher*. Muitos *crossdressers masculinos* também usam um nome feminino quando *en femme*. Muitas organizações *transgêneras* têm eventos *en femme*, incluindo feriados e viagens (como o evento annual do *Tri-Ess*, o *Holiday en Femme*). Muitos *crossdressers* referem-se a suas apresentações masculinas como estar *en homme*”. Tradução livre do inglês. WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/En_femme>. Acesso em 10 fev. 2009.

¹⁵ O “MSN Messenger” é um programa da mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation. O programa permite que um usuário da Internet se relacione com outro que tenha o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos “virtuais” e acompanhar quando eles entram e saem da rede”. (WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=MSN_Messenger&oldid=10372192>. Acesso em: 20 Jun 2008.)

¹⁶ Definição retirada de uma comunidade para *S/O’s* do *Orkut*. O *Orkut* é uma rede social virtual vinculada ao Google.com, disponibilizada na internet através do site www.orkut.com. Para fazer parte do *Orkut* é necessário ser convidado por algum amigo ou amiga que já esteja cadastrado nesta rede. Apenas pessoas cadastradas no site têm acesso ao seu conteúdo. Aceito o convite é possível adicionar (e rejeitar convites de amizade de) pessoas previamente conhecidas ou não, fazer parte de comunidades ou criar comunidades sobre os assuntos mais diversos e, também, observar qual é a sua conexão com

comum, contudo, dentre as pessoas que venho tendo contato que as *S/O's* sejam esposas ou namoradas. De qualquer modo, nem toda *crossdresser* tem uma *S/O*.

As mulheres que, digamos, nascem mulheres são comumente chamadas de *GG* (*genetic girls*) ou *mulheres genéticas*. É importante aqui dizer que o termo *mulher biológica* não parece ter o mesmo significado que *mulher genética*. Uma *transexual*, no contexto pesquisado, pode, depois de certo nível de adequações corporais (geralmente envolvendo a cirurgia de redesignação sexual), ser uma *mulher biológica*. De qualquer modo, assume-se com a utilização desse termo que algumas mulheres “nascem mulheres” e outras não.

Nas conversas entre as pessoas que pesquisei as *GG* aparecem como portadoras de uma feminilidade e mulheridade que já vêm prontas (e às vezes elas nem aproveitam adequadamente) enquanto elas, as *mulheres genéricas*, fariam todo um esforço para se tornarem mulheres e femininas. O termo *mulheres genéricas* foi utilizado diversas vezes por interlocutoras deste trabalho em contraposição à idéia de *GG*. De modo geral, ao se falar de especificidades das *GG's* como menstruação, tensão pré-menstrual, gravidez, etc., geralmente num tom jocoso e através de frases como “nós, mulheres genéricas, não temos este problema”. A idéia de *mulher genérica*, dentro dessas falas, aparece tanto relacionada a *crossdressers* quanto a *travestis e transexuais*.

Percursos da Pesquisa

Quando pensei numa proposta de doutorado, minha idéia inicial era continuar minha pesquisa do mestrado (Vencato, 2002), na qual busquei compreender, através da produção do corpo e das brincadeiras com gênero¹⁷, como *drag queens* elaboravam suas performances e como construíam e encenavam nelas uma corporalidade que acionava tanto elementos relativos a masculinidade quanto a feminilidade. Minha idéia, naquele momento, era analisar o que as *drags* faziam quando apareciam

uma pessoa através da observação da rede de amigos/as em comum e das opções de privacidade que são escolhidas por cada usuário/a. O acesso à comunidade foi realizado em 15/06/2008.

¹⁷ Na brincadeira do gênero, as *crossdressers* revelam que há um jogo entre ser mulher (*de verdade*) e se sentir mulher, em que o segundo termo é mais importante que o primeiro na sua constituição enquanto pessoas. Há entre elas uma espécie de *teatro de gênero* (Motta, 2002), em que masculino e feminino são dramatizados como um *teatro do feminino*

montadas em público, seja *fazendo show* ou sendo *hostess* nas casas noturnas GLS¹⁸ de Florianópolis. Contudo, já naquela época, acabei tendo acesso a uma dimensão mais fechada dessa experiência quando pude acompanhar as *drags* durante o processo de se *montarem*. A entrada nesse espaço mais reservado, assim como os elementos acionados ao longo de suas performances, fez com que minha curiosidade se dirigisse a uma parte daquela experiência a que não tive acesso: a negociação do *se montar* em suas vidas cotidianas.

Como as *drags* têm uma existência que divide momentos *montados* e *desmontados*, e mais momentos *desmontados* que *montados*, de modo geral, parecia-me importante em um trabalho futuro perscrutar também como seria esta vida *fora do palco*. Afinal, além de passarem muito mais tempo *desmontadas* efetivamente, era comum que se referissem a coisas de suas vidas cotidianas, ou que alguns elementos dos *shows* que faziam estivessem pautados em coisas relativas a vida em geral. Isso era comum também nos comentários jocosos que faziam umas sobre as outras quando dividiam palco com alguma outra *drag* ou quando colegas desta profissão estavam assistindo suas *performances*.

Foi então com a idéia de tentar entender como as *drags* negociavam o *se montar* nas diversas instâncias de suas vidas (família, trabalho, amizades, namoros) que escrevi um projeto para o doutorado. Bem mais tarde, durante uma reunião de orientação, Peter Fry me aconselharia a ampliar um pouco os horizontes do trabalho. Por que – me perguntou – focar numa categoria de identificação específica? Por que não ampliar a pergunta para homens que se vestem do *outro sexo* e ver quem responderia e o que me diriam a respeito? Foi a partir daí que passei a perguntar para

¹⁸ GLS significa Gays, Lésbicas e Simpatizantes. Segundo Isadora Lins França (2006), a sigla funciona como uma tradução aproximada e invertida da idéia de *friendly*, comum nos Estados Unidos, e abrange também aquelas pessoas que não se identificam como homossexuais, mas têm alguma participação neste universo. Isso implica, para a autora, também, numa estratégia comercial de ampliação do público de certos nichos do mercado, como casas noturnas ou potencial de consumo de certos bens culturais, já que, desde seu surgimento, o termo GLS fora associado a um público *moderno*, interessado por arte, música, moda e festas. Pode-se argumentar, nesse contexto, que o mercado articula-se de modo diverso da militância nesse sentido. De acordo com Regina Facchini (2005), o Movimento Homossexual acaba lançando mão de outras designações mais específicas e com o intuito de contemplar a várias identidades distintas que compõem o movimento e o meio homossexual. Contudo, aponta os perigos dessa fragmentação e proliferação de identidades propostas pelo movimento, a qual poderia nos levar a uma essencialização das diferenças e a um esvaziamento do sentido político das próprias categorias. Para a autora, uma excessiva fragmentação identitária pode esvaziar a identidade reivindicada e prejudicar a visibilidade de uma categoria/grupo (que luta por seus direitos, por espaço, por visibilidade, etc.), ou incorrer no risco de criar diversas categorias estanques. Para uma análise sobre o lugar dos simpatizantes nas formas como se organizam a produção das identidades homossexuais no Brasil urbano ver Fabiano Gontijo (2004).

pessoas conhecidas se conheciam alguém que se encaixasse nesse perfil, assim como pela internet, em comunidades do orkut¹⁹. Algumas pessoas me foram indicadas por amigos/as pessoais, outras passaram a conversar comigo através do MSN²⁰ ou do próprio orkut.

Também passei a frequentar, por cerca de seis meses, as *QuintasTrans* (que mais tarde passou a se chamar *TerçasTrans*), reunião realizada quinzenalmente pela *Coordenação de Transgêneros da Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo* (APOGLBT-SP), que não se tornou um campo da pesquisa porque as reuniões eram frequentadas exclusivamente por pessoas que se identificam como *mujeres transexuales*, grupo este fora do escopo deste trabalho por construírem seus corpos e se pensarem de modo diverso daquele das pessoas que eu procurava para meu trabalho, ou seja, pessoas que se *montam e desmontam*.

Nesse contato com a APOGLBT-SP, fui convidada a acompanhar a equipe que na época realizava um trabalho de prevenção a DSTs/Aids com jovens (LGBT) que se reuniam em um espaço de um shopping da Zona Leste da cidade às segundas-feiras à noite. Cientes do meu interesse de pesquisa por pessoas que *se montam* me contaram que havia, neste local, diversos jovens de periferia que se *montavam*, alguns das quais eram chamadas de *mini-drags*, pois se montavam de forma parecida com as *drags* e aprendiam várias técnicas corporais próximas as delas, como, por exemplo, a dublagem de músicas. De qualquer modo, estes jovens não atuavam profissionalmente como tal.

Também tive contato com um grupo de jovens que se identificavam como *anarquistas* e que tinham um coletivo que organizou duas edições de um festival chamado *Queerfest*²¹ em um *espaço cultural alternativo* na região da Rua Augusta (sentido centro), ao qual eu costumava frequentar e era bastante frequentado por

¹⁹ O *Orkut* é uma rede social virtual vinculada ao Google.com, disponibilizada na internet através do site www.orkut.com. Para fazer parte do *Orkut* é necessário ser convidado por algum amigo ou amiga que já esteja cadastrado nesta rede. Apenas pessoas cadastradas no site têm acesso ao seu conteúdo. Aceito o convite é possível adicionar (e rejeitar convites de amizade de) pessoas previamente conhecidas ou não, fazer parte de comunidades ou criar comunidades sobre os assuntos mais diversos e, também, observar qual é a sua conexão com uma pessoa através da observação da rede de amigos/as em comum e das opções de privacidade que são escolhidas por cada usuário/a.

²⁰ O “**MSN Messenger**” é um programa da mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation. O programa permite que um usuário da Internet se relacione com outro que tenha o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos “virtuais” e acompanhar quando eles entram e saem da rede”. (WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=MSN_Messenger&oldid=10372192>. Acesso em: 20 Jun 2008.)

²¹ Para mais informações sobre o *Queerfest*, ver o site: <http://queerfest.vilabol.uol.com.br/index.html>.

punks. A idéia de *montagem* e de uma espécie de *montagem* com elementos que “borrassem” um pouco as fronteiras do que deve ser usado socialmente por homens ou mulheres era bastante valorizada nesse espaço como uma forma de contestação a certa ordem social tida como *machista* mesmo dentro da *cena punk*.

Foi em meados de fevereiro de 2007 que passei a ter contato regular via internet com duas pessoas que se identificava como *crossdressers* (ou um homem que gosta de se vestir de mulher ou com roupas femininas). Uma delas eu nunca conheci pessoalmente. A outra conheci em meados de abril, quando ela, que é de uma cidade do interior, veio a São Paulo e entrou em contato comigo ao chegar para que almoçássemos juntas, o que havíamos previamente combinado pela internet.

A partir de então, passamos a nos encontrar mensalmente quando ela vinha a São Paulo para se vestir de mulher ou tomar sua dose mensal de Perlutan - um anticoncepcional injetável de dose única mensal - visto que havia passado a se hormonizar recentemente utilizando para isso dicas e conselhos de mulheres transexuais que conhecia e que lhe indicaram também uma farmácia do centro de São Paulo em que as pessoas *aplicavam a injeção de hormônio sem lhe perguntar nada*. Com o passar dos meses, para além de se hormonizar, ela decidira fazer outras intervenções estéticas, como depilação à cera das pernas, sombrancelhas e axilas. Passou a adquirir mais peças de vestuário, acessórios e maquiagens, assim como aumentou a frequência com que vinha a São Paulo, já que não podia se vestir de mulher na cidade onde morava. Ela morava com a mãe e um casal de irmãos. O irmão era, inclusive, *evangélico*.

Mais adiante, de julho a fevereiro, ela passou a hospedar-se em minha casa quando vinha a São Paulo, quase todos os meses. Nessas ocasiões, durante algum tempo, eu a acompanhava nas compras de roupas. Quando ela decidiu passar a se depilar, indiquei a ela uma pessoa que tinha um *Salão de Beleza para Crossdressers*²², de que tomara conhecimento via comunidades do orkut.

Por volta de dezembro/janeiro, ela passou a hospedar-se na casa de outras pessoas que havia conhecido e, por volta de março, passou a não se hospedar mais em

²² Embora este salão fosse bastante divulgado por sua proprietária em comunidades para *crossdressers* do Orkut como um salão para este público, mais tarde tomei conhecimento de que era também divulgado em comunidades dirigidas a homens gays. Nesse contexto, era vendido como um salão que buscava atingir homens que tinham interesse por cuidados estéticos convencionalmente tidos como femininos, como depilação, sobrancelhas, etc. Nessas comunidades, o salão era divulgado também através da sigla GLS, de modo a expandir/ampliar o seu público alvo. Falarei mais sobre o salão no decorrer do texto.

minha casa e afastou-se de mim e de outras pessoas conhecidas em comum. Ouvi de conhecidos, por volta de outubro de 2008, que ela havia decidido parar de hormonizar-se, pois isso estaria inviabilizando sua vida profissional e social na cidade em que mora. Esses períodos de intensificação (por vezes referido como *urge*) e abandono/negação (às vezes chamado de *purge*²³) do *crossdressing* se mostraram comuns na trajetória de várias pessoas com que convivi ao longo da pesquisa, assim como em suas narrativas sobre a prática (tanto a individual quanto a que versa sobre a vivência de outras pessoas).

Ao longo desses meses, busquei entrar em contato com outras *crossdressers*. Cheguei a estabelecer diálogos com várias pela internet, mas as conversas invariavelmente terminavam em propostas para sexo virtual ou numa espécie de *terapia* em que era esperado que eu fizesse as vezes de terapeuta. Esta relação que ficava no limite entre *alguém que entende do assunto, uma mulher que entende que elas se vistam de mulher* e uma possível confidente, por vezes se tornou um tanto incômoda, uma vez que me parecia que eu deveria legitimar em alguns momentos ou aconselhar o *como fazer* de suas produções de feminilidade em outros. Foi comum, em diversos momentos, receber perguntas como *como é vestir uma calcinha?* ou *você acha que eu estou feminina quando faço isto?*.

De qualquer modo, embora muitas pessoas que se identificavam como *crossdressers* aceitassem conversar comigo virtualmente, não havia ninguém disposto a expor-se a ponto de conversar pessoalmente durante esta fase da pesquisa. Muitas das pessoas que conheci neste período se mostravam bastante desconfiadas e tinham medo de que isto implicasse na exposição de seu segredo. Foi comum ouvir relatos de pessoas ou histórias conhecidas, que versavam situações em que foi necessário lidar com extorsão e chantagem, realizadas por pessoas que ameaçavam revelar seu segredo, ou mesmo de perdas familiares/afetivas e/ou profissionais/econômicas pela exposição deste segredo. Em alguns momentos, a autoria das ameaças era de pessoas bastante próximas, como ex-conjuges (homens ou mulheres), colegas de trabalho ou, mesmo, algum desconhecido que tenha obtido dados sobre a *vida real* das pessoas ao longo de conversas pela internet.

²³ Falarei mais sobre os usos do termo *urge* e *purge* ao longo do texto, nos contextos em que apareceram.

Fui algumas vezes a um bar GLS localizado em um bairro de classe média alta da Zona Sul de São Paulo que é conhecido pela frequência de *crossdressers*²⁴. Uma das razões desta frequência, aparentemente, é o fato de que o/a dono/a identifica-se como tal (ou identificava-se, já que há comentários de que agora ele/a se identifica como *transexual*²⁵). Como o bar é GLS, em algumas idas até o estabelecimento não encontrei nenhuma *cd*. Houve alguns momentos em que até havia *cds* lá, mas, elas tendiam a permanecer com as pessoas que as acompanhavam, interagindo pouco ou nada com as outras pessoas que estavam no local e, nesse contexto, ficando um tanto inacessíveis. Como mesmo as *crossdressers* que frequentam o lugar também não estão sempre lá, conforme fui informada, não funcionaria adotar uma estratégia de tornar-se um rosto familiar indo com bastante frequência até o estabelecimento. Mais tarde, ao ir até este bar acompanhada por frequentadores/as descobri que, de modo, geral as *crossdressers* combinavam de ir até lá em grupos que permaneciam, quase sempre, conversando entre si.

Em meados de setembro/outubro de 2007, decidi arriscar propor uma festa *do inverso*, como uma interlocutora deste trabalho a qualificou, chamada *Meu toca-fitas quebrou... seu som toca cd?*, em que homens deveriam ir vestidos de mulher e as mulheres deveriam ir vestidas de homens. A festa foi realizada no início de novembro no bar do espaço cultural da Rua Augusta (sentido centro) que mencionei anteriormente. De modo geral, apenas meus amigos/as pessoais foram à festa, quase todos aderindo à proposta, o que acabou dando à festa um caráter interessante de *a festa dos/as antropólogos/as montados/as* (embora nem todas as pessoas que foram fossem antropólogos/as necessariamente).

De qualquer modo, foi interessante perceber o investimento com que algumas pessoas lidaram com a questão, como o caso de um amigo que depilou todos os pelos do corpo para fazer uma *montagem* que ficasse *bem feita* para a festa. Também ouvi comentários, mais adiante, de que no caso de um rapaz que se *montou*, a possibilidade de se vestir de mulher para a festa foi a realização de algo que ele já queria fazer há muito tempo, mas nunca tinha tido a oportunidade de fazer publicamente e que, há algum tempo, já vinha fazendo parte de algo que ele *precisava fazer para estar bem*,

²⁴ Falarei mais acerca deste bar no decorrer da tese.

²⁵ Ao longo da pesquisa foi possível perceber que as pessoas transitam entre diferentes categorias com frequência. Os próprios limites entre uma e outra categoria são fluidos, mesmo no que se refere a como são significadas e operacionalizadas as mudanças corporais e modos de viver esta experiência. Pretendo explorar este ponto ao longo da tese.

mesmo que apenas dentro de casa. Mas não foram apenas os homens que se vestiram de mulher para esta festa. As mulheres se vestiram de homens também, o que foi relatado como uma experiência divertida por algumas, embora não todas elas.

Apenas uma *crossdresser* compareceu inicialmente, a mesma com quem eu já estava em contato há algum tempo e que mencionei anteriormente. Mais tarde, duas pessoas montadas e que se identificaram como da diretoria do *Brazilian Crossdresser Club* (BCC)²⁶ (a *Presidenta* e a *Relações Públicas*²⁷, como vim a saber mais tarde) compareceram à festa, dizendo que queriam conhecer a proposta e quem estava organizando. Ao conversar com elas, que permaneceram pouco tempo, fui convidada a ir a um evento do clube que aconteceria no Rio de Janeiro, na Turma OK, no início de dezembro.

Fui ao Rio em dezembro, ocasião em fui apresentada a outras pessoas que fazem parte do BCC. Fui convidada, então, a participar da festa de final de ano do clube em São Paulo²⁸, alguns dias depois. Algumas das pessoas que estavam na Turma Ok estavam também no jantar de final de ano, no qual fui com a *crossdresser* com que mantinha contato há algum tempo já. Tanto no Rio de Janeiro quanto nessa festa de encerramento, a *Diretora de Contatos Reais* do Clube me convidou para seu aniversário, que aconteceria em meados de janeiro na Turma Ok. Fui ao aniversário, ocasião em que fui convidada para o aniversário de 51 anos da *Presidenta*, que aconteceria ao longo de um final de semana numa pousada no interior de São Paulo, no início de março.

Na semana que antecedeu à festa, a *presidenta* ligou algumas vezes para minha casa para saber se eu iria mesmo ou não. Eu estava fora de São Paulo na ocasião e uma das pessoas que dividia apartamento comigo me disse que tinha alguém que havia telefonado algumas vezes durante a semana para falar comigo e havia deixado um recado *esquisito*, o que a fazia pensar que poderia ser alguém da minha pesquisa: “avisa a ela que a professora de balé dela ligou”. Mais tarde descobri que é uma brincadeira que elas fazem eventualmente quando ligam umas para a cada das outras, *en homme*, sobretudo quando as pessoas da família não sabem do *crossdressing*.

²⁶ Eu já havia tido contato com a página no BCC na internet, mas até então não tinha muita noção de como acessar as pessoas que faziam parte do clube.

²⁷ Discorrerei sobre a estrutura do clube, seu funcionamento e sobre as atribuições de cada um dos cargos da diretoria no Capítulo 3.

²⁸ Mais tarde fiquei sabendo que esta festa era uma iniciativa do grupo do *Le Closet São Paulo*, que resolveu naquele ano abrir sua *festa de natal* para outras pessoas do BCC.

Fui ao aniversário e, a partir de então, passei a ir a várias *cd sessions*²⁹ em São Paulo e no Rio de Janeiro, assim como outros eventos do clube, como o *Holliday en Femme* (HeF), e as *Olím...piadas*, que aconteceram respectivamente em maio e outubro de 2008. Nesse contexto, minha pesquisa acabou direcionada mais para a convivência com integrantes do BCC que com outras *crossdressers* de fora do clube. Mesmo dentro deste, convivi mais com as que residem em São Paulo e que estão, de modo geral, mais presentes nas *cd sessions* que acontecem no apartamento que usam para se montar (o *Le Closet*), localizado no centro da cidade e alguns bares/restaurantes que frequentam dessa região. No caso do Rio de Janeiro, convivi com integrantes do grupo carioca do clube, chamado Rio Ladies, em momentos em que acompanhei o grupo de São Paulo em eventos lá. Geralmente os encontros aconteceram na Turma Ok, no *Le Closet* daquela cidade ou em bares/restaurantes, todos na região da Lapa. Em momentos mais pontuais encontrei pessoas da região sul do país, sobretudo Paraná (Curitibabes e Red Feet's Ladies) e Rio Grande do Sul (Pampa's Girls)³⁰.

Fui *entrevistada* por diversas associadas em diversos momentos nesses eventos. De modo geral, queriam saber sobre o que eu de fato estava fazendo ali, o que exatamente eu queria saber delas e quem eu era. Mais tarde descobri que quando alguém decide pesquisar o grupo, existem conversas entre elas sobre se aquela pessoa que se apresenta como pesquisadora parece ser séria mesmo ou não. Minha vida pessoal esteve em jogo em alguns momentos, mas nunca foi tema central de conversa alguma. Pela própria forma pela qual se organizam as relações do grupo pesquisado, as coisas do cotidiano de suas vidas não são de interesse nas conversas que acontecem dentro desses eventos. Apenas no caso das pessoas estabelecerem relações de amizade que extrapolam as relações de associadas do clube esses assuntos acabam entrando em pauta.

Também há algumas peculiaridades no entrecruzamento entre o fato de eu ser mulher pesquisando homens que se vestem de mulher e pelo fato de eu pesquisar pessoas que estavam, *grosso modo*, na faixa etária dos meus pais. Do ponto de vista de ser mulher, pelo fato de estar inclusa na categoria que identificavam como *simpatizante*, isso me garantia uma inserção privilegiada. Era como se eu tivesse

²⁹ Geralmente constituem-se de jantares ou comemorações de aniversários de pessoas do clube. Também há algumas que marcam a passagem de uma *cd* da categoria de virtual a real, que descreverei mais adiante.

³⁰ Falarei acerca das regionais do clube no Capítulo 3.

passado a ser uma amiga. Ao mesmo tempo, precisava lidar com alguns atributos tidos como importantes e desejáveis pelo grupo, como ter alguns cuidados específicos com estética (usar sapatos de salto, maquiagem, saias, fazer as unhas, etc.) desde que observasse que, do mesmo modo como ocorria com as *S/O's*, isso não obliterasse em momento algum a produção que as *cds* fizessem no momento em que estavam *montadas*. Assim, dentro da dinâmica específica das relações em campo, ter as unhas bem feitas tinha mais peso nas relações que estabelecia com as pessoas do que minha sexualidade, por exemplo, ou o fato de eu ser ou não *casada*.

O fato de ser uma mulher entre homens que se vestem de mulher também fazia com que, em alguns momentos, a relação com o grupo se tornasse peculiarmente estranha para mim. Em alguns momentos, eu tive a impressão de que havia uma certa tentativa de controle do que eu estava fazendo ou do meu tempo. Isso se reproduzia tanto nas perguntas sobre quando eu terminaria meu trabalho, na sugestão de que eu deveria submeter minha tese a alguém do grupo antes de submeter à banca ou nas intervenções sobre o que eu deveria fazer na minha vida profissional após terminar o doutorado. Por vezes, também, era-me cobrada uma presença quase que obrigatória em eventos e situações sociais do grupo, como se eu não pudesse dizer não a elas e houve certo mal estar em alguns momentos pontuais em que eu disse que não poderia participar de uma ou outra atividade com algumas integrantes do clube.

Por outro lado, com muito mais frequência, houve momentos em que tive a impressão de que havia me tornado uma espécie de *mascotinha* do grupo, o que resultava em situações interessantes, como o fato de uma *crossdresser* que me confidenciou que se sentia mais segura quando eu ou outra *GG* a acompanhava a novos lugares em que saía *montada* do que quando o mesmo acontecia com outra *cd*. Era divertido para mim estar cercada por três ou mais delas, quase sempre muito mais altas que eu, todas *montadas*, andando no meio da rua. Era peculiar também participar de coisas como quem abria a porta do carro ou do elevador em determinados momentos, pois quando estavam *de sapo* eles desempenhavam essas funções e quando elas estavam *de princesas* quem deveria fazer isso era eu. Em alguns desses momentos, também, elas brincavam dizendo para mim ou para outras pessoas (como garçons) que eu era o *bofe/homem* ali ou diziam que eu era *trans* e perguntavam a essas pessoas se o resultado da minha transformação havia ficado bom.

Penso que minha idade tinha algum peso nessas negociações também, assim como o fato de ser estudante. Alguns dos comentários como *ah, depois da entrevista*

eu levei a menina para jantar porque ela estava com fome ou as dinâmicas de pagamento de contas em alguns momentos (que também incluiam as outras mulheres *GG* que fazem parte do grupo), como as *cds* dividirem entre elas o valor total do que se consumiu durante a refeição. Também havia conversas sobre a época em que eram jovens e sobre as coisas que eu não havia tido contato porque eu *não tinha nem nascido* ou outros comentários sobre como deve ter sido pesado pra mim financeiramente acompanhar o grupo ao longo dos meses da pesquisa.

Ao longo da convivência com o grupo, também fui aprendendo algumas formas de como gerenciar o anonimato e a *vida dupla* das pessoas que pesquisava. Uma das decisões que tomei logo no primeiro evento a que fui foi não levar câmera fotográfica e nem fazer fotos. Isso se deu por duas razões: a primeira foi tomar ciência das regras sobre divulgação de imagens do grupo e também compreender que várias daquelas pessoas, embora posassem para fotos, não gostariam de ter suas imagens divulgadas ou circulando.

Um episódio que ocorreu logo após este primeiro evento também me fez desistir de fazer minhas próprias fotos: uma associada de outra cidade, que eu não conhecia, insistiu muito para que eu enviasse a ela as fotos do aniversário da *presidenta*, ao qual ela não havia ido. Eu já conhecia a regra de que apenas associadas que estivessem no evento poderiam receber as fotos destes e, preferencialmente, apenas as suas próprias fotos. O episódio me alertou para o fato de que fazer fotos poderia me colocar em situações constrangedoras. A outra razão foi, observando a grande quantidade de imagens que elas mesmas produzem de si mesmas ou umas das outras, saber que eu poderia contar com este acervo para a tese, pelo menos do acervo de algumas delas, se necessário. Parte deste acervo, inclusive, encontra-se compilado nas imagens produzidas e compiladas pela presidenta do BCC em DVDs que cobrem os eventos recentes do clube.



[Capa e Lombada dos DVDs produzidos pela *presidenta* do BCC de 2007 a 2009³¹]

Durante o *Holiday en Femme (HeF)* conversei com diversas associadas também, o que me fez tomar outra decisão no que dizia respeito a proteger a identidade das *crossdressers* que estava pesquisando: até então eu tinha diversas *cds* no meu perfil pessoal do Orkut, que foi uma das ferramentas importantes de

³¹ Conjunto de DVDs com filmagens e fotos do evento *VIII HeF* (2007), DVD de retrospectiva dos dez anos do BCC (brinde do *VIII HeF*), Conjunto de DVDs com filmagens e fotos do Aniversário de 51 anos da presidente do BCC (março de 2008), Conjunto de DVDs com filmagens e fotos do *IX HeF* (junho de 2008) e Conjunto de DVDs com filmagens das *Olim...Piadas* (outubro de 2008). Todos os DVDs foram produzidos por uma equipe de filmagens contratada para cobrir os eventos. A contratação foi realizada pela presidente do BCC, que no conjunto de DVDs das *Olim...Piadas* já assina a caixa como “KNP - Kelly Neta Produções” e “BCC Vídeo”. Com exceção do DVD deste último evento, todos os outros foram distribuídos gratuitamente.

aproximação com algumas pessoas ao longo da pesquisa. Nessas conversas durante o *HeF*, decidi que seria importante tomar cuidado para proteger essas pessoas, sobretudo dos olhares curiosos que a própria divulgação do meu trabalho de pesquisa sucitaria posteriormente. Assim, acabei criando um *perfil fake* (ou falso) no Orkut, para onde transferi as pessoas e comunidades que pesquisava e exclui qualquer ligação entre um perfil e outro do meu pessoal. Essas decisões levaram-me também a criar na minha propria vida uma espécie de *vida dupla* na qual a minha vida cotidiana não tinha ligação quase nenhuma com minha vida com as *cds*, o que foi interessante para notar como as próprias *cds* – sem a pretensão de comparar a minha experiência com a delas – gerenciam algumas questões relativas a estas coisas.

No processo de escrita algumas decisões também se fizeram importantes para proteger a identidade das pessoas que colaboraram com este trabalho. Acabei optando, em diversos momentos, pelo uso de uma *crossdresser genérica* em falas que ouvi ao longo da pesquisa de diferentes interlocutoras. Embora seja evidente a perda em termos de contextualização de quem fala nesses momentos (em termos de situar este indivíduo sociologicamente), como o grupo pesquisado é pequeno e as pessoas facilmente identificáveis pelos seus pares, a medida mostrou-se necessária para evitar eventuais constrangimentos intra-grupo.

1.3 Apresentação geral das pessoas que contribuíram com a pesquisa

A seleção de pessoas com quem conversei, seja nos eventos de que participei ou das entrevistas, não obedeceu a nenhuma restrição de classe social, geração, sexualidade ou cor/raça, embora as pessoas com que dialoguei se identifiquem quase sempre como *brancas* (ou a nomenclatura do *Orkut* para branco, *caucasianas*) e *heterossexuais*. A adesão às entrevistas foi voluntária, a partir de um e-mail enviado à lista de discussão do BCC e/ou contatos pessoais que tinha com pessoas que estão próximas do *meio crossdresser*³².

Com relação a classe social, caso observado o padrão de consumo aparente dessas pessoas, pode-se pensar que pertencem, quase sempre, às classes médias ou

³² Algumas pessoas, ao longo da pesquisa, fizeram uso ao termo *meio crossdresser* para se referir ao conjunto de pessoas que praticam *crossdressing*, fazem parte do BCC ou circulam por lugares/espacos frequentados pelas *cds*.

médias-altas (de modo geral são pessoas com alto grau de escolaridade, profissionais liberais ou pessoas com cargos importantes em empresas públicas ou privadas). A faixa etária dos/as informantes vai dos dezenove aos oitenta anos, embora a maior parte se situe na faixa dos cinquenta a sessenta.

As pessoas com que convivi com mais intensidade de modo geral moram em São Paulo. Tive a oportunidade de dialogar e conviver em alguns momentos com pessoas que residem na cidade do Rio de Janeiro também e, um pouco mais esparsamente, com pessoas que moram na Região Sul e que se deslocavam com alguma frequência para o Rio de Janeiro ou para São Paulo por razões pessoais ou de trabalho.

Realizei dezessete entrevistas. Quinze delas no período que vai de 25/06/2008 a 09/09/2008. Uma foi realizada mais tarde, com uma das fundadoras do clube que havia se afastado deste, a quem tive acesso bem mais tarde, em 11/02/2009. Quase todas as entrevistas foram gravadas digitalmente, com exceção de duas, uma realizada através de uma conversa *por acaso* em uma carona do Rio de Janeiro para São Paulo, em que não havia possibilidade de gravar, e outra que foi realizada por e-mail.

Embora algumas coisas desta entrevista tenham se perdido em razão do fato de não a ter gravado e pelo fato de ter sido feita nos moldes de uma conversa informal e pela impossibilidade, também, de tomar notas conforme acontecia, esta entrevista foi bastante densa do ponto de vista de entender como funciona na vida daquela interlocutora o fato de praticar *crossdressing*. No caso da entrevista por e-mail, era patente o medo que a pessoa tinha de expor publicamente sua *identidade de sapo*. Assim, acabou sendo necessário realizar a entrevista de outro modo que não pessoalmente, o que resultou, pelo formato em que foi realizada, em uma entrevista menos cheia de detalhes e histórias sobre a trajetória pessoal da entrevistada que as demais.

As entrevistas foram realizadas em lugares diversos, implicando em deslocamentos para outras cidades ocasionalmente. Em dois momentos a entrevista deu-se em viagens, em uma carona do Rio de Janeiro para São Paulo e outra em carona de São Paulo para Itajaí (SC). Três entrevistas foram realizadas em minha casa e outras três na casa das entrevistadas (todas fora da cidade de São Paulo). Outras duas aconteceram no apartamento para se *montar* da entrevistada e quatro outras em

seus locais de trabalho. As outras três entrevistas foram realizadas por e-mail, em um restaurante e na casa de amigos em comum.

Das dezessete entrevistadas, seis moravam fora da cidade de São Paulo na ocasião da entrevista. Apenas duas delas moravam fora do estado de São Paulo, uma no interior do Rio de Janeiro e outra na Região Sul. Uma delas, de qualquer modo, ainda mantinha um apartamento na capital paulistana, em que morou por vários anos. Das entrevistadas, cinco possuíam pós-graduação, oito curso superior completo, três superior incompleto e uma havia recém completado o ensino médio. Na ocasião da entrevista, três pessoas estavam desempregadas e uma aposentada. Duas atuavam no ramo de consultoria, duas na área de saúde, duas na área de artes, cinco atuavam como empresários/comerciantes, uma na área de cuidados estéticos e outra como profissional da área de exatas³³.

Com relação a como se identificavam, três diziam-se *transexuais* (mas haviam entrado no clube como *crossdressers* alguns anos antes), uma classificava-se como *travesti de classe média/cd*, uma era uma prestadora de serviços para *crossdressers*, duas eram *S/O's*, oito se classificavam como *crossdressers* e uma pessoa, a mais nova de todas, classificava-se como *andrógino/cd*. Destas, quatro não eram associadas ao BCC na ocasião da entrevista. Das treze associadas que entrevistei, seis pertenciam a Diretoria ou ao Conselho de Ética e Avaliação na ocasião (a ocupação de alguns cargos mudou posteriormente).

Na ocasião da entrevista, quatro estavam namorando (todas elas eram separadas/divorciadas), duas solteiras, três separadas/divorciadas e oito casadas. Ao final da entrevista perguntei como as pessoas se classificariam em termos de cor/raça, sem oferecer categorias prévias. Treze se classificaram como *brancas*, eventualmente lançando mão de suas origens familiares européias para o fazer. Uma se classificou como *brasileira, mistura de tudo*, uma como *morena* e outra como *misturada*.

É importante chamar a atenção aqui para o fato de que a internet desempenha um papel fundamental na sociabilidade do grupo que pesquisei. Muitas *crossdressers* relatam que só entenderam o que sentiam a partir de pesquisas realizadas na internet e que foi nestas pesquisas que encontraram um nome para aquilo que faziam ao longo de suas vidas. A internet é apontada como o meio que facilitou também o acesso e contato com outras pessoas que também compartilhavam desta prática. Ela aparece

³³ Fiz a opção de trabalhar com grandes áreas de atuação profissional aqui para minimizar a possibilidade de identificação direta das pessoas entrevistadas.

como o instrumento que torna factível que se constitua um grupo, independente de limites físicos ou relações que perpassem a necessidade de se encontrar pessoalmente. Há, inclusive, conforme discutirei mais adiante neste texto, grupos de *crossdressers* dentro e fora do Brasil que se organizam basicamente pela internet. Esses grupos até podem se encontrar presencialmente em algum momento, mas é a internet que torna o encontro entre muitas dessas pessoas possível. Nesse contexto, as interações via e-mail (através de listas de discussão ou e-mails pessoais), MSN e Orkut constituíram-se um importante local de interação com as pessoas que pesquisei.

Acompanhei durante algum tempo algumas comunidades do Orkut que discutiam questões relacionadas ao *crossdressing*. De certo modo, esta aproximação me serviu como um mapa das questões que eram relevantes às *crossdressers* que ali estavam. Os assuntos geralmente giravam em torno de aproximações ou afastamentos em relação a outras pessoas que se identificavam como *travestis* ou *transexuais*; sobre comprar roupas, maquiagens e acessórios; sobre o que é *crossdressing* para cada uma delas (até que ponto vai, o que é *crossdressing* legítimo ou não, o que é ser um/a *crossdresser de verdade* e outros temas sobre os quais o consenso nunca se estabelece); dicas de hormonioterapia e de profissionais de saúde que atendem a *este público*; indicação de alguns lugares que frequentavam *montadas* e, também, a procura por relacionamentos com homens, mulheres, homens e mulheres, travestis, outras *crossdressers* ou outras conformações de relacionamentos.

No caso do MSN, as conversas cotidianas, frequentes ou mais esparsas com praticantes de *crossdressing* e *S/O's* forneceram informações importantes para que eu compreendesse não apenas as dinâmicas da prática de *crossdressing* (como a *urge* e a *purge*), mas também acerca do funcionamento do *Brazilian Crossdresser Club* em termos nacionais. Mantive contato via MSN com cerca de cinquenta pessoas ao longo da pesquisa, embora a lista de pessoas com que conversei com alguma regularidade possa ser reduzida para cerca de quinze pessoas. Algumas dessas pessoas, conheci no *Orkut*, e foram as pessoas com que tive conversas menos frequentes, até pelo fato de várias delas estarem mais interessadas em encontrar alguém para relacionamentos erótico-afetivos do que em conversar sobre sua experiência com uma pesquisadora. Algumas outras acabei adicionando após ser apresentada pessoalmente, em eventos do BCC ou outras situações e, em dois ou três casos, o contato se deu através da indicação de amigos em comum.

As pessoas que cheguei a conhecer pessoalmente em algum momento da pesquisa, de qualquer modo, foram aquelas com que mantive contato mais regular. As outras, com quem eu acabei não tendo contato pessoalmente, eram mais inclinadas aos sumiços e ausências ou conversas que não passavam de estágios iniciais como perguntar de onde a pessoa e assuntos desta ordem. Já para entender como funciona o universo do *crossplay*, por exemplo, o MSN foi um meio fundamental para estabelecer contato com as interlocutoras deste trabalho.

O clube tem várias listas de discussão, mas as principais são o *Fórum Real* e o *Fórum Virtual* do *Brazilian Crossdresser Club*. Tive acesso às duas ao longo do trabalho de pesquisa, embora inicialmente tivesse apenas acesso ao *Fórum Virtual*. Essas duas listas são centrais para a comunicação do grupo. Os temas das conversas são parecidos com os que já mencionei em relação ao que se conversa em comunidades do Orkut, embora nessas listas se fale também acerca do funcionamento do clube e da sociabilidade nos eventos e encontros realizados. Ambas as listas funcionam como um espaço de disputas e tensões, assim como um lugar de fala e escuta importante para algumas associadas. As listas, sobretudo o *Fórum Real*, são utilizadas também para divulgações de eventos, festas, palestras e bibliografias acadêmicas, literárias ou autobiográficas sobre *transgênero*³⁴. Diversas informações presentes neste trabalho foram retiradas das listas³⁵, de modo a complementar as observações empreendidas nos eventos e reuniões das interlocutoras de meu trabalho.

³⁴ A palavra *transgênero* é utilizada para definir, de modo geral, *travestis*, *transexuais*, *transformistas*, *drags* e *andróginos*, levando em conta que há particularidades que diferenciam essas categorias (Jayme, 2001). O termo *transgênero* (*transgender*) passa a se popularizar a partir do final da década de 1990, e surge fazendo referência a diversos grupos de pessoas que usam em momentos pontuais ou constantemente roupas e acessórios tidos como do *sexo oposto* ao seu. O uso do termo deu-se com especial força dentro da militância homossexual, referindo-se principalmente, nesse caso, à problemática da *identidade de gênero* e tentando atender a demandas específicas que passavam também pela reivindicação de espaço dentro do movimento e direitos (Vencato, 2003). No campo acadêmico, o termo começou a ganhar espaço principalmente dentre os Estudos Culturais e a Literatura, tanto nos textos literários quanto nos textos de crítica literária, que buscavam analisar textos literários, autobiográficos ou jornalísticos sobre esta experiência (Campos, 1999). Em outras palavras, o *transgênero* diz respeito ao agrupamento de diferentes modos de vivenciar ou experienciar o que a psiquiatria convencionou chamar de *travestismo*. Esta experiência se dá no nível do desejo em primeiro plano, mas passa a ser efetivamente reconhecido e significado, mesmo nos relatos de experiência sobre esta questão das pessoas com que venho dialogando - quando acontece a montagem de fato. O constante trânsito entre um e outro gênero também lhes é definidor (Garcia, 2000). Evidentemente, nem toda prática de *se vestir do outro sexo* aponta para a existência de uma *identidade transgênera*, e nem mesmo se poderia dizer que é o passeio entre masculino e feminino que os define. Estas pessoas se fazem sendo, na inscrição simbólica do desejo em um corpo, inscrição esta que deve ser sempre reatualizada e reafirmada (Maluf, 1999, 2002) e também nas formas como se vêem, interpretam, incorporam ou rejeitam signos de masculinidade e feminilidade que lhes estejam disponíveis socialmente.

³⁵ Falarei sobre as listas mais longamente no Capítulo 3.

Capítulo 1 - Algumas Cenas da Pesquisa: As *Olim...piadas*

Embora descrições de eventos diversos apareçam ao longo de toda a tese, inicio aqui a descrição do último grande evento do ano de 2008 organizado pelo *Brazilian Crossdresser Club*. Participei deste evento quando estava quase encerrando o trabalho de pesquisa e, embora o *Holiday en Femme* seja o evento tido como mais central do clube, as *Olim...piadas* mobilizaram muito mais as atenções, algo que pode ser percebido pelo aumento significativo de troca de mensagens nas listas de correio eletrônico do clube antes e depois de sua realização. Uma das razões para a mobilização das pessoas em torno deste evento em particular foi a realização da terceira edição do *Miss BCC*, o qual não acontecia há alguns anos.

Através do relato deste final de semana e evento, busco ilustrar diversas situações que foram recorrentes ao longo de todo o trabalho de pesquisa na sociabilidade das *crossdressers* com que convivi. Boa parte das situações descritas apontam para aspectos importantes da experiência de *se montar*, tanto no que concerne às angústias que lhe são inerentes quanto à importância que tem nas vivências de pessoas que *fazem crossdressing*. Ainda, é possível perceber através da observação de um evento do clube diversas das nuances que fazem parte da sociabilidade das *cds*, que envolvem tanto a relação com pessoas que *fazem parte deste universo* (*transexuais*, outras *crossdressers*, *S/O's*, etc.), como pessoas que não tem relação com ele (famílias, esposas, filhos/as, etc.) e com pessoas que lhes prestam serviços (funcionários/as dos hotéis, maquiadores, etc.).

Gostaria de passar, então, à descrição do evento. Ao final deste capítulo, seguindo a proposta analítica de Gluckman (1987) e Mitchell (1959), levantarei os eixos de análise que nortearão os capítulos que seguem.

Abertura das *Olim...piadas*

Logo após o *Holiday en Femme* (HeF), que aconteceu em maio, já se começou a falar do último grande evento do ano do BCC, que seriam as *Olim...piadas*³⁶, que aconteceriam numa pousada em Piracaia, interior de São Paulo. A taxa de inscrição por pessoa era de 200 reais, e poderia ser paga de modo parcelado em até quatro vezes³⁷. A taxa, para além dos eventos do final de semana, inclui os valores correspondentes ao ônibus de ida e volta para o evento, às refeições (lanche ao chegar, jantar da sexta e sábado, almoço do sábado e domingo, café da manhã do sábado e domingo) e à hospedagem.

Cerca de um mês e meio antes, foram enviadas fichas de inscrição para as participantes com doze provas com nomes como *maraovos*, *peruca encapada* ou *você tem dardo em casa?* para que optassem de quais gostariam de participar³⁸. Concomitantemente, as sócias não-GG (as *operadas* também não participaram, mas aparentemente não houve restrições a participação delas) do clube poderiam se inscrever no *Miss BCC*, evento que não acontecia há bastante tempo pelo que me foi dito³⁹.

³⁶ A idéia do evento era parodiar as Olimpíadas, evento desportivo que havia acontecido naquele mesmo ano.

³⁷ Uma das idéias da *presidenta*, que organizou este evento, era de que o valor permanecesse abaixo do cobrado pelo *HeF*, que é o evento anual mais importante do clube, e havia custado 320 reais por pessoa.

³⁸ As explicações do que foram as provas estavam no site e se encontram mais adiante neste texto.

³⁹ Desde 2000, de acordo com a página do clube na internet, que justifica o fato por haver questões relativas a dificuldade fazer-se uma competição justa entre candidatas *transexuais/travestis* e *crossdressers*.

INSCRIÇÃO NÚMERO | 04
ANINHA

**FAVOR COLOCAR UM X
 NA PROVA QUE VOCE
 QUER PARTICIPAR**

| PROVA | SIM | NÃO |
|-----------------------------|------------|------------|
| 1 - AQUAVOLEI | | x |
| 2 - PERUCA ENCAPADA | | x |
| 3 - FÓRMULA BCC | | x |
| 4 - TROCADOR | | x |
| 5 - VOCE TEM DARDO EM CASA? | | x |
| 6 - NINANDO O BALÃO | | x |
| 7 - ACERTE A BOLINHA NO PAU | | x |
| 8 - PULA PULA | | x |
| 9 - BATALHA NAVAL | | x |
| 10 - BATENDO AS BOLAS | | x |
| 11 - ACERTE O BURACO | | x |
| 12 - MARAOVOS | | x |

[Ficha para inscrição nas provas recebida via e-mail]

Durante toda a semana vários *e-mails* na lista de e-mails do BCC anunciam que as pessoas estavam empolgadíssimas com o evento do final de semana. É comum que os quinze dias que antecedem ou sucedem aos maiores eventos do clube sejam agitados na lista. O ano de 2008 foi atípico, contando com três eventos, com intervalos de cerca de quatro meses entre um e outro. Normalmente o clube tem como maior evento apenas o *HeF*. Quando os eventos são locais e, consequentemente, envolvem menos pessoas, o *frissom* da lista dura em média uma semana, talvez menos.

Algumas pessoas chegam antes à cidade, aproveitando dias de folga ou situações como viagens de trabalho planejadas para acontecerem concomitantemente aos eventos *do grupo*. Dessa vez, duas meninas de Porto Alegre e uma do interior do Paraná o fizeram. Uma dessas pessoas é a Cris Camps, de Porto Alegre, que sempre tenta agendar as vindas de trabalho no sudeste com os eventos do BCC, especialmente aqueles realizados pelo *Rio Ladies*, que é o *braço carioca* do clube. Como eu sabia que ela estaria por São Paulo desde a quarta-feira, fui combinando ao longo da semana de vê-la antes da sexta. Ela já estaria hospedada no Moncloa, um dos hotéis geralmente utilizados pelo grupo. Subi a Rua Augusta à pé até o hotel, que fica há dez minutos de minha casa. Era final de tarde e a Consolação já estava caótica. Levei

comigo um par de botas tamanho 39 que havia ganhado e eram grandes demais para mim, para ver se serviam nela.

Cheguei ao hotel e pedi para interfonarem para o quarto da Cris. Já eram 18 horas, o horário que havia marcado para encontrá-la numa breve troca de e-mails na madrugada anterior. Ninguém atendeu. Fiquei esperando na recepção até resolver enviar a ela uma mensagem de texto via celular, avisando já a aguardava. Ela respondeu a minha mensagem dizendo que já estava no quarto e que era para eu subir. Insisti novamente com o recepcionista, que insistiu comigo sobre o nome do hóspede, que eu havia me furtado a falar. Confessei constrangida que não sabia com que nome a pessoa havia se hospedado. Ela estava hospedada com o nome do *sapo*, mas eu não sabia disso. É sempre estranho usar o nome de *sapo* para falar das *meninas*. No caso da Cris é quase uma impossibilidade. Foi quando o rapaz me pergunta se era o sr. *[nome do sapo]*. Falei que sim. Ele liga novamente para o quarto, me passa o telefone e a Cris me manda subir.

Quando chego ao quarto, além da Cris, lá estão a Maria Antonieta (Tunica), a Pekena e a MaLu. A Tunica é a moderadora dos fóruns do BCC e mora no interior do Paraná. Ela namora com a Pekena, uma *GG* que mora na região do ABC. Seria, pelo que contavam, a primeira vez em que ela dormiria na casa da namorada desde que esta contou aos filhos sobre o *crossdressing* da Tunica e o BCC. A piada era que na casa da Pekena só havia *camas de sininho* e que a Tunica teria que dormir com os pés para fora da cama (são comuns as piadas sobre a diferença de altura das duas). A MaLu, por sua vez, também estava hospedada num dos quartos reservados do Moncloa, pois acordaria cedo para receber as pessoas que fossem chegando ao hotel enquanto a Kelly, que já estava em Piracaia desde a quarta à noite, voltaria de lá na sexta-feira pela manhã com o ônibus que levaria a todas à pousada.

No final das contas, minha bota não serviu na Cris, mas serviu na MaLu e na Tunica. Decidi que não escolheria com quem ficariam as botas e a Tunica decidiu ficar com elas, sob protestos da Pekena, que achava que ficaram justas demais e deveriam ter sido deixadas, portanto, para a MaLu. Logo depois a Tunica e a Pekena foram embora, mas antes me deixaram no salão da rua Dona Antônia de Queiroz, onde a MaLu e a Cris estavam fazendo as unhas. Fiquei com as duas lá durante a sessão pés e mãos. Na ocasião elas optaram por usar um esmalte numa cor que ficasse semelhante a que eu usava, uma mistura de dois esmaltes com diferentes tons de vermelho. As atendentes e manicures as tratam no feminino o tempo todo.

Logo em seguida a Louise (em versão *sapo*) apareceu no salão e de lá fomos jantar no shopping Frei Caneca. Foi onde fiquei sabendo que a festa do sábado seria *de gala*. Durante o jantar falamos um pouco sobre *transexualidade*, a *cirurgia de redesignação sexual* e se valeria a pena manter ou não a *transexualidade* como síndrome a fim de garantir a realização da cirurgia em hospitais públicos e gratuitamente. Falamos também sobre os debates mais ou menos sérios que acontecem na lista de *e-mails* e de como as pessoas, por vezes, não têm paciência para falar de coisa séria por lá. Para algumas, inclusive, a lista não é lugar para debates sérios. Outro assunto foi acerca da curiosidade do que aconteceria no evento.

Depois do jantar voltamos ao hotel. Ficamos vendo jogo de futebol na TV e a conversa acabou ficando escassa, talvez pelo cansaço decorrente do avançado da hora. Foi quando as meninas decidiram ir dormir e eu decidi voltar para casa (até porque teria que refazer minha mala de acordo com a informação que recebera sobre a festa do sábado). Nos eventos anteriores eu não havia conseguido descobrir antecipadamente qual seria o traje que seria usado na festa do sábado, até por não estar nas listas de discussão do BCC, e isso me deixava um tanto constrangida nas festas, em que me sentia *mal vestida* para a ocasião.

No dia seguinte, cheguei ao hotel Moncloa por volta do meio-dia. Era uma sexta-feira de sol, o que trazia boas perspectivas para o final de semana, após uma semana de tempo fechado e chuvas – ainda mais para quem pretendia passar um final de semana todo usando peruca, maquiagem e salto. É desse hotel que sempre saem os ônibus para os grandes eventos do BCC. Em outros eventos, pessoas de Curitiba e do Rio de Janeiro, dois outros núcleos do clube também saíam com este ônibus de São Paulo. Dessa vez cada local teve seu próprio ônibus. A idéia era que as pessoas chegassem a partir das dez horas da manhã. Haveria três quartos disponibilizados para que se *montasse*. Quando cheguei lá umas três ou quatro pessoas *do grupo*, fora as três que já estavam hospedadas no hotel, haviam chegado. Levei minhas malas para um dos quartos, onde ninguém se *montava*, e desci para o café, onde estavam a MaLu (a segunda dama do BCC) e a Patricia Din em versão *sapo*, acompanhadas de mais dois rapazes da equipe de fotos e filmagens.

As pessoas vão chegando aos poucos, geralmente de *sapo*. Várias deixam seus carros particulares em um estacionamento próximo ao hotel. Algumas passam pelo salão de café da manhã para falar com quem está ali ou para comer alguma coisa. Outras ficam no sofá localizado em frente à recepção do hotel conversando. Algumas

utilizam a área externa da porta do hotel para fumar. A maior parte acaba subindo aos quartos para se *montar* antes da viagem e, se sobrar tempo, toma café também⁴⁰.

A faixa etária das pessoas que chegam é variada, mas vai de trinta aos sessenta e poucos anos. A maior parte, contudo, encontra-se na faixa dos cinquenta a sessenta anos. Poucas são as pessoas com menos de trinta ou mais de sessenta e cinco anos. A maior parte das pessoas que vão aos eventos do BCC é composta de homens *praticantes de crossdressing* e *associadas reais* do clube. Algumas *GG* também estão presentes. De modo geral, estas são *S/O's* de alguma *cd*.

Enquanto as pessoas chegavam, grupos de conversa se formavam. Geralmente os temas das conversas são a relação entre a vida do *sapo* e a vida *montada*, recheadas de histórias sobre como é a relação com esposa, filhos e família. As conversas no saguão do hotel, como em diversos momentos da convivência com o grupo, versavam sobre a relação com a família, sobre contar ou não contar que se pratica *crossdressing*, como contar e as consequências disso. Também se fala muito sobre as relações intra-grupo e se cria alguma expectativa sobre quem comparecerá ou não ao evento e sobre que pessoas estão ou não listadas. Dessa vez, o concurso de *Miss*, quem participaria ou não, também mobilizou as atenções das pessoas que ali estavam. Embora de modo geral informações sobre as vidas pessoais das *cds* não sejam objeto de conversa nesses eventos, algumas das tensões e negociações entre a vida de *sapo* (*en homme*) e de *princesa* (*en femme*), por sua vez são questões importantes dessas conversas e aparecerão descritas mais detalhadamente ao longo da tese.

A proporção de pessoas que se *montam* e não se *montam* é de seis para uma. Poucas, nesse contexto, deixam de aproveitar a oportunidade de já saírem *montadas* de São Paulo. Há algumas *genetic girls* e *mulheres trans* que vão junto, mas em número bastante pequeno. Havia cerca de vinte pessoas no ônibus, incluindo a equipe de filmagens/fotos. Neste ônibus havia três mulheres apenas, dois rapazes da filmagem/fotografia e mais ou menos quinze *crossdressers* (*montadas* ou em sua *forma sapal*). Com exceção de um ou outro, a maior parte dos *sapos* veste-se de calça jeans e camisa polo ou camisa social de mangas curtas. Alguns estão de tênis, outros de sapatos um pouco mais conservadores. De qualquer modo, é bastante improvável que alguém apareça vestido de roupa social completa (como terno e gravata, uma

⁴⁰ Não tenho informações de como este hotel foi escolhido para abrigar eventos do clube, mas já faz alguns anos que ele é usado por sócias do BCC, não apenas na ocasião de eventos.

situação que acontece eventualmente) ou de modo muito despojado (entenda-se aqui por despojado roupas como bermudão, camiseta regata e sandálias *de dedo*).

Apesar das ameaças de que *desta vez* o ônibus sairia impreterivelmente às duas da tarde e que quem não estivesse com malas e *montaria* prontas na recepção do hotel perderia a carona, em cada viagem dessas há sempre *alguém que atrasa o bando*. Várias pessoas, especialmente as que vivem no interior do estado, acabam indo com condução própria aos eventos. As que não conseguem sair do trabalho mais cedo na sexta também acabam optando por meios de transporte alternativos para chegar até o evento, seja carro próprio ou algum ônibus intermunicipal.

O momento de entrar no ônibus é peculiar, tanto pelas expressões nos rostos dos/as transeuntes diurnos da Rua Augusta em face daquilo que aparentemente não entendem (o mais comum é que passem, olhem, arregalem os olhos e depois terminem a passagem pelo grupo com a cabeça baixa e que raramente alguém vire o pescoço para olhar novamente após passar pelo grupo) como pela quantidade de bagagem que se carrega. No mínimo uma mala de rodinhas grande e uma *necessaire*. A maior parte leva, além disso, mais uma mala. Aliás, é notório que a quantidade de malas levadas pelas *cds* é muito maior que a das mulheres *GG* (as que vão ao evento e, mesmo, outras mulheres em outras viagens). Geralmente justificam este exagero como *coisa de mulher*. Além disso, os eventos são ótimas oportunidades para passar o final de semana todo *montadas*. São também ótimos momentos para se usar várias roupas diferentes, oportunidade que não ocorre com frequência para a maior parte das *cds*. Para algumas, é também um ótimo momento para se destacar das demais do grupo. Por esses motivos é comum que algumas troquem de roupa várias vezes ao longo do mesmo dia.

Como de costume, desde meu primeiro evento, fui sentada ao lado da Solange Elizabeth (Betsy) no ônibus. Ela me perguntou sobre o que é antropologia, no final das contas. Tentei explicar. Conversamos sobre eleições, cenário político e outras coisas. Também falamos sobre roupas, maquiagens, esmaltes. Eu com os meus vermelhos, ela com os perolados dela, tom que inspirou, inclusive, seu sobrenome *cd*: Pearly.

A festa novamente seria na Pousada Casa Amarela, em Piracaia (cidade que fica há cerca de oitenta quilômetros da capital paulistana), onde outros eventos do clube já haviam acontecido. Algumas das exigências para que o evento possa ser realizado num ou outro local é a concordância de quem gerencia o estabelecimento

de que ali seja realizado um evento para *crossdressers*, a existência de uma estrutura adequada como piscina e isolamento visual da estrada (ou seja, que as pessoas não sejam vistas por alguém que passe na estrada ou rua). Os/as funcionários também são instruídos a se referirem as associadas no feminino, *a chamar de senhora*, como me foi dito. Antes do evento acontecer várias visitas são feitas ao local escolhido, tanto para ver como é o funcionamento do lugar como para preparar os/as funcionários/as para estas coisas. No *Holiday en Femme*, por exemplo, o hotel fazenda em que se realizou o evento chegou a *trocar* funcionários com outros hotéis/pousadas da região: cedeu os seus funcionários em troca dos *funcionários gays* desses outros lugares.

Chegando a Piracaia, fomos direto para a pousada. O micro-ônibus do Rio e o ônibus de Curitiba já haviam chegado. Parece que, diferente do que houve em São Paulo, conseguiram sair no horário previsto. As cerca de 130 pessoas ficaram hospedadas ali e em outra pousada próxima. Desses 130, cerca de 80 eram *crossdressers* e *S/O's* e *simpatizantes* (incluindo-se aqui manicures, cabeleireiros/as e maquiadores/as que lhes prestam serviços) e o restante eram pessoas contratadas para trabalhar no evento em diversas coisas (atuando como garçons, cozinheiros/as, assistentes para os eventos, etc.). O evento foi produzido pela Kelly, a *presidenta* do BCC, que contratou também uma empresa de eventos para a auxiliar.

A sociabilidade entre as pessoas ao longo do final de semana se organiza por grupos de *afinidade pessoal*. Embora nos primeiros eventos fosse mais difícil perceber, existem tensões dentro do grupo geralmente pautadas em divergências de opinião ou acerca dos rumos do clube ou acerca do que é *crossdressing de verdade*. Embora existam essas rusgas, é incomum ouvir as pessoas do clube falando mal umas das outras. Isso não quer dizer que uma história ou outra não acabe circulando. Ou, como me disse uma das pessoas que entrevistei, que as pessoas simpatizem com todas as pessoas do clube. Nas palavras dela, *como em qualquer grupo, seria hipócrita dizer que se gosta de todo mundo*. De qualquer modo, é comum quem venha de uma mesma cidade permaneça mais juntas, assim como aquelas que dividem quartos tentem combinar de fazer coisas juntas. O mesmo ocorre com os casais que vão juntos.

Concomitantemente, há atividades coletivas, que são frequentadas por quase todas ou todas as pessoas. Nessas atividades as pessoas tendem a circular pelos grupos um pouco mais. Geralmente elas se organizam em torno de atividades pré-programadas ou não ao redor da piscina ou em torno das refeições. Reunir-se para as

refeições é sempre um ponto importante da sociabilidade do grupo, tanto nesses eventos quanto nos encontros menores. Talvez por isso seja o momento, além da festa que sempre acontece no sábado à noite, em que mais se produzam.

Como havia muita gente no evento, as pessoas foram divididas em duas pousadas. A *Casa Amarela* tem doze chalés e foi priorizada a distribuição de quartos para casais. Nesse contexto, os chalés desta pousada, que era onde também aconteciam os eventos diurnos das *Olim...piadas*, foram distribuídos entre a equipe que trabalhou no evento e, preferencialmente, casais. Os maquiadores/cabeleireiros também ficaram neste lugar. A outra pousada que se chama *Nas nuvens* conta com cerca de cinco chalés e ficava a meia hora de carro desta primeira. Ela teve seus quartos distribuídos entre aquelas pessoas que eram *soltérias* (de fato ou sem *S/O* ou esposa presente no evento), *simpatizantes* e *novatas*. De qualquer forma, a *presidenta*, a *segunda dama* e uma das diretoras do clube também ficaram lá.

Logo após o café as pessoas foram para seus quartos. Nós, que estávamos hospedadas na outra pousada, tivemos que esperar pelo serviço de *van* ser disponibilizado, o que demorou um pouco. Com isso, tivemos que nos arrumar às pressas para a abertura das *Olim...piadas*, o que foi dificultado pela questão do tempo e porque havia apenas um espelho no chalé. Desse modo, acabamos aceitando os convites recebidos de nos arrumarmos, no dia seguinte, nos chalés de pessoas que estavam na pousada sede, para evitar perder tempo com deslocamentos e afins.

Eu, a Betsy e a Magally ficamos no chalé 5. Mais tarde juntaram-se a nós a Suzy Perfeita e sua *S/O* (e esposa). Chegando no quarto, cada pessoa ou casal se deparou com uma cestinha que, entre guloseimas diversas, trazia um exemplar do *Mascote das Olim...Piadas* (um sapo de pelúcia), além de um boné e um broche do BCC. A Magally havia vindo do interior de São Paulo de carro. Havia trazido cerca de 20 pares de sapatos para vender, pois não cabiam mais em casa. Trouxe, ainda, diversos produtos da Natura, que sua mulher revende, para comercializar com as demais. Havia outras pessoas também comercializando coisas, como perucas ou roupas que *compraram sem provar* e *ou ficaram pequenas ou não ficaram bem*.



[Mascote do BCC, broche, boné e flâmula: brindes distribuídos nas *Olim...piadas*]

Na sexta-feira à noite fez bastante frio. Foi quando aconteceu, ao ar livre, a abertura do evento. Esta contou com a apresentação de coral contratado pela empresa que auxiliou na organização da festa. Ao mesmo tempo, aconteciam a entrada das bandeiras dos dezenove Estados em que há associadas do clube⁴¹. Na sequência, houve o hasteamento de bandeiras ao som do Hino Nacional Brasileiro e o acendimento da tocha olímpica. As bandeiras foram hasteadas por Patricia Din (bandeira das *Olim...piadas*, que continha o mesmo desenho da flâmula da foto acima, que é uma *versão cd* do símbolo das Olímpiadas de Beijin 2008), Tunica (bandeira do BCC – ver próxima foto) e Cris Camps (bandeira do Brasil).

⁴¹ Os Estados em que há associadas do BCC são: Acre, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rondônia, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Tocantins. Há algumas associadas, de modo geral brasileiras residentes no exterior, em outros países também.



[Fonte: Gazeta da Kelly. Acesso em: 31/10/2008]



[Fonte: Acervo pessoal de Patricia Din]

As bandeiras dos dezenove Estados em que há associadas do clube foram carregadas por *GGs* ovens contratadas para trabalhar no evento. Também aproveitou-se para explicar às *pessoas mais novas no BCC* que a estrela dourada adicionada à nova bandeira, logo acima da sigla BCC (uma bandeira branca com letras em azul escuro dispostas em seu centro) representava os novos rumos do clube. Estes iniciaram-se no ano anterior, quando o clube passou ao regime *presidencial* com Kelly da Silva Neta à frente ao cargo de presidente. Falando da *presidenta*, é comum que a chamem de *a Lula* ou de *Juscelina*. No primeiro caso a referência é uma alusão ao atual presidente do país. No segundo, a referência é Juscelino Kubitschek, que foi

presidente do Brasil de 1956 a 1961, que fazia uso do *slogan Cinquenta anos em cinco*. No caso da administração atual do clube, diz-se que no BCC fez-se *dez anos em um*. Algumas das metas assumidas pela atual presidência incluem *levar o BCC adiante, fazer o clube crescer*, institucionalizar o clube⁴² (para ter personalidade jurídica que viabilize os eventos), divulgar o clube na mídia de modo a tornar o *crossdressing* conhecido no país e angariar mais associadas para o clube, etc.



[Fonte: Gazeta da Kelly. Acesso em: 31/10/2008]

Antes disso, contudo, exibiu-se as matérias sobre o BCC que foram veiculadas no Programa *A noite é uma super criança*, de Otávio Mesquita (Rede Bandeirantes, maio de 2008) e no Programa *Bom dia Mulher*, de Olga Bongiovani (Rede TV, 22 de setembro de 2008), para que as pessoas que ainda não haviam assistido pudessem fazê-lo.

⁴² Este é um ponto polêmico e tem sido pauta constante nas assembléias finais dos *Holiday en Femme*.



[Fonte: Acervo pessoal de Patricia Din]

Logo após a exibição dos vídeos e asteamento das bandeiras/execução do hino nacional (que foi um momento emocionante para as pessoas, referido inúmeras vezes em reuniões posteriores das pessoas do clube) exibe-se no telão uma gravação com montagens da então *Diretora Cultural* e namorada da *presidenta* percorrendo vários pontos turísticos de dentro e fora do país carregando a tocha olímpica. Ao fim desta exibição, entram imagens dela chegando ao lugar da cerimônia, o que culmina com o acendimento da *pira olímpica* das *Olim...piadas*. O vídeo tem tom de piada. Tanto ela quanto a *presidenta* estão com um vestido dourado, preso apenas por um ombro e curto, que lembra um pouco a representação de roupas que os gregos usavam no início das Olimpíadas.

Foi também na abertura que se revelou quem ganhou o concurso da escolha do nome do *mascote do BCC*, representado por um sapo verde de pelúcia. O concurso estava anunciado há cerca de duas edições na *Gazeta da Kelly*, que é o jornal com edições mensais do site da *presidenta*. A quem ganhasse o concurso seria devolvido o valor da inscrição no evento. O nome vencedor - *Difrog* - foi proposto conjuntamente por três associadas do *Rio Ladies*. O nome era uma homenagem a Diana Maria, uma associada bastante ativa do clube que faleceu em janeiro de 2008. Como havia esta devolução de taxa, as três pessoas que haviam proposto o nome realizaram

antecipadamente um sorteio entre elas, sendo que a vencedora deste sorteiro foi quem recebeu o reembolso da inscrição no evento.

Na sequência da cerimônia de abertura, um jantar com comida chinesa (em mais uma alusão às Olimpíadas) foi servido. Durante o jantar, foram distribuídos os *boxes* de DVD produzidos durante o *HeF 2008* às associadas que estiveram naquele evento. Logo na sequência as pessoas passaram a se recolher para seus quartos.

As *Olim...piadas*

Na manhã seguinte, acordamos, nos arrumamos e descemos com uma das *vans* para a pousada onde aconteceriam os eventos do dia. Nesse dia, já levamos também as coisas para a festa da noite, pois havíamos decidido só voltar ao chalé para dormir para economizar o tempo de deslocamento. Enquanto arrumávamos as coisas, a Magally me pediu opinião sobre o vestido com o qual deveria desfilar no concurso de *Miss*, do qual participaria à noite. Ela me mostrou um bordô e um laranja, os dois longos. Achei o bordô melhor, pelos bordados e pela cor mais adequada ao período noturno e ela acabou desfilando mesmo com ele. Vários dos vestidos da Magally, ou outras roupas de mulher, ela conta que pega *escondido* na loja da mãe. A mãe tem uma dessas lojas de roupas mais chiques/sociais, bastante comuns no interior. Segundo ela, até hoje a mãe não percebeu ou comentou o sumiço de nada. Esta *cd* nos contou ainda, enquanto arrumava suas coisas, que trouxe tanta coisa de casa que quando ela terminou de arrumar tudo no carro a esposa, ao ver o carro abarrotado de coisas, perguntou-lhe: *você volta?*. Esta esposa, assim como a de algumas outras associadas do clube, sabe que o marido pratica *crossdressing* e, assim como várias esposas, aceita mas prefere não ter maior participação nas montagens.

Descemos na *van* eu, a Betsy e a Magally. Quando já estávamos dentro da *van*, a Kelly, a MaLu e um dos rapazes da equipe de filmagem chegavam fazendo barulho para nos acordar e nos filmar acordando abruptamente. A idéia era que deveríamos todas estar acordadas e a postos para iniciar as competições. Como já havíamos saído da cama há tempos, o *flagra* não funcionou e assim fomos até a *pousada oficial* e tomamos o café da manhã. A maior parte das pessoas já havia terminado seu café quando chegamos lá, por volta das dez da manhã. Logo após as provas seriam iniciadas.



[Fonte: Acervo pessoal de Patricia Din]



[Banner de fundo do pódio das *Olim...Piadas*.
Fonte: Acervo pessoal de Patricia Din]

As primeiras provas foram as de piscina. As seguintes foram as fora d'água. A última foi uma *maratona*. Todas as provas eram engraçadas e tinham um tom de

gincana de colônia de férias, embora os nomes fossem brincadeiras com coisas relacionadas ao *meio crossdresser*: Aquavolei (P1), Peruca Encapada (P2), Batalha Naval (P3), Ninando o Balão (P4), Batendo as Bolas (P5), Pula Pula (P6), Acerte no Buraco (P7), Acerte no Pau (P8), Você tem dardo? (P9) e Maraovos (P10). A descrição das provas oferecidas, estava presente no site do jornal da *presidenta* do clube, a Gazeta da Kelly⁴³, na edição de agosto. As candidatas deveriam se inscrever antecipadamente nelas através da ficha recebida quando da confirmação do pagamento/ida ao evento.

“AQUAVOLEI

Discriminação:- vôlei na piscina.

Característica:- em dupla.

Forma de disputa:- eliminatória simples.

Observação:- as candidatas devem estar de maio ou biquíni, sem peruca, ou toca de natação própria.

PERUCA ENCAPADA

Discriminação:- natação.

Característica:- individual.

Forma de disputa:- cronometrado.

Observação:- as candidatas devem estar de maio ou biquíni, de peruca e com toquinha cedida pela organização.

BATALHA NAVAL

Discriminação:- cabo de guerra.

Característica:- individual.

Forma de disputa:- eliminatória simples.

Observação:- as candidatas devem estar de maio ou biquíni, sem peruca, ou toca de natação própria.

NINANDO O BALÃO

Discriminação:- lançamento de bexigas.

Característica:- em dupla.

Forma de disputa:- eliminatória simples.

Observação:- as candidatas devem estar de salto de no mínimo 7 cm.

BATENDO AS BOLAS

Discriminação:- ping pong.

Característica:- individual.

Forma de disputa:- eliminatória simples.

Observação:- candidatas devem estar de salto de no mínimo 7 cm .

PULA PULA

Discriminação:- amarelinha.

Característica:- individual.

Forma de disputa:- cronometrado e com penalização.

Observação:- candidatas devem estar de salto de no mínimo 7 cm .

ACERTE O BURACO

Discriminação:- basket.

Característica:- individual.

Forma de disputa:- pontuação.

Observação:- candidatas devem estar de salto de no mínimo 7 cm .

⁴³ O jornal entrou no ar em abril de 2008 e está disponível no site <http://www.kellyneta.com.br/jornal.html>. Todas as edições do jornal, que é mensal, são elaboradas através de textos da *presidenta*, da *segunda dama* do clube (namorada da *presidenta*, que é quem elabora e alimenta o site) e outras associadas do clube, que possuem colunas ali. Acesso em 23 de janeiro de 2009.

ACERTE NO PAU

Discriminação:- boliche.

Característica:- individual.

Forma de disputa:- pontuação.

Observação:- candidatas devem estar de salto de no mínimo 7 cm .

VOCÊ TEM DARDO?

Discriminação:- dardo.

Característica:- individual.

Forma de disputa:- pontuação.

Observação:- as candidatas devem estar *en femme*.

MARAOVOS

Discriminação:- maratona.

Característica:- individual.

Forma de disputa:- cronometrado e com penalização.

Observação:- candidatas devem estar de salto de no mínimo 7 cm.”

Lá constavam outras provas também, mas que acabaram não acontecendo ou por falta de inscrições ou por falta de possibilidade de operacionalização das mesmas. Havia uma associada do clube, a mais velha delas, a qual é comumente chamada de *mãe* pelas demais, e que é conhecida pela grande coleção de sapatos (cujo gosto aparece em seu nome de *cd*, Candice HiHeels – uma versão de *high heels* ou *salto alto*), que era a juíza oficial e fiscal do tamanho dos saltos utilizados nas provas. A classificação final da competição foi a seguinte, de acordo com o que foi divulgado via e-mail pela *presidenta* na lista de discussão do clube (15 de outubro de 2008)⁴⁴:

| | NOME | P1 | P2 | P3 | P4 | P5 | P6 | P7 | P8 | P9 | P10 | TOTAL |
|-----|------------------|----|----|----|----|----|----|----|----|----|-----|-------|
| 1º | MAGALLY | | | | 5 | | 3 | | 5 | | 5 | 18 |
| 2º | MAITE | 3 | 5 | | | 1 | | | | | 3 | 12 |
| 3º | NATALIA WHITE | | | | 5 | 5 | | | | | | 10 |
| 4º | MARCIA POLARI | 5 | 3 | | 1 | | 1 | | | | | 10 |
| 5º | MARCIA ROCHA | | 1 | 1 | 1 | | | 5 | | | | 8 |
| | SOLANGE FISCHER | | | | | | | | 1 | 5 | | 6 |
| | JULIANA CTB | | | | 3 | | | | 3 | | | 6 |
| 6º | GIULIA PRATA | | | | | 3 | | | | 3 | | 6 |
| | PAULA NARA | | | | | | 5 | | | | | 5 |
| 9º | CRIS | | | | 5 | | | | | | | 5 |
| | VERONICA DIMITRI | | | | 3 | | | | | | 1 | 4 |
| 11º | NADIA | | | | | | | 3 | 1 | | | 4 |
| 13º | KATIA | | | | 3 | | | | | | | 3 |
| | VANESSA | 1 | | | | | | | | | | 1 |
| 14º | MARISA ROSSELINI | | | | | | | 1 | | | | 1 |

[Fonte: Lista de e-mails BCC-REAL. Acesso em: 15 de outubro de 2008]

⁴⁴ A elaboração do pódio das *Olim...piadas* seguiu a seguinte regra: Medalha de Ouro = 5 pontos, Medalha de Prata = 3 pontos e Medalha de Bronze = 1 ponto. O critério de desempate entre candidatas que tiverem a mesma pontuação foi a classificação individual nas provas.

Neste e-mail de divulgação do resultado final, constava uma provocação para que o evento se repita quando *for ano de Olimpíadas de novo*. No mail, dizia-se que nas *Olim...piadas* foram estabelecidos RECORDES em todas as provas e que, já que era a primeira vez que o BCC organiza um evento de tal tipo, ficava o convite a todas para que nas próximas edições tentassem superar as próprias marcas ou derrubar as de outras competidoras. Todas as vencedoras das provas receberam medalhas de ouro, prata e bronze, que eram impressas sobre um CD. Às cinco pessoas que obtiveram maior pontuação na classificação geral também foi concedido um troféu, uma coroa de louros e um presente da organização.

As provas aconteceram das 10 da manhã até cerca de cinco horas da tarde, quando as *Olim...piadas* foram encerradas com a cerimônia de apagamento da pira olímpica e o lançamento da *presidenta* do BCC na piscina (de qualquer modo, o pedido dela de que deixassem que esvaziasssem os bolsos e tirasse a peruca antes do lançamento foi respeitado). Enquanto as provas aconteciam, ao longo da tarde, foi servido um churrasco à beira da piscina.

Durante todo o dia do sábado o sol favoreceu a programação. A maior parte das pessoas não participaram das provas, mas quase todas ficaram assistindo. Eventualmente alguma se retirava para o quarto, seja para trocar de roupa ou para descansar um pouco. Várias das provas conseguiram arrancar risos das pessoas presentes, como, por exemplo, os tombos que algumas participantes das provas levaram. Durante as provas, as moças contratadas pela empresa de eventos, que na abertura da noite anterior haviam levado as bandeiras dos estados, participaram como assistentes das provas, anotando os resultados e como torcida para as competidoras, usando *pompons* e gritando o nome destas.

Algumas *cds* não participaram de nenhuma prova, enquanto algumas apenas não competiram naquelas que eram na água, uma vez que não desejavam estragar maquiagem, peruca, cabelo ou ficar sem peruca. Algumas *S/O's* participaram de algumas das provas também, seguindo as mesmas regras de tamanho de salto que as *cds* tinham que seguir. Embora quase todas as pessoas que foram ao evento estivessem nos arredores de onde aconteceu a competição, nem todo mundo assistia, de fato, às provas.



[Trophies and Medals of the *Olim...Piadas*. In the center, the mascot of BCC.
Fonte: Gazeta da Kelly. Acesso em: 31/10/2008]



[Medals of Gold, Silver and Bronze. Source: Gazeta da Kelly. Access date: 31/10/2008]

Como quase tudo aconteceu nos arredores da piscina da pousada, de modo geral as roupas eram trajes adequados àquele cenário: cangas, vestidos leves, saídas

de banho, *shorts* e blusinhas, sandálias *de dedo/rasteirinhas* (em cores como rosa, lilás, brancas, prateadas, vermelhas e eventualmente decoradas com bordados ou *strass*), óculos de sol, chapéis e algumas usavam apenas a peruca. Há também quem, nessas ocasiões, dispense o uso da peruca, que esquenta bastante, permanecendo *montada* mas sem esta parte da *montaria*. Algumas das *cds*, contudo, usam o próprio cabelo nas montagens, uma vez que os deixaram crescer. Contudo, a forma de prender o cabelo ou de ajeitá-lo é diferente quando estão de *sapo* ou *en femme*. Os cortes de cabelo para quem os usa longos, de modo geral, são retos para que no cotidiano possam passar um pouco mais desapercebidos. É comum de ouvir de algumas delas que têm vontade de fazer *um corte mais feminino*, mas que é uma mudança que não seria adequada a suas *vidas de sapo*.

Na cerimônia de encerramento das *Olim...piadas*, após o apagar da pira, foram dados os resultados das provas e constituiu-se um *podium* das cinco primeiras colocadas. Uma delas foi substituída por outra do clube, pois já havia se recolhido para se arrumar para a noite naquele momento. Outra, que estava pintando as unhas na piscina, acabou substituída pela esposa. Nesse horário, várias já haviam se retirado para descansar um pouco antes de começar a se arrumar para a noite. Isso irritou um pouco a *presidenta*, que passou a chamar as pessoas pelo microfone, pedindo que voltassem para a cerimônia de encerramento. Algumas pessoas de fato voltaram.

Nem todas as esposas/namoradas que vão ao evento são *S/O's*, assim como nem toda *S/O* é, necessariamente uma esposa/namorada. Aparentemente, a relação entre *S/O* e *cd* é menos tensa, inclusive, quando um não há um vínculo para além do compartilhamento do interesse pelo se *montar/montar* o outro. Em diversos momentos, ao longo do evento, ficou claro que há uma tensão inerente a essa relação.

Em uma cena que assiti, quando da última prova das *Olim...piadas*, estava conversando com uma *S/O* quando sua nova namorada, *cd*, chegou no chalé em que estávamos. Ela permaneceu do lado de fora dele, longe do nosso raio de visão, enquanto conversávamos lá dentro. Foi quando, repentinamente, ela levanta-se e diz que sentiu que algo de estranho estava acontecendo e que iria ver o que a sua *cd* estava fazendo lá fora. Logo que sai pela porta solta um sonoro *o que é isso?* e manda a *cd* entrar imediatamente no chalé. As duas voltam e ela me conta que os maquiadores (homens *gays*) que estavam hospedados num chalé próximo estavam levantando a saia da *cd* para ver a *bunda* desta, elogiando como ela era linda. A *cd* defendeu-se alegando que era apenas uma brincadeira, sem segundas intenções. Ela

responde que a *cd* veria que não se tratava apenas de uma brincadeira caso continuasse a permitir que aqueles rapazes continuassem a fazer o que estavam fazendo. Disse também que aquilo tudo que acontecera não tinha nada de inocente. Concluiu o pito advertindo a namorada (*cd*) de que ela deveria se comportar, pois ela a estava levando a um evento do clube de que faz parte há um bom tempo e que, portanto, deveria agir de modo a não lhe constranger diante das outras pessoas conhecidas, respeitando-a, e que *mostrar a bunda em público é desrespeito*.

Embora a *bronca* da *S/O* estivesse falando sobre a relação dela com a *cd*, falava também sobre uma regra não-explicita da sociabilidade do grupo: administração dos excessos para um bom cuidado da imagem. Beber em excesso, *dar em cima* de todo mundo, *ficar* com todo mundo, demonstrar ciúmes publicamente, discutir na frente das outras pessoas, etc., são atitudes que não são bem vistas.

Essas *saídas da linha* são temas recorrentes nas conversas sobre as festas, embora, de modo geral, os comentários não passem de um contar de história no estilo *fulana fez tal coisa tal dia*. Um exemplo disso é o caso de uma *cd* que levou sua nova namorada (que não se considera *S/O*) para o evento, o que acabou criando uma situação complicada para ambos no grupo. Enquanto o efeito de euforia do álcool fez com que houvesse uma expansividade considerada excessiva por algumas pessoas por parte da garota, fazendo com que passasse a interagir fisicamente com algumas *cds* na festa, pegando na cintura, abraçando ou tocando excessivamente, a *cd* também em efeito semelhante passou a elogiar excessivamente atributos de beleza de algumas outras *S/O's* e mulheres que estavam na festa.

Algumas das *cds* e *S/O's* que foram abordadas pelo casal eram, inclusive, casadas. Isso fez com que a situação gerasse algum constrangimento no grupo. De modo geral, as pessoas tentavam se esquivar da situação polidamente. Alguns conjuges das pessoas ficaram bastante incomodados com o que acontecera. A noite do casal terminou com uma briga por ciúmes, que se encerrou com a garota levando uns safanões da *cd* ali mesmo na pousada. O episódio me foi relatado de forma um tanto confusa por diversas pessoas que afirmavam estar *chocadas* com o ocorrido. Não houve platéia para o incidente e, com isso, não houve também intervenções. Aparentemente, a história ficou pública porque a moça contou para algumas pessoas do clube no dia seguinte.

Depois de encerradas as *Olim...piadas*, as *meninas* foram se preparar para o outro grande evento do final de semana: o *Miss BCC*. Enquanto as pessoas se

arrumavam em seus quartos e as candidatas a *Miss* se preparavam em um espaço separado, com maquiadores e cabeleireiros à disposição, a equipe da empresa de eventos contratada trabalhou na elaboração do cenário, colocando tapetes vermelhos, mesas de jurados, mesas para a platéia, enfeites, flores, toalhas, canhões de luz e outros vários equipamentos de luz e som, os quais já estavam parcialmente montados sobre uma estrutura de ferro instalada ao redor da piscina desde antes do dia da chegada. A cabine do *dj* também já estava instalada desde o primeiro dia.

O Miss BCC e a festa

Apesar das previsões animadoras ao longo da semana de que não haveria chuva, e do dia de sábado ter sido ensolarado, à noite, bem no horário estimado para início do evento, a chuva começou a cair. Primeiro de forma leve, depois de forma mais intensa. Durante praticamente todo o desfile a chuva caiu, fazendo com que a última parte deste, que seria uma entrevista com as candidatas, fosse suspensa.

Como as *Olim...piadas* foram encerradas após o horário planejado inicialmente, os eventos da noite acabaram se atrasando um tanto também. Enquanto as pessoas se arrumavam em seus quartos, as candidatas a miss se preparavam num local a parte, assessoradas por acompanhantes, algumas associadas mais curiosas e cabeleireiros/maquiadores.

Quando cheguei, com as pessoas do quarto em que me arrumei, na área da piscina da pousada, que seria o palco do concurso, quase todas as associadas já estavam sentadas. Eu havia sido maquiada e penteada por uma *S/O* que *na vida real* trabalha como cabeleireira e maquiadora. Ela havia também maquiado a sua *cd*, assim como ajudou a dar os retoques finais da *montagem* dela. Ainda, havia mais outra *cd*, que também estava hospedada na outra pousada e que também havia pedido para se arrumar no quarto deste casal. Logo que chegamos, recebi diversos elogios por estar maquiada e arrumada, inclusive de uma *cd* que foi um pouco mais além dizendo à mesa que eu estava muito bonita e que, daquele jeito, o *sapo seria obrigado a se manifestar*. Foi quando, constrangida, fui sentar em uma mesa que estava vazia ao lado desta, acompanhada das pessoas com que estava no quarto me arrumando.



A apresentadora do Miss BCC, Kelly da Silva Neta
[Fonte: Acervo pessoal de Patrícia Din]



Mesa de jurados do *Miss BCC*
[Fonte: Acervo pessoal de Patrícia Din]

Logo que nos sentamos, a apresentadora do evento – a *presidenta* do BCC – foi chamada através de uma música pré-combinada e entrou acompanhada pelo canhão de luz. Ela deu as boas vindas a todas e passou a chamar as dez pessoas que comporiam a mesa de jurados/as. Para minha surpresa, fui uma das juradas, representando o segmento *simpatizante*. Naquele momento senti um certo alívio por ter me preparado para ir vestida *a caráter* para a ocasião: de vestido longo e sapato de salto alto. Havia na mesa também representantes das *S/O's*, das *cds*, da diretoria, de segmentos de mercado que prestam serviços às *cds* (a dona de uma empresa de estética que oferece depilação *a laser*, o dono da pousada em que estavamos, etc.).

Enquanto a Kelly apresentava as onze candidatas uma a uma, que desfilavam se apresentando, nós recebíamos pastas com fichas para as avaliar. O desfile compreendeu três desfiles pela passarela, em que as candidatas deveriam se apresentar com traje de passeio, traje de banho e traje de gala, nesta ordem. Ao final destes desfiles, foi pedido a todas que permanecessem alinhadas em uma parte mais elevada do lugar, de modo que pudessem ser vistas todas juntas e recebessem o resultado do concurso.

Os critérios de avaliação quanto aos trajes foram a beleza do traje, a adequação dos adornos, a maquiagem utilizada, a originalidade da roupa e o conjunto por inteiro. Recebemos uma ficha para cada traje específico e outra, posteriormente, que funcionava como uma avaliação mais geral do desfile. Nessa ficha, os critérios de avaliação eram a forma de andar, postura, feminilidade, estética corporal feminina, se os cabelos utilizados são condizentes com seu biótipo, beleza, carisma e uma nota geral para a candidata. Na ficha constava também um quesito *voz*, que deveria julgar se as candidatas tinham voz feminina ou não (o que pareceu um tanto inadequado para o caso de *crossdressers*). Como não houve entrevistas em função da chuva, os critérios *voz* e *respostas* não foram considerados, e todas as candidatas obtiveram nota máxima neles. Exceto no caso da nota geral para a candidata, os critérios vinham descritos na ficha e nós deveríamos apenas assinalar uma alternativa entre três (bom, regular e fraco), que tinham pontuações que desconhecíamos no momento. De qualquer modo, em e-mail de divulgação da apuração enviado alguns dias após o evento para as listas de discussão do clube (datado de 15 de outubro de 2008), fomos informados do valor da pontuação e da classificação final através das tabelas a seguir.

1) AVALIAÇÃO DO DESFILE QUANTO AOS TRAJES (A pontuação máxima seria de vinte pontos por jurado. Os resultados aqui foram apurados por jurado e candidata, em ordem alfabética neste segundo caso):

| TRAJE PASSEIO | | | | | | | | | | |
|----------------------|----|----|----|----|----|----|----|----|----|-----|
| NOME | J1 | J2 | J3 | J4 | J5 | J6 | J7 | J8 | J9 | J10 |
| BIANCA | 20 | 20 | 17 | 19 | 19 | 17 | 18 | 18 | 19 | 19 |
| CRIS CAMPS | 19 | 11 | 20 | 17 | 20 | 19 | 17 | 18 | 17 | 17 |
| DENISE TAINAH | 19 | 13 | 16 | 16 | 18 | 17 | 13 | 17 | 12 | 11 |
| LETICIA LANZ | 19 | 12 | 16 | 19 | 18 | 19 | 19 | 19 | 9 | 15 |
| MAGALLY SANCHES | 19 | 9 | 18 | 14 | 20 | 17 | 17 | 18 | 19 | 17 |
| MARCIA POLARI | 20 | 20 | 20 | 20 | 20 | 20 | 13 | 20 | 20 | 20 |
| MARCIA ROCHA | 19 | 20 | 14 | 17 | 20 | 18 | 15 | 20 | 20 | 19 |
| MARIANE | 19 | 11 | 12 | 15 | 18 | 18 | 17 | 17 | 14 | 11 |
| PATRICIA DIN | 19 | 20 | 18 | 20 | 20 | 20 | 15 | 18 | 18 | 20 |
| SUZY KELLY | 19 | 11 | 20 | 16 | 17 | 17 | 15 | 16 | 8 | 17 |
| VERONICA DIMITRI | 19 | 9 | 11 | 16 | 16 | 19 | 17 | 19 | 15 | 17 |

| TRAJE BANHO | | | | | | | | | | |
|--------------------|----|----|----|----|----|----|----|----|----|-----|
| NOME | J1 | J2 | J3 | J4 | J5 | J6 | J7 | J8 | J9 | J10 |
| BIANCA | 20 | 15 | 18 | 19 | 20 | 20 | 20 | 20 | 20 | 20 |
| CRIS CAMPS | 17 | 15 | 15 | 20 | 18 | 19 | 18 | 17 | 12 | 17 |
| DENISE TAINAH | 17 | 18 | 20 | 17 | 20 | 20 | 16 | 20 | 18 | 17 |
| LETICIA LANZ | 17 | 18 | 20 | 18 | 20 | 20 | 20 | 20 | 17 | 16 |
| MAGALLY SANCHES | 18 | 13 | 17 | 17 | 17 | 19 | 17 | 19 | 18 | 15 |
| MARCIA POLARI | 20 | 16 | 15 | 20 | 18 | 20 | 20 | 19 | 15 | 20 |
| MARCIA ROCHA | 20 | 18 | 17 | 15 | 17 | 20 | 16 | 18 | 12 | 17 |
| MARIANE | 17 | 14 | 12 | 17 | 15 | 19 | 13 | 15 | 7 | 11 |
| PATRICIA DIN | 20 | 14 | 14 | 15 | 20 | 19 | 16 | 18 | 17 | 18 |
| SUZY KELLY | 20 | 17 | 20 | 16 | 20 | 19 | 13 | 18 | 20 | 12 |
| VERONICA DIMITRI | 17 | 19 | 20 | 16 | 18 | 19 | 19 | 19 | 19 | 20 |

| TRAJE GALA | | | | | | | | | | |
|-------------------|----|----|----|----|----|----|----|----|----|-----|
| NOME | J1 | J2 | J3 | J4 | J5 | J6 | J7 | J8 | J9 | J10 |
| BIANCA | 18 | 20 | 20 | 20 | 20 | 20 | 20 | 20 | 20 | 20 |
| CRIS CAMPS | 20 | 19 | 20 | 20 | 20 | 20 | 19 | 18 | 16 | 14 |
| DENISE TAINAH | 17 | 18 | 20 | 17 | 20 | 19 | 19 | 17 | 18 | 17 |
| LETICIA LANZ | 20 | 20 | 20 | 20 | 20 | 20 | 20 | 20 | 20 | 20 |
| MAGALLY SANCHES | 17 | 15 | 20 | 19 | 17 | 19 | 18 | 17 | 17 | 18 |
| MARCIA POLARI | 20 | 18 | 20 | 19 | 20 | 20 | 20 | 20 | 20 | 20 |
| MARCIA ROCHA | 20 | 20 | 20 | 17 | 20 | 20 | 20 | 20 | 20 | 20 |
| MARIANE | 17 | 18 | 20 | 13 | 18 | 19 | 15 | 15 | 14 | 14 |
| PATRICIA DIN | 20 | 16 | 20 | 19 | 20 | 20 | 20 | 20 | 20 | 19 |
| SUZY KELLY | 17 | 16 | 20 | 20 | 17 | 19 | 14 | 20 | 16 | 17 |
| VERONICA DIMITRI | 20 | 16 | 20 | 18 | 17 | 19 | 17 | 20 | 17 | 18 |

2) AVALIAÇÃO GERAL DO DESFILE (A pontuação máxima nesta ficha foi de 28 pontos por jurado. De qualquer modo, o quesito nota geral atribuídos pelos jurados teve peso dobrado, sendo multiplicado por dois. Novamente, os resultados foram apurados por jurado e por candidata, e o resultado segue em ordem alfabética):

| AVALIAÇÃO GERAL | | | | | | | | | | |
|------------------------|----|----|----|----|----|----|----|----|----|-----|
| NOME | J1 | J2 | J3 | J4 | J5 | J6 | J7 | J8 | J9 | J10 |
| BIANCA | 25 | 27 | 28 | 22 | 27 | 26 | 28 | 27 | 27 | 28 |
| CRIS CAMPS | 24 | 26 | 25 | 25 | 23 | 24 | 28 | 28 | 28 | 23 |
| DENISE TAINAH | 24 | 28 | 23 | 20 | 26 | 18 | 22 | 27 | 28 | 20 |
| LETICIA LANZ | 24 | 26 | 27 | 27 | 28 | 12 | 25 | 28 | 28 | 21 |
| MAGALLY SANCHES | 23 | 22 | 25 | 13 | 21 | 14 | 25 | 27 | 27 | 20 |
| MARCIA POLARI | 25 | 25 | 26 | 26 | 27 | 26 | 28 | 27 | 26 | 26 |
| MARCIA ROCHA | 25 | 25 | 27 | 23 | 26 | 28 | 16 | 27 | 28 | 27 |
| MARIANE | 24 | 17 | 27 | 15 | 25 | 20 | 15 | 27 | 28 | 13 |
| PATRICIA DIN | 22 | 22 | 28 | 15 | 21 | 16 | 27 | 25 | 27 | 25 |
| SUZY KELLY | 23 | 20 | 26 | 16 | 21 | 20 | 27 | 24 | 28 | 17 |
| VERONICA DIMITRI | 26 | 27 | 28 | 27 | 28 | 27 | 28 | 28 | 28 | 26 |

3) RESULTADO FINAL (a soma de todas as pontuações em ordem de classificação):

| | NOME | PASSEIO | BANHO | GALA | GERAL | TOTAL |
|------------|------------------|---------|-------|------|-------|-------|
| 1º | BIANCA | 186 | 192 | 198 | 530 | 1106 |
| 2º | MARCIA POLARI | 193 | 183 | 197 | 524 | 1097 |
| 3º | VERONICA DIMITRI | 158 | 186 | 182 | 546 | 1072 |
| 4º | MARCIA ROCHA | 182 | 170 | 197 | 504 | 1053 |
| 5º | LETICIA LANZ | 165 | 186 | 200 | 492 | 1043 |
| 6º | CRIS CAMPS | 175 | 168 | 186 | 508 | 1037 |
| 7º | PATRICIA DIN | 188 | 171 | 194 | 456 | 1009 |
| 8º | DENISE TAINAH | 152 | 183 | 182 | 472 | 989 |
| 9º | SUZY KELLY | 156 | 175 | 176 | 444 | 951 |
| 10º | MAGALLY SANCHES | 168 | 170 | 177 | 434 | 949 |
| 11º | MARIANE | 152 | 140 | 163 | 422 | 877 |

Ao longo do desfile, nem nós jurados nem as candidatas sabiam ao certo o que estava programado para a ocasião. As candidatas desfilavam enquanto nós as avaliávamos. Recebíamos as fichas pouco antes de entrarem na passarela, as quais eram recolhidas imediatamente depois e encaminhadas para a apuração. Ambos os trabalhos foram realizados pela MaLu, *segunda dama* do BCC.



Marcia Polari e Patricia Din desfilando em Traje Passeio



Marcia Polari e Patricia Din desfilando em Traje de Banho
[Fonte: Gazeta da Kelly. Acesso em: 31/10/2008]

O público do desfile estava sentado do lado oposto da piscina onde estávamos. Havia, além da Kelly que apresentava o evento, um rapaz que era o mestre de cerimônias e ajudava, por exemplo, as candidatas a descer as escadas do camarim para a piscina, buscou as vencedoras e auxiliava a apresentadora entregando-lhe as coisas necessárias, de fichas a prêmios. O rapaz foi bastante elogiado pelas *meninas* durante a ocasião e, na semana seguinte, aconteceram brincadeiras sobre de quem ele teria se tornado marido ou namorado na lista do clube.



Marcia Polari e Patricia Din desfilando em Trajes de Gala
[Fonte: Acervo pessoal de Patrícia Din]

Durante as mudanças de roupas das candidatas, a apresentadora aproveitava para entrevistar os membros do juri pedindo que se apresentassem. Também entrevistou algumas outras pessoas da platéia sobre o que estavam achando do evento. Durante o intervalo da primeira troca de trajes, a chuva começou a ficar mais intensa, fazendo com que a platéia tivesse que deixar suas mesas e passasse a ficar atrás da mesa do juri, na área coberta do local. De qualquer modo, o concurso seguiu em frente e as candidatas continuaram seus desfiles.

Ao final do concurso, enquanto se apuravam os votos, um dos membros da equipe da produtora de eventos contratada vestiu-se de *Supernanny*⁴⁵ (a do programa brasileiro, não a do *original* britânico, inclusive imitando o sotaque estrangeiro desta) e fez um número em que carregava uma mala de rodinhas cheia de acessórios úteis para a montagem de uma cd⁴⁶. Na verdade, a idéia é que ela fosse uma espécie de pessoa que dá dicas de como se *montar*, em tom de piada. Por exemplo, recomendando que as pessoas usassem lima de ferro para lixar as unhas ou uma lixadeira para fazer depilação. Todos os acessórios que ela trouxe na mala eram ferramentas utilizadas em pequenas reformas domésticas, e cujo uso geralmente é atribuído aos homens. A chuva atrapalhou um tanto o número, que acabou tendo que ser breve, mas as pessoas pareceram se divertir.

Como a apuração demorou um pouco, as pessoas começaram a dançar ao som de músicas tocadas pelo *dj*, que tocou *hits* de bandas dos anos 1980 como New Order, Depeche Mode e outras bandas com proposta sonora similar. Algumas das músicas fizeram algumas das pessoas, de modo geral as que tinham entre 25 e 35 anos, cantar as letras de algumas das músicas em inglês. Enquanto o evento acontecia, salgadinhos e bebidas também eram servidos aos jurados e platéia por dois ou três garçons.

Quando se encerrou a apuração, as pessoas retomaram seus lugares para aguardar o resultado. Foi pedido a todas as candidatas que retornassem e permanecessem alinhadas em uma parte mais elevada do lugar, de modo que pudessem ser vistas todas juntas e recebessem o resultado do concurso. Na ocasião, pouco antes da divulgação do resultado, algumas homenagens foram prestadas. A primeira em memória de Diana Maria e Vera Jardim, associadas do clube que faleceram em 2008. A segunda a duas das concorrentes, Marcia Rocha e Patricia Din, que fazem parte da diretoria do clube e que haviam organizado, respectivamente, o *HeF 2008* e o *Lady BCC*, e receberam placas de homenagens em reconhecimento à organização daqueles eventos.

⁴⁵ “**“Supernanny** é um programa de televisão que foi criado pela televisão da Inglaterra e que está sendo adaptado a outros países tal como os Estados Unidos. A idéia deste programa é mostrar em cada capítulo ao público como impôr disciplina a filhos rebeldes. (...) A versão brasileira deste programa é exibida pelo Sistema Brasileiro de Televisão, o SBT, sendo apresentado pela pedagoga argentina Cris Poli (...)” (WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Supernanny>. Acesso em 01 de fevereiro de 2009’).

⁴⁶ As roupas haviam sido emprestadas de uma das candidatas a Miss, que costuma interpretar essa personagem e é vista como uma cd que “está mais para o lado de drag”.



Todas as candidatas alinhadas após o desfile em traje de gala
[Fonte: Gazeta da Kelly. Acesso em: 31/10/2008]

O primeiro anúncio foi o de *Miss Simpatia*, votado pela platéia. O segundo foi o de *Princesinha do BCC*, ou o terceiro lugar. O segundo lugar levou o título de *Princesa do BCC* e o primeiro de *Miss BCC*. O título de *Miss Simpatia* acabou ficando também com a vencedora do *Princesinha do BCC*, Verônica Dimitri. Durante todo o desfile diversos comentários foram feitos em relação a sua apresentação ali, de como estava bonita e *bem montada*, uma vez que ela é conhecida pelas *montagens* mais *escrachadas* e com um tom mais *drag*. O título de *Princesa* ficou com Márcia Polari, que havia, no último *HeF* do clube (que foi o primeiro a que compareceu), levado o título de *Lady BCC*.

A candidata mais velha a desfilar foi Suzy Kelly, uma das associadas mais antigas do clube. Ela pediu, em dado momento, para falar ao microfone. Disse então que havia participado do concurso para realizar seu sonho de desfilar de *lingerie* (diferente das outras que desfilaram de maio na hora do traje de banho, ela vestiu-se com um conjunto de espartilho, calcinha e cinta-liga pretos). Ela aproveitou para agradecer a oportunidade e declarar que não havia participado para competir. Finalizando com a declaração que arrancou risos e aplausos da platéia ao dizer *eu vim só para me exibir*.

Antes da revelação da *Miss BCC 2008*, a Kelly recebeu um troféu da produtora de eventos contratada, para homenageá-la pelas produções dedicadas que tem realizado nos eventos do clube e por incentivar que estem se ampliem em número de participantes. A MaLu também foi chamada para falar ao microfone sobre a experiência de organizar este evento e agradeceu a todas as pessoas pela presença, pelo apoio e pelos elogios. Após alguns outros avisos sobre a saída no dia seguinte, foi anunciada a vencedora do concurso, que, como é comum em concursos do gênero, não foi feito sem uma série de brincadeiras antes entre a apresentadora e o mestre de cerimônias.

A vencedora foi uma *mulher trans*, Bianca, que emocionada chorou e foi receber sua faixa e coroa conduzida pelo mestre de cerimônias, que também havia ido buscar as demais vencedoras. Quem lhe entregou a faixa, coroa e capa foi outra *mulher trans*, Maitê Schneider, que havia sido vencedora da primeira edição do concurso⁴⁷. A vencedora da segunda edição havia sido uma das fundadoras do clube, que rompeu com este há cerca de dois anos e não respondeu aos e-mails de convite para a passagem de faixa, conforme me foi relatado. Após o encerramento da cerimônia de premiação algumas fotos oficiais foram feitas e deu-se início a uma festa para as que quisessem estender um pouco mais noite adentro.

De modo geral as pessoas já estavam cansadas do dia inteiro de atividades e foram para seus chalés descansar. Menos de vinte pessoas permaneceram ali na festa, algumas foram dançar ao lado da piscina, já que a chuva havia passado, mas a maior parte ficou sentada na área coberta conversando. A maior parte das candidatas a *miss* não apareceram mais. A festa não durou mais que uma ou duas horas após o concurso de Miss e foi esvaziando ao longo deste tempo. Quando fui pegar a *van* para a outra pousada, cerca de duas horas após o término do concurso, já não havia mais ninguém nos arredores da piscina.

⁴⁷ Estou utilizando a categoria *mulher trans*, que é comumente citada pelo grupo. Não sei, contudo, se as duas pessoas citadas usam o termo para falar de si. De qualquer modo, é importante mencionar aqui que há disputas dentre as *pessoas transexuais* acerca desta classificação.

Café da manhã e retorno a São Paulo

No domingo acordamos pelas dez horas e começamos a preparar as coisas para o retorno para casa. Arrumamos as malas e as colocamos na *van* para que fossem levadas para a outra pousada, de onde partiriam os ônibus. Acabamos descendo até a outra pousada de carro com a Magally, que havia ido com veículo próprio. Lá só tivemos que pegar nossas malas na *van* e deixá-las na recepção da Casa Amarela até que chegasse a hora de coloca-las no ônibus que nos traria novamente a São Paulo. Ao chegar, vi a *presidenta (montada)* rezando em frente à estátua de Nossa Senhora de Aparecida, na entrada da pousada. Ela declara-se publicamente como devota desta santa católica e estávamos no dia em que se celebra o dia desta santa (assim como o dia das crianças). Tomamos café da manhã e depois ficamos conversando na área da piscina até a hora do almoço, uma feijoada que saiu próxima à uma hora da tarde. Havia vários grupos em torno da piscina e outros espalhados pelos outros espaços da pousada. De modo geral as conversas versavam sobre os eventos do final de semana, de como era ruim ter que voltar para casa, de como tudo tinha sido mágico, sobre a *síndrome da acetona*, sobre o envio de fotos tiradas durante o evento, sobre a autorização ou não da publicação das imagens do final de semana.

Algumas *crossdressers* afirmam passarem por uma *síndrome da acetona* ao se *desmontarem*. Esta *síndrome*, que consiste na *parte triste* de precisar esconder os traços da *montagem* quando as atividades do clube terminam, acontece num momento visto como importante para a preservação do segredo: é preciso limpar bem todos os traços de *feminilidade* e tornar aquela pessoa um *homem acima de qualquer suspeita* novamente. O momento da *desmontagem* é apontado como algo que recoloca a pessoa no seu lugar *cotidiano*, num universo em que não é legítimo um homem desejar se vestir de mulher e é ainda menos válido efetivar este desejo. Nesse contexto, é possível pensar que se *desmontar* é um processo tão importante quanto *se montar*, de acordo com o que pude observar ao longo da minha convivência com as *cds*.

Várias pessoas arrumavam suas malas nos quartos e não ficaram em torno da piscina. Algumas das pessoas aproveitavam a ajuda das *S/O's* ou esposas para remover os traços que restavam da *montagem* do final de semana, como o esmalte das unhas. Ao poucos as maquiagens, roupas e sapatos femininos, esmaltes e perucas iam sumindo e dando espaço a roupas masculinas, carecas, cabelos curtos, cabelos presos.

Em alguns casos ainda era possível ver um resto de rímel que sobrava em torno dos olhos. Algumas ainda matinham suas unhas dos pés pintadas, escondidas sob o sapato.

Uma das associadas, que estava no evento acompanhada da esposa, apareceu no café da manhã de terno e gravada, para agradar. A esposa sabe do *crossdressing* e aceita, mas *não gosta muito da [nome feminino]* como a própria *cd* explica. Então, já que a esposa havia lhe acompanhado ao longo do evento, ela decidiu *se vestir com roupas de homem* (de terno e gravata) para ela na saída. Algumas pessoas acharam o gesto estranho e exagerado (como se fosse algo *para aparecer*), mas ninguém falou nada a ela pessoalmente. Outras pessoas acharam um gesto carinhoso com a esposa e elogiaram. Houve, ainda, quem tenha comentado que com as mudanças corporais pelas quais esta *cd* havia passado (aumento dos seios por causa dos hormônios, assim como suavização da pele e traços do rosto, cabelos longos, unhas compridas, sombrancelhas finas e uma lipoescultura não visível num terno), ela não *passava* mais tranquilamente por homem quando *desmontada*.

Logo após o almoço as pessoas foram para seu quartos para terminar de arrumar suas coisas e começaram a se despedir e ir embora. As que estavam de carro foram as primeiras a ir, seguidas do ônibus para Curitiba, do ônibus para o Rio de Janeiro e do ônibus para São Paulo. As pessoas estavam bastante cansadas e aparentemente muitas pessoas dormiram durante todo o trajeto até São Paulo, onde fomos deixadas no mesmo hotel de que havíamos partido na sexta. Algumas pessoas combinaram de ir para um jantar no *O gato que ri* já que várias pessoas de fora da cidade ainda pernoitariam nela antes de voltar para suas casas. Uma das associadas me trouxe até em casa, onde deixei minhas malas, e segui com ela para o *Le Closet*, onde ela deixaria suas coisas e onde aguardamos pelas outras para o jantar. Estava passando algum jogo de futebol na TV, ou da seleção brasileira ou algum jogo do campeonato estadual, ao qual ficamos assistindo até que fomos para o restaurante para esperar as outras pessoas que chegaram logo depois.

As pessoas já haviam se *desmontado* na pousada, e assim estavam no jantar. Fomos ao jantar Louise Stern (RS), Cris Camps (Diretora de Contatos Reais, RS), Betsy (recém chamada para ser membro do CEA, SP), Patricia Din (Relações Públicas, SP) -, Kelly (Presidenta, SP), Malu (Segunda Dama e Diretora Cultural, SP), Pekena (namorada da Tunica, SP), Tunica (Diretora Secretária Web e Moderadora das listas, PR) e eu. As conversas versaram sobre os eventos do final de semana, sobre

como tudo havia dado certo e, também, sobre algumas sugestões de coisas que poderiam mudar no próximo concurso de *miss*, como, por exemplo, excluir a categoria *voz feminina* já que o clube é de homens que se vestem de mulher. A Kelly estava particularmente emocionada e feliz com o resultado do evento que havia organizado. Segundo ela, este havia dado bastante trabalho e algumas coisas poderiam não funcionar, mas ao final tudo caminhou bem.

Como as pessoas estavam cansadas do final de semana intenso de atividades, o jantar não se prolongou muito e todas voltaram para suas casas ou para o hotel relativamente cedo. Durante a semana seguinte, a lista do clube teve uma intensa troca de e-mails sobre o evento, tanto de relatos de como havia sido bom, de como havia sido difícil voltar para casa e, sobretudo, de agradecimentos das pessoas à Kelly pela organização do evento e da Kelly às pessoas e à participação nele (neste caso, a *presidenta* fez questão de responder um a um dos e-mail enviados pelas associadas à lista). Foi na semana seguinte também que todas receberam os e-mails através da lista com o resultado das provas das *Olim...piadas* e do Miss BCC.

*
* *

O evento descrito foi realizado dentro do Brazilian Crossdresser Club. No caso do BCC, e deste evento em particular, há uma série de coisas que aparecem na forma como o evento se estruturou e aconteceu, assim como nas coisas que as pessoas presentes fizeram ou falaram, que revela modos específicos do funcionamento do clube enquanto um agrupamento de indivíduos que funciona para um fim específico (permitir que um grupo de *homens que se vestem de mulher* possam o fazer, *em segurança*, conjuntamente com outras pessoas que compartilhem desta prática, que a apóiem ou que, minimamente, simpatizem com ela).

Conforme a proposta de Gluckman (1987), seguida por Mitchell (1959), a análise de uma situação social nos permite compreender os modos de funcionamento do grupo observado. Gluckman entende situação social como “... o comportamento,

em algumas situações, de indivíduos como membros de uma comunidade, analisado e comparado com seu comportamento em outras ocasiões” (p. 238). É importante ressaltar que essas situações apresentadas foram descritas conforme pude observá-las e não é possível afirmar que tragam todos os acontecimentos daquele final de semana.

Há elementos que aparecem na descrição dos eventos que falam também dos modos como estas pessoas elaboram o desejo de se vestirem com roupas socialmente atribuídas ao sexo oposto do que o seu. É preciso destacar, ainda, que as relações de afinidade/conflito entre associadas do BCC e seus reflexos na sociabilidade ao longo do evento falam também de outros pertencimentos (estrato socioeconômico, relações familiares e de trabalho). Tais pertencimentos, assim como as formas diversas com que gerenciam suas práticas de *crossdressing*, têm impacto sobre a dinâmica das relações entre as associadas neste e em outros eventos observados. Existem diferentes dimensões de negociação para a prática do *crossdressing*, conforme observei ao longo de minha pesquisa. Diversas coisas ocorridas ao longo do final de semana informam, também, pertencimentos de gênero, geração, classe, entre outros. Ainda, eles revelam como algumas das interlocutoras deste trabalho negociam o fato de *se montar*, ou como não o negociam, com esposas e famílias que sabem e que não sabem desta sua prática. Isso pode ser percebido pelas histórias que contam sobre o que usaram como justificativa para estar ali (viagens de trabalho, de modo geral, o que também fala algo sobre suas vidas *desmontados*).

Gostaria de propor aqui alguns eixos analíticos, de modo a guiar a leitura e estruturar a análise de algumas das negociações sociais empreendidas por homens que praticam *crossdressing*. São esses eixos que nortearam a escrita e estruturaram os próximos capítulos deste trabalho, notadamente: 1) o sistema de classificação intra e extra-grupo e as diversas relações sociais que estabelecem a partir disso; 2) o estabelecimento de relações dentro de um clube criado com o intuito de reunir *crossdressers* e os usos que fazem de certos espaços de lazer e sociabilidade quando *montadas*; 3) como negociam a construção de pessoa e como articulam convenções de gênero a partir da idéia de *estar montada* ou *estar desmontado*; 4) como gerenciam a revelação ou o segredo de que *se montam* nas diversas instâncias de suas vidas. De certo modo, as questões que norteiam a análise perpassam toda a escrita deste texto, tornando-se difícil não perceber que há questões como manejo do estigma, negociações do segredo, construção do gênero, que permeiam todos os capítulos.

Passo então a fazer uma discussão breve de cada uma dessas questões, para depois passar ao próximo capítulo.

Manejo do estigma, noção de desvio e papel do segredo⁴⁸

Um dos eixos analíticos apresentados diz respeito às relações intra-grupo e à produção de diferenças e hierarquias no interior das relações de sociabilidade ligadas à prática do *cding* e, no caso das interlocutoras deste trabalho, dentro do BCC. Assim, tornou-se preciso analisar como se dá esta produção de diferenças e hierarquias no interior dessa sociabilidade e como isso se relaciona com algumas convenções sociais acerca de gênero, sexualidade, classe e idade e das expectativas que um indivíduo carregue ou com as quais deva lidar em razão dessas suas inserções.

Há um jogo de espelhos, que consiste de aproximações e rejeições a certas formas de *vestir-se de outro sexo*, que nos fala sobre o manejo do *estigma* acerca do que fazem. Este manejo nos informa, também, acerca de relações de poder que se estruturam tanto entre pessoas que praticam *crossdressing* como entre as que não o praticam. Em alguns contextos, a própria tentativa de mudar relações de poder que existem na sociedade implica na criação de outras hierarquias, em que haverá indivíduos mais ou menos legítimos e legitimados dependendo de suas diversas inserções sociais. Isto dependerá, também, de fatores subjetivos e de outras questões (como a articulação de questões como gênero, sexualidade, raça/cor, classe, etnia, geração, etc.) que possam ser pertinentes ou não à produção de diferenças em dado lugar ou tempo (sobre esta questão ver Avtar Brah, 2006).

Voltando à questão do *estigma*, é importante frisar aqui que as *cds* não utilizam o termo quando se referem à aceitação ou não da prática do *crossdressing*. De modo geral, ao falarem sobre essas questões remetem-se aos termos *aceitação/preconceito*. Também foi comum utilizarem o termo *normal* para se referirem a quem não praticava *crossdressing*. De qualquer modo, é possível aqui pensar em *estigma* nos termos propostos por Erving Goffman (1975), como *estigma* é um atributo dado a um indivíduo ou grupo em processos de diferenciação que são

⁴⁸ Agradeço a Maria Elvira Díaz-Benitez, Bruno Zilli e Regina Facchini pela leitura e sugestões fundamentais a esta sessão.

estabelecidos dentro de relações sociais. Para Goffman, as situações que envolvem estigma são importantes para a observação e análise do social. Nesse contexto, analisar as formas como as *crossdressers* se relacionam com as normas sociais e com o estigma relativo à prática de *vestir-se do outro sexo* pode ser boa para pensar em certas convenções sociais acerca do gênero e da sexualidade. O estigma, enquanto atributo, pode funcionar positiva ou negativamente, a depender do contexto e das relações em que é acionado. Ainda, por se tratar de algo que diz respeito às relações, o estigma pode ser manipulado e ressignificado, dependendo de uma série de elementos que o indivíduo estigmatizado possa açãoar em suas redes de sociabilidade.

Para compreender essas relações é preciso percebê-las dentro de um jogo de afastamentos e aproximações que tendem a compor lugares sociais mais ou menos aceitos, assim como modos de vida mais ou menos legítimos, dentro de uma dada sociedade. Desta maneira, os elementos distintivos acionados pelas *crossdressers* quando se diferenciam umas das outras também faz parte desse processo social de criação de hierarquias entre diferenças, nas quais elas estariam em lugar privilegiado em relação às *travestis que se prostituem*, por questões que vão do *tipo de montagem* que realizam, passando pela boa posição sócio-econômica em suas vidas de *sapo*, pelo fato de *terem esposas ou serem heterossexuais*. Ainda, alguns desses elementos podem funcionar ou podem ser acionados como formas de defender o que fazem em momentos em que pessoas de fora do meio os discriminam pela prática do *crossdressing*. Este parece ser o caso, por exemplo, das aproximações que algumas *crossdressers* fazem de certo discurso médico-psiquiátrico quando falam sobre o que fazem. Assim, conforme aponta Goffman, mesmo os elementos de acusação e defesa são contigenciais e dependem das relações sociais em que são acionados para funcionarem como atributos que positivam ou não àquele indivíduo nas relações que estabelece em sua vida.

Em certo sentido, as interlocutoras deste trabalho podem ser pensadas a partir da *teoria do desvio*, de Howard Becker (2008). Para o autor, existem as normas sociais, que são criadas por grupos que ostentam maior poder social ou que estão em posição de fazer com que suas normas sejam hegemônicas. Aquelas pessoas que não cumprem essas normas são *desviantes*. Contudo, o *desvio*, assim como o *estigma*, não existe por si só. É preciso que exista uma acusação para que este seja gerado. Assim, o *desvio* depende de um sistema de acusações e classificações entre grupos que possuem mais ou menos prestígio social entre grupos sociais. Para o autor, apenas

aqueles atos considerados como desviantes pelos outros são *realmente desviantes*. O autor chama de *comportamento apropriado* aqueles atos que obedecem as regras e são percebidos pelos outros deste modo. Assim, a um indivíduo *percebido como desviante* haveria algumas possibilidades. A primeira é ser *falsamente acusado*, para o caso de manter um comportamento adequado. A segunda é ser um *desviante puro*, no caso de ter um *comportamento infrator*. Já o *indivíduo não percebido como desviante* poderia manter um *comportamento adequado* ou ser um *desviante secreto*. Ainda, é possível que um indivíduo seja *desviante* das normas sem considerar-se como tal ou, mesmo, que o seja em segredo. Neste caso, haveria o *desvio secreto*, que é aquele em que “... um ato impróprio é cometido, mas ninguém o percebe ou reage a ele como uma violação das regras” (p.32). Assim, o indivíduo que consegue manter em segredo seu desvio não corre os riscos de sofrer as sanções sociais reservadas àqueles que descumprem às normas.

A *teoria do desvio* é uma teoria da interação, sendo que o que está em jogo nela é a acusação, porque é quem acusa que faz do outro um *desviante*. De acordo com Gilberto Velho, a contribuição dos autores chamados *interacionistas* para o estudo do desvio reside justamente em pensá-lo não apenas em termos de indivíduos que possuem algum tipo de *patologia*. Para o autor,

“A noção básica é que não existem desviantes em si mesmos, mas sim uma relação entre atores (indivíduos, grupos) que acusam outros atores de estarem consciente ou inconscientemente quebrando, com seu comportamento, limites e valores de determinada situação sociocultural. Trata-se, portanto, de um confronto entre acusadores e acusados. (...) Os grupos sociais criam o desvio ao estabelecer as regras cuja infração constitui desvio e ao aplicá-las a pessoas particulares, marcando-as como *outsiders*. Sob tal ponto de vista o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa faz, mas sim a consequência da aplicação por outrém de regras e sanções ao *transgressor*⁴⁹” (2003, p. 23-24).

De acordo com Becker, muitos *desviantes* se engajam em *estilos de vida desviantes*, em base a suas próprias percepções de mundo e valores alternativos. Assim, alguns *desviantes* passam a ter seu próprio mapa de classificação, o qual passa, por vezes, a perceber os *normais* como *desviantes*. O autor usa a idéia de *carreira desviante*, que consistiria em ter-se dado certos passos em direção a uma espécie de *ascenção* em seu *desvio*. A idéia de *carreira desviante* merece críticas, contudo. Isso porque um indivíduo pode, por exemplo, ser desviante em alguns

⁴⁹ Grifos do autor.

aspectos de sua vida e não em outros. Isso quer dizer que, em certa medida, nem sempre os desviantes rechaçam as normas que transgridem. É possível encontrar entre desviantes apreço para com as convenções sociais, mesmo que não se enquadrem exatamente nelas, conforme apontam autores como Gilberto Velho (2003), Néstor Perlongher (1987) e Maria Elvira Diaz Benitez (2009). Ou que aceitem certas transgressões mas rejeitem outras. Este parece ser o caso das *crossdressers* que pesquisei, uma vez que em suas vidas de *sapo* mantém ou buscam manter, assim como valorizam uma estrutura bastante normativa quanto a valores e atitudes, ao mesmo tempo em que se engajam, de modo mais ou menos secreto, na prática de *vestir-se do outro sexo*⁵⁰.

Embora exista rejeição ao termo *travesti* por parte da maior parte das *crossdressers*, foi-me relatado que o termo *travesti secreto* era utilizado para fazerem referência a si mesmos/as antes de entrarem em contato com o termo *crossdresser*. De qualquer modo, a palavra *secreto* adicionada ao termo *travesti* já funcionava para diferenciar o que faziam do que as *travestis* faziam (escândalo, prostituição, etc.). As pessoas que aparecem como interlocutoras deste trabalho são homens que se identificam geralmente como *crossdressers* ou *cds*, embora às vezes se comparem a *travestis* ou *transexuais* ou usem tais termos para falarem de si e, em algumas situações, falem acerca da prática sem que necessariamente se auto-atribuam alguma denominação específica. Isso pode ser observado na narrativa do evento apresentado e aparecerá em diversos momentos deste trabalho nas falas das *crossdressers* ou em outros relatos de situações observadas ao longo da pesquisa.

⁵⁰ Esther Newton (1979) propõe uma discussão importante ao formular uma releitura de seu próprio trabalho com *female impersonators* (*drag queens*) norte-americanos ao final da década de 1960. A autora questiona, então, os usos que fez da teoria do desvio para pensar sobre o que as pessoas que pesquisou lhes diziam a partir da perspectiva de que estas eram desviantes e viam o mundo por este viés. A autora se pergunta, algum tempo depois, sobre “quem precisa de uma teoria do desvio? Por quê? Que tal uma teoria da ‘normalidade’? Hoje estas parecem perguntas óbvias, mas ter a coragem de perguntá-las é outra coisa. Se nós realmente examinarmos a ‘normalidade’ ficaremos chocados com o que encontraremos” (p. xv). Assim, Newton confronta-se com seus valores de classe (chegando a afirmar que a “cultura de classe média parece ter construído uma cegueira social, composta pela arrogância”, p. xvii). Questiona então as verdades produzidas a partir dele, que em certa medida obliteraram que ela considerasse efetivamente a explicação de suas interlocutoras sobre o que faziam, e confessa que “estava preparada para encontrar as visões de mundo dos desviantes interessantes, mas nunca considerou seriamente que eles poderiam estar corretos” (p.xvii). Assim, apenas ao reler seu trabalho passou a concordar com as pessoas que pesquisou. Estas já falavam, à época da pesquisa, sobre o quanto a divisão mais fundamental do mundo social era aquela que se dava entre homens e mulheres e, para avançar no debate da autora, naquilo que se espera de cada um deles a partir das convenções estabelecidas de gênero

Algumas das pessoas pesquisadas afirmam que, em outro momento de sua trajetória, pensavam ser *bichas que gostavam de se vestir de mulher* ou se viam como *travestis*. Algumas outras, especialmente as que não se relacionam erótico-afetivamente com pessoas do mesmo sexo que o seu, não costumam identificar-se como *gays* ou *bichas*. Apesar de ser usado como referencial para explicarem o que fazem, aparentemente a rejeição ao termo *travesti* parece sublinhada, especialmente pela associação desta figura ao *mundo da prostituição* e de uma vida marcada por dificuldades como a falta de espaço no mercado de trabalho, privações materiais e sociais e grande exposição a violências e abandonos. Contudo, há aquelas que defendem que *travestis* e *crossdressers* seriam nomes diferentes para se falar da mesma coisa, embora levem em conta o *preconceito* associado à categoria *travesti*.

De qualquer modo, tanto o uso do termo *travesti secreto* inicialmente, quanto o jogo aparentemente paradoxal entre segredo, seu manejo e administração e a vontade de *montar-se* publicamente apontam para a centralidade do papel do *segredo* na vida das *crossdressers*. O *segredo* desempenha um papel importante para a prática de *vestir-se do outro sexo*, uma vez que as *crossdressers* sabem que quem contraria as normas é pego, tem perdas (de *status* social, afetivas ou financeiras). Conforme Georg Simmel (1999), o segredo nos oferece a possibilidade de ter um segundo mundo junto com aquele que é manifesto, e de influências de um sobre o outro.

Para o autor, “no sentido de ocultação de realidades por meios positivos ou negativos, o segredo é uma das maiores realizações humanas” (1999, p. 221). Nesse sentido, “... uma pessoa se faz particularmente notável através daquilo que esconde” (1999, p. 226), ao mesmo tempo em que as relações entre as pessoas repousam na pré-condição de que elas saibam algo umas sobre as outras, mesmo que, em algumas relações, apenas algumas coisas precisam ser reveladas para a outra parte (Simmel, 1906).

Ainda, Simmel argumenta que embora o segredo não esteja diretamente ligado com o mal, este tem uma conexão direta com ele, já que o que se esconde é aquilo que é tido como imoral, mesmo que este não carregue sempre estigma social. Assim, na vida do indivíduo, a característica sociológica das combinações entre segredo e revelação é o conhecimento que os outros têm do que se oculta. Assim, noções como revelação e traição entram em cena, já que, para o autor, “toda relação humana é caracterizada, entre outras coisas, pela quantidade de segredo que nela se encontra e que a envolve” (1999, p. 224). Para Simmel o segredo tem um duplo papel: ao mesmo

tempo em que situações que envolvem alta diferenciação social permitem e requerem um alto grau de segredo, o segredo amplia e incorpora esta diferenciação. De qualquer modo, a vida em geral requer certo grau de segredo e haveria um jogo entre o que deve ser oculto ou explicitado, dependendo de variáveis sociais diversas. Assim, o que se oculta em certos momentos pode explicitar-se em outros, e vice-versa, a depender das relações que se estabelece e aquilo que a manutenção destas requer. Para o autor, enquanto o social abre mão de alguns segredos, se apodera de outros e, nessa alternância, alguma quantidade de segredo sempre encontra-se preservada. Há, ainda, aquilo que pode ser considerado mentira, em que o mentiroso é aquele que não repassa às demais pessoas uma verdade que detém.

Nas relações mais distantes o ocultamento de certas coisas pode ser, mesmo, desejável. O oposto ocorre nas relações mais próximas, uma vez que quanto maior a proximidade torna-se mais importante a ausência da mentira. De qualquer modo, há nas relações entre as pessoas a idéia de que apenas o que não é oculto deve ser conhecido e que aquilo que não é revelado não deve ser conhecido. Para falar dessa questão o autor lança mão da idéia de discrição, que consistiria numa espécie de respeito àquilo que pertence e deve permanecer restrito ao foro íntimo do outro. A idéia de confiança, por sua vez, parte do pressuposto de que embora não se saiba todas as coisas, se conhece o suficiente do outro. O total desconhecimento dos segredos tornaria, nesse contexto, a relação inviável. Em relações muito próximas o segredo tem dificuldades em persistir, seja pela frequência do contato ou pela intimidade, seja pelo desejo de revelar aquilo que se oculta às pessoas com que se tem mais proximidade. De qualquer modo, nesse jogo entre o que se oculta e o que se revela, cria-se alguma importância para aquilo que é contado ou não. É por meio daquilo que não conta que um indivíduo se destaca. Assim, haveria uma contradição em si entre a necessidade de destacar-se socialmente enquanto a produção desta distinção encontra-se justamente na reserva⁵¹.

⁵¹ É possível fazer uma analogia aqui com o assumir-se entre os homens *gays*. Este assumir-se implica na administração da discrição como ética, o que lhes permite continuar com suas vidas sem afetá-la mantendo, inclusive, um capital simbólico dentro de suas próprias redes. Conforme Horácio Sívori, isso se dá no caso de entender o “*assumir-se gay*, pode ser entendido como um processo individual que é negociado no espaço protegido da comunidade de pares. Para o autor, ‘Esse ato manifesta-se como uma necessidade relativa às relações e espaços mais íntimos e seguros: a liberdade é concebida tanto em termos do acesso igualitário a bens materiais e simbólicos que se faz depender de uma desejada visibilização da diversidade sexual, quanto em termos do direito à privacidade da própria intimidade – de fato esta é, simbólica e materialmente, um bem em si’”. (2006, p.5). O mesmo ocorre entre alguns

Embora as *crossdressers* com que convivi ao longo da pesquisa circulem por espaços variados quando montadas, que vão de suas próprias casas, passando por certos bares e restaurantes e indo até outras cidades/Estados, há alguns lugares que foram se mostrando como preferenciais ou centrais para a sociabilidade do grupo. Estes lugares poderiam ser apontados como uma espécie de *zona de conforto* em relação à aceitabilidade, risco de agressões verbais ou físicas, olhares de escárnio e outras situações que poderiam ser embaraçosas. Ainda, são espaços que podem fazer com que uma *crossdresser* se exponha mais ou menos de acordo com aquilo que um indivíduo acredita ser o melhor modo de gerenciar a negociação de segredo inerente ao *se vestir de mulher*.

Ao mesmo tempo, estes lugares indicam certo pertencimento de classe, uma vez que os lugares que freqüentam (restaurantes, bares e, com menos freqüência, casas noturnas) demanda certo fluxo financeiro que não é comum a pessoas que tenham baixo poder aquisitivo. Nesse contexto, posso afirmar aqui que convivi pouco com *crossdressers* que tenham baixo poder aquisitivo, mas isso, ao contrário do que se poderia supor, não quer dizer que elas não existam. O que ocorre é que *crossdressers* com menor poder aquisitivo podem ser menos visíveis, pois circulam menos com o grupo pesquisado ou circulam por outros espaços.

Em certo sentido, a própria idealização do *Brazilian Crossdresser Club* já poderia ser vista como uma tentativa de criar um espaço, mesmo que não-físico, que pudesse fornecer a pessoas que praticam *crossdressing* o conforto de estarem acompanhadas por outras que também compartilham de desejo similar ao seu, assim como a redução de certos riscos de se *ir à rua* montadas. Há, inclusive, uma frase repetida diversas vezes por algumas associadas do clube, que diz que *uma crossdresser não vai a lugar nenhum sozinha*. Esta frase aponta, por um lado, para a questão da segurança quando se sai montada. Por outro lado, e mais centralmente, fala da importância de se ter um grupo de referência e apoio na vivência e prática do *crossdressing*, ao menos em alguns momentos.

Nesse ponto, torna-se importante destacar que a manutenção do segredo que as *crossdressers* sustentam para dar continuidade a suas *vidas duplas* tem um papel ambíguo: ao mesmo tempo em que é mais do que desejável, fundamental, ele é

dos *homens homossexuais evangélicos* pesquisados por Marcelo Natividade (2006) em relação a como administraram a fofoca e o segredo dentro do exercício de suas sexualidades.

.

precário e tem seus limites testados todo o tempo. Assim, não é possível pensar o papel e a manutenção deste segredo sem pensar, também, em elementos como cálculo, risco e desejo. Embora no caso das crossdressers sair montada ou arriscar-se não se dê necessariamente na mesma movimentação para a paquera analisada por Néstor Perlongher (1987), é possível pensar aqui em uma analogia entre os movimentos da *deriva homossexual* analisada pelo autor e o *sair montada/aparecer em público* das *crossdressers*. Haveria uma certa predisposição à aventura em sair montada, que pode levar a situações que divergem do que se havia planejado inicialmente, uma vez que esta saída implica em estar aberto para o novo, o inesperado e a aventura. De qualquer modo, como aponta Perlongher, esta *predisposição a aventura* é compensada por certa *organização do acaso*. Assim, há um cálculo feito para se sair ou não *montada* e na escolha dos lugares pelos quais se circula, nos quais pode-se, ao mesmo tempo, exibir-se e manter-se segura de encontros com pessoas que não devem saber do *crossdressing*. É evidente que as *cds* sabem que há riscos, contudo, de que um encontro indesejado ocorra.

Poderia dizer, aqui, que o *passeio esquizo* do homossexual e do michê (Perlongher, 1987, p. 161), que implica em uma circulação constante entre os pólos do desejo e interesse, acaso e cálculo, apontados pelo autor podem ser utilizados para pensar analiticamente o que fazem as *cds* quando saem *montadas*: nesse contexto, o *passeio esquizo* das *crossdressers* implicaria em entender que, ao mesmo tempo em que desejam sair à rua para serem *olhadas*, elas esperam não ser *vistas* (leia-se *reconhecidas*). Assim, calculam que a escolha de certos lugares e não outros pode lhes garantir a adrenalina de sair à rua *vestidas de mulher* sem o risco de serem vistas por conhecidos que não saibam do *cding*. Ao mesmo tempo em que sabem que há o risco de encontrar alguém por acaso, sentem-se seguras por circularem apenas por um território em que argumentam terem alguma segurança. Assim, tanto nas saídas à rua quanto nas entrevistas à mídia, argumentam coisas como ficarem irreconhecíveis *montadas* e, por esta razão, não correrem riscos ao exibir-se.

As *crossdressers* tendem a elaborar um cálculo complexo – embora impreciso – relativo ao risco de exposição, que implica em circulação por lugares tidos como seguros e pouco frequentados pelas pessoas com que convivem em suas vidas de *sapos*. Não é gratuita a escolha para *sede* do seus encontros *montadas* locais da cidade tidos por elas mesmas como detentores de certa *decadência* (considerando, sobretudo, o fato de serem locais com frequência do *meio GLS* e de pessoas menos abastadas

economicamente) como a Turma Ok, na Lapa carioca, ou o Largo do Arouche, em São Paulo.

Assim a estratégia entre visibilidade e invisibilidade é ambígua e negocia dentro dos parâmetros daquilo que a teoria do desvio enunciou acerca de certos indivíduos que por pertencerem a certas *subculturas*⁵² se distanciam das normas sociais e suas relações com a sociedade a partir delas. Contudo, é importante ressaltar aqui, conforme Perlongher mesmo aponta, que há nuances complexas que matizam este quadro. Assim, apoiado em Matza, o autor tece a crítica à idéia de que haveria uma *subcultura delinquente* subjetcente à *sociedade normal*. Assim, entre normal e desviante, não haveria uma oposição frontal, mas uma deriva. Nesse contexto, parece-me que as *crossdressers* podem ser interpretadas na chave proposta por Perlongher, na qual

“entre crime e não-crime, entre transgressão e lei, as fronteiras são imprecisas, atravessadas por uma multiplicidade de poros. O chamado *desvio* seria, em última instância, uma faixa de indiscernibilidade, uma espécie de *deriva subterrânea* que socava e percorre o mundo normal” (1987, p. 191).

É comum que diversos indivíduos participem, simultaneamente, de modos de sociabilidade tidos como *normais* ou *desviantes*, muitas vezes participando de forma clandestina ou secreta do segundo modo. Quando isso ocorre, um grande número de negociações sociais e jogos entram em cena, para que o indivíduo consiga manter seu *status* em sua vida *oficial* apesar de levar o que poderia ser considerado como uma *vida dupla*. Conforme Perlongher,

“o fato de essas *ambiguidades*⁵³ serem relativamente comuns, não as tornas mais facilmente interpretáveis. Um dos impasses das teorias do desvio e da identidade reside na sua dificuldade em lidar com a *duplicidade estrutural* característica de muitos dos participantes do submundo *desviante*” (1987, p. 192).

⁵² Conforme Perlongher aponta, a idéia de *subcultura* leva a certa homogeneização dos indivíduos que dela fazem parte, o que torna o termo e seu uso questionável. Manterei o uso aqui, contudo, embora entenda que ele não seja exatamente adequado.

⁵³ Simone de Beauvoir (2005), ao tratar da *moral da ambiguidade* dentro do existencialismo, argumenta que a ambiguidade consiste no paradoxo da existência humana. Para Beauvoir, a ambiguidade é o ponto indefinido em que é possível encontrar a humanidade. A humanidade, nesse contexto, é desprovida de certezas ou de qualquer fundamento que seja inquestionável. A existência humana seria, então, intermediada por possibilidades *de ser* diversas que são antagônicas e ambíguas. É a falta de certeza, e não o contrário, que constitui a humanidade enquanto a existência tem, em si, um caráter ambíguo.

Assim, para Perlongher, uma análise ideal nesse contexto seria entender esses indivíduos não tanto enquanto *desviantes* em relação a uma *norma social dominante*, e sim enquanto um *viajante* entre *pontos de ruptura* e de *sutura*. Nesse contexto, a análise se pautaria mais em compreender como aqueles tidos como *desviantes* dialogam com as normas para viverem suas vidas do que vê-los como pessoas que refutam as normas sociais por terem práticas ou desejos que escapem a elas.

Assim, reproduzo para falar das interlocutoras de meu trabalho o argumento de Peter Fry (1987), em seu prefácio ao livro de Perlongher, para falar da centralidade do desejo para compreender as relações entre michês e seus clientes. Embora não fale aqui do desejo sexual, propriamente dito, o argumento de Fry pode ser transposto ao que encontrei ao longo de minha pesquisa. Há um desejo pelo outro (uma mulher), por tornar-se outro – mesmo que um outro idealizado –, que faz com que estes homens dialoguem com um mundo todo ao qual não pertencem em suas vidas de *sapo*. Ao cederem ao desejo de *se montar* e sair à rua *en femme*, as *crossdressers* se unem, mesmo que momentaneamente, a pessoas que lhes são socialmente distantes e que circulam por lugares em que elas provavelmente jamais estariam não fosse a prática de *vestir-se do outro sexo*. Assim, negociam com desejos que podem parecer antagônicos, mas que também nos fazem questionar sobre o quanto, em certa medida, os escapes da *norma* têm efetivamente o lugar de exceção na vida das pessoas. Assim, antes de compreender as *crossdressers* como marginais, é preciso perceber as estratégias e negociações que os mantém em suas vidas *normais*, ao mesmo tempo em que se permitem participar de outros modos de vida tidos como inaceitáveis. Como nos lembra Fry, é preciso pensar sobre os mecanismos sociais que fazem com que os modelos normativos se mantenham ao mesmo tempo em que há espaço para os escapes - que podem ser vistos mesmo como males necessários -, modelos estes que parecem não serem excludentes e, ao contrário, coexistem na vida social.

Capítulo 2 - Crossdressers, Crossdressings

Este capítulo versa sobre diversas manifestações sociais mapeadas por esta pesquisa que têm a ver com o *vestir-se do outro sexo* por aqueles/as que adotam estas práticas ou têm este desejo. Paralelamente, se a principal preocupação aqui fosse colher as representações patológicas sobre esta prática, caberia uma nosografia das classificações da medicina acerca desse comportamento – mais especificamente, da psiquiatria. Assim, caberia aqui o desenvolvimento histórico detalhado das representações médicas sobre *transgeneridade, travestismo e fetichismo* envolvendo *vestir-se do outro sexo*.

Contudo, o objetivo deste capítulo é tomar as representações das próprias pessoas pesquisadas, envolvendo aquilo que percebem ou perceberiam como análogo à sua prática. Na busca por interlocutoras para esta pesquisa, o BCC sobressaiu-se como importante nexo que concentra indivíduos e experiências, mas não foi a única fonte. É preciso considerar a busca realizada através da internet, principalmente por comunidades sobre o tema sediadas na plataforma Orkut, que permitiram encontrar uma miríade de pessoas que em algum grau se identificassem com a idéia de *vestir-se do outro sexo*.

Assim, não apenas no nível das representações que são consideradas análogas pelas interlocutoras, mas da descrição do próprio processo de pesquisa, cabe relatar a diversidade de interpretações e apropriações que existem sobre este desejo de *se montar*. Esse levantamento primário diz respeito à própria metodologia inicial da pesquisa, que procurou lançar um olhar amplo em busca do que seria *crossdressing* numa definição mais genérica, e as representações que existem em torno dele (como por exemplo a idéia de *crossplay* ou a de *feminização* no BDSM). Posteriormente, o foco em um tipo de praticante que reivindica para si uma identificação centrada unicamente na prática do *crossdressing*, ainda que esta seja percebida como em conflito com outras categorizações como *gay, homossexual, travesti* ou *transexual*, caracteriza o elemento central ao redor do qual essa pesquisa se constrói. Ainda assim, é válido entender o que há de específico nas práticas que são aproximadas do *crossdressing* e o que há nelas que as distingue dele – como parte do próprio processo de definição de si através da diferenciação pelo outro: da mesma forma como

dialogam principalmente com categorias médico-científicas, as interlocutoras desta pesquisa dialogam também (ou reconhecem a existência) destas práticas análogas.

Mesmo que pautada na idéia de fazer uma pesquisa procurando por pessoas que compartilhassem uma prática de se vestir do *outro sexo* sem pensar inicialmente em termos classificatórios mais fechados, não é possível passar ao largo do papel desempenhado por esses termos para as pessoas pesquisadas. Os termos classificatórios se organizam não apenas como um instrumento que possibilita falar de si, mas também como chaves que funcionam como formas de distinção entre diferentes grupos e pessoas e, eventualmente, formas de hierarquização entre eles (ou seja, além do falar de si, possibilita falar sobre o outro, assim como se diferenciar ou aproximar dele).

Como as categorias classificatórias utilizadas por essas pessoas não são sempre fixas, torna-se necessário pensá-las em relação a outras categorias com que estes grupos se identifiquem ou não. É comum no discurso de algumas dessas pessoas falas que revelam que a categoria utilizada para falar sobre si não é fixa ao longo de suas trajetórias individuais e que, nem sempre, deixam de ter significado estratégico dependendo do contexto em que são acionadas. Isso pode ter uma maior ou menor variação de acordo com o acesso a informações a respeito do vestir-se do *outro sexo*, seja via contato com alguma militância, com textos *científicos* ou o acesso a textos auto-biográficos de pessoas que compartilham desta prática, que podem ser acessados por meio da internet. Por vezes, a própria tentativa de fixar o significado de uma ou outra categoria identitária aparece nos discursos das informantes como uma tentativa de normatizar a prática do *crossdressing*.

Para algumas das pessoas que sentem desejo por vestir-se com roupas socialmente atribuídas a *outro sexo* ou *outro gênero* o desejo de *se montar* ou *se vestir* e a efetivação dele constituem-se em importantes experiências, algo que é descrito como singular para suas auto-estimas, suas auto-imagens e para sua percepção enquanto uma *pessoa completa*. A experiência de ver-se *produzido/a* é descrita por seus/suas praticantes como incomparável, capaz de proporcionar um alto grau de contentamento. Contudo, a prática ainda é alvo de diversos preconceitos e, nesse contexto, muitas pessoas acabam tendo que negociar com várias dificuldades, para além do desejo e dos prazeres que estão relacionados com a prática.. Isso envolve tratar a prática como algo que deve permanecer apenas no privado e, preferencialmente, em segredo.

Esse processo é permeado por dúvidas e angústias, parte delas relacionadas à equação de questões cotidianas e à concretização do desejo de vestir-se do *outro sexo*: como realizar esse desejo e como operacionalizar as coisas para torná-lo algo que possa ser efetivado são questões freqüentes. Do mesmo modo, decidir para quem se pode contar e como contar, lidar com os riscos da falta de aceitação e com as crises morais relacionadas ao sentir o desejo e efetivá-lo também surgem como dilemas.

As histórias sobre como e quando começaram a se montar também são variadas. Algumas *crossdressers* contam que vestir roupas de mulher é algo que já lhes despertava interesse desde a infância, ao mesmo tempo em que, desde muito cedo, também sabiam que aquilo seria visto como algo *errado* e, nesse contexto, deveria permanecer oculto. Outras relatam que a adolescência foi o momento em que começaram a sentir vontade de se montar, e aproveitavam os momentos em que estavam sós em casa para brincar com os armários de suas mães, irmãs ou tias. Há também homens que só na vida adulta passam a se interessar pelo *crossdressing*, como o caso de uma das interlocutoras de minha pesquisa que descobriu que queria se montar bem depois dos filhos tornarem-se adultos e de tornar-se avô.

Outros/as *crossdressers* pesquisados/as são aqueles/as que têm *blogs*⁵⁴ ou estão em comunidades sobre o assunto no *Orkut*. Houve contato com *crossdressers* também através de comunidades do *Orkut* que reúnem mulheres conhecidas como *Supportive Opposites* ou *S/O's* de homens que praticam *crossdressing*, ou seja, que ajudam estes homens, *grosso modo*, neste processo; e comunidades do *Orkut* e páginas da internet que tratam da prática de dominação feminina (*FemDom*) no BDSM ou de um tipo específico de *cosplay* chamado *crossplay*. O campo compreendeu, ainda, observações em lugares como bares e restaurantes que *crossdressers* - do BCC ou não - frequentam quando estão *montadas* no Rio de Janeiro e em São Paulo, assim como em pousadas em que se reúnem para eventos fechados do BCC.

Embora eu não esteja observando estritamente o universo BDSM ou do *cosplay*, ambos permeiam este trabalho, uma vez que algumas das interlocutoras com quem venho conversando também têm contato ou circulam por esses espaços. De modo geral, algumas *crossdressers* têm contato com o meio BDSM diretamente,

⁵⁴ Trata-se de uma página na internet que funciona como uma espécie de diário virtual. Na maior parte das vezes, o espaço para a página prescinde de qualquer tipo de pagamento e sua manutenção é bastante simples, demandando apenas conhecimentos básicos do uso de internet, o que faz com que os *blogs* sejam ferramentas bastante acessíveis.

enquanto no caso do *cosplay* o contato se dá através de filhos/as que participam deste universo. Também estão presentes neste campo, embora com entrada mais periférica e pontual, *transexuais* e *travestis*, sobretudo aquelas ligadas à militância LGBT, ou que têm alguma inserção no *meio crossdresser*.

O espaço da militância também foi observado, uma vez que também influencia a produção, discussão e disseminação de categorias identitárias que são apropriadas (nem sempre com o mesmo significado) pelas pessoas que se vestem do “outro sexo”, embora os dados da pesquisa apontem até o momento que as crossdressers têm pouca ou nenhuma inserção dentro de movimentos sociais quaisquer. De qualquer modo, essas pessoas não poderiam ser entendidas dentro deste campo do mesmo modo que os outros grupos citados anteriormente, por apresentarem diferenças significativas nas formas como se vêem, como vêem o modo como produzem seus corpos e a si, assim como em relação ao lugar social e político que ocupam.

Dentro destes diferentes grupos, os tipos de montagem são variados tanto em grau de publicização da prática quanto em graus de intervenção e mudança corporal. De qualquer modo, as conversas que tive até o momento revelam que trânsitos são freqüentes entre um e outro grupo, o que implica pensar que as categorias relativas à prática de *crossdressing* são fluídas e dinâmicas, assim como acionadas de modos variados em momentos e contextos diversos. Assim, embora as pessoas pesquisadas lancem mão de um conjunto de classificações correntes nas suas falas acerca de si, essas categorias classificatórias acionadas são contingenciais e, arrisco dizer, porventura estratégicas.

Em diversos momentos, foi possível perceber que acontecia certa disputa de significados entre *transexuais*, *travestis* e *crossdressers* que faziam parte do universo pesquisado. Isso se deu, sobretudo, nos últimos meses da pesquisa, em que uma série de conflitos entre esses grupos passou a se evidenciar nas discussões das listas do BCC. Esses conflitos versavam sobre o que, no limite, significava *se vestir de mulher* e o que essa prática fazia das pessoas, no final das contas. Algumas falas, bastante embasadas em discursos vindos da sexologia (alguns referidos como *aprendidos em cursos de formação em psicanálise*, outros aprendidos em *anos de terapia* e outros através de *leituras diversas de coisas oriundas da psicologia*), tensionavam essas relações. Depois de um tempo, apenas as pessoas que mais dialogavam com esse ou aquele *discurso científico* continuavam a se manifestar nas listas a respeito do tema.

De modo geral, essas pessoas se identificavam em maior número como *travestis* e, em menor número, como *transexuais* - embora as discussões geralmente se pautassem em conversas entre pessoas que se classificavam através dessas duas categorias identitárias. As pessoas que se identificavam como *crossdressers*, em sua maioria se eximiam dessas discussões e, nas poucas vezes em que as criticavam ou as questionavam, sobretudo dizendo que aquela conversa não lhes dizia respeito, eram silenciadas com discursos sobre a *verdade científica* ou eram chamadas de *preconceituosas* e acusadas de tentarem *excluir travestis e trans do clube*. Com o passar do tempo, as *crossdressers* pararam de se manifestar a respeito e a discussão sobre o que é, no final das contas, *vestir-se de mulher* e sobre quais classificações seriam mais ou menos adequadas para o grupo (a discussão sobre *transgeneridade*, mais notadamente) tornou-se uma conversa a respeito de quem *tinha coragem de assumir sua transgeneridade* e não se *escondia sob o nome de crossdresser*.

Com relação às *transexuais*, especificamente, quando iniciei o trabalho de pesquisa o grupo estava voltando a aceitá-las formalmente como membros. Isso não queria dizer que as pessoas que se identificassem como transexuais tenham se distanciado absolutamente do clube durante esse período que antecedeu minha entrada em campo. No entanto, o que assinalou a retomada da receptividade a essas pessoas foi um convite realizado pela diretoria do clube para que duas *trans*, expulsas alguns anos antes, retornassem ao clube, no primeiro grande evento a que assisti. A idéia era marcar o início, então, de uma nova fase, em que mazelas anteriores deveriam ser superadas. Durante certo período, conta-se, algumas *trans* foram *postas para fora* e *impedidas de associar-se*. As razões para a expulsão nunca ficaram muito claras nas falas que ouvi a respeito, mas eram referidas como relativas a tensões existentes entre *crossdressers* e *transexuais* em épocas anteriores.

Naquela época, as *GG* também tinham pouca ou nenhuma inserção no grupo, seja enquanto *simpatizantes* ou enquanto *S/O's*. Embora atualmente a participação delas seja um pouco maior, fruto da mesma política de diretoria que trouxe as transexuais de volta ao clube, espera-se das *GG* que não opinem nas questões que *não lhes dizem respeito*, apesar disso não ser dito publicamente. Suas participações são muitas vezes vistas como intromissão, o que pode ser observado quando, em algumas conversas sobre as participações e/ou intervenções das *S/O's*, as *GG* são tidas como inadequadas, sobretudo por *não terem se dado conta de que aquele é um clube para crossdressers*.

Embora a existência de tensões com *travestis* e *transexuais* seja evidente também, como mencionei acima, e aponte para questões diferenciadas que norteiam suas formas de olhar para si mesmas, não se pode dizer que *transexuais* e *mulheres GG*, por mais que *transexuais* estejam neste contexto dentro de uma categoria mais ampla de *mujer*, estejam no mesmo lugar. Enquanto as transexuais se vêem como *mulheres tão mulheres quanto as GG*, as *crossdressers* não as vêem deste mesmo modo. Isso é evidenciado, sobretudo, pela forma como são vistas as intervenções e falas das *trans* em relação às das *S/O's*. Nesse contexto, as *transexuais* ocupam no grupo um lugar de fala privilegiado, o qual não é dado às *GG*. Isso talvez aconteça porque as *trans* são entendidas, nas visões que têm sobre si enquanto *grupo*, como que compartilhando com as *crossdressers* um ponto de partida comum, especificamente *nascer homem e vestir-se de ou sentir-se como mulher* de algum modo.

Outro ponto de tensão é aquele que põe em evidência a aproximação/rejeição da homossexualidade no grupo estudado. Um dos estereótipos mais comuns que cerca a prática de *crossdressing* está relacionado ao fato de que, em nossa sociedade, há uma associação entre usar roupas *do outro sexo* à idéia de ter práticas homossexuais. Embora seja comum que as pessoas do clube procurem desassociar os *crossdressing* da homo, hetero ou bissexualidade, afirmando que estes desejos são de ordens diferentes e não têm correspondência direta entre si, isso não as torna imune a uma certa associação com *as bichas*.

Esta relação é delicada, pois ao mesmo tempo em que as *crossdressers* têm uma inserção e convivência no *meio GLS* que possivelmente outros homens heterossexuais de suas relações que não *se montam* jamais teriam, as *cds* se constróem também em oposição à idéia de homossexualidade. Isso faz, também, com que aquelas *crossdressers* que se identificam como *homens gays* quando *desmontados* tenham um espaço de circulação mais restrito no grupo e sejam vistas como perigosos ou ameaçadores, em alguns momentos. As *crossdressers* que exclusivamente só *ficam* com homens, independente de estarem *montadas* ou *desmontadas*, são, por vezes, questionadas quanto à legitimidade/autenticidade de seu *crossdressing*, assim como são vistas como potencialmente perigosas por serem vistas como que detentoras de uma lascividade exacerbada inerente aos *gays*.

Evidentemente, a associação com a homossexualidade está presente nas falas sobre o *crossdressing*, como em uma das primeiras conversas com uma interlocutora que imediatamente dispara: *Pode perguntar o que você quiser. O que você quer*

saber? Se é tudo viado? (Diário de Campo, 01/12/2007), ou no aviso que encerra a descrição de si de outra *cd* no *Orkut*:

“Sou uma Crossdresser - O que é isso ? Na verdade não gosto muito desses termos americanizados... mas na falta de um melhor... ou se preferir a sigla ‘CD’.

Somos normais, graças a Deus, com um detalhe de sermos homens no nosso dia a dia, afinal é ele quem sustenta nosso lado feminino, mas gostamos de tudo que uma mulher gosta. Ah!... e não têm nada a ver com nossa opção sexual.” (acesso em 12/06/2008).

Embora existam *crossdressers* que se relacionam erótico-afetivamente preferencial ou exclusivamente com pessoas do mesmo sexo, a identidade auto-atribuída que se encontra mais comumente no campo é a *heterosexual*. No caso das pessoas que se relacionam tanto com homens quanto com mulheres, até o momento é bastante incomum que alguém se auto-defina como *bisexual*, embora seja possível ouvir referências a outras pessoas como *fulano/a é bi*. As pessoas, em geral, costumam dizer que *gostam de um pouco de tudo* ou que *tanto faz*, mas não se classificam utilizando um termo específico para falar sobre o que fazem.

Com relação especificamente à associação entre *crossdressing* e homossexualidade, Marjorie Garber argumenta que embora as histórias do *transvestismo* na cultura ocidental estejam coladas à história da homossexualidade e da identidade gay,

“assim como ignorar o papel desempenhado pela homossexualidade pode ser um risco para uma compreensão profunda das implicações sociais e culturais do cross-dressing, restringir o cross-dressing ao contexto de uma identidade gay e lésbica emergente é arriscar ignorar, ou deixar de lado, elementos e incidentes que parecem pertencer a muito diferentes léxicos de auto-definição e exposição cultural e política”.⁵⁵ (1992, p. 4-5).

Homossexualidade, heterossexualidade e bisexualidade vêm sendo entendidas como orientações do desejo sexual. A orientação [do desejo] sexual seria, nos termos de Fernando Cardoso, “... as muitas possibilidades do prazer. Assim, orientação sexual não é o mesmo que prática sexual (aquilo que as pessoas fazem no sexo) nem que identidade sexual (como as pessoas se sentem ou são nominadas a partir de suas práticas sexuais)” (1996, p. 7). Assim, um/a *homossexual* seria uma pessoa cuja

⁵⁵ Tradução livre do inglês.

orientação do desejo sexual (não necessariamente suas práticas) é direcionada a pessoas do mesmo sexo que o seu, um/a *heterossexual* seria uma pessoa cuja orientação do desejo sexual (não necessariamente suas práticas) é direcionada a pessoas do sexo oposto ao seu e um/a *bisexual* seria alguém cuja orientação do desejo sexual (não necessariamente suas práticas) é direcionada a pessoas dos dois sexos.

Contudo, vale lembrar, citando Peter Fry & Edward MacRae acerca da homossexualidade, que “... não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade e que as idéias e práticas a ela associadas são produzidas *historicamente* no interior de sociedades concretas e que são intimamente relacionadas com o todo dessas sociedades” (1983, p. 3). O mesmo argumento, penso, pode ser estendido para hetero e bisexualidades. A questão é, se o desejo pode ser visto como algo que é construído historicamente, que *se faz, sendo* (Maluf, 2002) torna-se difícil falar em qualquer uma dessas categorias sem entender o significado específico que ocupam dentro de um sistema simbólico específico. Nesse contexto, parece-me que o conceito de *orientação sexual*, por fixar essas categorias, acaba por não dar conta da complexidade e variedade de possibilidades que lhes é inherente.

Embora a discussão sobre homo, hetero e bisexualidade permeie diversas conversas e seja importante para o grupo, até para fugir da idéia que associa se vestir de mulher à homossexualidade, nessas conversas pude aprender que as classificações herméticas sobre sexualidade pouco conseguem dizer sobre o que as pessoas fazem. A noção de uma identidade linear e coerente, que pode ser útil no caso da reivindicação política, torna-se limitada para entender essas pessoas, assim como uma definição mais fechada mesmo do que é *crossdressing* e do que faz com que alguém pertença a outras categorias de *travestilidade* ou *transgeneridade* associadas a *travestis* e *transexuais*. A mensagem de correio eletrônico abaixo fala um pouco desta relação:

“De: Marcia Rocha
Assunto: Label mania
Para: bcc-real
Data: Sexta-feira, 11 de Setembro de 2009, 20:14

Travesti? Ai, ai ai... de jeito nenhum!!! Sou crossdresser. Ou, talvez, transexual. Afinal, não quero ser vista como aquelas prostitutas peitudas, bundudas, siliconadas até nas sombrancelhas, com cabelos nas cinturas em cima de saltos 20.

Não, eu não, que eu sou chique!!! Estudei em colégio de padre, falo um inglês bacaninha e fiz curso superior. Tá certo que foi em Itaquera, mas e daí? Namorei umas mina na escola, outras no colégio, outras na facu.

Arrumei um belo emprego, casei, tive dois filhos e aguentei o chefe até hoje, justamente pra segurar essa onda toda.

Uso umas calçinhas debaixo do terno, vez ou outra roubo a sandalinha da minha senhora e dou uma reboladinha no espelho. Cá entre nós, fico bem lindinha!!! Mas sou macho, isso é só brincadeira.

Nunca sequer sonhei em ficar com um homem. Quer dizer... teve aí uns pesadelos umas vezes, com uns cara me pegando por trás ... mas isso não conta porque era pesadelo, né? Acordei toda molh...suada, agoniada...!!!

Gosto mesmo é de mulher e disso não tenho dúvida. Dava 5 por semana na patroa religiosamente, se é que se pode misturar religião nisso aqui, quando casei. Hoje não dá mais, né? 10 anos de casado... sabe como é. Mas não posso ver uma bonitona na rua que já fico todo ouriçado... aqueles cabelos, aquelas pernas... aquela sandália lindaaaaa!!!!...ops!

Traveco gosta é de homem. Já ouvi falar de travesti sair com outra travesti, até com mulher.. mas não acredito não. Travesti sim, é viado, é bicha, gosta de homem, de dar o fiofó. Travesti com mulher? Onde já se viu? Tá certo que travesti vive mesmo é de ser ativo. Dizem que tem uns que viram macho na hora e que até assustam. Será? Não acredito. Pra mim, é tudo fruta. Podre!

Se tiver que escolher um rótulo, sou crossdresser. Transexual, acho que não sou. Afinal, não quero cortar nada. Mas preferia ser transexual a travesti. Cortava e virava mulher, mas travesti não quero ser.

Já pensaram? Uma travesti com um curso superior de primeira, que gosta de mulher, com filhos, empresária, falando 3 línguas, culta e fina? Hahahahahaha. Ridículo! Isso é coisa de crossdresser.

Bjs,

MARCIA ROCHA - !!!DEMAIS!!!

TRAVESTI COM MUITO ORGULHO”

Há distinções entre o que estas nomenclaturas significam e/ou representam em contextos diversos e, tanto nas formas de apresentação de si, de como essas pessoas se pensam e dos graus de intervenção corporal a que se submetem ou desejam se submeter. Nesse sentido, os significados apontados ao longo deste texto não devem ser tomados como fixos, imutáveis ou como categorias adotadas e/ou acionadas sem sentido estratégico ou contextual por algumas pessoas. Isso diz respeito tanto às auto-classificações quanto à sexualidade como quanto ao gênero.

Embora as pessoas do grupo afirmem usualmente que são *hetero* ou, mais raramente, *bissexuais*, ou seja, operem com estas classificações, a prática do *crossdressing* tende a deslocar o significado dessas categorias, sobretudo quando associada a determinadas práticas sexuais. Há toda uma relação complexa que envolve com quem se *transa* quando se está *montada* ou *desmontado*, o que se faz *na cama* num ou outro contexto ou, mesmo, uma série de práticas que até podem ser nominadas eventualmente pelas pessoas como *fetichistas* em que o *sexo com que se nasce* – o seu ou o da outra pessoa com quem se está relacionando - faz pouca ou

nenhuma diferença. Também, algumas práticas como *dar a bunda*⁵⁶ (ou seja, ser passivo/a numa relação sexual) não fazem muito sentido dentro de uma ótica embasada em classificações identitárias estanques. Afinal, qual a orientação sexual de uma mulher que *come*⁵⁷ um homem vestido de mulher?

Ainda, no que diz respeito às formas como as pessoas se classificam em termos de suas próprias identidades, elas tendem a descrever longamente o que fazem para explicar o que são. As categorias identitárias são acionadas nessa descrição, mas há todo um jogo complexo entre com quem se *transa*, como se *transa*, o que se faz ou não nesses momentos, como as pessoas se identificam a partir disso e, também, como são identificadas pelas outras pessoas do grupo a partir de suas práticas. Isso poderá ser percebido nas falas das pessoas que contribuíram com este trabalho praticamente ao longo de todo meu texto.

O propósito deste capítulo é, nesse contexto de aproximações e distanciamentos em relação a pessoas ou categorias de classificação, compreender melhor os significados que a prática do *crossdressing* assume dentro de um jogo complexo de classificações, acusações, discussões (por vezes acaloradas) e negociações estabelecidas dentro do grupo pesquisado em torno desse tema.

2.1 Alguns tipos de cds: reais, virtuais, de armário ou do Xuxu

Em diversos momentos, uma das interlocutoras mais frequentes deste trabalho afirmou que, *se for perguntar para as pessoas do clube [BCC] o que é crossdresser, cada uma vai dizer uma coisa diferente*. Esta fala aponta para o fato de que há distinções intra-grupo que são importantes nas classificações de formas diferenciadas de pensar ou viver o *crossdressing*. Em alguma medida, essas classificações também implicam em diferentes (auto)reconhecimentos, assim como diferentes níveis de legitimidade dentro do grupo. Algumas categorias auto-classificatórias inerentes às falas das pessoas pesquisadas aparecem como um mapa que auxilia a localizar lugares específicos no contexto estudado. Isso acontece, sobretudo, porque há diversos modos

⁵⁶ *Dar a bunda, dar ou comer* são expressões bastante utilizadas pelas pessoas com que conversei ao falarem sobre determinadas práticas sexuais, sobretudo o sexo anal.

⁵⁷ Ou *penetra* lançando mão do uso de acessórios ou dedos. Falarei mais sobre esta prática na última sessão deste capítulo.

de experienciar o *crossdressing* e isso faz com que, de certa maneira, algumas *cds* busquem legitimar aquilo que fazem diferenciando-se do que outras pessoas, que utilizam o mesmo termo em referência a si mesmas, fazem.

Conforme já dito, há diversas formas de praticar *crossdressing*, com graus variados tanto em termos de tornar a prática pública, quanto em graus de intervenção e mudança corporal. Algumas *crossdressers* se *montam* só para ficar em casa, algumas apenas usam um ou outro acessório ou roupa (um salto, uma calcinha, uma saia), outras se *montam* por completo (com roupas, acessórios, saltos, perucas e maquiagem). Enquanto algumas contam para famílias, cônjuges e amigos/as, outras mantém este lado de sua vida em absoluto segredo. Algumas depilam o corpo todo, algumas deixam o cabelo crescer, algumas fazem unhas e sobrancelhas, outras apenas mascaram os traços da masculinidade quando *en femme*, através de truques que vão aprendendo ao longo de suas vidas e de sua experiência de *se montar*.

A *montagem* das *crossdressers* é eventual, tem uma temporalidade própria, e isso implica em entender que elas têm uma espécie de *vida dupla*: há a *vida montada* e a *vida desmontada*, as quais, na maior parte dos casos, estão absolutamente dissociadas uma da outra. De qualquer modo, é necessário que se busque entender como diferentes modos de praticar *crossdressing* se articulam e estão representados dentre as pessoas pesquisadas, através das nuances e especificidades relatadas por quem circula por esse meio. Também é importante sublinhar que nem todas elas concordam com ou apreciam as distinções internas do grupo. Ouvi, em alguns momentos, *crossdressers* dizerem que algumas classificações, como a de *real* ou *virtual*, para mencionar somente uma, é *ridícula e não quer dizer nada. Só serve pra dar status a gente que quer ser mais importante do que é*.

Ativas, Inativas, Reais e Virtuais

Como o BCC se organiza sobretudo pela internet, seu site desempenha uma função central para que se conheça o clube⁵⁸ e seu funcionamento e para que se divulgue informações sobre o *crossdressing*. É também através dele que alguém que tenha interesse pode e deve associar-se: mesmo que uma pessoa já seja anteriormente

⁵⁸ Embora algumas investidas em entrevistas para a TV e para jornais tenham se consolidado recentemente como outra estratégia adotada. Falarei desta estratégia no Capítulo 5.

conhecida do grupo, ela é instruída a preencher uma ficha de cadastro no site e passar por todas as instâncias regulares para se tornar uma associada.

Antes de se preencher o cadastro é recomendado que se leia o *Regimento Interno* do clube, até para que seja traçado um mapa de que tipo de respostas podem levar a candidata à aprovação ou não de seu pedido⁵⁹. Ainda, outra regra importante é explicitada no site : “todas as Associadas devem utilizar nome e sobrenome fantasia ou ‘nome artístico’ do sexo oposto. O endereço de email deve conter o nome que a associada adotou de forma resumida ou por extenso.” Apesar deste aviso, na ficha de inscrição não se pede o *sexo* da nova associada. O que se pede apenas é como se identifica acerca de sua *transgeneridade*.

Todas as fichas são submetidas, após o envio, a CEA (Comissão de Ética e de Avaliação), que tem um prazo de cerca de quarenta dias para julgá-las,. Esse prazo nem sempre se cumpre e, por vezes, a demora gera reclamações nas listas, normalmente vindas de associadas que conhecem quem pediu associação. Certa vez, houve atrito na lista porque uma associada descobriu o *blog* de uma *crossdresser*, onde reclamava por nunca ter recebido resposta ao seu pedido de associação.

Após o julgamento pela CEA, as pessoas aprovadas são cadastradas na lista de discussão chamada “Fórum Virtual do BCC” e passam ao quadro de *associadas virtuais* do clube. Além do acesso à lista, a biografia da nova associada passa a ser disponibilizada na página do BCC. Como esta se encontra em processo de reformulação e, portanto, não é atualizada desde o início de 2008, desde que passei a ter contato *real* com o clube as biografias não foram mais atualizadas (nem sob a forma de inclusões e nem sob a forma de exclusão⁶⁰). Quando a nova página entrar no ar, diz-se, as fichas que já estão no site, as das associadas aprovadas no período em que não houve atualização e a das então novas associadas também serão publicadas lá, como acontece na versão atual.

De acordo com as informações do site do BCC, o quadro de associadas está composto basicamente de *Associadas Ativas* e *Inativas* e de *Associadas Reais* e *Virtuais*. As categorias “oficiais” do clube aparecem na página da seguinte maneira:

⁵⁹ O Regimento Interno encontra-se no Anexo I. O regulamento de inscrição e a página que leva à ficha de cadastro encontra-se no Anexo II. A ficha de cadastro encontra-se no Anexo III.

⁶⁰ Falarei sobre alguns pedidos de exclusão da página do BCC quando dissertar sobre o impacto que entrevistas dadas pela diretoria à mídia provocou em algumas associadas do clube.

“ASSOCIADAS ATIVAS são aquelas que possuem um endereço de email ATIVO para o qual possa ser remetido periodicamente um Boletim Informativo do BCC ou email de confirmação. Ter o email ativo é obrigatório, mas não é obrigatória a participação nos grupos de correio eletrônico coletivo.

ASSOCIADAS INATIVAS são aquelas que por algum motivo estão com a sua caixa postal inativa ou que não efetuaram o pagamento da taxa de manutenção da inscrição, que poderá vir a ser cobrada.”

Embora esta participação nos fóruns não seja obrigatória, ela é estimulada constantemente e tida como desejável, até porque as listas são o meio mais importante de comunicação do clube. A menos que se seja uma associada que participe bastante dos encontros presenciais do clube, as que nunca se manifestam na lista são vistas como *inativas*, o que conduz a algum descrédito quanto a *praticarem mesmo crossdressing ou serem apenas curiosas* ou, mesmo, em relação a *terem coragem mesmo para se montar* ou não. Estar cadastrada no clube com um endereço de e-mail com a caixa lotada ou que não funcione mais, assim como não verificar sua caixa de e-mails regularmente, pode render o desligamento do clube a quem estiver menos atenta nas fases de recadastramento. Nesses momentos, apenas as associadas que respondem ao e-mail de recadastramento permanecem ligadas às listas do clube.

Há, ainda, a ameaça de desligamento caso não se pague a *semestralidade* do clube, como é comumente chamada no grupo. Embora as conversas sobre pagamento dessa taxa sejam frequentes, há anos ela não é cobrada – o que não impede que possa passar a ser exigida em qualquer momento. Também há uma série de debates sobre quem deve ou não pagar a taxa: se as *reais* apenas ou as *virtuais* também – não se espera que as *GG* a paguem.

“ASSOCIADAS REAIS são aquelas conhecidas PESSOALMENTE por uma ou mais associadas do BCC e que tenha sido vista MONTADA, ou seja, devidamente produzida como uma mulher, quando do sexo masculino, ou como um homem, quando do sexo feminino. O contato pessoal exclusivamente com a indumentária do sexo de nascimento não coloca a associada na categoria de REAL. Diz-se que as associadas reais cruzaram o PORTÃO⁶¹. A partir de outubro de 2004 as associadas reais devem contribuir com uma semestralidade não obrigatória. Assim, a categoria de Associadas Reais ficou subdividida em Associadas Contribuintes e Não Contribuintes. As associadas Reais contribuintes podem participar de EVENTOS programados pelo BCC e as associadas não contribuintes não podem.

⁶¹ Embora aqui o termo utilizado seja *Portão*, nas conversas entre associadas, nos diplomas expedidos, e na lista de e-mails o termo utilizado é sempre *Portal*. Mesmo no site do clube, o termo utilizado geralmente é o segundo.

ASSOCIADAS VIRTUAIS são aquelas não conhecidas pessoalmente por pelo menos uma associada que esteja na condição de ASSOCIADA REAL. Diz-se que as associadas virtuais cruzaram o PORTAL 1.”

Como é possível perceber, a idéia de passagem por um *portal* é importante dentro desta distinção e funciona quase como um passo-a-passo na vivência do *crossdressing* dentro do clube. Perguntei a uma associada de onde havia surgido esta idéia de portal. Ela relatou-me que foi idealizada por uma integrante do *Rio Ladies*, que faleceu pouco antes de eu estreitar contato com o grupo e era *das antigas*. Esta associada, Diana Maria, é geralmente lembrada como alguém que foi muito importante para o desenvolvimento do clube, assim como era uma pessoa que mantinha boas relações com todas as outras. De acordo com o que me foi dito, ela era também uma pessoa *muito mística* e foi de *susas crenças em deuses e espiritualidades* que surgiu esta idéia. Embora no site do clube isso não seja mencionado, conta-se que havia, para Diana, ainda, um *Portal 3*. Para ela, as duas formas de cruzá-lo seriam mais definitivas: com a morte ou transformando-se de fato em mulher.

A idéia de cruzar o *Portal 1* refere-se ao ingresso no clube, que seria um primeiro passo rumo ao *sair do armário*. Já o segundo passo, e o mais importante, é cruzar o *Portal 2*, que consiste em tornar-se *real*. O maior número de associadas, evidentemente, encontra-se dentro do primeiro grupo e poucas delas acabam efetivamente tornando-se *reais*. Mesmo dentre aquelas que se tornam *reais*, poucas são as que participam mais ativamente do grupo.

Há regras no clube para que se faça a passagem de um *portal* a outro. Estas são, talvez, as regras consideradas com o maior zelo dentre todas. Isso se dá porque trazer uma nova associada para o BCC *real*, implica não apenas a exposição da novata, mas também das associadas mais antigas que se dispuserem a encontrá-la inicialmente. Como já mencionado, para ser admitida como associada *virtual*, por exemplo, uma *crossdresser* deve preencher um cadastro no site do clube, que será submetido à apreciação do CEA. Este processo acontece virtualmente, através de deliberação realizada via lista de discussão desta Comissão. O processo de passagem ao *Portal 2* implica colocar-se, necessariamente, de forma pública enquanto *crossdresser*. Este processo funciona de forma mais rápida ou mais lenta, dependendo de como a pessoa gerencia de antemão o fato de sair em público *montada*. Ainda, para as associadas virtuais isto pode acontecer em dois passos: primeiro comparecer

de *sapo* em um encontro marcado em algum bar ou restaurante com outras *crossdressers* que também estarão de *sapo*, ocasião em que se acertará os detalhes do segundo passo, que pode ser inclusive realizado na mesma ocasião. Geralmente, contatos por telefone são realizados para agendar este encontro, realizado em local público mesmo por questões de segurança.

O segundo passo que envolve a passagem para o *Portal 2* inclui montar-se com suas próprias roupas, peruca, sapatos e acessórios (a maquiagem pode ser realizada por um maquiador contratado para a ocasião) e ir a algum lugar público *montada*. Este lugar geralmente é algum dos restaurantes frequentados habitualmente pelas associadas do clube quando estão *en femme*. Esta passagem confere acesso à lista de e-mails conhecida como *BCC Real* e é acompanhada de uma mensagem de boas vindas⁶², à qual estará anexada uma cópia de seu *diploma de real* (ver exemplo a seguir), expedido pela Diretoria de Contatos Reais.



[*Diploma de Real* enviado ao Fórum BCC Real em 25 de março de 2009⁶³]

Algumas associadas já eram conhecidas pessoalmente por membros do BCC antes de fazerem pedido de inscrição no clube. Dois espaços têm sido fundamentais para o processo de angariar novas associadas que já saem em público *vestidas de*

⁶² Mensagens de boas vindas e apresentação também são enviadas quando as pessoas ingressam em ambos os fóruns, para avisá-las de que estão cadastradas - e às demais associadas de que há gente nova chegando.

⁶³ O projeto gráfico do diploma foi elaborado por Paula Andrews, uma das fundadoras do BCC, que não é mais associada ao clube.

mulher independente do clube: um é o *Xuxu Bar e Karaoké*⁶⁴ e outro o *Studio Dudda Nandez*⁶⁵. Durante a pesquisa, foi inaugurado um terceiro espaço, uma loja cujo público alvo eram as *crossdressers* e que se chamava *Sex Lingeries*. Embora a loja tenha fechado sua sede física cerca de seis meses depois, ela ainda existe de forma virtual⁶⁶. De modo geral, poucas pessoas do quadro de *reais* do BCC frequentam de fato qualquer um desses espaços, embora o *Xuxu* tenha sido e ainda seja o que conta com uma adesão maior de integrantes do grupo⁶⁷. De qualquer forma, algumas pessoas da diretoria do clube adotaram a estratégia de ir a esses lugares, sobretudo aos encontros mensais realizados pelo *Studio Dudda Nandez*, que se chama *Cross Day & Friends*⁶⁸.

Acabei não participando de nenhum desses encontros por questões contingenciais. De qualquer modo, nas últimas edições, uma das diretoras do BCC decidiu passar a ir a estes encontros para trazer mais gente para o clube. Algumas pessoas de fato associaram-se ao clube, sendo que a maior parte delas, inclusive, acabou escolhendo esta mesma diretora que as levou ao clube como *madrinha*⁶⁹. As madrinhas geralmente são escolhidas por afinidade e, nem sempre, são as pessoas que apresentaram a nova associada ao clube. O papel de *madrinha* funciona como o de uma tutora, que deve orientar sua *afilhada* no que for necessário. De qualquer modo, essas orientações também podem ser solicitadas através dos *fóruns real* e *virtual*, assim como em conversas privadas com outras associadas. As *GG* podem apresentar uma nova associada ao clube, mas não podem ser *madrinhas*.

⁶⁴ Ver <http://www.xuxukaraoke.com.br>.

⁶⁵ Este Studio tem como forma principal de divulgação o orkut, uma lista de divulgação por e-mail e um blog (<http://duddanandez.blogspot.com/>). Mais recentemente, o blog deu lugar a uma página , onde são divulgadas as atividades daquele espaço (<http://www.duddanandez.com.br/>), que vão de conselhos sentimentais a depilação completa, passando por serviços de *montagem*, assim como o aluguel de trajes, perucas e acessórios e a venda de produtos cosméticos.

⁶⁶ Ver <http://www.sexlingerries.com.br>.

⁶⁷ Falarei sobre estes e outros lugares ao longo do texto.

⁶⁸ Até o mês de abril de 2009, dez edições do encontro foram realizadas. Para participar é necessário pagar uma taxa de R\$ 35,00. No encontro são oferecidas coisas para comer e beber, as pessoas trocam experiências sobre seu *crossdressing*, algumas tiram fotos *montadas*, algumas *se montam* com recursos próprios e outras com os recursos oferecidos pelo salão. Neste segundo caso, a utilização de roupas e acessórios do salão ou quaisquer intervenções estéticas são pagas à parte.

⁶⁹ O mesmo tipo de apadrinhamento aparece no trabalho de Monica Siqueira (2004) que pesquisou *travestis* na faixa dos 59 aos 79 anos, no de Larissa Pelucio (2005) sobre uma rede de *travestis* que fazem programa e de Fernanda Cardozo (2006) sobre *travestis* que adotam crianças de suas redes de relações, criam filhos/as biológicos/as ou adotivos/as ou, ainda, apadrinham *travestis* mais novas às quais chamam de *filhas*. No caso das madrinhas do BCC, nunca ouvi nenhuma chamar suas afilhadas por outro termo que não este. Eventualmente referem-se a si mesmas como *dinda*, um termo de conotação afetuosa utilizado comumente para se referir à madrinhas.

As cds Xuxu e as cds de armário

O *Xuxu Bar e Videokê* é uma casa de entretenimento *GLS* que se localiza em um bairro de classe média alta da zona sul paulistana⁷⁰ e existe há cerca de oito anos. Este bar é conhecido como um lugar “bom para” *crossdressers*, embora sua freqüência seja variada e o local se divulgue como *GLS*. Os espaços de sociabilidade *GLS* são vistos e frequentados como *friendly*, em relação aos *lugares hetero*. Nos *lugares hetero*, argumentam, correriam riscos de serem ofendidas, mal tratadas ou, mesmo, agredidas. Além disso, são lugares que também podem ser frequentados por pessoas de suas relações *de sapo*, as quais poderiam tirar o seu *crossdressing* do *armário* caso fossem reconhecidas. Isso não quer dizer que vejam os *lugares GLS* como acolhedores. Para algumas, esses lugares só as aceitam porque aceitam seu dinheiro, ao mesmo tempo em que se constituem em bons lugares para irem pela garantia de segurança (de suas identidades e contra alguma forma de violência).

A Xuxu⁷¹, dona do bar, é geralmente referida como *crossdresser*, embora já existam conversas de que ela agora se identifica como *trans*. Ela usa seus cabelos lisos compridos, pintados de vermelho. Tem a pele muito alva e usa óculos de grau. Geralmente veste-se com um jeans ou saia, botas e uma baby look ou um *corset*. A maquiagem dela costuma ser leve e os cabelos estão sempre soltos. De modo geral, a Xuxu está sempre *vestida de mulher* quando está no bar. Apenas em uma das várias vezes em que lá estive ela não estava muito produzida, mas mesmo assim usava botas femininas com salto, blusinha *baby look* e uma calça jeans feminina apertada. Uma interlocutora de meu trabalho relatou, porém, que da última vez em que lá esteve (um sábado, sem festa temática) a Xuxu estava *desmontada* e havia apenas duas *cds vestidas*, das quais uma era ela mesma. De qualquer modo, ela não me disse o que significava *desmontada* neste contexto. Talvez fossem os trajes compostos por roupas femininas que eu citei acima como uma produção mais simples.

O bar tem acesso um tanto restrito via transporte público, sendo quase obrigatório que se vá até ele de carro. E estrutura da casa é simples e comporta um ambiente dividido em algumas áreas. As paredes são pintadas de um tom de vermelho

⁷⁰ Apesar da localização, o preço da entrada é baixo, R\$ 8,00. O preço das bebidas é o regular de casas noturnas que não são tidas como “tão caras”, com a lata de cerveja custando cerca de R\$ 4,00.

⁷¹ Geralmente as pessoas se referem à Xuxu para falar da dona do bar e ao Xuxu para falar do estabelecimento.

escuro e o ambiente interno é um tanto lugubre, exceto pela parte da entrada e a parte interna do balcão do bar e do caixa, que são um pouco mais iluminadas. Logo à esquerda da porta de entrada fica alguém recepcionando as pessoas, geralmente a esposa do Xuxu ou um segurança, que distribui as fichas de consumação e anota o nome de quem entra na ficha e num caderninho. Nesta área, há um espaço entre portas quase do tamanho da pista de dança/palco, que geralmente fica vazio ou que, quando a casa está muito cheia, abriga grupos de pessoas em pé. Ao fim dela, há a porta que dá acesso à área interna do bar. Logo à esquerda, pode-se ver o caixa, seguido do balcão do bar, onde as pessoas devem ir buscar seus *drinks*, apesar de, bem eventualmente, as mesas contarem com o serviço de garçons ou garçonetes. Cerca de três ou quatro pessoas executam esta função e, quando a casa está muito cheia, a Xuxu acaba trabalhando um pouco no bar. Em frente a este balcão, há uma área ocupada por mesas, geralmente bastante disputadas pelas pessoas que frequentam a casa.

Eventualmente, algumas mesas também são dispostas na área da pista de dança, geralmente na altura do fim do balcão do bar, até o palco, que fica no canto esquerdo, ao final deste cômodo. O palco é um degrau mais alto que a pista de dança e geralmente é ocupado pelas pessoas que se apresentam no videokê da casa. Do lado direito do palco, uma parede de tijolos de vidro o separa da entrada dos banheiros. A entrada que dá acesso a eles fica ao fim da cabine de *dj*, que se estende na lateral direita da pista de dança. A primeira porta é a do banheiro masculino e a segunda do feminino. Na parede ao fundo, ao lado da entrada do banheiro feminino, uma pia com espelho. A cabine de som/do *dj* geralmente é ocupada pela esposa da Xuxu e é onde devem ser entregues os pedidos de músicas para cantar no videokê (o que é feito gratuitamente).

Quase sempre o número de “cds” que vão ao Xuxu é pequeno, com algum aumento em noites de festas temáticas, geralmente com motes como *Festa Cabaret*, *Noite Cigana*, *Arraiá do Xuxu*, *Halloween*, *Noite da Pomba-Gira*, *Uma Noite no Inferno*, *Festa do Contrário*, etc. De qualquer modo, dentre todas essas festas, a atualmente mais famosa, com duas edições, vem acontecendo anualmente e chama-se *Festa do Fetiche*, em que as pessoas são convidadas a comparecerem à festa com indumentárias que combinem com a temática proposta. Na *Noite da Pomba-Gira* foi sugerido que as pessoas vestissem roupas nas cores vermelho, preto e dourado, enquanto na *Festa Cabaret* as pessoas deveriam vestir-se com roupas de dançarinas

de can-can, por exemplo. O uso de *dress-code* não é obrigatório nesses eventos, mas é recomendado. Vestir-se dentro do *dress-code* é o mesmo que fazer uso de uma indumentária que tenha o estilo adequado ao evento a que se está indo. Na *Festa do Fetiche* o uso do *dress-code* implica descontos ou isenção de pagamento da entrada. Em sua segunda edição, chamada de *Os Prazeres da Rainha* (que aconteceu em setembro de 2008), o convite, cuja divulgação aconteceu via comunidade do *orkut*, lista de e-mail do bar e via site teve o texto abaixo, que foi assinado com diversos nomes de reis e rainhas (os donos do lugar e outras/as frequentadoras/as habituais do local):

INFO OFICIAL - "Os Prazeres da Rainha"

Venho comunicá-los de que a Rainha convida a todos do Reino Xuxu Karaokê a comparecer à celebração da segunda Festa do Fetiche!!! "Os Prazeres da Rainha" acontecerá no dia 27 de setembro do ano de 2008 à partir das 23:00! O comparecimento com o traje adequado será recompensado com isenção de impostos!!! Os artistas do Reino estão convocados a mostrarem seus fetiches. O FETICHE que conseguir agradar às Rainhas receberá um convite para assistir à Outra Rainha no Sticky & Sweet Tour à ser realizada no Reino do Morumbi! Arauto especialmente convidado para a noite: DJ Elfo.

Traje: Fetiche (Ver Dresscode abaixo)

Quanto: R\$ 0,00 (Dresscode), R\$ 15,00 (1/2 Dresscode) e R\$ 30,00 (Sem Dresscode). Aceitamos cartões de DÉBITO!

Proibida a entrada de menores de 18 anos (Apresentação obrigatória de documento com foto na portaria)

Dresscode: Fetiche: Caracterização em couro, latex, vinyl, nylon, metal, etc. Sadomasô: Couro, latex ou vinyl com acessórios S/M. Trajes de época: Vitoriano, medieval, etc. Uniformes: Enfermeira, bombeiro, militar, empregada francesa, etc. Nudez não será permitida! Peças de roupas como: jeans, bermudas, t-shirts, etc. (roupas casuais) = Sem Dresscode!!!

Performance: O sistema de karaokê não estará funcionando na noite! As performances deverão ser feitas de forma a mostrar um FETICHE, conforme o Dresscode! Prêmio para o Fetiche que mais agradar às Rainhas: 1 ingresso para o show da Madonna para o dia 20/12 no valor de R\$ 300,00! A trilha musical para a performance deverá ser fornecida pelo participante! Inscrições: www.xuxukaraoke.com.br.

Embora o uso de *dresscode* implique um investimento financeiro muito maior do que pagar a entrada, a adesão a ele costuma ser grande, sobretudo entre as *crossdressers*. Dentre as *lésbicas* que são frequentadoras a adesão ao *dresscode* não ocorre. Para algumas das *crossdressers*, uma festa como esta consiste em uma oportunidade única de sair *montada* com justificativa para isto. Ainda, como as *crossdressers* costumam competir entre si quanto às roupas que mandam confeccionar, uma festa como esta é uma oportunidade também de se sobressair sobre

outras *crossdressers* que estarão lá, o que é tido como desejável para algumas delas. Note-se no convite, com relação ao *dresscode*, que há uma regra explícita sobre não aceitação da nudez. O aviso possivelmente é dado porque em algumas festas cuja temática também é fetiche a nudez (parcial, quase sempre) é tida como uma espécie de *dresscode* (que geralmente conta menos como *dresscode* que o uso de traje adequado à proposta temática da festa). Infelizmente, embora houvesse muito burburinho acerca desta festa por parte das pessoas do *meio crossdresser* com que estava combinando de ir, não pude observá-la por conta de desistências de última hora (seja porque as pessoas não podiam ir, porque estavam cansadas da semana de trabalho, porque não tinham conseguido providenciar um *dresscode* ou porquê as outras pessoas com que haviam combinado de ir a festa tinham mudado de planos). Vale mencionar que tanto a chamada das festas quanto seus *flyers* fazem referência a certa estética *sadomasoquista*, o que implica reconhecer que há certo contato e fluxo entre pessoas e lugares em que se pratica *crossdressing* e BDSM.



[Flyers das duas edições da Festa do Fetiche do Xuxu Bar e Videokê]

Estive no Xuxu em algumas ocasiões. Na primeira vez, uma sexta-feira, havia um grande número de mulheres e alguns rapazes. As mulheres pareciam, de modo geral, formar casais ou estar em grupos de amigas, algumas casadas entre si. Como o local tem como atração central o videokê, era nesse formato de “casal” ou “turma” que as pessoas cantavam no pequeno palco localizado no fundo do bar. Quem mais adere ao videokê são as *lésbicas* e *gays* (estes mais raros no bar e no uso do microfone) e é bastante raro ver uma *crossdresser* no palco cantando. De modo geral, alternam-se momentos de videokê com música mecânica. As músicas são variadas. No videokê geralmente opta-se por um repertório de músicas românticas ou *pop* nacionais/internacionais e sertanejas. Nos momentos de música mecânica, geralmente alterna-se *pop rock* nacional com algumas músicas internacionais dançantes da década de 1980 e alguma música *pop* nacional ou internacional. Nos momentos de som mecânico, algumas pessoas fazem uso da pista para dançar. Dependendo da música que se canta no videokê, a platéia costuma cantar junto, aplaudir a apresentação ou parar para assisti-la. Caso contrário, o comum é que não se preste atenção em quem canta.

Na segunda vez em que estive no bar, um sábado, havia uma festa com a temática *cabaret*. Nessa ocasião, a Xuxu, estava *de menina*. Exceto ela, pude notar mais quatro ou cinco *meninas montadas*. Nessa festa, havia algumas pessoas vestidas de acordo com o *dresscode* sugerido, de modo geral usando roupas que lembravam muito a representação de cortesã do século 19. Havia alguns/algumas anões e anãs também a caráter, que fizeram uma performance com dança, fora do palco, em dado momento da noite e pareciam ser contratados para tal. De qualquer modo, talvez fossem apenas frequentadores, já que em outras ocasiões pude ver algumas dessas pessoas em noites regulares do estabelecimento.

Apenas uma *crossdresser* estava vestida com roupas temáticas da festa, e estava acompanhada por um grupo de amigos (aparentemente *gays*) e amigas de cerca de seis pessoas, todas também com roupas temáticas. Talvez por estar montada para a festa e querer exibir sua produção, esse grupo ficou o tempo todo em frente ao palco. Havia outra *cd*, também na faixa dos 20 e poucos anos que estava com dois amigos, também aparentemente *gays*. Ela não ficava tão em frente ao palco como a primeira, mas andava bastante pelo bar, especialmente os arredores do balcão onde se servem as bebidas. Outras duas *cds*, na faixa dos 35 aos 40 e poucos anos, estavam juntas, encostadas em um canto do balcão, e interagiam apenas entre si ou com os

funcionários da casa. Essas duas, além de mais “na delas”, circulavam pouco pelo espaço da casa e vestiam-se com roupas mais sóbrias quase em um visual anos 1980, com perucas de cabelo castanho escuro e cortes daquela época⁷².

As outras vezes em que fui, estava acompanhada de integrantes do BCC e as interações de modo geral se mantiveram restritas ao grupo com que eu havia ido. Apenas uma vez, os contatos se expandiram para um outro grupo de cerca de quatro *cds* que lá estavam, algumas conhecidas de pessoas da turma com que fui. Estas *meninas* eram de uma faixa etária cerca de quinze ou mais anos inferior a das *cds* com que convivi a maior parte do tempo no BCC. Durante todo o tempo em que conversamos com elas no *Xuxu*, as *S/O's* que fazem parte do clube e que estavam presentes ficaram tentando convencê-las a se cadastrar no clube. Nas semanas seguintes, todas entraram no clube dentro da categoria *virtual* e, logo após, ao menos três delas passaram a *reais*. Dessas, apenas duas costumam ir, mesmo que esporadicamente, a algumas das *cd sessions* e eventos maiores do clube. Embora elas tenham entrado no clube rapidamente, isto não se deu sem ficar evidente uma distância significativa entre suas formas de praticar *crossdressing* com aquela das pessoas mais ativas do BCC. Isso ocorreu sobretudo por questões relativas à sexualidade, já que algumas se identificavam abertamente como *gays*. Também entraram em jogo questões de classe social e poder aquisitivo dentre aquelas que se identificavam como heterossexuais, fatores que traziam uma distância grande entre as associadas mais ativas do clube e as menos ativas ou estas novatas. Ouvi, também, *crossdressers* que mantinham uma relação um pouco mais distante do clube, embora associadas, porque não se identificavam com o encaminhamento das coisas no BCC ou com o estilo do clube, como ir a restaurantes caros ou só ir a lugares como restaurantes e bares tidos como *mais parados*. Esta distância também parecia estar mediada por especificidades próprias de pertencimento a classes e gerações diferentes.

Do lado do BCC, era comum ouvir, nos momentos em que pessoas do clube se reuniam, as *cds Xuxu* ou *do Xuxu*, e as *de Armário*. As *cds Xuxu* seriam aquelas que não costumam frequentar lugar nenhum, ou encontro algum organizado pelo BCC, mas que costumam ir a esse bar. Eventualmente, essas categorias eram colocadas lado a lado, como que sinônimas. Em outros momentos, admitia-se que as meninas que

⁷² Caberia aqui dizer que este visual é provavelmente o preferencial para aquelas *cds*, e não tem relação com a temática da festa em que estávamos.

frequentavam o Xuxu ao menos saiam *montadas* em público e que, nesse contexto, não poderiam ser apontadas como se estivessem *dentro do armário*.

As *cds de Armário* seriam, de modo geral, descritas como aquelas que se *montam* apenas em contextos como a própria casa, motéis ou longe dos olhos de outras pessoas. Por vezes, aparecem nas falas como pessoas que não compartilham este segredo com ninguém ou, eventualmente, apenas com alguma namorada ou namorado. De qualquer modo, é comum que esta categoria seja utilizada para fazer referência as *meninas* que saem *montadas* somente para ir *ao Xuxu* ou que estão apenas na *internet* – tanto no *orkut* ou outros sites de relacionamento, como em salas de bate papo⁷³. Dessas, inclusive, desconfia-se de que talvez nem mesmo tenham se *montado* em algum momento. Outro traço das *cds* identificadas como *de armário* é o fato de que estas não têm roupas, maquiagens e outros acessórios *seus* para *se montarem*.

É preciso dizer, contudo, que essas classificações são contextuais e parecem, por vezes, ser parte de um jogo de acusação entre as *crossdressers*, que faz de algumas “mais legítimas” que outras em situações específicas (pois, por exemplo, nem toda *cd* deseja fazer parte do BCC). Torna-se evidente nos discursos das interlocutoras dessa pesquisa que *sair vestida* é um passo difícil e importante para uma *crossdresser*, já que se constitui numa situação de exposição, em que podem ser alvo de discriminações e preconceitos ou, mesmo, podem *ser vistas* e reconhecidas por alguém que não as deveria ver.

Frequentar os eventos do BCC é visto como algo desejável para quem se associa. É ainda mais desejável para aquelas que já *se tornaram reais*, ou seja, estiveram presentes em algum dos eventos do clube. Os principais eventos do BCC são o MISS BCC (que ocorreu em 2008 após uma pausa de 8 anos), o HOLIDAY EN FEMME (geralmente chamado de HeF, é o maior evento do clube, que acontece anualmente em uma pousada ao longo de um final de semana), o SÓCIA DO MÊS (outro evento retomado no final de 2008 e que não ocorria desde 2000) e as CD SESSIONS (festas particulares dos membros do clube, como os aniversários ou ocasiões em que se reúnem para saírem *vestidas de mulher*). Os eventos são, de modo

⁷³ Para uma análise de interações em salas de bate-papo da internet que contam com a participação de *crossdressers* ver, Vítor Grunvald (2006). O autor relata que buscava regularidades nos discursos das pessoas que participavam destas salas, as quais dariam sustentação para uma *identidade crossdresser*. Contudo, o que encontrou foi uma gama bastante ampla de motivações para a prática, que podiam ir de sexuais (*se vestir de mulher para transar*) a quaisquer outras (aproximar-se do universo feminino, por exemplo).

geral, abertos a *simpatizantes*, *S/O's*, amigas/os, etc. Apenas o HeF é mais restritivo quanto ao acesso de pessoas: apenas crossdressers e suas *S/O's* podem comparecer.

O assunto da ausência das associadas, mesmo as que se comprometem a ir aos eventos e acabam não comparecendo, é tema frequente de conversas nos encontros presenciais e nos discursos da diretoria do clube ao longo desses eventos. Esta ausência é apontada como falta de coragem de sair vestida e acompanhada de outras *cds* e/ou falta de compromisso para com o clube. Mas, para se tornar *real*, não basta apenas ir às festas. É necessário também que se vá a estes eventos *vestida de mulher* e fazendo uso de roupas, acessórios, perucas e sapatos que sejam da pessoa que os veste. Não que as *crossdressers* não possam emprestar coisas umas às outras ou que esses empréstimos não sejam comuns. A idéia subjacente a esta regra é, na verdade, que a pessoa perca o medo de ter suas próprias coisas e que forme seu *armário* (ou mala). Comprar as coisas necessárias para se vestir de mulher é uma questão importante. Várias *crossdressers* tentam comprar pela *internet*, o que não necessariamente funciona, já que acontecem erros de numeração ou, por vezes, a peça não cai tão bem quanto se imaginava. Isso acontece também com compras realizadas em lojas comuns quando não se tem a possibilidade ou a coragem de provar o que se escolheu. Comprar as coisas necessárias também envolve uma questão de administração do segredo: o que fazer com as coisas quando ninguém sabe que se tem essa prática? Como e onde esconder/guardar? Ainda, comprar roupas, acessórios e afins demanda um gasto com algo de difícil acesso (roupas de mulher ou sapatos que tenham tamanhos *para homens*) e que se constituem num dispêndio difícil de justificar.

2.2 Crossdressing FtM (female-to-male)

Embora tenha sido comum ouvir referências a *crossdressers FtM* (female-to-male ou de mulher para homem), ao longo do trabalho de pesquisa não estive em contato com nenhuma. Apenas tive contato com discussões nas listas de discussão, referência a este tipo de crossdressing no site do BCC e via brincadeiras pontuais ou referências esparsas nas falas de pessoas daquele clube. No caso das brincadeiras, em um evento do clube que ocorreu em meados de janeiro de 2009 (ao qual não estive

presente), a esposa e *S/O* de uma das associadas compareceu à festa do sábado à noite (geralmente a mais importante desses eventos), vestida de homem, o que gerou algumas brincadeiras na lista de discussão do clube na volta do evento, como o fato de dizerem que *o bofe que acompanhava a associada era lindo, que estavam com inveja* e que *era para a associada ficar de olho senão roubariam seu bofe*. Uma *S/O* me contou também, certa vez, que encontrou uma mulher na fila do banheiro de uma festa de temática fetichista⁷⁴ e, em uma conversa sobre roupas, contou a ela gostar de se vestir de homem. Apesar de ter um marido que pratica *crossdressing*, a *S/O* não revelou o fato à moça.

De qualquer modo, as conversas sobre mulheres que praticam *crossdressing* sempre são carregadas de um tom jocoso desfavorável a esta prática, tida como *mau gosto* (geralmente nas falas das *crossdressers*) ou *sem graça* (nas falas de *crossdressers* e *S/O's*, estas segundas quando provocadas a se vestirem com trajes masculinos). As roupas masculinas, para o grupo, são tidas como *feias, básicas demais, sem graça e sem charme*. Isso pode ser explicitado por opiniões como a de uma associada, que foi apoiada por outras, na lista virtual do clube, em que ao debater um ensaio fotográfico realizado por uma atriz da Rede Globo que “se vestiu de homem”, disse “sem comentários... simplesmente... brochante... mas curioso” (29 de abril de 2009). Outra associada responde, referindo-se ao namorado da atriz na vida real, que já havia se travestido para um ensaio fotográfico: “Prefiro o Cauã de Courtney Love... Muito mais sexy” (29 de abril de 2009). Ainda, outra associada responde ao mesmo e-mail de modo a reforçar os traços da feminilidade da atriz, reafirmando o fato de ela ser mulher e apontando certa impossibilidade da atriz de representar de alguma maneira uma personagem *verdadeiramente masculina*, uma vez que é *muito feminina*: “Não adianta... podem colocar até um piu piu nela e fazê-la andar de cueca por aí... sempre será a Grazzi, essa menina linda e meiga que ela é...” (29 de abril de 2009).

Alguns dias depois, outro ator da mesma emissora encarna o papel de Marilyn Monroe na clássica cena do filme “O pecado mora ao lado”, de 1955. Na cena, o vento da grade do metrô de Nova York levanta a parte inferior de seu vestido branco esvoaçante, deixando, assim, as pernas da atriz, que tenta segurar as saias, expostas. O assunto do *crossdressing* da atriz global volta então à baila na lista do clube: “Mas ele

⁷⁴ A festa ocorre mensalmente em São Paulo e chama-se Projeto Luxúria. Ver: <http://www.projetoluxuria.com.br>.

está muito melhor do que a Grazi vestida de homem. É uma cena clássica e que todas gostariam estar no lugar dele” (06 de maio de 2009), mensagem respondida por outra *crossdresser* que diz: “Concordo e concordo...” (06 de maio de 2009).

Durante o período em que realizei a pesquisa, de qualquer modo, foram poucas as referências a mulheres que praticam *crossdressing*. Depois que já não estava mais fazendo pesquisa, uma nova associada do clube iniciou um tópico de discussão na lista do clube sobre a presença de *crossdressers FtM* no clube (ou sua ausência, para uma abordagem mais precisa aqui), partindo da idéia de que o número de associadas havia crescido bastante nos últimos meses, que optei por reproduzir a seguir

“--- Em seg, 23/3/09, Sonia Cateruni escreveu:

Não, Letícia - eu quis dizer mulheres que se vestem de homem.
Sapas⁷⁵, por assim dizer. Credo, “sapa” é horrível.

Beijo!

Sonia

--- Em ter, 24/3/09, Leticia Lanz escreveu:

Afff... Mulher que se veste de homem só se for executiva de multinacional em crise existencial (rs rs rs)!

Beijo

Lê

PS1 - a existir tal monumento de mau gosto (e o pior é que existe!) acho que o nome seria râ... sapa é de lascar!

PS2 - mulher tem tanta liberdade pra se vestir e pra fazer o que quiser no mundo de hoje que se se vestir inteirinha de homem e for desfilar no São Paulo Fashion Week vão dizer que é lançamento para a próxima estação...

--- Em ter, 24/3/09, Sonia Cateruni escreveu:

Quando conheci o Bcc, achei que contemplava qualquer pessoa que gostasse de se vestir de modo independente...

Por algum motivo, achei que existiam no clube mulheres que curtiam se vestir com roupas masculinas - mau gosto à parte.

(Ontem, na TV, o tradutor do livro do abade Choisix lembra que, na época, vestir-se de mulher não representava um gosto por vestimentas adornadas e exuberantes - as roupas masculinas estavam à altura).

Mas enfim: estava enganada!

Beijo

Sonia

--- Em ter, 24/3/09, Marcia Rocha escreveu:

Sonia, parece que já houve uma cd FtM no clube, mas não pegou. Como a Leticia diz, mulher não "agride" a sociedade ao usar uma calça jeans, um tenis e um boné. Assim, elas não necessitam de apoio ou estar

⁷⁵ O termo *sapa* aqui se refere a mulher que pratica *crossdressing* quando *desmontada*, em contraposição ao termo *sapo*, usado para fazer referência ao homem praticante de *crossdressing* quando não está *montado*. Dentre mulheres homossexuais é comum que o termo *sapa* apareça como uma categoria que funciona de modo a ressignificar e deixar *mais leve* as expressões comumente tidas como ofensivas *sapata/sapatão* (sobre o uso desses termos entre mulheres que se relacionam erótico-afetivamente com mulheres ver Aguião, 2007, Facchini, 2008 e Lacombe, 2005).

em grupo para sair à rua. Essa é a principal razão de não haverem mulheres GG transgêneras entre nós. Se aparecer alguma, será bem recebida.

Beijos,
MARCIA ROCHA - !!!DEMAIS!!!
TRAVESTI COM MUITO ORGULHO

--- Em ter, 24/3/09, Cristina Camps escreveu:

Houveram duas, uma de Sampa, cuja foto está em anexo comigo e com a Paula no HEF de 2003, e outra de Fortaleza. Ambas não estão mais no clube.

Beijos,
Cristina Camps



[Registro da participação de um *crossdresser FtM* no HeF 2003.
Imagen enviada ao Forum Virtual do BCC em 24 de março de 2009]

--- Em ter, 24/3/09, Sonia Cateruni escreveu:

Bonitinha! Parece a Marina Silva⁷⁶.
Acho que seu eu fosse FtM eu ia de militar, também. Ou algo em uniforme. A Letícia tem razão.
Beijo!
Sonia”

Foi comum, ao longo desta pesquisa, ouvir das interlocutoras falas que remetiam à idéia de que seria muito mais fácil para uma mulher vestir-se de homem que o contrário, geralmente falando que às mulheres é dado este direito e, porque a sociedade é preconceituosa, aos homens não. É interessante pensar que ao falar que

⁷⁶ Marina Silva foi ministra do Meio Ambiente no Brasil de 2003 a 2008.

uma mulher pode usar calças e ninguém fala nada não se preste atenção no fato de que não é qualquer *boné, calça e tênis* que podem, de fato, ser usados por mulheres, assim como não é algo possível para qualquer mulher, com qualquer corporalidade ou performance de gênero (Butler, 1999), fazer uso de roupas e acessórios femininos e ser socialmente aceita.

A idéia de que as mulheres *passam batidas* é comum também quando se fala de certas representações sobre a homossexualidade feminina. De acordo com Silvia Aguião, que pesquisou cor, mestiçagem e homossexualidades numa favela do Rio de Janeiro, “existe uma representação mais ou menos generalizada de que a homossexualidade feminina é mais tolerada do que a masculina, pois seria a que ‘menos se mostra’.” (2007, p. 87). Por outro lado, tanto o discurso sobre a aceitabilidade da mulher que usa calças ou da homossexualidade feminina desconsidera amplamente àquelas mulheres que sofrem violências verbais ou físicas porque sustentam publicamente sobre seus corpos símbolos associados à masculinidade. Nesse contexto, a experiência de certas mulheres masculinizadas indica que a idéia de que mulheres conseguem circular melhor e sofrem menos preconceito quando se *vestem de homem* pode ser ilusória. Isso pode ser observado na pesquisa de Regina Facchini (2008) acerca de mulheres com práticas homoeróticas de diversos grupos na cidade de São Paulo. A autora aponta que há preconceito, tanto em ambientes dirigidos a elas como em outros lugares, para com aquelas mulheres tidas como *masculinizadas* e que, em alguns casos, este preconceito se desdobra mesmo em agressões verbais e físicas⁷⁷.

⁷⁷ Em sua pesquisa com as *Riot Grrrls* paulistanas, Michelle Alcantara Camargo (2008) aponta que há uma construção estética realizada por suas interlocutoras em que incorporam vestimentas, posturas e cortes de cabelo tidos como masculinos, algo que tem como pano de fundo o intuito de contestar o *machismo na cena punk* e na sociedade em geral. Para tanto, as *minas do rock* constróem a contestação de certos valores estéticos através de uma produção corporal que se contrapõe a certos padrões de beleza femininas comuns em, por exemplo, revistas de moda. De acordo com a autora, em decorrência desta produção de si que realizam, são constantemente alvo de comentários jocosos nos *shows* e eventos em que tocam com suas bandas, os quais versam geralmente sobre suas sexualidades *sob suspeita* em razão da estética e postura que adotam. Outro trabalho que aponta para questões semelhantes acerca da estética e preconceito é o de Tatiana de Laai (2008) sobre os *emos*. De acordo com a autora, os *emos* têm como uma das suas principais marcas a *androginia*, que vai da maneira de se vestir e em termos de possíveis parcerias, até a expressão de emoções como a introspecção, a melancolia, a sentimentalidade e o romantismo. Talvez seja possível uma aproximação entre o trabalho de Camargo e o de Laai e as *mujeres que se vestem de homem*. Em certo sentido, é preciso entender qual é o jogo de interesses subjetivos que se atende quando se decide assumir uma identidade ou estilo de vida marcado pela ambiguidade e que, por esta razão, desperta ódio e preconceito, sobretudo quando esta ambiguidade se dá no meio das relações de gênero e põe em questão a sexualidade de quem tenta fugir das convenções acerca do que um homem ou uma mulher pode ou deve vestir em razão do sexo que lhe é assignado ao nascer.

Ainda, de acordo com Diana Crane (2006), a incorporação de peças masculinas no vestuário feminino não se deu de forma simples ao longo da história. A história desta incorporação foi bastante negociada e não se deu sem resistências que, por vezes, implicavam em proibições do Estado. Em primeiro lugar, cuidadosamente adaptadas para tornarem-se femininas, peças como a calça foram, inclusive, proibidas para mulheres em países como a França no período pós-Revolução Francesa até meados do século 20. As calças, de acordo com a autora, só foram incorporadas ao vestuário feminino como traje para ser usado publicamente, dentro e fora de casa, após a década de 1950. Até então, o uso de calças era tido como algo que “feria a sexualidade das mulheres” e era, portanto, considerado socialmente ofensivo e ameaçador da ordem das coisas. As adaptações de trajes masculinos para as mulheres - calças com saias, calças que pareciam saias, saias que podiam ser prendidas nos tornozelos ou, mesmo, no caso de roupas femininas, saias que revelavam os tornozelos -, sobretudo quando usados fora de casa, eram tomados como ofensivos e causavam reações contrárias às mulheres que os usavam nas ruas.

Nos poucos comentários sobre *crossdressing* praticado por mulheres, ouvi também outro argumento, para além de que as mulheres passariam perfeitamente bem vestidas de homem: tratava-se da reclamação de que as mulheres geralmente fazem uma representação estereotipada de masculinidade quando se vestem de homens, exagerando certos atributos da masculinidade e que *nenhum homem faz aquilo daquele jeito*. Esses atributos seriam coisas como *coçar o saco, ser rude demais ou cuspir no chão*. A foto acima poderia ser um tanto ilustrativa dos porquês deste tipo de comentário por parte dos homens que se vestem de mulher.

De qualquer forma, o *crossdressing MtF* (*male-to-female*, ou de homem para mulher) também não está isento de ser visto como uma apropriação muito peculiar que estes homens fazem do que é ser mulher. Uma queixa comum das *mulheres GG* acerca das *crossdressers*, que também ouvi inúmeras vezes como comentário de alguns dos homens que *se vestem de mulher* com quem convivi, pode ser expressa na frase: *vê se você vê mulher ‘de verdade’ fazendo esse tipo de coisa*. Ou no comentário de uma *S/O*, quando afirma: *vê se alguém quer se vestir de mulher para lavar a louça? Elas querem é se vestir para participar de concurso de Miss*.

2.3 Breves notas sobre *crossplay*

Crossplay, seria um tipo específico de *Cosplay*. De acordo com Claudia Pedro Winterstein,

“cosplay é a abreviação de *costume play* termo que em inglês alia o termo traje, fantasia à noção de jogo, brincadeira, representação, interpretação. Os vários significados para a palavra *play* na língua inglesa traduzem o que o termo quer dizer quando se trata do *cosplay*. O *cosplay* consiste dos fãs se caracterizarem exatamente como algum personagem e interpretarem. As interpretações dos *cosplayers* podem tanto ser levadas a sério (como ocorre nos concursos...) como podem ser apenas uma forma de diversão e brincadeira para aqueles que querem vestir as roupas dos personagens. O fato é que o *cosplay* se diferencia do simples ato de se fantasiar, pois pressupõe uma relação entre fã e personagem, além de um processo de criação por parte da pessoa que irá executá-lo. Surgido originalmente nos Estados Unidos nas convenções de quadrinhos dos anos 1970, o *cosplay* se difundiu e pode ser visto hoje nas cidades de grande e médio porte pelo Brasil principalmente nas estréias cinematográficas de filmes que agregam uma legião de fãs (como *Harry Potter*, *O Senhor dos Anéis*, *Homem Aranha* etc)⁷⁸,” (2008, p. 27-28). [grifos da autora]

O *crossplay* implica que a pessoa vista-se e interprete uma personagem cujo sexo é diferente do seu ou, nos termos de uma praticante de *cosplay* e *crossplay*, “croplay em resumo eh⁷⁹ cosplay do sexo oposto”. De acordo com o que me foi explicado por Lini Moon, uma menina de dezoito anos, que me foi apresentada por um primo meu, com dezesseis anos na época e que pratica *cosplay*, a prática de *crossplay* é bastante comum, sobretudo entre as meninas que interpretam personagens masculinos, o que é diferente do que acontece com o *crossdressing*, em que não há relatos, praticamente, de mulheres que se vestem de homens.

Pelo que ela me relatou em conversa por MSN (29 de julho de 2008), é bem menos comum que homens interpretem personagens femininas, embora aconteça atualmente com mais frequência. Perguntei a ela o porquê, mas ela não soube responder. Indaguei, então, a faixa etária das pessoas que praticam *crossplay* e ela me respondeu que vai de 17 a mais de 30 anos. Em alguns *Fotologs*⁸⁰ de praticantes de

⁷⁸ Para um trabalho sobre juventude e consumo que fala sobre o “formas de produção alternativa” (*cosplay*, blogs, etc.) e estilos (punks, emos, metaleiros, etc.) ver o trabalho de Fernanda Sansão Ramos (2007).

⁷⁹ “Eh” é o mesmo que “é”. A letra “h” costuma ser utilizada virtualmente em substituição ao acento agudo como uma forma de facilitar a escrita ou tornar-se inteligível para certos sistemas de codificação eletrônica que não conseguem “ler” acentos.

⁸⁰ Fotolog é uma página que funciona como uma rede de sociabilidade virtual pautada na publicação de fotos pessoais de seus/suas usuários/as. Diferente do que ocorre normalmente com álbuns de fotos virtuais, as pessoas podem colocar suas fotos lá, com título e algum texto, num modelo semelhante ao

cosplay/crossplay foi possível perceber que eles fazem uso do termo *travecar* para se referirem ao que estão fazendo.

Já um rapaz de 25 anos que também pratica *cosplay* e *crossplay* – mas não de forma profissional, conforme me explicou - relatou que há poucos homens fazendo personagens femininas porque ainda há muito preconceito contra homens que se vestem de mulher. Respondendo ao meu pedido de indicação de sites sobre o assunto, ele me disse:

“Bem! Site eu não sei! Mas crossplay não é mto complexo! Eh um cosplay (pessoa que se fantasia de algum herói de jogo-anime), porém do sexo oposto ao original. Crossplay do tipo mulher vestido de homem eh supernormal e bem aceitos. Jah o contrário... homem vestido de mulheres eh q são visto com maus olhos! XD⁸¹

Eh q assim! Mulheres se vestindo de homem, as pessoas ateh q acham normal. Talvez pq na sociedade atual mesmo... as mulheres tenham tomado posições sociais q ateh então antes era soh dos homens... talvez as pessoas vejam com tolerancia esse visual de mudança. Mas ao contrário... um homem usando vestido... ainda tá mto ligado a homossexualismo q sofre mto preconceito. Eu não sou gay nem nada, visto cosplay mais pro prazer de alegrar meus amigos e me divertir... mas no Brasil isso soh eh “liberado” em carnaval... pq fora disso... eh boiolagem! [Mas] Depende da pessoa! No meu caso... como soh uso em eventos locais e ateh q sou conhecido e familiar a mtas pessoas. Eu uso tranquilamente. E tb pq eu uso bem escrachado pra ser o menos feminino possivel (com excessão da gueixa q vc viu q ateh q fiquei bonitinha XD). Mas quando eh alguém novo e desconhecido mesmo.. num lugar desconhecido... ai eh visto com mals olhos. Ateh eu jah xinguei mto crossplay antes de viado.. sabe como eh... um dia a gente queima a lingua! XD hahaha

mas agora eu vejo com mais respeito isso! Ateh acho divertido e desafiador... pq uma mulher parecer com um personagem de anime masculino eh facil (ateh pq eles sempre tem traços androgenos).. mas um homem realmente conseguir fazer uma mulher de anime.. eh um desafio enoooorme! XD” (em conversa por MSN, 28 de fevereiro de 2009).

A personagem de gueixa a que o rapaz se refere foi publicada por ele em sua página de fotos, com o título “Memórias de uma Gueixa! uii! =D~~⁸²”, em cujo texto explicativo ele afirma que havia saído com amigos para fazer *cosplay* no final de semana e que “E claro, é minha chance de me travecar sem as pessoas estranharem...

que acontece com os *blogs* (que podem ser definidos grosseriamente como diários virtuais), recebendo comentários de amigos ou outras pessoas que tenham registro no *Fotolog*. Para mais informações ver: <http://www.fotolog.com>.

⁸¹ “XD” é um *emoticon*, ou seja, um desenho “com letras” (mas não apenas) que servem para expressar emoções graficamente em conversas através da internet. Nesse caso, quer dizer “timidez”. Para um dicionário informal de emoticons ver o endereço: <http://www.uhull.com.br/02/18/significado-dos-emoticons/> (Acesso em 23 fev. 2009).

⁸² “=D~~” é uma combinação de dois elementos de *emoticons*. O primeiro “=D” é usado para expressar um “sorriso básico (grande)”. O segundo é uma espécie de ênfase ao *emoticon*, através do uso do “~~”, que quer dizer “babar”.

muito! Lol⁸³ E eu fiz essa Gueixa-Samurai-Mimico-Dançarino de Frevo! XD hahaha
Amei essa foto, sai um num clima mó sensual hein! ui (tah! menos.. menos)..”.



[Acervo pessoal. Disponível em: <http://www.fotolog.com/lini_moon/40932190>. Acesso em: 29 jul. 2008.]

Pedi a Lini Moon que me indicasse alguma página na internet para eu ler mais a respeito e ela me disse que não tinha conhecimento pois “eh q tipo *crossplay* ja ta comum mas num eh algo assim q tenha muito publico exclusivo. eh q tipo eu mesma num conheço ninguem q fassa soh *cros*”. De qualquer modo, ela me indicou o site “Cosplay Brasil” (www.cosplaybr.com.br), que me disse ser site da maior comunidade de *cosplay* da América Latina. Nesse site, buscando a palavra “crossplay”, descobri que nem todo evento de *cosplay* aceita a prática do *crossplay*, e alguns inclusive a proíbem nas regras, embora não explicitem o porquê (acesso em 29 de julho de 2008). Além de me explicar um pouco do que é *crossplay*, a mesma menina me enviou o *link* de uma foto, que coloco abaixo, que mostra ela (de branco) fazendo *crossplay* de uma personagem masculina chamada Yue e o amigo dela (de preto) fazendo *crossplay* de gueixa.

⁸³ *Lol* é uma abreviação da expressão “lots of laughs” (muitas risadas) ou “Laughing Out Loud” (gargalhadas), comumente usada em salas de bate-papo ou outras ferramentas de comunicação virtual em inglês.



[Acervo pessoal. Disponível em: <http://www.fotolog.com/shin_chan/31621290>. Acesso em: 24 fev. 2009.]

Houve um momento ao longo do trabalho de pesquisa em que esbarrei com comunidades de *crossplay* no *Orkut*, às quais algumas das pessoas com quem tive contato ao longo da minha pesquisa eram associadas. O *crossplay* também foi citado em um ou dois momentos da pesquisa, embora seja algo que escapa do campo que empreendi. Uma cabeleireira e maquiadora que conheci, proprietária de um salão que atende a *crossdressers*, inclusive oferecia serviços para *cos* e *crossplayers* em algumas dessas comunidades, mas não consegui informações sobre se ela chegou a prestar este tipo de serviço a este público ou não.

Aparentemente, é comum no meio *cosplay* que as pessoas aprendam a se maquiar ou, mesmo, façam elas mesmas parte de suas produções, até para torná-las viáveis financeiramente. O rapaz com que conversei sobre a prática de *crossplay* me relatou que ele mesmo não investe muito nas produções, já que não é profissional, e que não sabe se maquiar, contando sempre com a ajuda de amigas para isso. De qualquer modo, foi possível perceber, através da visita a perfis de outros praticantes

que me foram indicados, que fazer a própria roupa e a própria maquiagem é algo bastante comum entre eles.

2.4 Crossdressing como fetiche

A idéia de *fetiche* aparece nos discursos das interlocutoras desta pesquisa de forma ambígua. Em alguns momentos, ela é acionada como algo que lhes distancia da idéia de *transexualidade*, entendida dentro deste discurso como o desejo de se tornar uma *mujer de verdade*. Em outros, é o que marca certa distância (mas não sem levar em contas outros aspectos como inserção social e profissional) das *travestis* que se prostituem, uma vez que a noção de fetiche poderia indicar certa transitoriedade que as *crossdressers* não parecem ver nas *travestis*. Ainda, a noção de fetiche também é acionada para deixar algumas formas de praticar *crossdressing* mais ou menos legítimas que outras e, nesse sentido, funciona como uma categoria de acusação. Nesse caso, o *crossdressing* praticado de forma fetichista é menos *legítimo* ou *valorizado* que o que se faz pelo desejo de se *vestir de mulher* apenas, que seria o *crossdressing verdadeiro*. Um *crossdressing* fetichista pode ser entendido aqui como aquele que acompanha o desejo por *se montar* de uma maneira específica (usando um acessório apenas, por exemplo, uma sandália ou uma calcinha) ou com o fim exclusivo de excitar-se sexualmente. Isso fica evidenciado no texto abaixo, extraído do site do BCC:

“CDing X Fetiche - Um homem pode sentir-se excitado sexualmente ao vestir uma calcinha, meias 7/8 e sapatos de salto alto durante uma relação, quer seja para agir ativa ou passivamente. Entretanto, esse tipo de ato deve ser considerado apenas como fetiche e não é suficiente para caracterizar um crossdresser. Por isso, é bom separar bem as duas coisas: Fetiche é fetiche enquanto Crossdressing é uma filosofia de vida.”⁸⁴

No texto abaixo, chamado “Crossdressing x Fetichismo” extraído do site pessoal de Letícia Lanz, uma associada do BCC, também há um esforço no sentido de tecer os limites entre o que é *crossdressing* e o que é *fetiche*:

⁸⁴ Disponível em: <<http://www.bccclub.com.br/depoimentos/vocabulario.htm>>. Acesso em: 12 Dez 2008.

“CROSSDRESSING e FETICHOISMO são duas coisas muito distintas. O crossdressing é uma expressão de gênero enquanto o fetichismo é uma forma de expressão da sexualidade.

O crossdressing ou travestismo-bivalente (travestismo propriamente dito), praticado pelos crossdressers como forma de se sentirem temporariamente como membros do gênero oposto, distingue-se do travestismo-fetichista, praticado pelos fetichistas como forma de excitação e atingimento de clímax sexual. Em síntese, o fetichista busca prazer sexual enquanto o crossdresser busca criar e vivenciar intensamente a aparência e comportamento das pessoas do gênero oposto ao seu.

Para o crossdresser, embora possa ser acompanhada de excitação sexual, de prazer extremo, de sensação de orgasmo, a mudança de vestuário não implica necessariamente em clímax sexual, nem o crossdresser deseja desmontar-se imediatamente após sentir algum tipo de prazer. Já o fetichista se utiliza do vestuário feminino unicamente como forma de excitação e satisfação sexual, manifestando necessidade urgente de remover os objetos-fetiche uma vez que o orgasmo tenha sido atingido e haja declínio da excitação sexual. (...)

O travestismo-fetichista é básica e essencialmente uma forma de expressão sexual dita desviada (ou perversa) onde o protagonista não dirige o seu impulso sexual para pessoas, mas para objetos, podendo inclusive para isso “converter” partes isoladas do próprio corpo e/ou do corpo do(s) parceiro(s) em fetiches sexuais. (...)

O primeiro aspecto que diferencia um crossdresser de um fetichista transvestico é que a maioria dos CDs não se montam tendo em vista principalmente a realização de impulsos sexuais. Esses impulsos poderão até estar presentes, mas não de forma única e absoluta, como acontece com o fetichista.

CDs se montam (vestem-se de mulher) basicamente como forma de expressão da própria transgeneridade e nunca exclusivamente para se sentir sexualmente excitados, como faz um fetichista. É claro que CDs podem se sentir excitados após uma montagem - e é até muito comum que realmente se sintam - mas, ainda assim, a excitação será apenas um item - raramente dos mais importantes - na longa lista de propósitos presentes no crossdressing (...) ⁸⁵.

No texto acima, é possível perceber a presença do diálogo com um modelo de discurso terapêutico, que se entende científico, sobre a sexualidade. De modo geral, esse discurso encontra-se bastante embasado em teorias de abordagem psicanalítica, assim como da sexologia. Isso se dá, sobretudo, através do uso de idéias como *fetichismo transvestico* e *autoginecofilia/autoginefilia*, que vem do campo da psiquiatria e, com menos frequência, a idéia de “eonismo”, ora citada como parafilia, como ambos os outros dois termos, ora como algo que remete à origem mítica do *crossdressing*.

⁸⁵ Disponível em: <http://www.leticialanz.org/definicoes/def_fetichismo.htm>. Acesso em: 19 Dez 2008.

De acordo com Robert Spitzer et. al. (2005)⁸⁶, há três grupos distintos vinculados à descrição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM – IV) para “Fetichismo Tranvestíco”: homens que se travestem dentro de casa, numa prática solitária de cunho sexual encarada como fetiche; homens que saem em público com vestes femininas, ocultas por roupas masculinas ou com vestuário feminino completo a mostra em determinadas ocasiões, sem abandonar sua rotina tipicamente masculina no cotidiano; as travestis, que assumem o físico e o comportamento feminino ao longo do seu cotidiano.

Havelock Ellis (1933) classifica o *eonismo* como uma “anomalia de conduta” que estaria fundada em uma tendência do indivíduo de se vestir e comportar como alguém do sexo oposto. Este indivíduo se abstém, contudo, de ter práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo que o seu. O *eonismo* estaria classificado, assim, no que o autor chamou de *anomalias sexuais intermediárias*, as quais englobariam também o *hermafroditismo físico* em seus vários estágios e o *ginandromorfismo/eunucoïdismo*, categorias nas quais estão os homens que têm características daqueles que foram castrados muito jovens ou mulheres que, do mesmo modo, tenham características masculinas. O autor nomina o *eonismo* de *inversão sexo-estética* e diz que está se referindo ao que Hirschfeld chamou anteriormente de *transvestismo* ou *cross-dressing*. Não me alongarei aqui na discussão de Hirschfeld sobre *transvestismo*. De qualquer modo, vale mencionar que foi esse autor que cunhou o termo dentro do escopo da literatura psiquiátrica⁸⁷ sobre erotismo e fetichismo em meados da década de 1910, a partir da análise de 17 casos de pacientes seus. O resultado desse estudo encontra-se em seu livro “Transvestites: The Erotic Drive to Cross-Dress” (1991).

De qualquer modo, para algumas das pessoas com que tive contato ao longo da pesquisa, o termo *eonismo* aparece muito mais como uma espécie de origem mítica do *crossdressing*, do que como uma classificação do campo da psicologia ou da psiquiatria. Essa origem é atribuída a um cavaleiro francês, que viveu no século 18: Chevalier D’Eon (1728-1810) atuou como espião a serviço do governo francês, sobretudo na Inglaterra, e costumava publicamente vestir-se de e apresentar-se como mulher. Este atributo é, inclusive, mencionado como tendo algum peso no sucesso do

⁸⁶ Agradeço a Eduardo Prates a referência a este texto.

⁸⁷ Sobre as construção das categorias travesti e transexual no discurso científico relacionadas às noções de sexo e gênero ver Leite Jr. (2008).

trabalho que executava. Foi essa história que inspirou Ellis também a usar o termo *eonismo* em sua classificação do travestismo. Há, contudo, dúvidas sobre o fato desse cavaleiro ter nascido mesmo um *homem* (ver Bullough e Bullough, 1993). O esforço em contar essa história indica uma preocupação, sobretudo das primeiras associadas do BCC, em contar sua história enquanto grupo, esforço que pode ser notado ao se visitar a página do clube. Naquela época, mais do que dialogar com todo um universo de classificações do campo da saúde mental, as pessoas que fundaram o clube estavam preocupadas em *achar outras pessoas que fossem como elas*, como me foi relatado inúmeras vezes. Dentre as associadas mais jovens ou menos preocupadas com estas questões - ou a maior parte delas -, de qualquer maneira, nunca ouvi nem sequer menção ao termo *eonismo*.

O termo *autoginecofilia/autoginefilia* teve menor espaço nas falas das crossdressers sobre o que fazem, mesmo as que se apropriam de ou dialogam com os discursos da psicologia e psiquiatria sobre o que fazem. O termo aparece na página do BCC e nas de algumas *crossdressers*, mas efetivamente nunca ouvi referência a ele ao longo do trabalho de pesquisa. *Grosso modo,*

“**Autoginecofilia**, do grego ‘amar em si mesmo a figura de uma mulher’, é uma parafilia proposta em 1989 pelo médico Ray Blanchard, que a definiu como ‘um ‘homem que é sexualmente excitado pelo pensamento ou imagem de si mesmo como uma mulher’. O autoginecofílico tem o desejo, consciente ou não, de possuir atributos físicos e comportamentais femininos, em geral secretamente e para satisfação sexual. Vive esse segundo papel muitas vezes entre pessoas com semelhante parafilia. Muitos tomam hormônios para adquirirem os atributos que buscam, mas continuam vivendo socialmente como homens, tendo inclusive mulher e filhos. A Cirurgia de Redesignação Sexual – CRS não é buscada. (...) A maioria dos crossdressers masculinos apresentam essa parafilia, cujo oposto é a auto-androfilia⁸⁸.’”

Voltando ao uso das próprias *crossdressers* sobre esses termos, o que parece peculiar nas falas que se remetem a certas discussões científicas é a relação de proximidade e distanciamento empreendida a respeito desse modelo de explicação do que acontece com elas mesmas. Ao mesmo tempo em que algumas *crossdressers* usam categorias desse discurso para explicar o que são e o que não são, elas

⁸⁸ WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Autoginecofilia&oldid=12956942>>. Acesso em: 14 maio 2009.

ressignificam e reinterpretam certas categorias, de modo que não necessariamente, embora remetidas ao discurso científico, se esteja falando da mesma coisa.

É importante também perceber o uso do termo *transgeneridade* aqui. Esta categoria entra em cena na década de 1990 para falar de um grupo amplo de pessoas (*travestis*, *transexuais*, *drag queens*, *transformistas*, *crossdressers*, etc.) que não necessariamente compartilham outras afinidades além do fato de se vestirem com *roupas do outro sexo*. Atualmente, alguns grupos vêm reelaborando a idéia de *transgênero* de modo a pensá-la enquanto identidade política, indicado pelo “-dade” ao fim da palavra. De qualquer modo, embora o termo *transgênero* tenha sido trazido pela militância e incorporado sem muito debate neste espaço e de forma bastante fácil na academia para se referir a estes grupos de pessoas, mesmo dentre a militância a idéia de *transgeneridade* tem sido olhada com certa desconfiança.

Note-se também que há uma apropriação de certo discurso científico sobre o que é gênero e o que é sexualidade. Nesse discurso, ora ambos aparecem como instâncias separadas da construção da pessoa (“o *crossdressing* é uma expressão de gênero enquanto o fetichismo é uma forma de expressão da sexualidade”), denotando uma distinção entre o que se expressa ou pensa sobre si e o que se faz na prática, em outros momentos *gênero* aparece como que um termo sinônimo ou equivalente a *sexo* (quando se diz “membros do gênero oposto”), em que gênero funcionaria mais como uma distinção entre *machos* e *fêmeas* do que como um conceito analítico conforme usado nas ciências humanas ao longo das últimas décadas.

Embora exista esse esforço dentre algumas *crossdressers* de diferenciar o que fazem daquilo que é tido como fetiche, de modo geral, o *crossdressing* aparece em diversos sites sobre sexo e “fetiches” classificado deste modo. Isso pode ser observado nos dois textos abaixo. O primeiro, extraído do site *Desejo Secreto*, voltado ao BDSM e com menor ênfase em outros fetiches, pesquisado por Bruno Zilli (2007), e o segundo, retirado de um *blog* cuja temática central é o sexo:

“Crossdressing: Ato de se vestir um homem de mulher ou mulher de homem. Mais comum entre homens submissos, do que em mulheres submissas, talvez por causas sociológicas. Em alguns grupos o homem submisso assume verdadeiramente o papel de mulher, inclusive servindo sexualmente. Uma espécie de travestismo.⁸⁹”

⁸⁹ Disponível em: <<http://www.desejosecreto.com.br/dicionario/dic-ad.htm>>. Acesso em: 18 Dez 2008.

“Faz tempo que não posto fetiches aqui no blog não é queridos e queridas da titia Gina?! rs. Bom, então hoje vou falar do Crossdressing. **Crossdressers** são pessoas que vestem roupas usualmente próprias do sexo oposto porque tal lhes dá prazer (sexual, erótico ou meramente emocional), sem que tal atitude interfira necessariamente em sua orientação sexual. Ou seja, uma pessoa crossdresser não necessariamente pautará sua orientação ou seu papel sexual em função desse seu fetiche por roupas do sexo oposto. Sendo assim, ele(a) pode ser heterosexual, homossexual ou bissexual. Fonte: **Wikipédia**

Então, Crossdressing é um fetiche que traz prazer àquela pessoa que se veste do sexo oposto, alguns crossdressers saem até na rua vestidos assim, e sentem prazer com isso.

- No Brasil existe o Brazilian Crossdressers Club, para mais informações basta acessar o site bccclub.com.br⁹⁰,

Duas coisas também parecem permear essa tentativa de distinção entre o *crossdressing* que praticam e a idéia de *crossdressing fetichista*. Uma é o esforço de sair de um registro daquilo que poderia ser considerado como algo apenas da ordem da prática sexual ou, como me disse uma interlocutora, *da putaria*. A tentativa de distanciar a prática de *crossdressing* da prática sexual não coloca, geralmente, as duas coisas como excludentes em si - embora existam *crossdressers* que advoguem em favor deste argumento. O que ocorre é que as pessoas entendem o *crossdressing* como algo que pode ser usado em suas práticas sexuais, mas que não se limita a elas ou não pertence, necessariamente, a esta instância de suas vidas.

A segunda diferenciação que pode ser mencionada aqui é a distinção entre *crossdressers* hetero ou homossexuais. Para algumas *crossdressers*, não é possível que homens gays pratiquem *crossdressing*. Estes seriam apontados como potencialmente lascivos e, portanto, apenas se vestiriam com a indumentária feminina com o intuito de ter ao final do processo uma relação sexual ou conseguir parceiros. Foi comum ao longo da pesquisa ouvir também que uma *crossdresser* que apenas se relacione sexualmente com homens estaria, na verdade, num passo anterior ao de se assumir travesti ou transexual, como se o desejo, neste caso, funcionasse como que dentro de uma “escala evolutiva” (homem gay -> vestir-se de mulher -> tornar-se travesti/transexual).

⁹⁰ Disponível em: <<http://ginaresponde.clickgratis.com.br/tag/crossdresser/>>. Acesso em: 18 Dez 2008.

2.5 Feminização, Inversão de Papéis e Sissies



[Imagen retirada do perfil de uma *crossdresser* à procura de parceiras para a prática de *inversão de papéis* em um site de relacionamentos nacional. Acesso em: 10 ago. 2009]

Ao longo de minha pesquisa, esbarrei diversas vezes com conversas acerca de idas a locais onde se pratica BDSM ou, mesmo, discussões que envolviam certas práticas que são identificadas com esse meio. Algumas das pessoas que foram interlocutoras deste trabalho relatavam terem tido momentos em que a prática do *crossdressing* teve algum entrecruzamento com a prática de BDSM. Ao longo do trabalho de pesquisa, foi comum ouvir relatos de pessoas que me fizeram constatar que há certa participação de praticantes de *crossdressing* em eventos SM. Não quero dizer com isso que essas pessoas são sempre ou necessariamente praticantes de BDSM, mas quero dizer que certas práticas deste universo podem fazer destes locais bastante amigáveis para *crossdressers*. Independente da prática efetiva ou não, também não se pode dizer que os universos não tenham contato.

Por exemplo, no início de dezembro de 2008, por volta das 22h, fui com uma das interlocutoras principais desta pesquisa a um clube de BDSM em São Paulo para uma festa temática para *crossdressers*. Com exceção dela, apenas outras duas foram: uma com a qual eu também havia combinado de “encontrar por lá” e outra amiga que lhe acompanhava. Ficamos conversando sentadas em torno de uma mesa por cerca de três horas com algumas *Dommes* e *subs*, mas nenhuma outra *crossdresser* apareceu até sairmos de lá, por volta da uma hora da madrugada. Os comentários da cd com

quem eu havia ido era de que sabia que não “daria ninguém na festa” porque as pessoas só vão nos mesmos lugares de sempre e têm dificuldade de aderir a novas propostas, isso mesmo dentre aquelas que *se montam* e *vão para a rua* com alguma regularidade.

Durante muito tempo, algumas *crossdressers* contam, os clubes SM foram um dos lugares mais amigáveis para irem montadas sem problemas. Um lugar bastante mencionado de São Paulo era o *Atelier*, uma espécie de estúdio e *sex shop*, que ficava na região central da cidade e era um lugar frequentado por pessoas *com fetiches diversos*. Havia uma dominadora famosa lá, que é referida como alguém que *ajudava as pessoas com seus fetiches*. Foi-me relatado que era obrigatório que as pessoas *se montassem* ao chegar, como *crossdressers* ou em *trajes fetichistas* quaisquer. Para algumas das pessoas que foram interlocutoras desse trabalho, esse foi um primeiro lugar *fora de casa* em que podiam *se montar* e encontrar outras pessoas que também *se montavam*. De qualquer modo, isso não quer dizer que não tinham contato com outras *crossdressers* anteriormente. De acordo com uma das interlocutoras deste trabalho, o *Atelier* funcionou numa fase em que o BCC ainda não havia se organizado. Era um lugar que, na época, oferecia a possibilidade de *se montar* para aquelas pessoas que o quisessem. O dono era estrangeiro e havia trazido *essa coisa de crossdresser* da Europa. A Dominadora falava bastante do alto nível socioeconômico dos frequentadores do local.

Clubes e festas sadomasoquistas são apontados por diversas *crossdressers* como um ambiente em que sempre foram *muito bem recebidas*. Uma das razões apontadas para tal é a de que algumas Dominadoras, nesses espaços, tinham particular apreço pelas práticas de *feminização* e viam, nas *crossdressers*, uma possibilidade de exercê-las. Uma *cd* relatou-me que as relações que estabelecem com as Dominadoras nestes espaços podem ser ambíguas por esta razão e que, despertar o desejo delas, mesmo sabendo que não vão adiante como *subs*, é algo que lhes é prazeroso. Ainda, nesses jogos, eventualmente as *cds* são desafiadas a provar que não estão brincando quando dizem que *se montam*. Numa ocasião, em um restaurante na região da Avenida Paulista que algumas pessoas praticantes de BDSM fechavam para encontros antes mesmo de haver algum clube para elas, uma das interlocutoras de meu trabalho apareceu *desmontada*. Ao ser questionado sobre o que fazia ali, no final das contas, identificou-se como *crossdresser* e disse que queria conhecer, embora não *praticasse SM*. A Dominadora com quem conversava imediatamente tirou a sandália de salto que

usava e mandou a *cd* vesti-la. A *cd* obedeceu e, dali para a frente, as conversas fluiram mais tranquilamente, segundo conta.

De qualquer modo, para além dessas relações, os lugares em que ocorrem as práticas SM são tidos como *amigáveis* à prática de *crossdressing*, já que os locais oferecem segurança, discrição, espaço para *se montar/desmontar* e abertura para que possam ir sem serem discriminadas ou tratadas de modo desagradável. Isso não quer dizer que as *cds* usualmente tenham alguma adesão às práticas SM. Aparentemente, a mesma movimentação que fazem em relação a frequentar lugares *GLS* acontece aqui, já que são lugares que *aceitam* a presença de *homens vestidos de mulher* sem restrições ou “olhares tortos” na forma como são tratadas e/ou recebidas.

No caso de práticas SM que envolvem a prática de *crossdressing*, pode-se falar aqui em *feminização*, *inversão de papéis* e, num caso mais específico, nas *Sissies*. A *feminização* é uma prática que se dá no contexto do BDSM, relacionada sobretudo ao que é chamado de *dominação feminina* ou *FemDom*. De acordo com Regina Facchini (2008), *FemDom*, ou *dominação feminina* é um “... tipo de jogo erótico no qual homens são submetidos, humilhados, feminizados e penetrados e têm, por vezes, seus genitais ‘torturados’ e sua ejaculação controlada” (p. 205). Para a autora, a prática de *crossdressing* é, inclusive, parte relevante dos roteiros relacionados ao *FemDom*.

A autora explica, ainda, que a prática da *feminização* pode ou não envolver outra, chamada *inversão de papéis*, que pode ser definida como

“(...) um jogo de Dominação/submissão (D/s) no qual a *Domme* assume a postura de um macho dominante, o que pode envolver a prática de penetração de um *escravo*. A *feminização* é um jogo que pode ou não estar associado a *inversão*, no qual um *escravo* ou *submisso* é feminizado com o uso de roupas, *lingerie*, maquiagem e sapatos femininos”. (p. 183).

De qualquer modo, seja no contexto da *D/s* ou em contextos *baunilha*⁹¹, nem sempre a prática da inversão implica necessariamente *crossdressing* ou vice-versa. Há em alguns sites da internet, por exemplo, com salas de bate-papo dedicadas às pessoas que procuram parceiros ou parceiras para a prática de inversão de papéis. Entrei em uma dessas salas durante algum tempo, procurando saber mais sobre a prática. Foi

⁹¹ De acordo com Regina Facchini (2008), o termo *baunilha* se define em oposição ao termo *BDSM* e é utilizado para “... indicar o sexo convencional ou pessoas que não estão envolvidas no *BDSM*” (p. 175).

comum, ao entrar nessas salas, ao contrário do que esperava, conversar com homens que não praticam *crossdressing* e nem BDSM. Alguns deles, depois de algum tempo de conversa, passaram a dizer que procuravam ali uma mulher que fizesse *inversão* porque *gostava*, porque tinha *tesão pela coisa* ou que fizesse *por amor*, e não fizesse *inversão* apenas por dinheiro. Aparentemente, os homens que praticam *inversão* costumam utilizar o serviço de profissionais do sexo para realizar esta *fantasia/brincadeira*.

No caso de quem pratica *crossdressing* – e reforço aqui que a prática de *inversão* não é algo compartilhado por todas as *cds - dar ou ser penetrada* quando *montada* pode passar pela construção ou efetivação da construção de certa feminilidade. Nesse sentido, ser *passiva* numa relação sexual serviria como uma espécie de *reforço* do papel de mulher que se pretende desempenhar. Em alguns casos, há uma hierarquização entre *dar para homem* ou *dar para mulher*. Para algumas, esse reforço do *papel de mulher* só acontece quando são penetradas por um homem, mesmo que não tenham práticas sexuais com homens quando *desmontadas*. Para outras, que não gostam de *sair com homens*, a prática da *inversão de papéis* se oferece como uma alternativa para continuar *saindo* exclusivamente com mulheres e serem *penetradas*.

As conversas sobre *inversão de papéis* foram comuns ao longo dos meses em que estive fazendo pesquisa. Ouvi de uma *crossdresser* carioca, que ela desconfia da *conversa de que há cds que não curtem dar*. Para ela, *toda cd quer dar*, mesmo que seja apenas uma vez para saber que não gosta, que não é o que quer. Essas conversas sobre *quem dá ou não dá* foram temas recorrentes em vários momentos. Menos no sentido de *desmerecer* quem gosta da prática, e mais no sentido de comentar jocosamente sobre outras *crossdressers* que possivelmente gostavam de praticar e/ou efetivamente praticavam *inversão* mas que não admitiam.

Várias vezes, ouvi também conversas sobre quais *S/O's* gostavam de *comer* suas *cds*. Houve, ainda, outras conversas que envolviam os *brinquedos* (sobretudo *consolos*⁹² de tamanhos variados) que alguns casais tinham (e gostavam de *exibir*

⁹² *Consolo* ou *dildo* é um “objeto desenhado para ser inserido na vagina ou no ânus. Eles não vibram como os vibradores (peças do mesmo tipo e seguindo os mesmos modelos, mas que têm baterias de modo a vibrarem quando acionados. Existem vibradores que não seguem uma formatação mais fálica (...)” (Gregori, 2003, p. 108). Na prática da inversão, os *consolos*, nome comumente utilizado pelas pessoas com que conversei ao longo da pesquisa para fazer referência a este objeto, podem ser utilizados com ou sem o auxílio de uma cinta (também conhecida como *strap-on*), que os deixaria presos à região pélvica de quem a vestisse. Outro *brinquedo* utilizado na prática é o *plug anal*.

para ou comentar com outras pessoas) e utilizavam na prática de *inversão* ou, mesmo, histórias sobre a prática de *fist fucking*⁹³ (nessas histórias, a esposa *fistava* o marido, não necessariamente montado). Ouvi relatos, também, de casos em que as pessoas afirmavam ter passado a praticar *inversão* porque não tinham mais ereção em função do uso de hormônios femininos, geralmente associados ao uso de anti-androgênicos.

Brinquedos ou *sex toys* são acessórios geralmente vendidos em *sex shops* para *incrementar* a prática sexual. De acordo com Maria Filomena Gregori, ao falar sobre os *brinquedos* vendidos em uma *sex shop* americana chamada *Good Vibrations*, “os *sex toys* não foram concebidos com a perspectiva de ajudar ou solucionar problemas sexuais, mas para divertir, por isso são chamados de *toys*.⁹³” (2003, p. 111). De modo geral, ao longo da minha pesquisa, esse mesmo significado aparece atribuído aos acessórios. Nesse contexto, mesmo que utilizados na prática de penetração anal, eles funcionam menos como um substituto do pênis (no caso dos acessórios que tenham formato próximo ou idêntico ao órgão sexual masculino) e mais como um “elemento a mais” para complementar o prazer em certas relações ou momentos e para auxiliar numa espécie de produção de uma feminilidade que passa, também, pela idéia de *passividade sexual* e pela produção de um corpo de mulher que é *penetrado*.

Voltando à questão das práticas relacionadas ao BDSM, é possível encontrar, ainda, nesse contexto, as *sissies*. Para Facchini, as *sissies* funcionam como uma espécie de variante do *crossdressing*. De acordo com a autora, “o termo *sissy* – ou *sissy-maid* – se aplica a homens e remete a jogos de *feminização* e, em especial, à fantasia de estar no papel de empregadinho de uma *Domme*” (p. 207). De modo geral, as referências que tive sobre esta prática apareceram em páginas da internet como diários virtuais (*blogs*) ou comunidades do *orkut*. Uma interlocutora reclamou algumas vezes que não havia encontrado nenhuma *Domme* que *topasse fazer dela uma sissie*. Algumas conversas com outras interlocutoras também versaram sobre a prática mas, de qualquer modo, em raros momentos.

Conheci apenas um casal que tinha uma relação *baunilha* e SM, numa festa na Turma OK. O rapaz, cerca de vinte anos mais jovem que sua *dona*, praticava *crossdressing* e também era a *sissie* de sua esposa e *Domme*. Após alguns poucos contatos por e-mail e *orkut*, o casal *sumiu* alegando estar com alguns problemas

⁹³ *Fist fucking* é uma prática sexual que envolve a penetração vaginal ou anal utilizando-se os punhos. De acordo com Jorge Leite Jr (2006), o *fist fucking* é enquadrado, na classificação de filmes pornográficos, dentro da categoria “bizarro”. Dentro desta categoria, segundo o autor, caberia qualquer prática tida como “diferente” e que não se encaixe em duas outras, sadomasoquismo e fetichismo.

relativos aos encaminhamentos da prática do *crossdressing*, o que fez com que optassem por sair um pouco de cena e procurar auxílio terapêutico, chegando a me pedir indicações de psicólogos/as que atuassem no Rio de Janeiro e lidassem adequadamente com essa questão.

De qualquer modo, apesar do pouco contato efetivo com as *sissies* ao longo desta pesquisa, elas parecem apontar para uma possibilidade de roteiro erótico que também faz parte deste campo, mesmo que através de uma menção mais distanciada das experiências compartilhadas pelas pessoas do grupo que pesquisei.

*
* *

Este capítulo apresentou uma caracterização de práticas ou identidades que se encontram na fronteira do *crossdressing* como definido de forma mais específica no contexto do BCC, incluindo aí possibilidades de trânsitos identitários e/ou de práticas que estão abertas, ou mesmo se confundem, com o *crossdressing*. É impossível tratar destas práticas sem abordar os espaços, sejam *virtuais* ou *reais*, em que elas são entendidas como possíveis. Da mesma maneira, a discussão sobre a prática do *crossdressing* ilumina uma série de questões e debates pertinentes às ciências sociais como o debate acerca das normas de gênero e da sexualidade. Essas questões não podem ser entendidas fora dos usos dos espaços que fazem quando *se montam* e das negociações sociais que são inerentes a esta experiência de *se montar*. Essas negociações, ainda, implicam em alguma medida em lidar com as noções de *estigma* e *segredo*, que aparecem como importantes nos discursos das *crossdressers* pesquisadas sobre a experiência de *se montar* e o gerenciamento do risco que envolve a possibilidade de revelação da prática, especialmente quando saem à rua.

Capítulo 3 - “Uma crossdresser não vai a lugar nenhum sozinha”: espaços e lugares no contexto do se montar

No capítulo anterior, apontei para a prática do *crossdressing* como algo que pode ter significados diversos para diferentes indivíduos ou grupos. Ainda, partindo das diversas formas de experienciar o *crossdressing*, busquei traçar um mapa de diversas formas de viver esta prática, que vão daquela que encontrei dentre as interlocutoras deste trabalho a outras formas dele. Busquei apontar, também, as classificações internas que criam hierarquias entre o que é apontado como *crossdressing de verdade* e outras formas tidas como menos legítimas dele, sobretudo para as interlocutoras deste trabalho. Busquei apontar, também, que as categorias para falarem de si e das outras são contingenciais e estratégicas e implicam em desdobramentos outros, como o gerenciamento do anonimato ou sair ou não sair montada à rua. A decisão de *se montar* em público ou de associar-se a um grupo de pessoas que compartilham desta prática é uma das nuances importantes para esta experiência, como me foi relatado inúmeras vezes pelas pessoas que pesquisei. Assim, este capítulo versa sobretudo sobre lugares, da cidade ou virtuais, em que o *crossdressing* é algo possível e/ou desejável.

Falar de espaços pelos quais as *crossdressers* com que tive contato circulam implica em observar que elas vão a diversos lugares. A internet aparece como um espaço fundamental para a prática, assim como alguns lugares do setor de serviços tidos como *amigáveis* (hotéis, restaurantes, bares, clubes, salões de beleza, lojas, etc.). Outros espaços que se mostram importantes para as pessoas pesquisadas são os apartamentos destinados à prática de *se montar* mantidos por algumas *crossdressers*.

O BCC é um dos espaços mais agregadores de pessoas que *se vestem de mulher*. Assim, inicio este capítulo falando sobre o clube. Divido a descrição acerca dele em dois momentos. Primeiro, falarei sobre a estrutura e organização do mesmo, usando para tanto dados retirados de sua página na internet, do material audio-visual disponibilizado sobre as festas do BCC, das entrevistas realizadas com as associadas ou de suas páginas pessoais na internet.

Depois passo a focar mais nas interlocutoras deste trabalho e em locais que lhes são centrais para a prática do *crossdressing*. Inicio falando dos apartamentos de *se montar* que algumas possuem, como o *Le Closet São Paulo*, o *The Marcinha's* e o

Espaço Moulin Rouge. Estes apartamentos são iniciativas privadas de algumas associadas do clube, de modo a terem um espaço coletivo (como o Le Closet) ou individual (caso dos outros dois apartamentos) fora de suas casas e vidas *de sapo* para deixar roupas e acessórios femininos e para *se montarem*. A seguir, falo sobre outros espaços bastante utilizados pelas interlocutoras de meu trabalho em suas saídas *en femme*, como a Turma OK, no Rio de Janeiro e os restaurantes e bares do Largo do Arouche, em São Paulo. A escolha desses espaços são justificadas pelas *cdfs* como uma espécie de *zona de conforto*, ou seja, são lugares em que podem ao mesmo tempo ir à rua *montadas* e manter alguma privacidade/segurança acerca da prática.

3.1 “Nós existimos pelo prazer de ser mulher”: O Brazilian Crossdresser Club⁹⁴

O Brazilian Crossdresser Club é um clube que se organiza sobretudo pela internet, embora algumas de suas idealizadoras já houvessem se encontrado pessoalmente em outros momentos. Foram estes encontros presenciais de algumas delas que fez com que resolvessem criar um clube, inicialmente virtual, para divulgar o que era *crossdressing* e reunir pessoas que compartilhassem dos mesmos desejos e práticas. Antes, conta-se, era comum que *crossdressers*, ou *travestis secretos*, como algumas se chamavam antes de ter contato com o termo em inglês, fizessem uso da sessão de cartas de revistas de conteúdo erótico para se corresponderem.

Conta-se, também, que era comum que *crossdressers* que se correspondiam através desses anúncios mantivessem caixas postais nos *Correios*, e que, uma vez *descobertas* pelos funcionários daquela instituição *eram sacaneadas* e muitas das coisas que enviavam umas às outras (revistas, calcinhas e outros acessórios/roupas) *sumiam na mão* daqueles. Há uma história mais oficial no clube, que consta tanto na página quanto no DVD comemorativo de dez anos do mesmo, a qual reproduzo a seguir:

⁹⁴ Agradeço a Paula Andrews por informações sobre o início e história do clube, assim como por diversas informações acerca do período que antecedeu à organização deste. Patricia Din também foi fundamental no recolhimento dessas informações. Agradeço também à Debbi pelas informações mais pontuais acerca da história da formação do clube.

“O BCC FOI FUNDADO POR MONIQUE MICHELE, DEBORAH LEE, PRISCILA QUEEN E DEBORAH CRISTINA (DEBBI) NO DIA 15 DE MAIO DE 1997

Em Maio de 1997 uma das garotas que vivia no armário como todas nós, teve uma idéia que poderia tirar as crossdressers brasileiras de seu pequeno e fechado mundo de fantasias sem ter com quem compartilhar. Nossa amiga **Deborah Lee** achou que a criação de um clube voltado a esse tipo de público seria a solução ideal para todas nós.

Com a amizade e ajuda de **Monique Michele**, Deborah foi contatando e convidando todas as crossdressers que conhecia pelos chats brasileiros, enquanto que Monique colocava em prática a elaboração do primeiro Site destinado ao Brazilian Crosdresser Club.

Eis que no dia 15 de maio de 1997 foi inaugurado o BCC.

As idéias foram surgindo e as coisas começaram a acontecer aos poucos e muitas meninas que visitavam a página mal podiam acreditar no que viam, pois um sonho de todas nós estava se realizando.

Mais duas pessoas participaram da criação desse clube, são elas: **Priscila e Debbi** que acompanharam cada passo da elaboração do BCC e estiveram sempre presentes em todos os momentos de seu nascimento ajudando no desenvolvimento do site e contatando novas associadas pelas salas de chat mais frequentadas.

Debbi foi a primeira crossdresser brasileira a ter um site na internet e foi a partir de seu site pioneiro que as idéias de aproximação e integração entre as crossdressers de todo Brasil começaram a surgir. Enquanto Debby ajudava na criação do BCC, foi convidada por Monique Michele a tomar posse como vice-presidente do clube.

A elaboradora do Site do BCC Monique Michele informou em julho de 1997 que se ausentaria da internet por durante 20 dias e depois disso desapareceu.

Apenas ela tinha a senha de acesso para mexer na página e isso causou um grande furor entre as sócias que não sabiam o que fazer. A situação estava se complicando cada vez mais. Um dia Debby recebeu um e-mail anônimo, de uma pessoa que não quis se identificar, com as senhas de acesso ao site do BCC bem como a lamentável notícia que Monique Michele sofrera um acidente de carro e estava hospitalizada. Tempos depois a própria Monique explicou que tal e-mail fora enviado de um amigo particular que se prestou a esclarecer o que havia acontecido. Mesmo depois de recuperada Monique não retornou mais ao nosso convívio.

Na época o BCC já contava com associadas que se tornariam marcos da história do clube, como **Betinha, Diana Maria e Ana Luiza Poriskova**. Infelizmente Deborah Lee também havia se afastado do convívio do BCC e não restou outra alternativa para Debby senão assumir a presidência do clube e inaugurar o novo site que foi para a internet no dia 18 de agosto de 1997.

A nova diretoria do BCC contava com a ajuda e participação ativa de Betinha que assumiu as responsabilidades junto a Debby o que resultou numa filiação de centenas de novas associadas, entre elas, **Liane Ferraz** que abriu as portas de sua casa e foi a responsável pela maioria de todos os encontros reais e pessoais entre as associadas do clube na época assim

como a primeira crossdresser a organizar uma cdsession em São Paulo.

Começava uma nova era do BCC, a era das cdsessions, ou seja, dos encontros reais. As associadas já não se comunicavam apenas por e-mails ou salas de bate papo. Muitas já se conheciam pessoalmente e se confraternizavam entre elas. Surgiam amizades, troca de experiências, afinidades e principalmente, pessoas com as mesmas características estavam se integrando socialmente. Essa revolução começou a acontecer por todo o território nacional.

A partir daí o BCC não parou mais de crescer e hoje conta com centenas de associadas de todo o Brasil e até mesmo do exterior.

O BCC é o primeiro clube fundado na América do Sul destinado aos crossdressers mas que aceita e recebe com carinho transexuais e travestis. Enfim, a todos aqueles que apreciam e desfrutam do maravilhoso universo feminino.

O resto de nossa história continuará a ser escrito por todas nós. As pessoas passam mas o BCC é eterno, crescendo cada vez mais e trazendo para o seio de nosso convívio mais e mais pessoas que se identificam com esse maravilhoso universo feminino. É por isso que dizemos com prazer: ‘EXISTIMOS PELO PRAZER DE SER MULHER’.

Agradecemos a Deus pelo sucesso de nosso trabalho e por estar sempre ao nosso lado iluminando nossos caminhos.

Histórico escrito em 18/08/1999, complementado em 15/11/1999 e revisado em 25/05/2007 por **Debbi**⁹⁵,

O número de associadas do BCC é flutuante e depende, sobretudo, das simpatias ou antipatias angariadas na sociabilidade do grupo. É comum ter-se um aumento de associações quando pessoas da diretoria do clube empreendem idas a locais freqüentados por *crossdressers*. Também é comum que divergências de opinião e posicionamento nas listas de discussão do clube – e, raramente, em momentos *presenciais* – impliquem em pedidos de saída.

Outra questão que ao longo da pesquisa teve influência na entrada e saída de associadas do clube é a polêmica em torno de se a diretoria deve ou não conceder entrevistas à mídia impressa ou televisiva em nome do clube. Embora seja fato que o clube passou a ser mais divulgado com essas aparições, o que resultou num aumento de associações nos períodos em que apareciam na TV, revistas ou jornais, por outro lado diversas associadas *mais antigas* acabaram se desligando seja por alegarem não concordar com a forma como se estava expondo o *crossdressing* e o clube nessas matérias, seja por terem sido reconhecidas na foto de seu perfil do site do clube

⁹⁵ Disponível em: <<http://www.bccclub.com.br/bcc.htm>>. Acesso em: 20 ago 2008.

(conta-se que o acesso ao site aumentou muito desde que as aparições na mídia se iniciaram), seja por não quererem arriscar serem reconhecidas pelo medo das consequências da exposição do *crossdressing*.

Divergências outras acerca do que deve ser o clube, do que é ser *crossdresser de verdade* ou os limites e peculiaridades do que é *ser crossdresser, travesti* ou *transexual* também são objeto de brigas e saídas do clube. Uma outra razão apontada para se deixar o BCC é a *perda de sentido* da participação, que pode se dar porque a pessoa “não precisa mais do clube para vivenciar seu *crossdressing*”, porque a pessoa passa a se identificar como travesti ou transexual e o clube não mais contempla coisas que lhes interessem dada a nova situação de vida ou outra razão qualquer que faça com que pertencer ao clube deixe de ser fundamental. De qualquer modo, antes de continuar a discorrer sobre os porquês das saídas do clube, gostaria de iniciar falando sobre como o clube se organiza e funciona e qual sua importância para as pessoas que foram interlocutoras deste trabalho.

Apresentando a estrutura do BCC⁹⁶

O BCC reúne membros de vários locais do Brasil e de diversas faixas etárias, e agrega homens que “têm a fantasia de usar roupas do sexo oposto (*crossdressing*)” ou, a *grosso modo*, se vestem de mulher. Como a organização inicial do clube se dá pela internet, a página torna-se um importante veículo não apenas para entender o funcionamento do grupo, mas também para agregar novos membros e difundir o que entendem por *crossdressing*⁹⁷. É nela que estão disponíveis o *Regimento Interno*⁹⁸ do

⁹⁶ Tanto as citações que se encontram entre aspas como o organograma de funcionamento do BCC foram retirados da página do clube na internet (www.bccclub.com.br), em acessos diversos ao longo do andamento desta pesquisa. Como as informações dizem respeito ao período que vai de 1997 a 2005, o site não necessariamente contém dados que correspondem ao atual momento do clube ou a política da diretoria em exercício, cuja gestão iniciou-se em 2006 e segue até a presente data, já que foi reeleita em 2008, durante a plenária ocorrida ao final do *Holiday en Femme*.

⁹⁷ Para uma análise da página do BCC e de como esta possibilitou o encontro de um grupo *estigmatizado* composto por *homens que se vestem de mulher*, ver Alex Fernando Teixeira Primo, Vanessa Andrade Pereira & Angélica Freitas (2000). Para os autores, a internet é o espaço que torna possível que estas pessoas *sustentem uma identidade* que não corresponde à que usam em sua *vida real*. Também argumentam que “... a comunidade virtual do BCC formou-se e fortaleceu-se não apenas pela ausência de espaços urbanos que os acolhesse, mas também em razão do preconceito e estigma social” (p. 288) [tradução livre do inglês]. O texto fala do clube como um espaço em que estes homens -

clube, a ficha de inscrição no clube, além das páginas com os perfis das associadas, entre outros conteúdos.

Logo na primeira página do clube na internet, encontram-se as informações de que o BCC foi fundado em 1997 e é “o primeiro clube voltado para crossdressers e transgêneros⁹⁹ do Brasil”, informação seguida de um aviso em destaque de que aquele não é um site de conteúdo erótico. Na página é possível encontrar o aviso:

“Informamos que o BCC e este site não tem caráter sexual ou de encontros. Em virtude dos temas tratados desaconselhamos o acesso a menores de idade apesar destes poderem aqui encontrar respostas a muitas de suas dúvidas. Neste caso recomendamos o acompanhamento de um maior responsável nas consultas ao nosso conteúdo”.

Ainda, dentro do site, é possível encontrar um texto de definição do que é o clube:

“O BCC não possui sede física e concentra seus trabalhos de filiação e comunicação através da Internet com o principal objetivo de promover a integração social entre pessoas que tem a fantasia de vestir-se com roupas do sexo oposto bem como apresentar esclarecimentos sobre o tema e outros assuntos correlatos. Existem encontros reais entre as associadas após a realização de alguns trâmites de segurança e verificação que as permitem participarem de cdsessions, encontros, festas e eventos em geral. Não são exigidos nomes reais ou dados pessoais no momento da filiação justamente para preservar a identidade da crossdresser associada. Apenas quando da participação em eventos oficiais do clube é que estes dados podem ser solicitados.”

O BCC organiza seu funcionamento através de um organograma de trabalho, com funções diversas divididas entre a Presidência, a Diretoria e a Comissão de Ética e Avaliação. O organograma atual de trabalho do BCC foi definido em Assembléia Geral Ordinária realizada em maio de 2007 e é constituído da seguinte forma:

reunidos em torno de um segredo compartilhado e que mantém oculto - procuram amizades, apoio e comunicação aberta. O argumento foca-se, contudo, mais na análise da constituição de uma comunidade virtual do que propriamente na análise do *crossdressing*.

⁹⁸ O texto completo do Regimento Interno, agora em fase de reformulação, está disponível no Anexo I deste trabalho.

⁹⁹ A descrição utilizando as duas categorias sugere uma distinção entre elas. De modo geral, para o grupo, *transgênero* seria uma classificação mais geral para pessoas que usam roupas que socialmente pertencem ao sexo oposto do sexo do nascimento. Isso engloba, nesse contexto, *travestis*, *transexuais* e *crossdressers* – o que implica em dizer que “crossdresser” seria uma categoria específica que está dentro de uma outra com característica mais genérica. Isso não quer dizer, contudo, que não se entenda que cada uma dessas categorias tenha suas especificidades e formas de ser/estar no mundo diferenciadas entre si.



Dentro dessa estrutura, há atualmente onze associadas que ocupam cargos, uma na presidência, seis na diretoria (sendo que a *presidenta*, como se referem a ela, também ocupa um desses cargos, cuidando da tesouraria) e cinco como membros da *Comissão de Ética e Avaliação (C.E.A.)*. Há, ainda, um Regimento Interno que delimita o que é o clube, seu funcionamento, direitos e deveres das associadas, entre outras coisas. Toda nova adesão de membros ao BCC passa necessariamente pela avaliação desse grupo de pessoas, que decide se a pessoa que submeteu a proposta pode ou não entrar para o clube. Há duas formas de entrar para o BCC: a primeira e mais comum é a que se dá através do preenchimento de uma ficha cadastro disponibilizada no site do clube; a segunda é ser convidado. No primeiro caso, a ficha é avaliada pela *C.E.A.* No segundo, o convite é discutido colegiadamente pela diretoria e *C.E.A.* e, decisão favorável tomada, a pessoa é convidada oficialmente.

De acordo com relatos que ouvi ao longo da pesquisa e com informações do site que justificam o aumento recente no número de adesões, cada diretoria tem seu próprio modo de decidir quais os critérios de entrada de novas sócias, embora exista um Regimento Interno no clube. Na prática, isso significa que a política da atual diretoria é apontada como diferente daquela praticada pelas anteriores. Algumas diretorias, inclusive, exigiam que novas associadas fossem necessariamente indicadas por alguma associada antiga. Outras diretorias, conforme me contaram durante a pesquisa, embora não tivessem uma política oficial em relação a restringir a entrada de *transsexuais* e *travestis*, adotaram uma postura pouco amigável quanto a estas pessoas e, várias sócias transexuais e travestis acabaram se afastando do clube na ocasião.

As políticas de entrada e como se lidar com o registro de sócias mudam de uma diretoria para outra. Mesmo os dados que constam no site do clube atualmente não correspondem, necessariamente, a todas as pessoas que porventura participaram dele no momento. Isso se dá porque houve um processo de recadastramento há alguns anos que serviu para *limpar* pessoas que não participavam há muito tempo da lista virtual ou porque, no momento, não se tem acesso às senhas do site do clube para excluir ou inserir perfis de associadas. É comum que se retire do site as fichas das associadas que se afastam do clube. De qualquer modo, foi-me relatado que houve uma perda de dados de associadas que saíram do clube quando o recadastramento ocorreu. Nesse sentido, perdeu-se as informações daquelas associadas que, na época, não pôde ou não quis ser recontactada. Este fato é apontado como algo *ruim* para o registro da história do clube, uma vez que apenas associadas que foram lembradas por alguma outra contemporânea tiveram alguma chance de ter suas informações preservadas.

Posto isto, os dados que constam atualmente na página do clube sobre o número de associadas datam de dezembro de 2005. De acordo com as informações ali dispostas, na época havia 897¹⁰⁰ associadas inscritas. Destas, 491 eram *ativas*, 345 *inativas* e 61 *desligadas*. As associadas que se sabiam falecidas estavam contabilizadas entre as *inativas*. Na época, havia 104 associadas *reais ativas*, 30 *reais inativas* e 397 associadas *virtuais ativas* e 315 *virtuais inativas*. O clube contava com 45 associadas *reais ativas com S/O* e 107 associadas *virtuais ativas com S/O*. Em relação à *sexualidade*, 240 associadas declararam-se heterossexuais, 326 bissexuais, 56 homossexuais e 275 nada declararam (das primeiras 274 associadas do BCC não foi exigida a definição da sexualidade). Uma das associadas se declarou Drag Queen, duas como mulheres que gostam de se vestir como homem¹⁰¹, seis como travestis e 24 como transexuais. Se até 2005 o clube contava com cerca de 897 associadas, logo após, quando se realizou um recadastramento das associadas, o número passou a 297 (a atualização do site é datada de 13/05/2007).

Diz-se que muitas *associadas inativas* acabaram não atendendo ao pedido de recadastramento e, com isso, foram retiradas do rol de participantes do clube. Ainda,

¹⁰⁰ Número de associadas admitidas de 1997 a 2005, por ano: 1997 = 33; 1998= 29; 1999 = 37; 2000 = 53; 2001 = 68; 2002 = 175; 2003 = 227; 2004 = 189; 2005 = 59.

¹⁰¹ No site aparecem referidas com F2M – female to male – terminologia que foi e ainda é utilizada, em alguns contextos, para descrever homens trans/transexuais (ou seja, aqueles que “nascem” com um corpo de mulher mas se identificam social e psicologicamente como homens).

houve uma cisão no clube em algum momento, que ocasionou a saída de algumas associadas. Atualmente, há uma campanha de ampliação do número de associadas, através da divulgação do clube via entrevistas a veículos midiáticos e a tentativa de levar as chamadas *cds virtuais* para eventos do clube. Isso tem acontecido, mas ainda não há números de quantas associadas o clube efetivamente tem no momento. Quando a nova página do clube for ao ar, algo inicialmente previsto para meados de 2009, será possível saber o número atualizado.

A presidência e as diretorias

O cargo de *presidenta* do BCC é relativamente recente. A presidência foi estabelecida no ano de 2007, durante assembléia no final do HeF¹⁰², quando a atual presidenta foi eleita. Antes o regime administrativo funcionava de modo colegiado, com um total de cerca de quatro diretorias, conforme me foi relatado. Foi neste mesmo HeF que se ampliou o número de diretorias e se criou o organograma de trabalho exposto anteriormente no texto.

O papel da presidência consiste em representar o BCC, deliberar cargos e responsabilidades e ajudar na condução dos trabalhos necessários ao funcionamento do clube. De qualquer modo, as decisões consideradas importantes para o clube da presidência só podem ser tomadas em conjunto com a diretoria, que é dividida em cargos/funções, notadamente: Contatos Reais, Relações Públicas, Moderação de Fóruns, Cadastro de Associadas, Informática, Cultural e Tesouraria. Seguem as atribuições de cada um dos cargos descritas na página do BCC:

“Contatos reais: acompanhamento, verificação e emissão de diploma para associadas que se tornaram reais, ou seja, que deixaram de conviver apenas no âmbito virtual e freqüentam nossos encontros, festas, cdsessions e afins.

Relações Públicas: é uma espécie de ‘braço direito’ da Presidência e que tem como principal função ajudar na representação do BCC junto a fornecedores, empresas, público, associadas, simpatizantes e etc.

¹⁰² As *Assembléias Gerais* sempre acontecem na manhã de domingo, último dia dos HeFs, e a participação restringe-se a associadas da categoria *real* presentes no evento. A presença não é obrigatória, contudo, sendo livre a abstenção.

Moderação Foruns: a diretora desta função tem como principal atividade verificar o bom andamento das discussões dos forums do BCC evitando assuntos fora dos nossos propósitos.

Informática: a responsável por esta área deve manter os forums e o site do BCC em pleno funcionamento e sempre atualizados.

Cultural: tem a responsabilidade de coletar informações e material para publicar nosso jornal e manter as associadas informadas sobre os mais diversos assuntos pertinentes ao nosso universo ou de forma geral.

Tesouraria: responsável pelo caixa do clube que arrecada fundos através de doações voluntárias semestrais das associadas reais¹⁰³.“

A diretoria de *Cadastro de Associadas* exerce o papel de receber as fichas de solicitação de inscrição no clube e as repassa diretamente a C.E.A., que as aprova ou não. Caso a ficha seja aprovada, ela é repassada à *Diretoria de Moderação de Fóruns*, que cadastrá e dá as boas vindas às novatas, no fórum virtual do clube. Ainda, de acordo com o site, “uma mesma associada pode acumular dois cargos desde que não sejam dois cargos de tomadas de decisão como Diretoria e C.E.A. ao mesmo tempo e desde que esta seja votada em assembléia”.

Durante assembléia realizada ao final do HeF de 2008, decidiu-se renovar o mandato da presidência e diretoria em exercício. Algumas alterações, contudo, foram feitas nos meses seguintes, dada a saída de uma das diretoras por razões pessoais (medo de ser descoberta pela esposa e/ou colegas de trabalho por conta da exposição recente do clube na mídia) e pelo falecimento de outra diretora num acidente de trânsito.

O Comitê de Ética e Avaliação

O Comitê de Ética e Avaliação funciona em três instâncias: a primeira concerne à admissão de novas associadas (juntamente com a diretoria de cadastros), a segunda refere-se a decisões relativas a querelas que possam acontecer entre membros do clube e a terceira diz respeito ao julgamento daquelas associadas que porventura tenham descumprido algum item relativo ao Regimento Interno do clube ou tenham exposto publicamente alguma associada através da publicação de fotos ou dados que pudessem expor a vida privada desta. Um exemplo disso ocorreu ao longo da pesquisa: uma associada pediu desligamento do clube porque alguém havia

¹⁰³ Grifos do site.

encaminhado uma mensagem da lista de discussão para a namorada, que era de fora do clube. A mensagem parabenizava sua *S/O* pelo aniversário e tinha tom bastante afetivo, o que causou o rompimento da relação com a namorada. De qualquer modo, como esta associada optou por deixar o clube e não realizar denúncia ao *C.E.A.*, nada ocorreu com a pessoa que cometeu tal indiscrição.

O *C.E.A.* é um órgão com autonomia, ou seja, “é uma entidade desvinculada da Diretoria, com vida própria e que tem plenos poderes para decidir os casos a ela apresentados sem a necessidade de aprovação de diretoras ou presidente”. Ele é formado atualmente por cinco pessoas, todas escolhidas entre associadas da categoria *real* do BCC. É permitida a participação de *ggs*¹⁰⁴, embora algumas associadas não concordem que isso faça sentido para um clube de crossdressers. Durante minha pesquisa o *C.E.A.* foi acionado apenas uma vez para resolver um atrito entre duas associadas, tendo sido acionado por uma delas durante uma discussão ocorrida na lista de discussão do grupo. No resto do tempo, funcionou mais como quem aprova ou não pedidos de associação de novos membros.

O Regimento Interno

O Regimento Interno, que está disponível na página do BCC, data do início do clube, passando por algumas reformulações e ampliações ao longo dos anos, todas deliberadas em assembléias ocorridas nos HeF’s, pelo que me foi relatado. Com as mudanças mais recentes, deliberadas na assembléia de 2007, o estatuto disponível no site acaba apresentando algumas incongruências em relação aos modos de funcionamento do clube no momento. Isso pode ser percebido caso comparado o organograma atual disponível na página e as atribuições da presidência e diretórias com o que está disposto no texto daquele regimento. Como o texto não corresponde mais ao que se pretende quanto política para o clube no momento atual, de acordo com o que me foi relatado ao longo da pesquisa e de acordo com as informações que constam nas atualizações mais recentes da página na internet, ele deve passar por uma reformulação até o fim de 2009.

¹⁰⁴ Genetic Girls, ou mulheres biológicas.

Outra razão para esta reformulação é a idéia de tornar o clube algo institucionalizado, com registro e CNPJ¹⁰⁵, o que permitiria ao BCC ter uma conta bancária (evitando assim que uma associada tivesse que assumir a responsabilidade e o risco de efetuar movimentações financeiras em seu nome ou conta pessoal, que tem sido o que ocorre até o momento) e fazer convênios com estabelecimentos comerciais diversos (hotéis, salões de beleza, lojas, etc.).

De qualquer modo, o regimento é sempre citado como importante, como aquilo que dá o norte e organiza o clube. Assim, é ele que regulamenta o funcionamento e estrutura do clube, assim como dita quais são as normas de conduta que devem ser cumpridas pelas associadas e quais as punições e procedimentos quando há algum descumprimento. Além disso, é o estatuto quem dita quem pode ou não ser aceita como associada.

O texto atual é focado na idéia de um clube organizado de modo virtual, em que as coisas são decididas através de bate-papos virtuais e listas de discussão. De qualquer modo, ele prevê encontros presenciais entre associados que são, inclusive, desejados ou requeridos em alguns casos, como as *cdsessions* das regionais ou reuniões de parte das diretoras no caso de se precisar decidir algo com urgência. Na prática, contudo, percebe-se uma grande ênfase das associadas, presidenta e diretoras em ampliar cada vez mais o contato pessoal entre as pessoas do clube.

É comum ouvi-las mencionar que falaram umas com as outras pelo telefone e, em alguns momentos em que algo tido como mais sério precisa ser decidido (como algumas crises entre associadas), foi comum ao longo dessa pesquisa que a diretoria tentasse se reunir pessoalmente, contando inclusive com as diretoras que moram fora do eixo Rio de Janeiro - São Paulo. Nesse contexto, pode-se afirmar que hoje há diversas decisões que são tomadas em reuniões entre esta *cúpula* do clube em momentos em que estão reunidas presencialmente.

É possível perceber que há um grande esforço normatizador nessa tentativa de organização do clube, que implica sobretudo na tentativa de garantir um caráter de seriedade ao que se faz ali. Contudo, ao mesmo tempo em que se faz este esforço, algo escapa, tornando várias dessas normas contraditórias entre si, ou então adaptáveis a questões que porventura possam surgir e escapem ao que está pré-estabelecido. Isso é perceptível quando se compara como o clube se pensa em termos

¹⁰⁵ Sigla para “Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica”.

de estrutura e funcionamento através da página e como ele se pensa através do Regimento Interno, que trazem modos diferentes de ver o clube. Também é perceptível quando se observa que o Regimento diz que não recomenda que as associadas dêem entrevistas a respeito de seu *crossdressing* e proíbe que se mencione o clube para a mídia e mesmo para pessoas de seu círculo social, conforme trechos a seguir:

“A Diretoria do BCC não está autorizada a participar de programas de rádio e televisão ou de entrevistas de jornais e revistas para falar sobre as atividades do clube e sobre suas associadas.

O BCC não aconselha que suas associadas se exponham, participando de programas de rádio e televisão ou dando entrevistas a jornais e revistas tendo em vista o eventual infortúnio ou prejuízo financeiro, intelectual ou profissional que possam sofrer em razão da discriminação e do preconceito que muitas pessoas ainda teimam em cultivar e cultuar. O site do BCC já tem as informações suficientes para informação e esclarecimento do público em geral¹⁰⁶.“

“É aconselhável que a associada não divulgue a existência do BCC a familiares e amigos, principalmente se estes não aprovam a sua condição de crossdresser ou demonstrem qualquer tipo de preconceito ou discriminação¹⁰⁷.“.

Isso, contudo, contrapõe-se ao que se pretende atualmente para a expansão do clube, em que se busca divulgar o clube na mídia para agregar novas associadas e se procura trazer mais pessoas *simpatizantes* para dentro do clube, assim como as famílias das associadas, sobretudo esposas e filhos/as. Conversando com uma das diretoras, ela mostrou-se surpresa quando eu mencionei que há disparidades entre o conteúdo do site e do regimento. Disse que era até *bom saber*, já que um novo site está em elaboração, e que nele buscar-se-á, entre outras coisas, corrigir essas incoerências e trazer os novos procedimentos/regras do clube.

¹⁰⁶ Regimento Interno do Brazilian Crossdresser Club, Capítulo VII - DA DIVULGAÇÃO DO CLUBE; Seção II - Da Divulgação nos Meios de Comunicação.

¹⁰⁷ Regimento Interno do Brazilian Crossdresser Club, Capítulo IV - DO QUADRO DE ASSOCIADAS; Seção X - Da Conduta da Associada.

As Regionais do BCC

Embora não exista uma sede oficial do clube para além da virtual, pode-se dizer que a maior parte das associadas concentra-se na cidade de São Paulo, onde este foi criado e onde possui um grupo relativamente grande de pessoas, sendo várias integrantes dos cargos de maior peso dentro da estrutura do BCC. Contudo, como algumas outras cidades também têm um número significativo de associadas (como o Rio de Janeiro e Curitiba) que se encontram regularmente, em algumas delas organizaram-se regionais do clube.

As regionais são *braços* do BCC, que estão localizados em outras regiões/cidades brasileiras. Embora no site constem seis grupos regionais listados, apenas alguns funcionavam durante meu trabalho de pesquisa. Os grupos listados são o *Rio's Ladies* (Rio de Janeiro), o *Pampa's Girls* (Rio Grande do Sul e Santa Catarina), o *Red Feet's Ladies* (Paraná), o *Chese Bred's Girls* (Minas Gerais), o *Band's Girls* (São Paulo) e o *CandanGirls* (Distrito Federal). De acordo com uma das fundadoras do clube, criar essas *sedes* em outros lugares

“Foi uma idéia que surgiu para facilitar a regionalização do BCC. Isso ajuda as meninas que são de um determinado estado a fazerem contato com mais facilidade com a parte REAL do clube. As regionais respondem ao BCC, não tem autonomia para criar regras ou leis. Podem, no máximo, ter suas pequenas regrinhas desde que não infrinjam as regras do BCC.” (Deborah Cristina, 28/07/2008).

Apenas os grupos do Rio e de São Paulo mantinham reuniões regulares, embora diferente do que o que ocorre com o *Rio's Ladies*, nunca tenha ouvido referência ao nome *Band's Girls* durante a pesquisa. De fato, reuniões das pessoas que moram em São Paulo geralmente não tinham esta conotação de encontro de uma regional, ficando mais caracterizado como *encontros entre amigas*. Eventualmente, quando ocorria alguma *cd session* de passagem de *virtual* para *real*, a característica de regional ficava mais evidente mas, mesmo assim, não era colocada nesses termos. O *Rio Ladies*, de modo geral, reúne-se para saídas em lugares tidos como simpatizantes no bairro carioca da Lapa e tem uma noite mensal na Turma OK que usa seu nome. Nesse evento ocorrem apresentações de pessoas do BCC e de fora dele. Atualmente

há associadas do BCC com assento na diretoria da Turma OK. De qualquer modo, falarei mais sobre a Turma OK adiante.

Mais tarde, outras regionais passaram a se articular, uma pela metade do ano de 2008 em Curitiba, chamada *Curitibabes*, e uma no interior de São Paulo, por volta de outubro de 2008 e ainda sem nome (embora se refiram na lista de discussão como *Caipirinhas do BCC*). A regional *Pampa's Girls* retomou suas reuniões em meados de novembro de 2008, que vêm funcionando como encontros mensais que podem se realizar em saídas à noite ou almoços, a depender da agenda das associadas. O grupo ainda conta com poucas *meninas*.

As *Curitibabes* estruturaram-se com a proposta de tornarem-se um *Grupo de Apoio para Transgêneros* e é a única regional que possui página na internet¹⁰⁸. Os encontros têm uma agenda regular, que prevê um *Encontro Mensal de Sapo*, uma *CD Session Mensal*, uma reunião de *Grupo de Apoio* e um *Happy Hour Mensal*. Esta regional estava encarregada de organizar o HeF 2010, em Curitiba. Seria o primeiro encontro nacional organizado fora da Região Sudeste. Contudo, em outubro de 2009, ocorreu uma rusga entre as integrantes deste grupo e outras integrantes do clube pertencentes a diretoria e ao CEA. Este desentendimento, que tomou proporções públicas e envolveu uma longa troca de e-mails acalorados nas listas do clube, resultou com o pedido de afastamento de diversas associadas do *Curitibabes* do BCC ao final do mês. Nesse contexto é possível, se a situação for irremediável, que aquela regional e torne-se autônoma e que o *HeF 2010* não possa mais ser organizado por ela, já que a tanto participar da organização quanto ir a este evento depende das associadas pertencerem a categoria *real* do clube.

Como não pude acompanhar o grupo e praticamente não tenho contato com suas associadas não será possível discorrer aqui sobre a especificidade do funcionamento daquela regional. De qualquer modo, ela vem crescendo em número de associadas, buscando angariar através de reuniões regulares e organizadas um número maior de participantes. Conta-se que, de acordo com o que foi proposto por Diana Maria, associada que faleceu no início de 2008 e tida como referência até hoje para o clube, o objetivo da criação de regionais foi possibilitar que o grupo crescesse localmente. Para ela, isto facilitaria o angariar de novas associadas, assim como possibilitaria dar maior apoio e suporte a elas. As regionais facilitariam também a

¹⁰⁸ Ver <http://www.curitibabes.net/>.

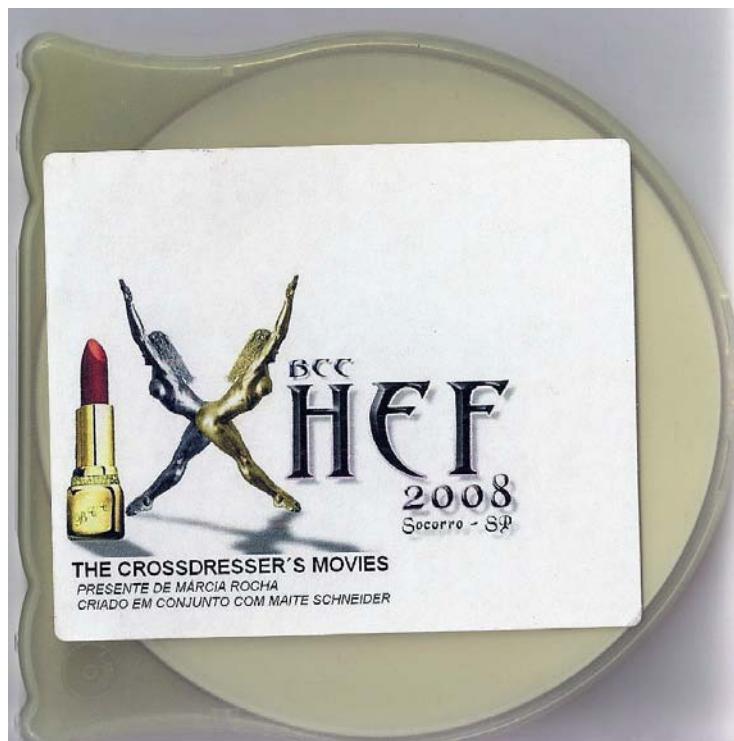
participação de um maior número de *crossdressers* em eventos *en femme*, já que o Brasil é um país grande e eventos nacionais, que agregem associadas de diversos Estados, podem ser muito caros e inacessíveis para muitas pessoas.

O *Holiday en Femme* (HeF)

O HeF é o principal e mais importante evento realizado pelo BCC¹⁰⁹. O evento é inspirado em outro homônimo realizado pelo clube americano de *crossdressers* anteriormente citado, o *Tri-Ess*. Geralmente é organizado por uma associada que se dispõe a procurar o hotel onde o evento será realizado e, também, a recolher as taxas que cada associada que decidir participar do evento deverá pagar. Comumente esses eventos são realizados em hotéis que tem uma estrutura específica: devem ter piscina e serem afastados da estrada, ou seja, proporcionar às pessoas que deles participam a oportunidade de se montarem sem a possibilidade de serem vistas por pessoas que passem pela rua ou estrada. O HeF é o evento também em que se realiza anualmente a assembléia geral, em que se votam novas propostas sobre os rumos futuros do clube, assim como se elege a nova diretoria.

O evento não tem sede fixa, podendo circular entre cidades, hotéis e Estados, desde que respeitados os critérios de privacidade necessários e que se tenha algum cuidado com o fato do lugar ser acessível à maior parte das associadas (considerando objetivamente que a maior parte das associadas encontram-se na região sudeste e que o maior número delas residem no Estado de São Paulo).

¹⁰⁹ O evento escolhido para a descrição que aparece na apresentação deste trabalho – as *Olim...Piadas* – foi relatado diversas vezes como mais representativo para as pessoas do grupo que o HeF no ano de 2008. Isso se deu, sobretudo, em razão de se retomar naquele evento o *Miss BCC*, que não ocorria há muitos anos.



[Brinde distribuído no IX HeF (2008). Na capa, o logotipo daquela edição]

No HeF acontece a eleição do Lady HeF, que deve ser escolhida entre as *crossdressers* presentes. Todas as pessoas que estão no evento votam através de fichas que são distribuídas ao longo do final de semana. A apuração acontece no sábado à noite, pouco antes da festa, que é o *ponto alto* do evento. As categorias a serem votadas no concurso são: Dama Elegância, Dama Simpatia, Dama Feminilidade, e Dama Beleza. A *crossdresser* que obtiver o maior número de indicações nessas categorias ganha a faixa de Lady BCC, mas perde a da(s) categoria(s) em que tenha recebido mais votos, a qual automaticamente passa para a segunda mais votada. Assim, cinco associadas são contempladas nessa eleição. As faixas dos concursos realizados no BCC geralmente são confeccionadas pela mãe de uma das associadas, membro também da diretoria do clube, que trabalhou ao longo de sua vida como costureira.

De modo geral, o HeF funciona de modo semelhante em termos de estrutura ao evento que descrevi no início deste trabalho. De qualquer modo, até por ser o principal evento promovido pelo clube, em torno dele sempre se geram diversas expectativas e ele é tema recorrente ao longo do período de um ano que se dá de intervalo entre uma e outra edição.

O primeiro HEF foi realizado em 1999 e de lá pra cá tem sido feito uma vez por ano. Ao evento podem ir associadas que sejam *reais*, ou seja, que já tenham

convivido com outras *reais* e comprovado que são realmente *crossdressers*. Nesse contexto, para uma *associada virtual* do clube ir ao HeF precisa, necessariamente, tornar-se *real* primeiro. De qualquer modo, outros eventos do clube, como as *cd sessions* ou festas organizadas pelas associadas dispensam esta regra.

As listas de discussão do BCC

O BCC tem várias listas de discussão, com níveis diversos de acesso. Há as listas que são fechadas, como aquelas do grupo do *Le Closet* (tanto o do Rio de Janeiro quanto o de São Paulo tem sua própria lista) ou de algumas regionais do clube (São Paulo não conta com uma lista regional, embora seja o Estado com o maior número de associadas no país). De qualquer modo, as principais listas de discussão são o *Fórum Real* e o *Fórum Virtual* do *Brazilian Crossdresser Club*. Tive acesso às duas ao longo do trabalho de pesquisa, em momentos distintos. Quando preenchi o cadastro de pedido de associação ao clube fui inserida no *Fórum Virtual*, onde permaneci por alguns meses, até o *HeF* de 2008, em que se decidiu que eu poderia também participar do *Fórum Real*. Uma das razões que me foram dadas para esta passagem é a de que eu *participava de mais eventos do clube que muitas associadas crossdressers*.

A lista virtual engloba associadas que tenham sido aprovadas pelo C.E.A. depois de pedirem para se cadastrarem através de ficha de associação. Se houver interesse da associada em se tornar *real*, ela deve submeter-se às normas do clube para tal e, só então, terá acesso a este fórum. Assim, a *lista real* é composta por pessoas que sejam conhecidas por outras associadas. De qualquer modo, isto não é visto sem desconfiança por algumas *cds*. Uma interlocutora deste trabalho ponderou que, mesmo em se estando no fórum real, dado o número de associadas do clube, há muitas que são desconhecidas. Nesse ponto ela pondera sobre as pessoas que acessam esta lista: *reais para quem?* – de acordo com ela, não há garantias de segurança mesmo no *fórum real*, uma vez que de, assim como no *virtual*, a maior parte das associadas não passam de *ilustres desconhecidas*.

As *S/O's GG* do clube participam apenas do fórum real. *Mulheres trans* e *travestis* podem participar de ambos os fóruns, a menos que sejam apenas *virtuais*.

Algumas *S/O's* desconfiam que estão apenas no *fórum virtual* porque as cds buscam controlar o acesso delas ao que se diz ou discute naquele espaço. As *cds* dizem que as *S/O's* não estão no *fórum virtual* para protegê-las do fato de que naquele espaço elas não têm idéia de quem são a maior parte das pessoas. De fato, o conteúdo das mensagens dos fóruns é diferenciado. Enquanto no *fórum real* se fala mais sobre encontros entre as associadas, fotos de *cd sessions*, divulgações de eventos e festas, no *fórum virtual* a pauta gira mais em torno de debates sobre a experiência de *se montar*. É como se o primeiro funcionasse mais como um roteiro cultural e o segundo para falar sobre a experiência do *crossdressing*. Algumas mensagens, contudo, circulam por ambos os fóruns.

Bruno Zilli (2007), discute a partir dos trabalhos de Pierre Lévy (1996) e Jayme Aranha Filho (1995), a noção de *real* e *virtual* para os discursos de legitimação do BDSM na Internet que analisou em sua dissertação de mestrado. Para ele,

“o virtual é uma nova modalidade de *ser*. Seu meio, por definição, é o *ciberespaço* – uma noção que complexifica a concepção de espaço puramente físico. O ciberespaço é percebido por seus usuários como um lugar real, cuja geografia é denotada pelos termos que descrevem a forma de mover-se e localizar-se nele. (...) Tampouco o virtual e os processos que ele engendra são percebidos como algo diferente do real. Se a própria noção de espaço de desmaterializa diante do virtual, a percepção do tempo e a noção da presença também são reformadas.” (p. 51)

Esta reflexão também pode ser utilizada para falar da divisão realizada pelas crossdressers entre *virtual* e *real*, uma vez que antes de espaços separados por fronteiras duras eles funcionam como espaços contínuos. Nesse contexto, pode-se afirmar que a experiência do grupo pesquisado tanto no *espaço virtual* como no *espaço real* são tidas como *reais*, já que fundamentais para a própria construção de si enquanto *crossdressers* e para sua inserção social no BCC.

Espera-se das associadas que leiam e participem ativamente dos fóruns, desde que observadas algumas regras de conduta. Isso pode ser observado nas intervenções da moderação quando algumas discussões ocorrem ou nas assinaturas que acompanham as mensagens enviadas a cada um deles, dispostas a seguir:

“Somos associadas REAIS...

Aqui espera-se uma diferença de atitude e de pensar de cada uma de nós. Se somos mulheres fortes e críticas, mostremos isto com opiniões que ajudem o bem comum; o crossdressing de todas nós.

Felicidades.... sempre!!

BCC...” [assinatura do *Fórum Real*]

“Associada...

Lembre-se que és responsável pela tua simpatia e pela feminilidade.

Todas nós aspiramos sermos femininas, vamos agir sempre como tais.

A tua participação é importante...

Obrigado por postar.

BCC Brazilian Crossdresser Club” [assinatura do Fórum Virtual]

Durante a fase inicial do clube, quando se priorizava o contato virtual, a lista desempenhava um papel central na sociabilidade das pessoas do clube. Isso me foi relatado por uma das fundadoras do clube, que chegou a afirmar que as outras diretorias são *firulas apenas*, uma vez que *quem mandava* no clube, quem de fato *detinha poder*, eram aquelas pessoas que tinham a senha de acesso à pagina e às listas de discussão. Num primeiro momento havia, inclusive, apenas uma lista. Foi bem mais tarde que se criou uma lista para aquelas pessoas que se conheciam pessoalmente. Conta-se que esta divisão não se deu sem a acusação de um certo *separatismo* das pessoas que administravam o clube à época.

Em conversa por MSN (19 de julho de 2009), perguntei a atual moderadora das listas se ela as achava importantes para o grupo. Ela me respondeu, na ocasião, que não via a lista como importante, sendo apenas um veículo que canaliza a *coisa toda*. Segundo ela, a lista não importa muito, o que realmente importa são seu uso e a constância no fluxo de mensagens. Perguntei a ela então se ela não via o fórum virtual como importante para as novatas, principalmente em razão dos relatos de experiência trocados naquele espaço, que me respondeu que de fato as listas têm este papel importante, mas que, no caso do fórum virtual, há um problema com a pulverização da mensagem, uma vez que não se sabe, na verdade, o que as *virtuais* são. Continuamos a conversa falando sobre as associadas virtuais:

“Você acha que as pessoas lêem a lista em geral?

Acho!!... E como aquilo é uma Sodoma e Gomorra, fica difícil você dar atenção para qualquer uma. A gente se desdobra é quando ‘vê’ que uma delas, lá do virtual quer sair...vir pro Real, entende?

Uhum... interessante você falar essas coisas, porque me fez ter uma idéia de que o papel da lista pode ter mudado com o passar dos anos...

Ahhhh. Eu tb acho!! Aliás Anninha, muitas coisas mudaram no BCC. Eu mesma venho acompanhando a mudança. Por exemplo... Uma ‘Pseudo inocencia’ que tinha quando eu entrei... Já era! Eu não perdi, na verdade... Ela existia no ar, estava no BCC. E isto, no fórum virtual, Anna. À medida que o tempo passou, as pessoas que entram lá tem um comportamento totalmente diverso. Sabe... eu penso que a qualidade das

pessoas que acessam o site mudou... Agora temos fetichistas, tarados, gente mal intencionada... em uma profusão muito maior que antes. Era mais fácil controlar essas coisas com um número menor de associadas... Mas a rotatividade no BCC sempre ocorreu Anna. Fizemos um limpa em 2005. Mais de 800 ‘associadas’ foram anuladas... Muitas associadas virtuais entram com aquele questionário limitado. Entram e, na sua maioria, constatam que o clube não oferece o que querem... Elas simplesmente deletam o e-mail e partem pra outra.”

As duas listas são o centro da comunicação do grupo e funcionam como um espaço de disputas e tensões, assim como um lugar de fala e escuta importante para algumas associadas, sobretudo as *reais*. São elas que mais opinam naqueles dois espaços. É onde se ensina às novatas como o clube funciona, o que é ser *crossdressers* e como uma *mujer* (*cd*, neste caso) deve agir. Na lista debate-se os significados do que é *estar feminina*. Isso engloba uma série de dicas sobre como se portar ou como se vestir *de modo feminino*.

Embora o fluxo de mensagens das duas listas seja grande¹¹⁰, os temas repetem-se ao longo do tempo. Os temas das conversas são parecidos com os que já mencionei em relação ao que se conversa em comunidades do Orkut, embora nessas listas se fale também acerca do funcionamento do clube e da sociabilidade nos eventos e encontros realizados. Os assuntos geralmente giram em torno de aproximações ou afastamentos em relação a outras pessoas que se identificavam como *travestis* ou *transexuais*; sobre comprar roupas, maquiagens e acessórios; sobre o que é *crossdressing* para cada uma delas (até que ponto vai, o que é *crossdressing* legítimo ou não, o que é ser um/a *crossdresser de verdade* e outros temas sobre os quais o consenso nunca se estabelece); dicas de hormonioterapia e de profissionais de saúde que atendem a *este público*; indicação de alguns lugares que freqüentam *montadas*. Circulam pelas listas, também, informações acerca de palestras, bibliografias (acadêmicas, literárias ou autobiográficas) sobre *transgênero*, matérias que saem na mídia sobre *crossdressers*, *travestis* e *transexuais* e chamadas para atividades do clube (no caso da lista real, as chamadas são feitas diretamente e, no caso da virtual, vêm acompanhadas com um estímulo para que se passe à outra categoria de associação).

¹¹⁰ De junho de 2008 a junho de 2009 foram trocadas 8946 mensagens no *fórum real*, sendo o mês de maio de 2009 o com menor número de mensagens (293) e o de outubro de 2008, que foi o mês do evento “Olímp...piadas” o com maior número delas (1235). O *fórum virtual* foi trocado de servidor no início de 2009, portanto não tenho como realizar aqui um cálculo equivalente. De qualquer modo, no período que vai de fevereiro a agosto de 2009, foram trocadas 7335 mensagens. Fevereiro, mês de implantação da lista, teve o menor número de mensagens (257) e julho teve o maior fluxo delas (1569).

De qualquer modo, o maior número de mensagens trocadas sempre gira em torno das classificações sobre o que é *ser crossdresser*, os limites dela e os significados em geral sobre o que fazem. Essas mensagens geralmente causam polêmica e algumas discussões se estendem por semanas. Quando as discussões passam de certo limite, geralmente ocorre intervenção da moderação que pede que os ânimos se acalmem. Se alguma associada julgar-se ofendida, pode pedir que o *C.E.A.* se manifeste a respeito da questão. Eventualmente alguma associada chega a pedir afastamento do clube durante os embates mais acalorados. Contudo, é comum também que voltem atrás desta decisão, retornando ao clube.

3.2 “Vai gostar de ser mulher assim... lá no Arouche!!!”¹¹¹: Do *Le Closet* a outros espaços

O *Le Closet* São Paulo

Referido em diversos momentos como a *sede paulistana* do BCC, o *Le Closet* foi fundado em setembro de 2006, próximo a região do Largo do Arouche. O *Le Closet* foi uma iniciativa de um grupo de doze associadas do clube que, consta, antes mesmo de conseguir o apartamento já havia juntado uma *jóia* de cerca de 18.000 reais¹¹² para viabilizar esta idéia, inclusive pagar todas as despesas de instalação e mobília, que consumiu mais ou menos todo este dinheiro. Ser associada ao BCC é uma das regras para que se possa fazer parte do grupo que utiliza o apartamento. De qualquer modo, o local é privativo para as pessoas que são parte da iniciativa e não pode ser utilizado por pessoas que não pertençam ao seu quadro sem prévia consulta e anuência das pessoas que locam o apartamento. Eventualmente, algumas novatas tendem a passar deste limite por considerarem que o *Le Closet* é uma sede do clube. Quando isso ocorre, de modo geral, as associadas que fazem parte do BCC acabam

¹¹¹ Fala de uma das diretoras do BCC em e-mail para o Fórum Virtual do BCC, em 17 de julho de 2008.

¹¹² Para fins de referência: no período em que o *Le Closet* foi fundado o salário mínimo no Brasil era de 350,00 reais. Desde 01 de março de 2008 o valor é de 415 reais.

informando à novata em questão que o apartamento é para uso do grupo e que apenas eventualmente é cedido para outras pessoas.

É um apartamento de um quarto, mobiliado de acordo com o que o grupo quis e/decidiu que seria adequado para um apartamento para *se montar* (e *desmontar*). Conta-se que uma das pessoas envolvidas na idealização do apartamento era arquiteto por profissão. Esta pessoa é uma das que rompeu com o grupo mais tarde e já não fazia mais parte do *Le Closet* no momento em que iniciei minha pesquisa com o BCC. Embora tenha ocorrido algumas trocas, a maior parte das pessoas que faziam parte do grupo inicial que montou aquele espaço permanece como membro dele.

A reunião inicial deste grupo foi realizada em um churrasco no apartamento de uma das integrantes da diretoria atual do clube, onde decidiu-se como funcionaria a montagem e o uso do lugar. Cada uma das doze integrantes do *Le Closet* desembolsa mensalmente 133 reais, que serve para pagar despesas como aluguel, condomínio, faxineira, telefone, tv a cabo, luz, IPTU e alguns comes e bebes. Pelo que contam, sempre sobra algum dinheiro dessa caixinha e o excedente vai para uma conta, que é usado para financiar certas atividades deste grupo, como o encontro de final de ano. Mensalmente gasta-se com aluguel, condomínio e outras despesas algo entre 900,00 e 1.000,00 reais. O *Le Closet* é um apartamento utilizado para que as pessoas possam se montar e deixar suas coisas, facilitando assim a vida de quem não tem como fazer isso em casa ou na cidade em que mora. De qualquer modo, não são apenas pessoas que não podem guardar suas coisas em casa que fazem parte do *Le Closet*. A maior parte das pessoas que faz parte dele, inclusive, tem outro armário em casa. Há quem nem faça uso do armário que lhe é destinado no apartamento. Uma das associadas contou-me que quando da instalação desses armários, um dos porteiros do prédio ao ver tantos armários, os quais ocupavam boa parte do espaço do quarto, perguntou onde ficaria a cama. Foi quando ela explicou a ele qual seria a finalidade do apartamento.

Esta é uma iniciativa de um grupo restrito de pessoas, que fazem parte do BCC, mas não é *algo do clube*. O mesmo ocorre com o *Le Closet Rio*, e há um convênio entre os dois. O primeiro *Le Closet* montado por membros do BCC é o carioca, que fica na Lapa, apartamento em que estive algumas vezes quando houve *cd sessions* no Rio. Durante algum tempo, em São Paulo houve um apartamento com um propósito semelhante ao do *Le Closet*, chamado de *A Cage*, que ainda existe, na região dos Jardins e ainda pertence às pessoas que o montaram, mas que não tem hoje qualquer relação com o BCC. De acordo com os relatos de algumas associadas do *Le*

Closet, essas pessoas chegaram a fazer parte do grupo que fundou o *Le Closet* paulistano. A *Cage* é assim nominada com uma referência ao filme de temática transgênera *La Cage aux Folles*, cujo nome no Brasil é *A gaiola das Loucas*.

O *Le Closet* tem estatuto próprio e regras de uso específicas, onde consta que demais associadas do BCC não têm direito ao uso desse espaço, mas podem freqüentar se convidadas por alguma do grupo, com aprovação geral. Eventualmente, o local é utilizado para hospedar pessoas do clube que precisem de um lugar para ficar na cidade, sobretudo as pessoas que fazem parte do *Le Closet* carioca e algumas outras pessoas da diretoria ou que são importantes dentro do clube.

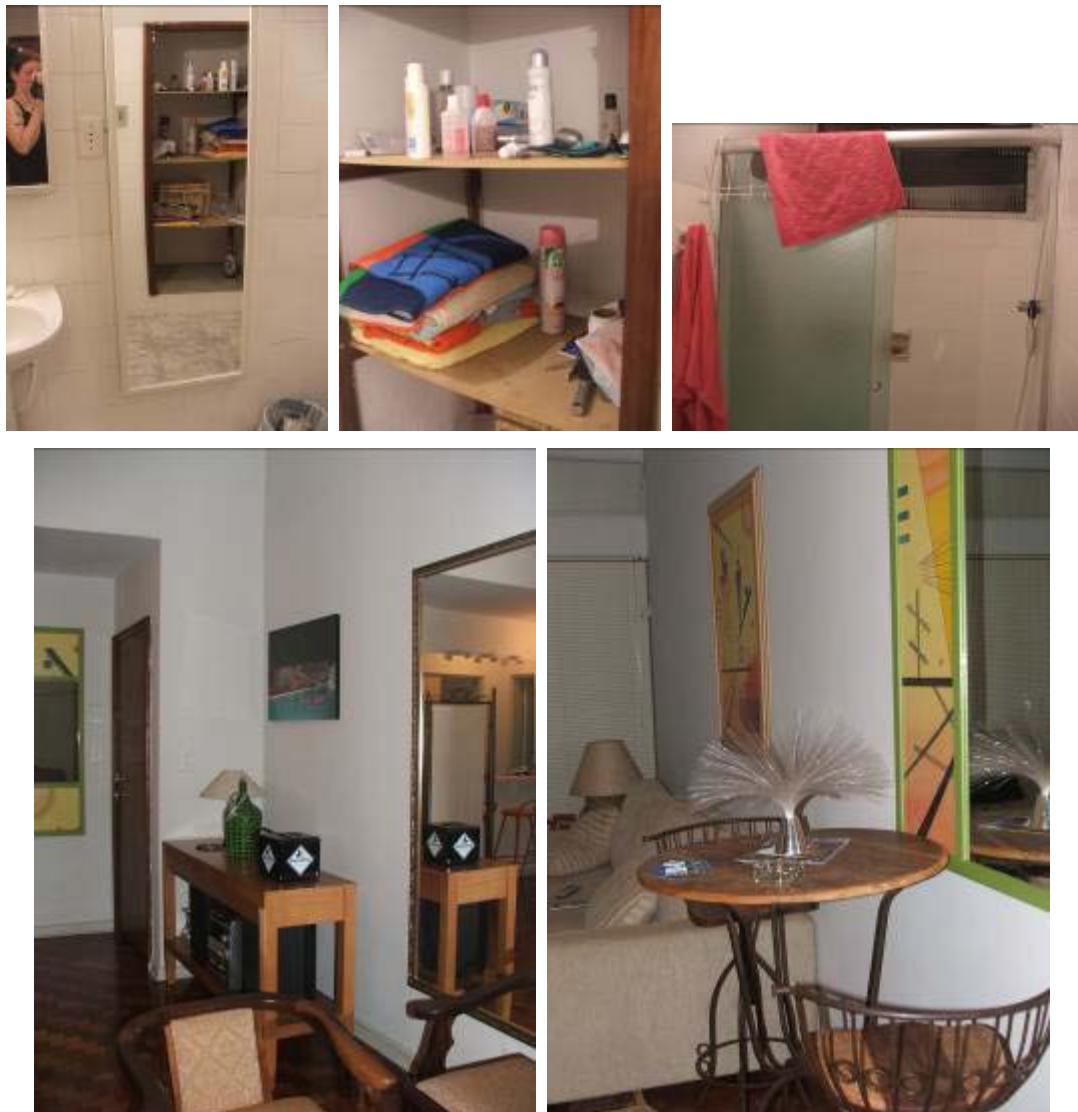
O apartamento foi planejado para ser habitável. As paredes são brancas e, exceto pelo banheiro, a cozinha e a área de serviço que têm piso branco, o chão é de tacos envernizados. Logo à direita da porta de entrada há uma parede em que se pode ver ganchinhos brancos para pendurar chaves e um espelho de cerca de um metro emoldurado com cores que combinam com os tons dos quadros e móveis da sala (o espelho mais a moldura devem ter cerca de um metro e meio de altura e 40 cm de largura). Algumas das coisas e móveis que fazem parte da mobília vieram de doações pessoais de membros do apartamento. Logo a seguir já está a porta da cozinha. Esta é equipada com geladeira, fogão, microondas, louças, copos e talheres, armários, pia, mesa, etc. Ao final dela, há uma porta para a área de serviço, que sempre está fechada, e é equipada com um tanque e varais e tem um banheiro *de empregada*. Tanto na cozinha quanto na área de serviço a iluminação externa e ventilação se dão através de uma faixa de tijolos vazados que fica há cerca de dois metros do chão e que se comunica com o corredor do prédio, que dá acesso ao elevador.

O apartamento tem apenas um vizinho de porta. Consta que lá mora uma *mujer más velha* que não aprecia muito a vizinhança por *preconceito* e costuma fazer queixas sobre barulho e excesso de movimentação. Logo à frente da porta há um biombo, com estrutura de metal e fechado com panos brancos. Atrás dele encontra-se uma bancada com um espelho emoldurado em branco, iluminado com luzes dicroicas, adequado para que até três pessoas possam se maquiar nele simultaneamente, sentadas em banquetas da cor laranja. Ao fim desta bancada, há um pequeno armário embutido no canto, que já pertencia ao apartamento, onde fica o aparelho de telefone. Ali, ainda, como que em frente à porta de entrada há a porta do banheiro e, à esquerda desta, a porta do quarto.



O banheiro é relativamente simples, comparado com o resto do apartamento. O armário embutido e aberto que já existia nele possui prateleiras de madeira. Há uma pia simples em frente à porta e há cerca de um metro dela o vaso sanitário. O chuveiro é fechado por um box e logo acima da pia há um armário de banheiro comum, com espelho. Neste armário embutido ficam rolos de papel higiênico, algumas revistas femininas e de moda, alguns materiais como aparelhos de barbear, algodão, removedores de esmalte, produtos para remover maquiagem (demaquilantes ou lenços umedecidos de marcas para bebês), alguns cremes e produtos de limpeza. Os produtos

pessoais não ficam guardados ali, mas dentro dos armários dos quartos ou as pessoas os carregam consigo.



A sala estende-se à esquerda da porta de entrada. Ao entrar na sala, do lado esquerdo há um balcão onde ficam, na parte inferior, um aparelho de som estilo mini-system e algumas taças e na parte superior algumas garrafas de bebida, balde de gelo, abridor de garrafa e um abajur. Sobre ele, na parede, um quadro com uma foto de várias integrantes do BCC montadas, à beira da piscina, no HeF de 2007. Em frente a este balcão, junto à parede direita, há uma mesinha alta de ferro e tampo de madeira com duas banquetas altas do mesmo material. Sobre esta mesinha há um espelho que tem cerca de um metro e meio de comprimento e é decorado com motivos

semelhantes ao espelho que se encontra próximo a entrada e ao quadro que fica sobre o sofá de três lugares.



Ao lado dessa mesa encontra-se um sofá-cama de três lugares, decorado com almofadas. Sobre ele um quadro abstrato em tons de amarelo e laranja, que combinam com o tapete e o tom bege e amarelo dos sofás. Ao lado deste sofá há uma mesa de canto onde ficam alguns porta-retratos de *cds* que fazem parte deste grupo e um abajur. Em formato “L” com este sofá e mesinha há outro sofá, de dois lugares, que fica de costas para a janela, que é coberta com persianas. Na parede esquerda, ao lado deste sofá, fica uma poltrona de madeira e estofada no assento. Ao lado dela, fica um rack para TV. Nele fica uma TV de 21 polegadas, na prateleira abaixo um aparelho

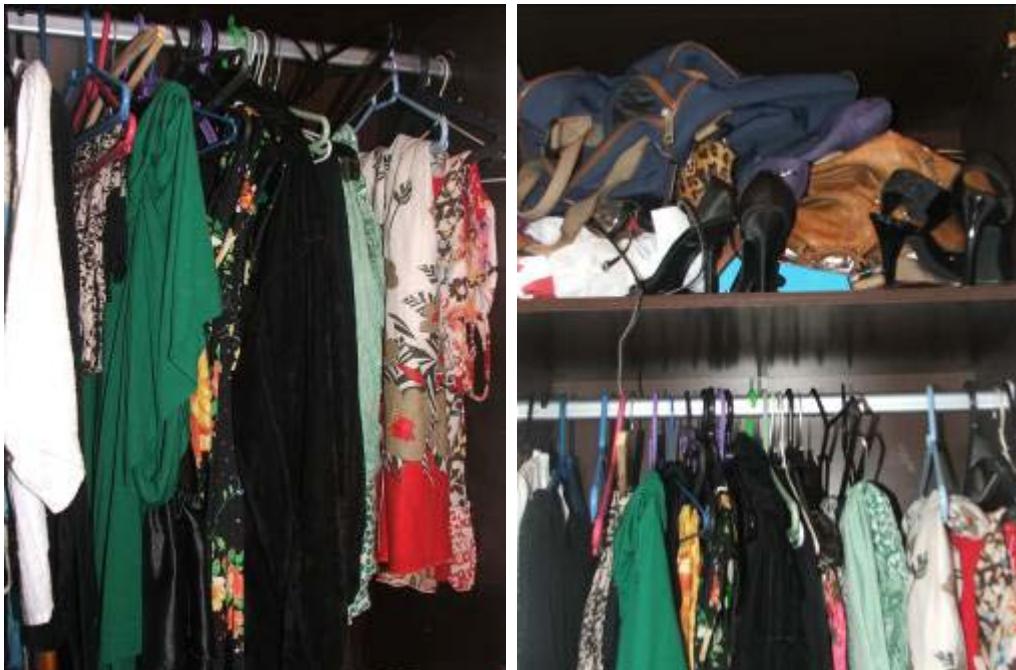
de DVD e o conversor da TV a cabo e na prateleira abaixo destas alguns DVDs dos eventos do clube e revistas de moda. Esta parede é decorada com retratos das pessoas que fazem parte do Le Closet, de modo geral tiradas durante a festa de 10 anos do BCC. Do lado direito desta parede há, ainda, mais duas poltronas de madeira estofadas, que ficam de frente para o sofá de dois lugares. Na parede ao lado destas poltronas, um espelho de dois metros e meio por meio metro, cuja moldura é fina, tem detalhes delicados e é da cor bronze.

O quarto é equipado com treze armários brancos. Um embutido que já pertencia ao apartamento, que fica na parede ao lado direito da porta de entrada e outros doze que se mandou fazer para uso das integrantes do BCC. Há uma fileira com seis armários ao longo da parede esquerda e outra igual disposta na parede direita. Os armários feitos para as *meninas* têm duas portas e tem cerca de um metro de largura, meio de fundo e dois metros de altura. Dentro das portas, encontra-se três gavetas na parte inferior, um cabideiro na parte central e um maleiro na parte superior. Estes armários ficam fechados com corrente e cadeado por suas donas. Cada armário tem um adesivo com o nome completo da dona escrito em vermelho na porta esquerda. Ao fundo do quarto há a janela, coberta por persianas, sempre fechadas. Logo a frente há um sofá-cama de dois lugares. Em frente aos armários há três *puffs* pequenos quadrados, em que cabe uma pessoa sentada. O armário embutido tem espelhos grandes nas portas e é utilizado para guardar coisas como o computador do apartamento. Há um ventilador de teto no quarto.



Algumas *cds sessions* tem como local de encontro o *Le Closet*, sobretudo para as *cds* que fazem parte dele. É usual que, quando várias pessoas do clube se reúnam para um desses eventos, chame-se um dos maquiadores que comumente lhes presta serviços e várias acabem sendo maquiadas por ele. Nessas ocasiões, elas são maquiadas uma a uma na cozinha, enquanto as outras, de modo geral, permanecem na sala conversando ou no quarto ou no banheiro se vestindo/maquiando. Geralmente quase todas, ou todas, tendem a fazer uso dos serviços do maquiador quando este está disponível, e o preço que se paga por uma maquiagem é de 50 reais.

Duas das entrevistas concedidas por membros do BCC durante o ano de 2008 aconteceram dentro do *Le Closet*, uma para um site da internet e outra para um programa de TV aberta. Algumas das associadas sentiram-se incomodadas com esta segunda entrevista, alegando medo de exposição de suas imagens que poderiam ter sido *roubadas* pelo jornalista ou, mesmo, que pessoas *estranhas* ao grupo não deveriam ter acesso a um local onde há várias fotos delas *montadas*¹¹³.



Conta-se que desde a reunião do grupo inicial há diversas outras pessoas que demonstram interesse em fazer parte do grupo do *Le Closet*. Contudo, até por questões de espaço, é inviável a participação de mais pessoas, a menos que alguém saia. Nesse contexto, há quem se decida por, ao invés de esperar, montar seu próprio apartamento, como aconteceu com uma integrante do BCC que entrou no clube em 2008, que acabou por montar seu próprio apartamento, no mesmo prédio, ao qual denominou *Espaço Moulin Rouge*.

Como o *Le Closet* é um apartamento que pertence a um grupo de pessoas, também tem regras específicas de uso que restringem quem se pode levar, o que se pode fazer lá dentro (por exemplo, é vetado o uso do apartamento para encontros de natureza amorosa/sexual ou levar alguém que é absolutamente desconhecido ao local

¹¹³ Por esta razão, inclusive, ao fazer as fotos (em 17 de fevereiro de 2009) aqui expostas tive o cuidado de tentar não expor muito as fotos dos porta-retratos e também usar um efeito em programa de edição de imagens que as deixasse borradass.

– o que não quer dizer que essas coisas não aconteçam ou nunca tenham acontecido), etc. Essa questão de ter mais liberdade ou menos limites no uso do espaço foi apontada por uma das integrantes do grupo que, embora não o tenha deixado, também montou um apartamento para si no mesmo prédio como um dos motivos para ter seu próprio espaço, ao qual chama de *The Marcinha's*.

Tanto o *Espaço Moulin Rouge* quanto o *The Marcinha's* também figuram como locais onde acontecem *cd sessions* ou como pontos de partida para estas. De qualquer modo, as pessoas vinculadas ao *Le Closet* geralmente se montam nele antes de irem a estes outros apartamentos para os encontros que combinam neles.

O *The Marcinha's* e o *Espaço Moulin Rouge*

O *The Marcinha's* é o apartamento para *se montar*, mas também utilizado para encontros sexuais, de uma associada do clube que se identifica como uma *travesti de classe média* - embora já a tenha ouvido falar de si como *crossdresser* ou defender a idéia de que travesti e crossdresser são termos usados para diferenciação de classe, mas que no fundo versam sobre a mesma coisa - e é membro do BCC.

O apartamento fica no mesmo edifício do centro de São Paulo em que fica o *Le Closet* e no qual, algum tempo depois, seria inaugurado também o *Espaço Moulin Rouge*, o local de se montar de outra associada do BCC. De qualquer modo, diferente dos outros dois apartamentos, este é um imóvel próprio. O *The Marcinha's* é um apartamento de um quarto, como os demais. É um espaço montado, com cozinha, quarto e sala mobiliados. Na sala, dividida em dois ambientes, há uma mesa de jantar para seis pessoas, que fica próxima a porta de entrada, dois sofás que estão dispostos perto da janela em “L” e uma mesa de centro. O quarto possui um armário em cujas portas estão colados dois adesivos com os dizeres “Destined to be an old woman with no regrets” e “You say I'm a bitch like it's a bad thing¹¹⁴”.

¹¹⁴ Frases que podem ser traduzidas como “Destinada a ser uma mulher velha sem arrependimentos” e “Você diz que eu sou uma vagabunda como se isso fosse algo ruim”, respectivamente.



[Fotos de Ricardo Corrêa, pra a matéria “Dentro de mim mora um anjo” da Revista Época, n. 5381, de 18 de setembro de 2008. p. 126-134.]

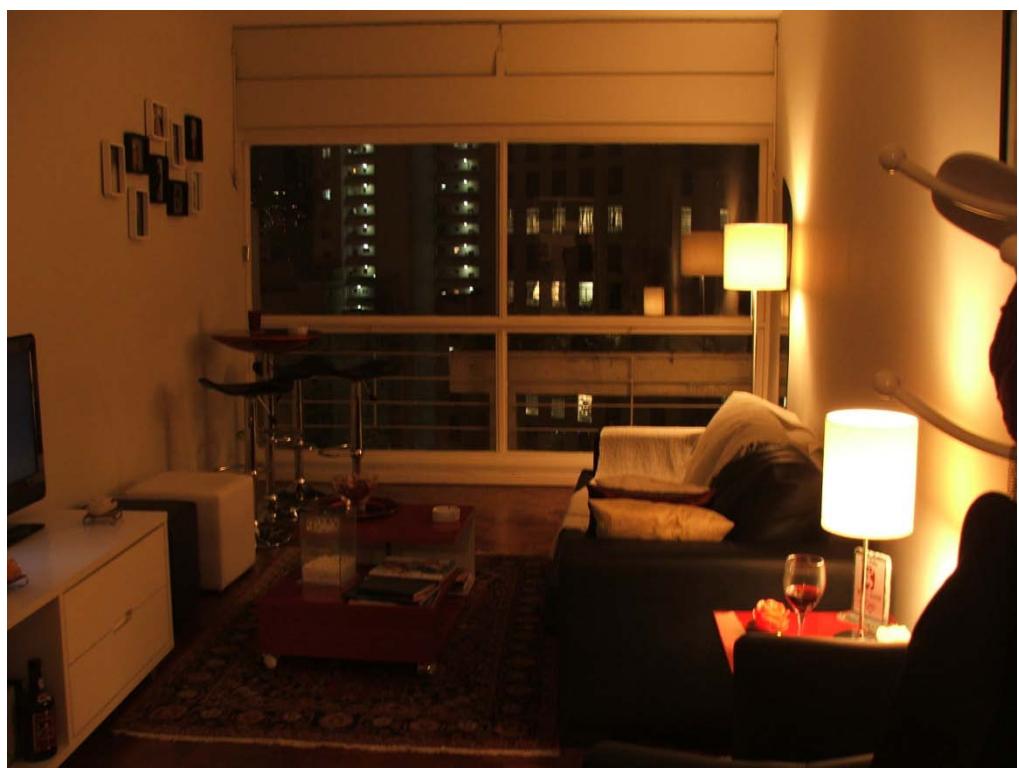
As paredes são pintadas em um tom areia claro. Os móveis do apartamento também têm cores suaves. No quarto há uma cama *box king size*, que fica em frente a uma *tv flat*, presa à parede e um balcão baixo onde estão dispostos porta-retratos, um aparelho de dvd e alguns bibelôs. Logo depois da cama, na parede do lado esquerdo há uma penteadeira com diversos produtos de beleza (a maior parte de marcas

importadas como M.A.C., Lancôme e Clinique, já que ela afirma não usar marcas mais populares nacionais, como *avon* e *natura*) que variavam entre maquiagens, demaquilantes e cremes. O quarto tem um espelho no teto, ao lado da porta e na penteadeira. Na parede em frente a este móvel há uma mesa com um computador. O apartamento tem internet banda larga. O apartamento é utilizado para *cd sessions* e para que pessoas que não tenham onde *se montar* o façam quando acontece algum evento de associadas do clube (jantares, saídas para bares ou casas noturnas, aniversários) ou da proprietária, Márcia Rocha.

O *Espaço Moulin Rouge* foi inaugurado em outubro de 2008 e é o apartamento de *se montar* de uma associada do BCC que se tornou *real* em março daquele mesmo ano. Para esta associada, a montagem deste apartamento constituiu-se como um *presente para si mesma*, que ela não sabe por quanto tempo vai manter, mas que se traduz na *realização de um sonho*. Assim como o The Marcinha's, é utilizado para cd sessions ou encontros organizados pela proprietária, Márcia Polari.

O apartamento é decorado com porta-retratos com fotos de diversas associadas, móveis comprados especialmente para a decoração daquele espaço, quadros com cartazes do *Moulin Rouge*, um *cabaret* de Paris (que inspirou um filme de estilo musical homônimo). Os tons da mobília são vermelho e branco. As paredes são brancas . O quarto possui um armário, uma cama de solteiro e um gaveteiro.

De modo geral, o espaço foi utilizado para reuniões de comemoração de aniversários, homenagens a algumas associadas (por exemplo, à Patrícia Din e Márcia Rocha pela organização do HeF 2008) ou a inauguração de galerias em homenagens à diversas associadas do BCC. Mais recentemente, esta associada vem realizando em seu apartamento sessões de cinema mensais com filmes de *temática transgênera*, que chama de *CineTrans*.



[*Espaço Moulin Rouge*. Em sentido horário: cozinha, quarto e sala]



[Quarto do *Espaço Moulin Rouge*.]

É nesse espaço que esta associada guarda todas as coisas relacionadas a se montar que possui, passando por roupas, filmes, livros, maquiagens, sapatos, etc. O apartamento funciona como um lugar só para ela, tanto no que concerne a *ter um espaço só seu* como no que concerne administrar o fato de que o *crossdressing* não é algo que compartilhe com sua esposa ou familiares. Nesse contexto, além de funcionar como mais um espaço de sociabilidade para *crossdressers* e prática individual de *crossdressing*, também funciona como um lugar protegido daqueles/as que não podem ou devem saber que ela *se monta*, até pela localização afastada de sua *vida de sapo*.

O *The Marcinha's* e o *Espaço Moulin Rouge* têm flexibilidade de uso diferenciada da do *Le Closet*, uma vez que o acesso a eles depende exclusivamente da decisão de suas proprietárias. Nas regras do *Le Closet*, o acesso de pessoas de fora deve ser feito via decisão colegiada, porque há associadas que têm medo da exposição. Na prática não necessariamente se consulta a todas antes de levar alguém lá, mas não sem eventuais discordâncias.

O BCC na *Turma OK*

A Turma Ok cede, mensalmente, uma de suas noites para um evento do BCC, que se chama *Rio Ladies* (mesmo nome da regional do clube para aquela cidade). Segundo James Green (2000), a Turma Ok surge como uma rede social de [homens] gays em 1959, tendo permanecido inativa no período que foi de 1965 a 1976. De acordo com sua página do clube na internet, “a Turma OK não é um grupo de militância gay, nem mesmo uma boate ou bar gay, é um clube social, estritamente familiar, na tradição carioca gay do centro do Rio¹¹⁵”.

A página nos informa, ainda, que a Turma Ok nasceu no início dos anos 1960, e embora inicialmente não tivesse este nome, consistia de reuniões semanais ou quinzenais realizadas nos apartamentos de seus membros. O período sem atividades remete à Ditadura Militar, período em que as reuniões do grupo – para além da já potencialmente perigosa homossexualidade - poderiam ser interpretadas como uma tentativa de ir contra o regime instaurado. Ainda, rixas entre seus membros são citadas como outra das razões da dispersão. Na década de 1970 o grupo retoma suas atividades. Hoje é um espaço que agrupa gays de diversas faixas etárias, embora majoritariamente na faixa dos 60 ou mais anos e oferece ao público diversos *shows* de transformistas e travestis.

Na página, ainda pode-se ler que

“apesar de existir há tempo e ser pioneira na cena gay brasileira, a Turma OK é desconhecida do grande público gay carioca. Aberta aos interessados, mas discreta, e sem querer crescer, a sua receita de sucesso é o oposto [das outras casas noturnas] ‘Nós existimos durante tantos anos por que não aparecemos na mídia, além dos sócios, recebemos apenas os convidados’ afirmava Anuar Farah [um dos seus fundadores]”.

Talvez até pela proposta de discrição e anonimato o espaço seja um lugar propício para a freqüência de pessoas que praticam *crossdressing*.

Há um aspecto da Turma OK, que tem reflexos na organização do espaço da mesma, que parece importante tanto para as integrantes regulares daquele grupo quanto para as *crossdressers*: a possibilidade de apresentar-se em *show*, de estar no

¹¹⁵ Disponível em: <<http://br.geocities.com/turmaok/quemsomos.htm>>. Acesso em: 03 Dez 2008. Este site que consultei não se encontra mais em funcionamento e foi substituído por outro, que se encontra no endereço: <http://www.turmaok.com.br/>.

palco. No caso das *crossdressers*, pude ver alguns tipos de *shows*, montadas ou desmontados. Apenas algumas das *crossdressers* com que tive contato fazem *shows*, efetivamente. A maior parte apenas assiste.

Uma das *crossdressers* do grupo faz performances vestindo-se como Cauby Peixoto, e interpretando uma música deste cantor brasileiro¹¹⁶. Brincar com *estar montada* ou *desmontado* também é um mote para *show* de outra associada do BCC, que atualmente se identifica como *trans*. Ela faz tanto *shows de menina*, quanto *de menino*. No primeiro caso, os *shows* são realizados geralmente com músicas estrangeiras de cantoras famosas da década de 1990 e a apresentação consiste da dublagem da música, feita em pé com um microfone na mão. No caso de fazer *show de menino*, o repertório geralmente envolve alguma música de pop-rock nacional, mais ou menos do mesmo período, assim como o uso de boné, banquinho e violão.

A dualidade entre *princesa* e *sapo* está geralmente presente no grupo, seja nas brincadeiras que fazem umas com as outras (ou uns com os outros) ou naquilo que falam de si mesmas (os). Os *shows*, em alguns momentos, parecem parodiar isso que é vivenciado por elas no cotidiano, embora isso não se dê em todos eles. Há alguns que são espécie de celebração do estar *en femme* e da *feminilidade* e, nestes, qualquer traço de ambigüidade deve ficar escondido ou apagado.

Os *shows* realizados na Turma OK (assim como em alguns eventos do clube) se diferenciam das *drag queens* que pesquisei no mestrado (Vencato, 2002), que geralmente usavam um tipo de música eletrônica mais pesada ou aquele tipo conhecido como *drag music* (com vocais dramáticos e quase feitos para dublagem) e tinham uma gestualidade menos *contida, delicada* ou *feminina*. O fato de quererem ficar parecidos com mulheres as aproxima das *transformistas* e as distancia das *drags*, que procuram produzir, de modo geral, outra corporalidade. As *transformistas* seriam aquelas artistas que imitam, em suas apresentações no palco, alguma atriz ou cantora. Nos termos das *drags* que pesquisei, a *transformista* seria alguém “... que faz ‘o clone’ de alguém, aproximando-se muito visualmente de uma mulher” (p.76).

É comum que dublem e imitem artistas femininas da música brasileira que fizeram sucesso antes da década de 1970. Nesse contexto, a idéia dos shows passa por

¹¹⁶ Cantor brasileiro que iniciou sua carreira na década de 1940, conhecido pelo timbre grave da voz e pelos penteados e vestimentas excêntricas, no estilo dândi. WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo encyclopédico. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Cauby_Peixoto&oldid=14946990>. Acesso em: 21 Jul 2009.

imitar da melhor forma possível aquela artista que se pretende. Pelo que pude observar e também pelo que me foi relatado, as apresentações são geralmente sempre as mesmas, girando em torno das mesmas músicas e mesmo figurino.

Eventualmente, quando há um aniversário ou evento especial, pode ocorrer uma homenagem a alguma associada, que passa por cantar o *parabéns a você* e discursos no palco. Geralmente nessas homenagens são invocadas situações vivenciadas pela pessoa homenageada no cotidiano do grupo com conotação jocosa. A jocosidade aqui é entendida nos termos de Radcliffe-Brown (1973) e diz respeito a um comportamento que remete a certa disputa ou antagonismo, ao mesmo tempo em que se combina com a amizade. Este comportamento poderia ser interpretado em outros contextos como algo hostil, mas neste é colocado como algo que não deve ser levado a sério. Nos termos do autor é uma relação de *desrespeito consentido*.

Assim, é mais comum que as brincadeiras girem em torno de *fallhas da montaria* - uma peruca torta, uma depilação falha, um pênis que aparece mais do que deveria na produção - ou coisas como *viradas de pé por não andar direito de salto* e *sentar com as pernas abertas* do que propriamente tenham um tom elogioso em relação a esta produção. Pode-se pensar aqui que essas relações jocosas reproduzem certos rituais comuns à sociabilidade entre homens. Conforme Gastaldo, em artigo acerca de torcidas de futebol e performance masculina em bares, “a sociabilidade entre homens pode por vezes derivar para formas bastante agressivas de interação – que trafegam no estreito limite do que possa ser chamado de ‘brincadeira’...” (2005, p. 110). De qualquer modo, essa jocosidade atravessa a relação entre as pessoas com que convivi ao longo da pesquisa em diversas situações em que se encontram, não se restringindo apenas às situações *de palco*.



[Cris Camps em show no palco da Turma Ok]



[Fotos na Turma OK. Na primeira foto, Adriana Jones.
Na segunda Kelly Neta, Cris Camps e Patrícia Din.]

Como as apresentações são proposta pelas pessoas que se apresentam, há certa flexibilidade em relação ao uso do palco. Nesse contexto, em uma das ocasiões em que estive na Turma Ok acompanhando o evento *Rio Ladies*, apresentou-se uma peça de teatro escrita pela presidente do BCC para o HeF de 2008. A peça, que se chama *A*

doce vida de uma cd foi encenada pela *presidenta* e outras associadas convidadas por ela, e versava sobre uma *crossdresser* cuja esposa descobre accidentalmente que o marido se monta e os desdobramentos dessa situação¹¹⁷.

De modo geral, as apresentações são vistas como repetitivas pelas associadas que são mais presentes nos eventos do grupo. De qualquer modo, para as novatas elas têm um impacto mais positivo. As pessoas tendem a gostar das apresentações e elogiá-las, exceto quando elas se tornam muito longas. Nesse caso, as pessoas passam a ficar um tanto incomodadas, até porque no contexto em que os *shows* acontecem, espera-se que as pessoas parem tudo o que estão fazendo para assistir. É comum também ouvir comparações acerca da qualidade do show de uma ou outra pessoa, sobretudo com aquelas apresentações realizadas por *drags*, *travestis* ou *transformistas* que são *profissionais do palco*. Nessas comparações com as profissionais, invariavelmente as apresentações de quem não é profissional acabam sendo qualificadas como menos elaboradas ou *mal feitas*. De qualquer modo, isso não quer dizer que os *shows* que estão sendo feitos não sejam desejados ou importantes para as demais pessoas do grupo. Os *shows* são importantes para a sociabilidade do grupo e para algumas associadas, e é por esta razão que apesar das queixas eventuais eles se mantêm ao longo do tempo.

Restaurantes e Bares do Largo do Arouche

Em diversos momentos, os três apartamentos que associadas do BCC utilizam para *se montar* serviram de ponto de encontro para a ida a outros lugares, geralmente na região do Arouche, como restaurantes e bares. O mesmo se dá no caso do *Le Closet* carioca com relação a certos bares da Lapa, como o Bar das Quengas. Como convivi mais com o grupo paulistano de associadas do BCC, optei por realizar aqui uma descrição sobre o uso que fazem dos lugares que freqüentam em São Paulo, deixando a Lapa de fora deste texto. Há outros lugares, fora do Arouche, geralmente GLS, que também são freqüentados pelas *cds*. De qualquer modo, como o grupo que pesquisei apenas os freqüenta muito raramente, também não falarei sobre estes

¹¹⁷ O texto original desta peça encontra-se no Anexo IV.

lugares, que englobam casas noturnas com perfil de classe média/classe média-alta como a *Bubu Lounge* e a *The Week* ou bares, geralmente *para meninas*, como o *Bar o Gato*, o *Farol Madalena* e o *Café Vermont Itaim* (apesar deste Café ter uma casa na Rua Vieira de Carvalho, região do Arouche, as *cds* pouco o freqüentam) ¹¹⁸.

A região do Arouche é um espaço do centro de São Paulo conhecido como de freqüência GLS ou homossexual, uma vez que abriga uma diversidade de estabelecimentos dirigidos a este público (França, 2009b). A região pode ser vista como um espaço tradicional da sociabilidade estabelecida *na margem* (Perlongher, 1993), uma vez que, conforme Fábio José Barbosa da Silva (2005) e Néstor Perlongher (1987) esta já ocorria, mesmo que de forma diferenciada da atual, desde meados da década de 1950¹¹⁹. Estes autores referem-se, contudo, a uma sociabilidade que acontecia à noite. Hoje, a ocupação desta parte da cidade por um público GLS ou homossexual – e pelas *crossdressers* – ocorre durante o dia também, embora seja compartilhada com outras pessoas que não poderiam ser inclusas nessas classificações. Há uma série de serviços, ONGs¹²⁰ e lojas que funcionam apenas no período diurno e que, por acolherem a este público, favorecem a sua circulação em horários diferentes do da noite. Atualmente, e de modo geral, o público desta região reconhece toda a faixa que vai da Praça da República ao Largo do Arouche como a *Vieira* – às vezes, referem-se a essa área, em tom de brincadeira como a *Viadeira*¹²¹.

De acordo com Isadora Lins França, na Vieira

“... é possível encontrar bares e boates frequentados por homens idosos, por ursos (como se denomina uma parcela dos homens mais gordos e peludos), por rapazes jovens – de aparência e gestualidade mais ou menos feminina –, por homens de pele mais escura, por travestis, entre outros. As mulheres também frequentam a rua, embora em menor número e concentrando-se em um dos bares e em uma boate. No geral, são mulheres jovens, que compõem um público bastante diversificado em termos de classe, cor/raça, gênero, idade e sexualidade. A Vieira

¹¹⁸ Cabe aqui uma referência ao Xuxu Bar e Videokê, sobre o qual falei no capítulo anterior.

¹¹⁹ Robert Park (1967), usa o conceito de *região moral* para falar de certos espaços urbanos que são ocupados por pessoas mais ou menos *excentricas* e *excepcionais*. De qualquer modo, o autor nos adverte que a expressão não deve ser entendida como equivalente a algo que tenha relação necessária com um lugar ou sociedade de cunho criminoso ou anormal. Para ele, esta expressão refere-se antes a regiões em que prevaleça um *código moral divergente*. Para o autor, as cidades grandes seriam lugares em que estes indivíduos menos afeitos, por assim dizer, a seguir certos padrões sociais podem desvelar, caso desejem, traços e atributos que em cidades menores não poderiam ser expostos tendo-se em vista que nelas há um maior controle social das moralidades.

¹²⁰ Para citar um exemplo, a sede da Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo fica nessa região.

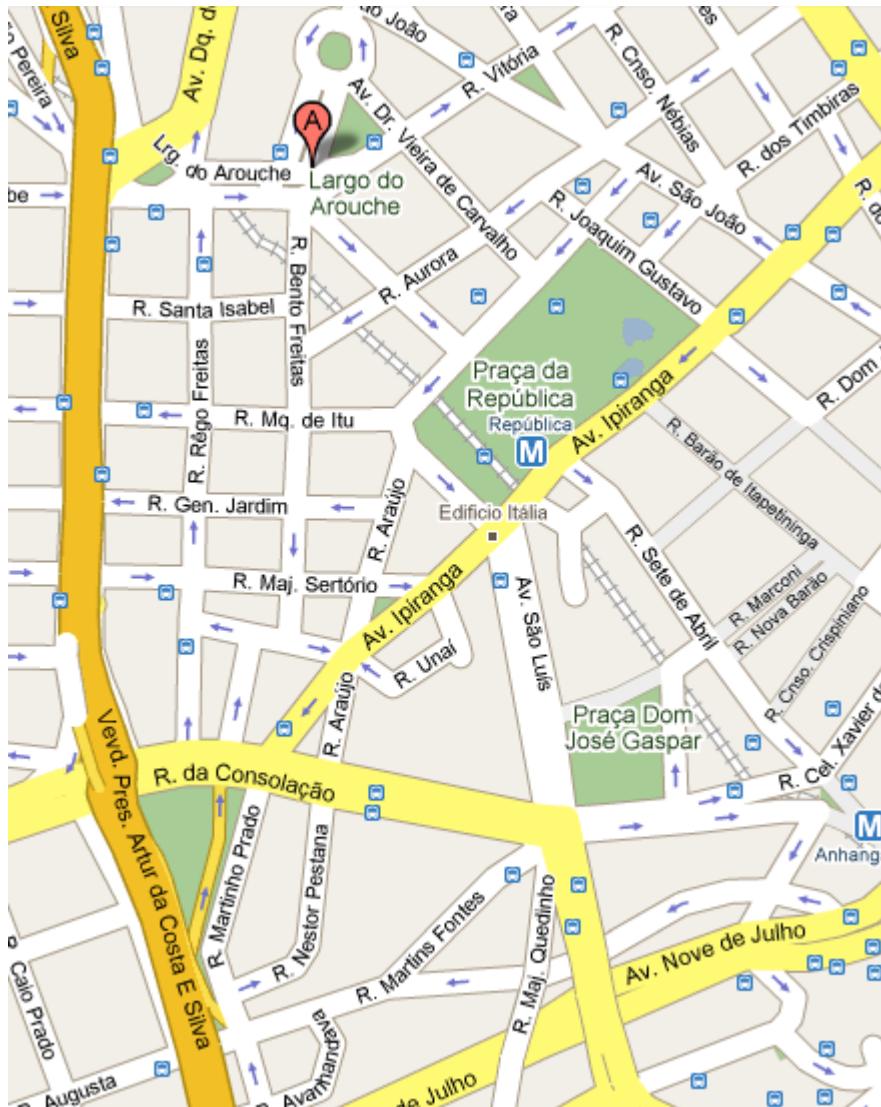
¹²¹ Agradeço a Isadora Lins França por estas informações e pela conversa pessoal que inspirou parte desta reflexão.

também é (...) uma espécie de nó para o qual muitas pessoas convergem antes de ir a outros bares e boates.” (França, 2009b)

A autora ainda aponta os focos de prostituição de travestis e michês que convivem com o público de freqüentadores da área como uma característica importante da sociabilidade deste local, conforme segue:

“Outra característica dessa região é o fato de concentrar focos de prostituição masculina: os michês espalham-se pela Praça da República, Rua Rego Freitas e Rua do Arouche, reunidos em grupinhos ou sozinhos nas calçadas, e exibindo-se aos possíveis clientes, que passam de automóvel. Na Rua Rego Freitas, os michês ainda dividem espaço com prostitutas e travestis. Embora michês e travestis concentrem-se em atividades tidas como ‘marginais’, não parecem retirar-se para locais isolados, sendo comum encontrá-los em pequenos grupos circulando pelo burburinho da Avenida Vieira de Carvalho e ajudando a compor a ‘cena gay’ do centro. (...) Isso não quer dizer que não haja tensões entre os ‘profissionais do sexo’ e os outros freqüentadores do local, mas é significativo que eles dividam o mesmo espaço, ao contrário da outra grande ‘mancha’ de freqüência homossexual da cidade, na área dos Jardins.” (França, 2006, p.46-47)

É importante, contudo, perceber que, no caso dos homens pesquisados por França o espaço que vai da Praça da República ao Largo do Arouche é referido comumente como *Vieira*. De forma oposta, no caso das *crossdressers* a região é significada como *Arouche*. A Praça da República e a Vieira são vistas como extensão do Arouche, assim como todo o entorno daquele largo. O Arouche, para as *cds*, é visto como um lugar de certo modo decadente, mas protegido. É um lugar em que é possível circularem em segurança, tanto no que diz respeito a não sofrerem agressões e poderem entrar nos lugares *montadas*, quanto em relação ao fato de que dificilmente pessoas que conheçam das suas *vidas de sapo* circulariam por aquela região da cidade.



[Mapa da região do centro pesquisada e seu entorno. Fonte: Google Maps.
Disponível em: <<http://maps.google.com>>. Acesso em: 10 Nov 2008.]

É possível pensar que as *crossdressers* utilizem o espaço do Arouche e o vejam de modo diferentes dos/as outros/as freqüentadores/as. Isso tem relação com o fato de pertencerem a certa geração e também pela inserção social “de fora” desta sociabilidade homossexual, já que parecem fazer um uso diferenciado do espaço daquele realizado por pessoas da mesma faixa etária que elas que se identificam como homossexuais.

Há também certa divisão de classe entre a Vieira e o Arouche, já apontada por Perlongher (1987) quanto da organização daquela região da cidade. Para o autor, o Arouche era um dos pontos sensíveis da sociabilidade homossexual do centro. Isso porque conectava a *boca do lixo* à *boca do luxo*, ou seja, a região que compreendia a

Avenida São João no trecho que ia da Avenida Ipiranga – próxima a Praça da República – e se estendia até o Arouche. Na década de 1950, a Vieira de Carvalho, era freqüentada por homossexuais de classes mais elevadas enquanto o Arouche tinha uma perambulação de homossexuais tidos como mais populares, travestis e prostitutas. A circulação compreendia uma movimentação discreta à época, como tudo que dizia respeito à homossexualidade. O Largo do Arouche, de acordo com Perlongher, se constituía em “... um ponto particularmente sensível do centro da cidade, na medida em que está (...) circundado de prédios residenciais da classe média com alguns restaurantes de luxo”. (1987, p. 91).

É um desses prédios de classe média que serve hoje como lugar para que as pessoas que pesquisei montem seus apartamentos de *se montar*. Embora seja um prédio de classe média, conta-se que antes *moradores tradicionais* se misturavam a pessoas *de programa* e toda uma sorte de pessoas vistas como *indesejadas* ao local. O prédio passou por uma reforma e uma *limpeza* de pessoas tidas como indesejáveis, pelo que me foi relatado. Para alugar o *Le Closet*, as associadas do BCC responsáveis explicaram ao locatário e funcionários do prédio que eram *pessoas de bem*, que tinham um *bom nível sócio-econômico* e que *não estavam afim de zoeira*. Também tiveram que usar como expediente um discurso que as distinguia das *travestis* que *fazem pista* na região, tidas como *baraqueiras e perigosas*. Aparentemente, diversos prédios do Arouche passaram por este período de decadência em meados da década de 1980 e reestruturação ao longo do final da última década.

São também os restaurantes *de luxo* e *tradicionais* do Arouche que as *crossdressers* com que convivi freqüentam, embora isso não impeça de ir também a lugares mais populares, mesmo que com menos constância. Os lugares mais freqüentados pelas pessoas pesquisadas são um restaurante do Largo do Arouche chamado *O gato que ri*, um bar/restaurante situado à rua Marquês de Itu, chamado *Chopp Escuro* e um dos bares da *prainha do Arouche* que se chama *Bar Odara*. Embora os bares da *prainha* sejam considerados *baratos*, o *Odara* é tido como um bar *com cara de popular, mas caro*, conforme ouvi diversas vezes. Estes são os três lugares que mais freqüentam e que foram palco, também, de algumas das idas à mídia de membros da diretoria do BCC.

Em alguns momentos, acompanhei as *cds montadas* a outros lugares, que compartilhavam do mesmo perfil de custos dos anteriormente mencionados: um restaurante na rua Augusta (sentido centro) chamado *Planeta's*, a *Cantina Roperto* no

Bixiga ou o *Filet do Morais* no centro. Eventualmente vão *montadas*, aos domingos, à feirinha da República. De qualquer modo, a freqüência a estes lugares é bem mais rara. A importância de se ir a lugares diferentes, às vezes, é explicada pelo desejo de algumas de exibir-se (ou de *show off*, como dizem). A maior parte das *cds*, embora reclamem de que sempre se faz as mesmas coisas, preferem a segurança dos lugares conhecidos. Em outros casos, quando decidem sair desse circuito, optam por ir a festas em clubes *GLS* ou ao *Shopping Frei Caneca* (famoso pela alta freqüência de homens gays, o que lhe rende apelidos como *Gay Caneca* ou *Frei Boneca*).

É preciso destacar aqui que o Arouche conta com uma ampla oferta, para além de bares e restaurantes, de serviços úteis para as *crossdressers*. Isso se traduz numa ampla gama de lojas e salões de beleza que tem como público alvo moradores/as de classe média do centro ou de pessoas desta mesma classe que ali trabalham. Esses serviços são amplamente utilizados pelas *cds*. Geralmente, justificam a escolha por estes lugares dizendo que ali são bem atendidas porque as pessoas da região estão acostumadas com o público *GLS*. Isso não as impede, contudo, de ir a lojas e salões de beleza em outros lugares da cidade. Algumas das pessoas com que conversei contam, inclusive, que passaram a utilizar os serviços dos mesmos salões que usavam *como sapos* porque confidenciaram a suas manicures ou cabeleireiros que *se montavam* e tiveram boa aceitação por parte destes/as. Nessas lojas e salões, as *cds* se sentem confortáveis para *se montar*, fazer cortes e penteados *femininos*, provar roupas e sapatos *de mulher*, dizer que o que estão procurando/escolhendo é para elas mesmas e pintar as unhas com esmaltes coloridos.

Os restaurantes que freqüentam têm público diverso, que vão do *GLS* a famílias tradicionais. No *O gato que ri*, tido como mais tradicional, o trânsito de famílias que parecem deslocadas daquele espaço é comum. A relação com gerente e garçons deste estabelecimento é cordial e é comum que as *cds* não passem mais de quinze dias sem ir em grupo, *montadas*, até lá. Foram poucas as vezes que não sentamos a uma mesa redonda, que fica sobre uma quadro grande de um gato que parece rir.



[Associadas do BCC no *O gato que ri*]

A relação cordial com funcionários da casa se estende para brincadeiras jocosas que questionam sua sexualidade e, nas quais, sugere-se que eles teriam casos com as *cds*. É comum as *cds* brincarem com frases como *faz tempo que você não vai lá em casa, amor*. Essa suposta liberalidade de brincar com as pessoas que trabalham nesse restaurante não implica com que as *cds* não tenham alguns medos ou tomem alguns cuidados. Quando o restaurante está mais esvaziado ou com menos famílias, elas vão sem problemas ao banheiro feminino, sozinhas ou em dupla. De qualquer modo, houve situações em que pediram a mim que as acompanhasse ao banheiro feminino para *evitar problemas* com as mulheres que freqüentam o local, especialmente quando os lugares onde estávamos lotava de *famílias* e pessoas que pareciam ser *heterossexuais*. Uma das entrevistadas me relatou, inclusive, que *podem ter problemas legais se forem pegas dentro do banheiro feminino*, uma vez que *pela lei*, o uso de banheiros femininos é proibido para homens.

O *Chopp Escuro* é bastante freqüentado por grupos de homens idosos e *ursos*¹²². De modo geral, poucas mulheres são vistas nas mesas e, em diversas idas, as *cds* chegaram a comentar que eu era a única *GG* do local. Tradicional point *GLS* do centro, é freqüentado por pessoas de classe média e classe média alta. Também no caso deste estabelecimento, a boa relação com funcionários se mantém. Em ambos os

¹²² De acordo com Isadora Lins França (2009a) “o termo *ursos*, define, grosso modo, homens gays, gordos, peludos e masculinos”.

lugares, as *cds* costumam dar *gorjetas polpudas* aos funcionários, o que facilita de certo modo o bom atendimento e a marcação de que *são pessoas de boa posição social*, diferenciando-as das *travestis* que fazem seu *trottoir* nos arredores. No caso do *Odara*, a freqüência é mais popular que nestes dois outros lugares e o local é um tanto mais exposto. A relação com os funcionários da casa é cordial, embora aconteçam alguns atritos eventualmente. A relação com as donas, por sua vez, é bastante amigável.

Embora na maior parte do tempo as *cds* ou passem despercebidas ou sejam aceitas, é comum também ver pessoas que olham para elas com estranhamento. Isso se dá pela falta de inteligibilidade do que são, por as confundirem com as travestis ou porque as acham engraçadas. Em algumas situações, percebi pessoas que as apontavam para outras com que compartilhavam a mesa e riam. Cheguei a ver funcionários desses lugares participando de conversas em que se ria das *cds*. Em outros momentos, pessoas se sentiram confortáveis em lhes *parabenizar pelo bom comportamento*, dizendo que *tinham gostado de ver* (provavelmente por associá-las a certa imagem das *travestis*, tidas como perigosas e escandalosas). Em outros momentos, as pessoas apenas olhavam como que se tentassem entender o que viam. De modo geral, contudo, isso não teve maiores desdobramentos e, tão logo a surpresa inicial passasse, as pessoas retomavam as conversas em suas próprias mesas. As *cds* de modo geral interpretam estes olhares que recebem como que de *curiosidade* ou *desejo*. Se estiverem em *lugares para lésbicas* tentem a significar os olhares como *tesão das lésbicas por elas*. Se estiverem em *lugares gays* quase sempre interpretam como *curiosidade*. Em raros momentos chegaram a comentar que, no fundo, sabem que as pessoas não entendem e aceitam o *crossdressing* tanto assim, mas que uma das coisas importantes em sair montada é justamente *chamar a atenção*: ser *notada, olhada, vista ou percebida*.

São negociações como esta que analisarei no próximo capítulo, assim como aquelas com amigos/as, familiares, esposas e filhos/as. Outra negociação sobre a qual versarei é a do *sapo com a princesa*, tão fundamental quanto estas outras para aquelas pessoas que praticam *crossdressing*.

Capítulo 4 - “Quase uma mulher¹²³”: negociações entre estar *montada* e *desmontado*

Há diversas instâncias de negociação envolvidas no ato de *se montar*. Falei nos capítulos anteriores sobre o jogo de classificações com que tive contato ao longo da pesquisa, que funciona como um mapa das relações de aproximação e rejeição e consequente legitimação ou não *do que fazem* e de *como fazem o que fazem*. Depois, falei sobre a criação de um clube para praticantes de *crossdressing*, sua estrutura, e os usos que as *crossdressers* que saem *montadas* à rua fazem dos lugares pelos quais circulam, o que também demanda uma série de cuidados e negociações.

Uma outra importante e complexa negociação que pude acompanhar ao longo da pesquisa é aquela que envolve o *eu desmontado (sapo)* com o *eu montada (princesa)*. Esta negociação abrange uma série de fatores como o medo de comprometimento da sua vida social caso o segredo seja revelado, a relação com esposa, filhos/as ou outros/as familiares, a relação com amigos/as de fora do *meio crossdresser* e, também, os processos que são conhecidos dentro do universo pesquisado como *purge* e *urge*.

Urge e *purge* são conceitos que têm significado antagônico. São geralmente relatados como comuns à vivência do *crossdressing*. É comum ouvir que é algo pelo qual todas as *crossdressers* já passaram um dia ou, inevitavelmente, passarão. *Urge*, nesse contexto, fala sobre um processo de intensificação da vontade de *se montar*. É quando ocorre um grande investimento na compra de roupas e acessórios, nem sempre tido como úteis ou adequados depois que esta fase passa. Pode acontecer a qualquer momento, mas parece ser mais freqüente após períodos de *purge* ou longos períodos sem a possibilidade de *se montar*. Nesse contexto, a *purge* pode ser definida como um afastamento ou repulsa à idéia de *se montar* e um consequente afastamento do *meio*.

Este capítulo se concentra em questões centrais para a efetivação do desejo de *se vestir de mulher*. Para tanto, discute como pessoas que se identificam como *crossdressers* fazem para comprar roupas e acessórios e como fazem, eventualmente,

¹²³ Frase utilizada constantemente por uma das interlocutoras de meu trabalho, Patrícia Din, que costuma brincar com as dificuldades de esconder os traços masculinos pela quais algumas *crossdressers* passam. Em suas palavras, “Para mim é só passar um rímel, um lápis e um batonzinho que estou pronta. Afinal, como eu sempre digo, eu sou quase uma mulher”.

para escondê-los. Discuto aqui, também, a importância das mudanças corporais pelas quais passam e a negociação dessas mudanças em algumas instâncias de suas vidas, como o casamento ou vida familiar.

O capítulo engloba também uma discussão acerca da produção dessa mulher através das noções de gênero, a produção do corpo, passando também por questões de geração, que são centrais para entender o universo pesquisado, pois tanto a idade quanto a *estabilidade financeira* possibilitam lidar de modo diferenciado com a realização e a publicização da prática do *crossdressing*, que implica em uma negociação do *estigma* que está associado a ela, e que remonta ao limite tênue entre ter ou não controle sobre o manejo do segredo e as perdas afetivas e econômicas decorrentes de uma possível perda. Todas essas instâncias são importantes da negociação que um homem que *se veste de mulher* articula, concomitantemente ou não, para colocar em prática seu desejo.

4.1 Depilação, hormonização e outras mudanças corporais

A idéia de *feminilidade* ou de *modelo de mulher* que aparece no discurso das *crossdressers* com que conversei ao longo da pesquisa revela que há atributos e objetos que compõem uma mulher *de verdade*, assim como um conjunto de desejos e modos de ser/estar no mundo que as tornam *femininas*. É desejável para as *crossdressers* se aproximarem deste modelo de feminilidade, embora o que isto signifique possa variar para uma ou outra *cd*. Assim, em alguns casos, não basta apenas usar roupas ou acessórios. É preciso intervir no corpo de forma mais incisiva, fazendo uso de recursos de produção estética de que as *mujeres de verdad* lançam mão para cuidar de si (depilação, fazer unhas, etc.).

Gostaria de chamar a atenção para o fato de que não estou me referindo aqui a mudanças corporais no sentido de práticas, como o Marcos Benedetti (2005) faz em seu trabalho sobre travestis em Porto Alegre e como o título deste ítem parece querer indicar. O que quero enfatizar aqui é sobre o que a produção feminina delas representa para elas mesmas, quais os referenciais femininos que servem a essa produção (se elas querem passar por mulheres ou não, com que tipo de mulher querem parecer, quais as convenções sobre feminilidade que elas açãoam – voz suave, roupas delicadas, ausência de pelos) e, mais ainda, até onde elas podem e

querem ir com essas transformações corporais, diante de suas inserções sociais. Nesse contexto, importa dizer aqui que as *crossdressers* fazem um grande esforço para se *montarem*, considerando as convenções sobre masculino e feminino em que estão envolvidas em suas vidas de *sapos* ou *princesas*. Por esta razão, para entender como os homens que se identificam como *crossdressers* negociam o fato de *se vestirem de mulher* em seus cotidianos, foi necessário a este trabalho combinar observações dos lados *montada* e *desmontado* dessas pessoas.

As falas sobre as dificuldades de se tornar mulher foram recorrentes entre as interlocutoras deste trabalho, sobretudo relacionadas à depilação (especialmente a *laser*), ao desconforto do uso de cintas para segurar a barriga ou ao andar de salto na rua. Há diversas coisas que são tidas como difíceis e complicadas nesse processo de tornar-se mulher. Uma das entrevistadas, ao falar sobre a escolha de seu nome, explicou que escolheu seu sobrenome em função das dificuldades inerentes a um homem vestir-se de mulher. Em suas palavras:

“Eu sempre achei uns nomes mais, assim, um tesão, né? Era Patrícia, Priscila e Cristina, não sei porquê, esses nomes eu sempre achei que era nome, assim, que eu gostava... talvez alguma menina que eu tenha achado gostosa quando eu era novo, alguma coisa assim, nesse sentido, não lembro agora. E o Din porque tem que ter sobrenome, eu botei Din por causa da norma Din, tem uma norma¹²⁴ ... E eu falei assim: ‘Vou botar Din porque eu acho que montar é uma coisa que dá muito trabalho’, muita normazinha pra você esconder pneu e barba, e isso... puta, é uma mão de obra se montar... se parar pra pensar, aquilo ali enche o saco... Tem muitas vezes que o cara acaba não montando porque, ‘Nossa, que preguiça de me montar... Puta, vale a pena mesmo, o negócio vai ser bom, a gente vai estar tudo montado mesmo nos trinques?’, ‘Vai’, ‘Então tudo bem, eu vou lá e monto’. Mas não é assim não, é complicado... Entao eu botei lá uma Din, Patrícia Din por causa disso. E até que pegou, né, porque o Din ficou um negócio... Din com N porque é a norma Din mesmo. E aí pegou, aí ficou, tudo mundo me chama de Din, não tem quem não me conhece nesse clube aí...” (Patrícia Din, 11/07/2008).

Esta complexidade inerente ao *se montar* apareceu também em uma discussão sobre as dificuldades de se tornar mulher pelas quais um homem passa. A propósito de um pedido de dicas sobre depilação, uma nova associada do BCC diz, embasada na idéia de que há uma *dor da beleza* inerente à produção da *feminilidade*, discurso que

¹²⁴ DIN (Deutsches Institut für Normung) é uma organização não-governamental responsável pelo desenvolvimentos de normas técnicas e regulamentações na Alemanha e mercados relacionados a aquele país. Sua página na internet: <http://www.din.de/>.
["Deutsches Institut für Normung," Wikipedia, The Free Encyclopedia, http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Deutsches_Institut_f%C3%BCr_Normung&oldid=269322955. Acesso em: 16 março 2009].

ouvi inúmeras vezes ao longo da pesquisa: *Ai, que bonitinho essa coisa de dor, como sempre digo dor física não é nada. Vou tentar a depilação com cera, valeu*¹²⁵. Outra, imediatamente responde:

“Bonitinho? É, pode ser. Se você for masoquista ou sádica...rs.
Cada vez que sento na mesa para fazer sessão de laser, a cada tiro fico pensando ‘é pro meu bem, vale a pena, você está ficando linda’... mas grito feito doida...rs

Chamo a médica de sádica maluca e ela ri. No salão, quando puxam meus cabelos para fazer a escova, quando a manicura tira um bife, quando os pés doem depois de horas dançando na balada de salto, minha esposa diz: ‘É a dor da beleza!’

Pois é... Vai gostar de ser mulher assim... lá no Arouche!!!¹²⁶,

A primeira responde a esta mensagem dizendo:

Essa tal de dor física, não tá com nada, a gente sente só na hora e depois nem lembra mais, mas os resultados, minha nossa como vale a pena. Só para mudar de assunto, ontem que finalmente consegui entrar neste fórum, fiquei até de madrugada e hoje estou um caco, acabei de coçar a perna e descobri que fiquei o dia inteiro usando uma meia pelo lado avesso. pode uma coisa dessa?¹²⁷

E uma terceira associada responde:

Oi fulana...pode. ..pode sim...nos podemos tuuuudo!!!
Até usar meias do avesso. Aliás, nós mesmas somos o verso do reverso do avesso...ningué m entende, mas somos felizes assim né?
Beijusss...seja bem vinda!!!¹²⁸

Para muitas das interlocutoras deste trabalho, a idéia de tornar-se *feminina de verdade* passa não apenas pelo uso de perucas, roupas, maquiagens ou outros acessórios *de mulher*, mas também pela ingestão de hormônios e pela depilação. Enquanto algumas chegam a tomar hormônios rotineiramente e fazer depilação (definitiva ou não) outras, embora demonstrem ter este desejo ou o efetivem temporariamente, acabam argumentando que é muito difícil lidar com as consequências desse nível de intervenção corporal. No caso da depilação, a sobrancelha por vezes não é feita com medo das consequências da *desmontagem*. O

¹²⁵ Em e-mail para o Fórum Virtual do BCC, em 17 de julho de 2008.

¹²⁶ Em e-mail para o Fórum Virtual do BCC, em 17 de julho de 2008.

¹²⁷ Em e-mail para o Fórum Virtual do BCC, em 17 de julho de 2008.

¹²⁸ Em e-mail para o Fórum Virtual do BCC, em 17 de julho de 2008.

mesmo acontece com o uso de esmaltes escuros, que são mais difíceis de serem removidos sem deixar traços.

Contudo, a barba removida via várias sessões de *laser* para eliminá-la completamente é algo mais simples de se fazer, uma vez que mesmo homens que não praticam *crossdressing* desejam, por vezes, livrar-se definitivamente da barba. Os outros pelos do corpo são mais fáceis de serem retirados sem que as outras pessoas percebam, sobretudo no inverno (quando não se vai à praia ou piscina), a não ser que se esteja em uma relação conjugal com alguém que não sabe da prática do *crossdressing*. Nesse caso, é comum que inventem desculpas como um *melhor desempenho na prática de natação* para justificar que estão com o *corpo liso*.

Já o uso de hormônios levanta uma questão mais delicada, conforme relatam. De acordo com o que argumentam, isso pode ser *muito complicado*, sobretudo para aqueles que quando não estão *vestidos do outro sexo* têm relações heterossexuais e, especialmente, para aqueles que estão em relacionamentos estáveis com mulheres. Segundo elas, a ingestão de hormônios femininos, além de *deixar o corpo mais feminino* (*criando peitinhos* e dando-lhes formas *mais arredondadas*) tem impacto na possibilidade de se ter ou não uma ereção. Apontam isso como algo que seria indesejável para um homem casado e heterosexual.

Não é difícil supor, contudo, que no caso de quem não está em uma relação estável, essas mudanças também têm influência nas suas vidas afetivas. Um desses impactos pode acontecer ao se conhecer um/a potencial parceiro/a e se tornar necessário desvelar o segredo. Tal revelação pode inviabilizar, já no início, uma relação. Ainda, é preciso entender que as mudanças das *formas do corpo* via ingestão de hormônios, embora desejada, é também temida, uma vez que tem impacto direto na possibilidade de revelar o segredo a alguém que não deveria saber dele e pode, nesse contexto, acabar percebendo que *há algo diferente naquele homem*. De qualquer modo, para as interlocutoras de meu trabalho, o *crossdressing* ou as mudanças corporais parece ter mais impacto negativo para aquelas que estão casadas. As *soltérias* são vistas, no grupo, como *pessoas livres*, que *podem fazer o que quiserem das próprias vidas*. Talvez por esta razão quando falam sobre os riscos da perda de potência na relação sexual ou dos impactos negativo das mudanças no corpo nas relações sociais refiram-se apenas àquelas pessoas que encontram-se em relações conjugais.

Mudar a voz ou não – deixá-la mais *feminina* através de sessões de fonoaudiologia - é uma questão que perpassa alguns debates sobre até que ponto vai o *crossdressing* ou não. Durante a pesquisa, apenas uma das interlocutoras deste trabalho que se identificava como *crossdresser* passou a fazer sessões de fonoaudiologia. No mais, não tive contato com ninguém que o fizesse para além de pessoas que se identificavam como *transexuais*. Esta *cd* conta que passou a sessões de fonoaudiologia semanais porque queria aprender a falar de forma mais *feminina*, já que sua voz de *sapo* era *indisfarçável* e se sentia um tanto *incomodada* com o fato da voz *diminuir sua passabilidade* tão logo *abrisse a boca*. A profissional desta área foi indicada por uma *mujer trans* do grupo, que conhecia a profissional por estar no *programa para transexuais* do Hospital das Clínicas¹²⁹, em São Paulo.

Enquanto, para algumas, ter uma voz mais suave poderia ser algo importante, para outras é desnecessário, considerando que a *cd* se *monta e desmonta*. Isso ficou particularmente claro em uma ocasião em que fui a um aniversário de um membro do BCC. Nos encontramos no sábado à noite no *Le Closet* para ir ao aniversário de uma das *S/O's* que é membro do BCC. A festa aconteceria no *Xuxu Bar e Karaokê*. Fomos em cinco pessoas no carro, o casal White (*cd* e *S/O*), a Patrícia Din e a Solange Elizabeth Pearly. Fomos conversando sobre o clube, o *HeF* e coisas mais gerais sobre o *crossdressing*, como uso de roupas e acessórios. Havia três *cds montadas*, uma *S/O* e eu.

De repente, um assunto sobre fazer sessões de fonoaudiologia para deixar a voz *menos grave e mais feminina*. Uma delas falava que era uma pena que, apesar das produções que faziam, houvesse a voz de homem que estragava tudo quando falavam. Outra interveio dizendo que poderia ser interessante *fazer fono*, mas que era arriscado também, porque estes treinos de voz podem ser irreversíveis e sempre se corre o risco de ficar com a voz *feminina* e não conseguir retornar à *masculina*, o que seria um

¹²⁹ Este programa atende, através do Sistema Único de Saúde, transexuais que desejem passar pela cirurgia de redesignação sexual. Ali também é realizado todo o acompanhamento e tratamento terapêutico ao longo de todo o processo transexualizador, desde que a pessoa que passe por ele obtenha o laudo psiquiátrico que ateste sua condição. De acordo com a página deste grupo na internet, “o Projeto Sexualidade (ProSex) foi criado em 1993, no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IPq/HC/FMU/SP). Congrega equipe multidisciplinar, constituída por psiquiatras, psicólogos, urologistas, ginecologistas, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, educadores, pós-graduandos e residentes de psiquiatria, além de estagiários da área de saúde. Destina-se à assistência, ensino, pesquisa e prevenção dos transtornos da sexualidade, bem como a serviços junto à comunidade”. Disponível em: < <http://www.hcnet.usp.br/ipq/prosex/index.htm> >. Acesso em: 15 jul 2009.

problema para a vida de *sapo*. As outras concordaram. Foi quando a *S/O* interveio, comentando que uma das graças do *crossdressing* era justamente esta, a de que não usavam falsetes de voz. Não forçavam a voz para parecerem mulheres. Para ela, uma vez que as mulheres não usam *falsetes* para *suavizar* a voz e deixá-la *mais feminina*, não fazia sentido algum que um *homem que se veste de mulher* use desses artifícios, ao que ela termina dizendo: *vê se eu e a Anna fazemos isso?*. Esta pergunta encerrou a discussão e resultou em um concordar seguido de um silêncio aparentemente reflexivo por parte das outras pessoas no carro.

No caso da depilação, há modos de fazê-la de forma definitiva ou não. Algumas *crossdressers* não se depilam e usam artifícios como várias camadas de meias de seda ou roupas mais compridas para esconder os pelos. Outras, dependendo do poder aquisitivo, fazem depilação a *laser*. Algumas iniciam depilando apenas o rosto, o que justificam pelo melhor resultado que isso traz para a maquiagem, sobretudo para quem tem a barba mais cerrada e escura. De qualquer modo, algumas pessoas depilam outras partes do corpo também desde que, de modo geral, fiquem escondidas sob as roupas em situações sociais com pessoas que não saibam do *crossdressing*. Os recursos utilizados para ter um corpo livre de pelos são variados (raspar, depilar com cera, usar máquina de depilação elétrica, remover definitivamente com aplicação de laser, etc.) e, embora estejam relacionados ao capital econômico individual, dependem também das negociações com diversas instâncias de suas vidas pessoais.

No caso das *crossdressers* cujas esposas não sabem do fato de que *se montam*, por vezes a depilação vem acompanhada de alguma justificativa como, por exemplo, a melhora de desempenho no caso da prática de esportes como a natação. Ir à praia ou à piscina com a família é um dos momentos que envolve alguma tensão com relação às mudanças corporais, especialmente quando envolve a ingestão de hormônios. Algumas *crossdressers* se depilam apenas no inverno para não prejudicar essa sociabilidade *de verão* com suas famílias. Evidentemente, no caso de um homem, depilar costas, rosto e peito tem peso diferenciado do que depilar pernas e braços, o que parece ser quase injustificável em algumas situações.

A ingestão de hormônios femininos aparece nas falas com um duplo sentido: ao mesmo tempo em que é relatada como perigosa, essa prática ganha uma dimensão quase mágica na produção de um corpo mais *feminino, arredondado e suave*. Uma das interlocutoras deste trabalho, por exemplo, passou um final de semana de verão

inteiro em São Paulo enquanto a esposa estava na casa de praia com a família. Como passei boa parte daquele final de semana com ela, pude acompanhar os diversos telefonemas da esposa pedindo que ela fosse para a praia. Ela estava chateada – chegando a afirmar isso em vários momentos - por não poder ir, mas o fato de ter seios graças à ingestão de hormônios e não poder tirar a camisa na frente da família da esposa a impedia de ir. Afinal, tirar a camisa é comum na sociabilidade masculina, sobretudo em eventos familiares e em locais como praias e piscinas: seria bastante esquisito que um homem não o fizesse em momento algum ao longo do final de semana na praia ou que, estando lá, decidisse passar o tempo todo dentro de casa ao invés de acompanhar os familiares.



[show all](#) | [add tag](#)

1a vez de esmalte - 16-6-07

[Imagen retirada do perfil do orkut de uma das interlocutoras deste trabalho, que relata que algumas crossdressers reclamam dizendo que a fotografia está *muito masculina*]

Algumas das pessoas com que convivi resolveram deixar seus cabelos compridos para realizar uma *montagem melhor*. Várias costumam fazer as unhas regularmente e algumas chegam a pintá-las com tons suaves, de modo que não chame muito a atenção quando estão *de sapo*. Algo comum entre as *crossdressers* é pintar apenas as unhas dos pés, que ficam escondidas sob os sapatos. Algumas também

mantêm as sobrancelhas feitas, seja apenas tirando o excesso de pelos, seja dando a elas um formato mais próximo ao usado pelas mulheres. Nas palavras de uma *crossdresser* que mora no Rio de Janeiro, certa vez, quando optou por passar a delinear a sobrancelha, em seu ambiente de trabalho apenas as mulheres evidentemente perceberam a mudança, mas, de qualquer modo, limitaram-se a observar e não falaram nada acerca do que viam.

Há tensões, contudo, entre as *cds* que acontecem especialmente em razão de certa disputa não-explicita entre elas por uma boa imagem pública diante do grupo, seja por demonstrar ter uma boa posição socio-econômica na vida de *sapo* ou pelo resultado final da *montagem* em termos de beleza, o que por vezes também é mediado pelo que podem pagar em termos de *melhorias* da estética corporal ou de roupas e acessórios.

Com relação à beleza, embora o mais comum seja elas se elogiarem mutuamente dizendo que estão *lindas* ou *maravilhosas*, é possível perceber através das perguntas que fazem sobre suas *montagens* um esforço de melhorar o resultado sempre. No caso de algumas, isso implica querer estar bem em público, no caso de outras implica querer se diferenciar das demais. Um pouco disso pode ser exemplificado pela fala de uma integrante do grupo que inicialmente falava sobre a decisão de tomar ou não hormônios para se tornar *mais feminina*:

“É foda! Eu não sei o que fazer, Anna. Tá foda isso. A gente se acostuma [com a aparência delas] mesmo. Risos. Eu não consigo achar [as *cds* lindas]... Poxa Anninha, eu não quero ser iguais as *cds* que vejo sabe? Eu não acredito muito que tenha uma receita para o que eu quero. Não existe *cd* bonita. Nossa! Todas são horríveis, fala sério. Você conhece muitas... risos. Estive no [último] encontro [do clube]. Risos. Que coisa horrível! Parecia a visão do inferno. A [fulana] escapava. Risos. ... mas ela é diferente, né [se hormoniza]? Show ela. Poxa, isso que é foda. Por isso que [eu] também queria tomar¹³⁰.”

De qualquer modo, não é possível afirmar que o objetivo do *crossdressing* para a maior parte seja estar uma mulher deslumbrante. Seria, mesmo, uma compreensão equivocada desse universo afirmar tal coisa, uma vez que para muitas *cds* o que importa é estar *en femme*, da forma possível a partir de seus contextos e não *passar por* mulher. Há também diferenças entre o que as pessoas têm como expectativa para seu próprio *crossdressing*: para algumas, é necessário uma

¹³⁰ Em conversa via MSN. Não coloquei aqui a data da conversa para evitar expor a pessoa que falou e também as participantes do evento citado na fala.

montagem completa, para outras apenas algumas coisas como uma saia, um batom ou uma sandália de salto já são o suficiente. Tanto que, em alguns encontros, é possível ver algumas pessoas com o que poderia ser chamado de *meia montagem*, como por exemplo, uma *sainha* e *blusinha*, mas nada de maquiagem ou peruca, em certos momentos.

Também há outras coisas que têm algum peso nessa disputa: idade e poder aquisitivo são elementos que pesam no sucesso do que se pretende ou no investimento que se faz. É importante, contudo, dizer aqui que as pessoas, independente da faixa de renda, fazem um investimento considerável financeiro, de tempo e emocional, para praticarem o *crossdressing*. Um dos rapazes que entrevistei (de 19 anos e que não faz parte do BCC), que morava com os pais em um bairro da periferia de São Paulo e estava desempregado na ocasião, relatou-me que compartilhava as coisas de *se montar* com um amigo que era, também, um ex-namorado. Segundo ele, os dois acabavam dividindo os gastos e usos das coisas, que não saíam menos de trezentos reais por mês. No caso dele, praticamente todo o dinheiro que conseguia com trabalhos temporários era investido nas suas *montagens*.

É preciso considerar aqui também que a inserção social do *sapo* torna a negociação do até *onde se pode ir* nas intervenções corporais e no investimento (econômico, mas não apenas) mais ou menos flexível. Algumas das pessoas com que tive contato já tinham o costume de fazer as unhas em salão, apenas não a pintavam. No contexto da vida dessas pessoas, fazer as unhas era algo inclusive desejável. Já outras *cds* pertencem a lugares ou grupos de amigos em que fazer as unhas é visto como algo inapropriado. Fui ao casamento *desmontado* de uma *cd* com sua *S/O*. No saguão do hotel, um dos padrinhos, que não sabia do *crossdressing* do noivo, comentava que tinha achado muito estranho que este havia ido ao salão naquela tarde para fazer as unhas para o casamento. As pessoas do BCC convidadas apenas ouviram o desabafo quase indignado do padrinho e teceram comentários como *que coisa, não*. Depois riram do episódio e comentaram entre si: *se ele tivesse idéia do que acontece...*

De modo geral, as *crossdressers* com que conversei relatam que se inspiram e buscam realizar em suas montagens coisas que *observam e admiram* nas mulheres. As *crossdressers* não se vêem, neste contexto, como mulheres e não desejam tornar seu corpo semelhante ou igual ao de uma *mujer genética* o tempo todo. A noção de transitoriedade é importante para compreender o que fazem. Algumas afirmam que se

vestir de mulher funciona como uma espécie de brincadeira, geralmente relatada como algo que produz uma grande satisfação pessoal. Elas contam também que não são e nem procuram ser uma *caricatura de mulher*.

O que me foi relatado ao longo da pesquisa é que a idéia da *montagem* é muito mais próxima a uma noção de usar coisas que as mulheres usariam. Nesse sentido, a montagem realizada pelas *crossdressers* distancia-se, por exemplo, do exagero evidente e proposital da montagem das *drag queens*. Por outro lado, também não se pretendem *passáveis* como algumas *transexuais*. *Passabilidade* é uma categoria que implica, no contexto estudado, em *passar por mulher* quando estão montadas em locais públicos, ou seja, circularem sem que as pessoas percebam que são ou tenham sido homens.

É comum ouvir das *crossdressers* que, ao se *vestirem de mulher*, procuram incorporar elementos do universo feminino que lhes atraí porque consideram *bonito*, *sensual*, *agradável*, etc. Assim, tentam reproduzir em seus corpos essas coisas de modo a tentar experienciar um pouco das sensações que as mulheres expericiam ao fazer uso delas. De qualquer modo, elas afirmam que sabem, também, que as mulheres não pensam sobre o uso e sensação daquilo que usam ou fazem deste mesmo modo e que, possivelmente, talvez nem prestem atenção em sensações como *o tecido da saia roçando em suas pernas conforme andam, ou o cabelo (ou a peruca) batendo nos ombros com o vento*.

Voltando a questão de como negociam nas diversas instâncias de suas vidas a prática de *crossdressing*, os discursos acerca da relação do *eu montada* com o *eu desmontado* trazem importantes elementos para entender como funcionam as dinâmicas de construção subjetivas relacionadas ao fato de se *vestirem de mulher*. Ao mesmo tempo, elas também apontam para o fato de que esta é uma dinâmica que extrapola os limites do individual, refletindo formas complexas de negociação entre masculinidades e feminilidades e de modos de ser/estar no mundo. Essa negociação constante entre os lados *sapo* e *princesa* também apontam para elementos que estão presentes em outras instâncias de suas vidas sociais, como suas vivências erótico-afetivas, suas sexualidades e suas relações de amizade e familiares.



[Patrícia Din se montando no *Le Closet*]

Assim, gostaria de passar a discutir como, a partir dessa negociação entre *sapo* e *princesa*, homens que se engajam nesta prática pensam suas experiências de vestirse com *roupas de mulher*, quais as possibilidades de efetivação deste desejo que relatam e, depois disso, tentar entender como isto é negociado nas demais instâncias de suas vidas. Aqui, dois caminhos analíticos poderiam ser apontados a partir de questões que emergem do campo: a relação e subsequente negociação que se dá no nível da construção da subjetividade desses homens, a qual implica em modos particulares da construção das suas noções de pessoa; e, por outro lado, as formas como essa construção de si impacta significativamente as diversas relações sociais que estabelecem em suas vidas, dentro de uma perspectiva que implica a negociação entre o que é/deve ser público e/ou privado dentro dessas práticas e as consequências e/ou limites da publicização ou não desta experiência de *se montar*. Passo então a este primeiro ponto, enquanto deixo o segundo para o capítulo a seguir.

4.2 Um homem pra chamar de seu: sobre os *sapos* que sustentam as *princesas*

She's not me
She doesn't have my name
She'll never have what I have
It wont be the same
(You Wont be the same)
Never let you forget
She's not me
She's not me
And she'll never be
(Madonna, She's not me)

Se eu deixar, a [nome feminino] gasta todo o meu dinheiro..., foi uma das afirmações que ouvi com mais frequência ao longo do trabalho de pesquisa e que foi repetida em todas as entrevistas que realizei com homens que se identificam como *crossdressers*. Também ouvi esta assertiva em diversas conversas entre eles ou, em alguns momentos, elas. Esta afirmação refere-se a uma das relações mais instigantes que pude observar no grupo pesquisado: a do *sapo* com sua *crossdresser*. O *sapo* é quem dá as bases para a mulher que se pretende *estar*. *Estar* é, inclusive, a forma verbal indicada como mais adequada para se fazer referência à *montagem* de uma *crossdresser*. Embora no *website* do Brazilian Crossdresser Club leia-se o *slogan* *Existimos pelo prazer de ser mulher*, várias comentaram que este *slogan* está equivocado, que deveria ser trocado por *Existimos pelo prazer de estar mulher*, já que uma *crossdresser* não deseja ser uma mulher, mas apenas estar *en femme* por alguns momentos.

Geralmente, é comum que se refiram a um ou outro lado na terceira pessoa. Assim, é como se na construção de pessoa que realizam houvesse uma linha muito clara que separa o *sapo* da *princesa*. Eventualmente, referem-se ao lado *montada* ou *desmontado* na terceira pessoa do singular, nomeando essa pessoa: a *fulana* é assim, o *fulano* gosta de tal coisa. Um exemplo é dado por uma *cd* ao contar que, certa vez, disse à mãe, que sabe do seu *crossdressing*: não me venha com essas coisas que a [nome da princesa] é *puta*. Ao que complementou dizendo que embora seu *sapo* seja calmo, a *princesa* gosta de zoeira. O mesmo se dá na relação contrastante entre o papel profissional de suas vidas *desmontados* e aquilo que falam sobre as *princesas*:

enquanto os *sapos* tendem a ser pessoas bem posicionadas e com grande poder decisório na esfera profissional, alguns dizem da sua *princesa* que ela é uma mulher que gosta de *ficar em sua própria casa, cuidando das coisas* e, por vezes brincam, *lavando as cuecas sujas do bofe*. Nesse sentido, pode-se dizer que há duas pessoas construídas pelas *crossdressers* que não são, necessariamente, continuidade uma da outra. Em alguns momentos esta *mulher* que *montam* representa aquilo que admiram nas *mulheres GG*, mas também isto não é comum a todas as *cds*.

Eventualmente, quando *se montam*, é possível ver que as *cds* fazem coisas que não correspondem àquilo que as *mulheres GG* fazem. Elas mesmas afirmam isso em momentos diversos quando brincam umas com as outras. É o caso de uma intervenção realizada no fórum do BCC pela moderadora quando ocorreu uma discussão e ela começa a mensagem de correio eletrônico com a frase *Queridas associadas testosteronadas do BCC*¹³¹ ou quando ao se falar em cólicas menstruais e coisas do tipo Patrícia Din disparava *Nós, mulheres genéricas, não temos este problema*.

Se montar funciona como algo que aproxima deste universo que *as encanta* e do qual *querem fazer parte*, mesmo que não comprem da *feminilidade* todas as suas dimensões. Assim, estão sempre reafirmando seu *status social* de homem quando *desmontados*, ou fazendo propaganda do sucesso profissional, da masculinidade e do quanto são desejados pelas mulheres. As interlocutoras deste trabalho compreendem que não necessariamente *feminino* significa o mesmo para as *cds* que para as *GG*. É comum que as encenações de feminilidade mostrem uma mulher contida, calada, calma. Algumas *crossdressers* que falam bastante quando estão desmontados chegam a não abrir a boca ou interagir com as demais, para além de um sorriso tímido, quando *se montam*.

Há *crossdressers* que *se montam* e esperam que as outras pessoas as notem. Para algumas outras, *se montar* diz respeito à sua satisfação pessoal, pouco importando serem vistas ou notadas em público. Algumas relatam, inclusive, que para elas a graça é justamente passarem desapercebidas, como se fossem mulheres de verdade. Outro aspecto importante é a idéia de que esta *mulher* que *montam* precisa ser controlada o tempo todo e, ao contrário do *sapo*, sempre correm o risco de gastar mais do que deve/pode, e sem pensar muito nas consequências disso. É comum, também, que afirmem gastar muito mais com o *lado feminino* que com o *sapo*.

¹³¹ A frase estava em caixa alta no fórum, o que na comunicação virtual implica em gritar. Em e-mail para o Fórum Virtual do BCC, em 04 de março de 2009.

Enquanto a mulher é descrita como alguém que demanda tempo, dinheiro e investimento, o *sapo* é geralmente descrito como alguém de gostos simples e contido.

A construção do lado *princesa*, por vezes, remonta a mulheres jovens. Assim, algumas *crossdressers* comportam-se, quando montadas, como mulheres adolescentes, lançando mão de artifícios linguísticos daquela faixa etária para conversar ou falar. Eventualmente, elas fazem uso de roupas que também parecem feitas para adolescentes. Isso é relatado por algumas outras *crossdressers* como algo que as irrita, uma vez que consideram mais adequado portar-se ou conversar como pessoas de sua faixa etária e que isso seria *levar o crossdressing a sério*.

Em um dos primeiros eventos do BCC a que fui, levei comigo a *cd* com que tinha contato há algum tempo, na faixa dos trinta e poucos anos e que se hormoniza. Uma *cd* de mais de 60 anos que estava lá veio conversar conosco e falou, entre outras coisas, que era *uma maravilha ser novinha assim* como a *cd* que havia ido comigo e já se *montar*, pois isto fazia com que a *montagem* pudesse ter maiores chances de sucesso em relação à *beleza e feminilidade*. Disse também que *na idade dela* isso ficava bem mais difícil. Pouco antes, a *cd* que havia ido comigo comentara, me mostrando esta outra que veio conversar conosco: *ela parece uma de minhas tias*.

De qualquer modo, essa idéia de agir ou falar como uma mulher bem mais jovem implica também na produção de um contexto em que a feminilidade ou o se *montar* é tido como algo mais lúdico que sério. Ainda, como elas se inspiram em certos modelos de mulher e não em outros, pode-se perceber aí que a construção de si nesse contexto remete-se a algo que as distancia de suas experiências pessoais *desmontados*, uma vez que, se o *sapo* é *sério, profissional, calmo, contido e centrado* a *princesa* é *brincalhona, puta, frívola, descontrolada e des cabeçada* (lançando mão aqui de adjetivos que ouvi delas se referindo a si mesmas em alguns momentos).

Em uma *cd session* em que estive a diferença entre *sapo* e *princesa* tornou-se muito evidente, quando uma das *meninas* presentes desmontou-se no meio do evento e voltou à conversa em trajes e atitudes de *homem*. Esta interlocutora, que se identifica como *travesti de classe média*, diferente do que se poderia pensar de outras *travestis*, lança mão de um expediente bastante comum a prática do *crossdressing*, que é se montar e desmontar, levando uma *vida de homem* em seu cotidiano. Ela estava, toda vestida de preto, com uma mini saia que ia até metade das coxas, meia calça, sapato de salto alto e uma blusa canelada de mangas compridas e gola alta. Os brincos eram de argolas grandes e o cabelo estava solto. Cabe aqui um parênteses para

dizer que é comum que os cabelos sejam usados de modo diferente quando estão de *sapo* ou *princesa*. Mesmo os cabelos presos em *rabo de cavalo* são apresentados de modo diverso: o cabelo do *sapo* é preso displicentemente, próximo ao início da nuca, enquanto o da *princesa* é preso no meio da cabeça, de forma mais apertada, *como as mulheres fazem*.

Voltando à cena que descrevia, quando *montada* ela exibia um gestual frouxo, com movimentos leves, mas expansivos. Mexia repetidamente no cabelo, jogando-o para um lado ou para outro, conforme conversava. A maquiagem consistia em olhos pretos esfumaçados (fazendo uso de sombra, rímel e lápis) e um batom discreto, *cor de boca*. E uma base perfeitamente disposta sobre a pele, já livre dos pelos graças a diversas sessões de *laser*. A forma de movimentar as mãos também era suave e as pernas permaneciam cruzadas. Por vezes as mãos repousavam juntas sobre os joelhos. O tom de voz era macio e a forma com que falava era adocicada e com um tom despreocupado, quase frívolo. Havia outras pessoas do clube presentes mas apenas ela estava *montada*. Os assuntos giraram em torno da organização do clube, como admissão de novas associadas, a (demora) de atualização do site e de tramitação das associações mais recentemente aprovadas (notadamente a inserção destas na lista de discussões) e um pouco também sobre sexo (*dar*, *comer*, traição, tolerância ou não a relacionamentos abertos). Geralmente este último assunto girava em torno do casamento da própria *menina* que estava *montada*, que tem um relacionamento aberto com a esposa, mas que só permite que ela (já que isso só é permitido, também, no caso de estar *montada*) saia com homens pois tem ciúmes de mulheres, já que sabe que é o que ele/a *de fato gosta*. Sair com homens, nesse contexto, só serviria a esta travesti para reforçar seu *lugar de mulher*, sua *feminilidade*. O sexo com homens, nesse sentido, era *só sexo*, enquanto o sexo com mulheres representaria risco de envolvimentos afetivos, o que seria indesejado do ponto de vista do casamento.

Após algum tempo de conversa, a dona do apartamento *sumiu*. Foi até o quarto, enquanto as outras ainda conversavam. Logo depois ela reaparece, mas em sua *forma sapal*. Melhor dizer que, inesperadamente, ele aparece. Cabelos penteados para trás, presos num rabo de cavalo. Camisa amarela, num tom claro. Era possível notar que havia seios por detrás dela olhando mais atentamente. Ou torne-se possível notar os seios apenas para quem tem um olhar mais atento para estas coisas. Agora o gestual era contido. Sentou-se na mesma cadeira, com as pernas abertas. Vestia jeans e um sapato preto. Usava um relógio masculino no pulso esquerdo. Os cotovelos

agora apoiavam-se nas pernas, e o corpo inclinava-se para a frente, diferente da postura ereta que adotava quando *montada*. As mãos agora ficavam quase que o tempo todo juntas, sem se mover, com os dedos de uma mão entrelaçados aos da outra. O tom de voz agora era mais grave. O modo de falar incisivo, quase impositivo. Assim como o gestual ao falar, que embora contido era firme. Nenhum resquício de maquiagem. Nem da *princesa*. Era como se fosse outra pessoa que estivesse agora sentada naquela cadeira, e tudo em uma questão de poucos minutos. Fiquei surpresa. Foi a primeira vez que, ao longo da pesquisa, havia visto esta diferença entre *cd* e *sapo* de modo tão explícito. Logo depois ele anunciou que precisava ir para casa porque a esposa estaria chegando da faculdade e ele queria estar lá. Assim, todos fomos embora.

Poderia tecer aqui uma analogia entre o fenômeno da possessão na umbanda ou no espiritismo e o processo de transformação entre *sapo* e *princesa* entre as *crossdressers* que pesquisei. Comparar esta relação entre *sapo* e *princesa* com o que ocorre na possessão permite entender melhor o que está em pauta na construção de pessoa que as *cds* realizam quando se *montam* ou *desmontam*. Há uma vasta produção sobre a homossexualidade e os cultos de possessão no país que merece ser mencionada. Antropólogas e antropólogos têm se dedicado a entender como a prática da homossexualidade ou o papel das mulheres, que seriam desvalorizadas em certo grupo, pode ser valorizada dentro do mesmo através da participação dos indivíduos em práticas de possessão quando são médiuns nos terreiros (ver Landes, 2002, Fry, 1977, 1982, Birman, 1995, 2005, e Moutinho, 2005). Todos esses estudos trazem uma contribuição importante para se entender como gênero e sexualidade entram em cena e são importantes para a compreensão dos lugares sociais daquelas pessoas que fazem parte desse universo dentro e fora do sistema de possessão e como se relacionam, também, com a produção de hierarquias e legitimidades dentro da sociabilidade dos terreiros e na vida social dessas pessoas.

Patrícia Birman (2005) argumenta que é a possessão o instrumento que permite a intervenção das personagens sobrenaturais na vida de quem as incorpora e na dos seus parentes e amigos. Para a autora, a atividade religiosa da possessão *fabrica mediadores* entre o que acontece no mundo e o que ocorre no sobrenatural. Assim, para haver possessão é necessário que exista um indivíduo, dotado de um espírito seu e um espírito outro, que se apropria temporariamente do corpo deste

indivíduo, o *médium*. Na possessão, há um caráter espiritual/religioso em jogo e é necessário que um espírito (o do *médium*) dê lugar ao outro (o da *entidade*).

A possessão, por vezes, implica em uma mudança que “... tem efeitos sobre a natureza da pessoa em termos de gênero, ‘feminilizando-a’ quando se trata de homens e ‘empoderando-as’ quando se trata de mulheres, o que provocaria, em consequência, um permanente diálogo conflitivo dessas pessoas com a norma social e suas possibilidades de transgressão” (p. 409). Assim, se por um lado a possessão empodera essas pessoas, por outro põe em conflito o papel cotidiano da pessoa que é médium em sua vida social fora dos terreiros.

No caso das *crossdressers* a idéia de que há duas pessoas ali se mantém, mas ela não está relacionada a idéia de mundo espiritual, como no caso da possessão. Há duas personagens que fazem parte do mesmo indivíduo. Se na umbanda se tem um indivíduo e um espírito que se apropria temporariamente do corpo dele, no caso da *cds* haveria dois lados de um mesmo eu, que se traduziriam na idéia de *sapo* e *princesa*. Talvez por esta razão se refiram sempre a um ou outro lado na terceira pessoa, uma vez que este é um outro lado de si mesmo. Assim, a relação da *princesa* com o *sapo* não é de exterioridade como no caso do médium e da entidade, em que um espírito precisa sair para dar lugar a outro que não o seu.

Ainda, é preciso lembrar que enquanto nos fenômenos de possessão são explicados dentro da lógica da religiosidade, no caso das *crossdressers* a explicação do que acontece consigo é pautada quase sempre em justificativas *científicas*, através do acionamento dos discursos da sexologia e da psiquiatria¹³². Embora a explicação sobre o que fazem se afaste da religiosa no caso das *crossdressers*, há pontos de diálogo possíveis entre a construção dos lados *sapo-princesa* e o fenômeno da possessão. De acordo com Yvonne Maggie,

“...a possessão é um fenômeno coletivo, pois é um processo socialmente aceito, no qual as entidades que se incorporam no médium fazem parte da mitologia e do sistema de representação do grupo. Mas ela é, ao mesmo tempo, a individualização desse coletivo, pois cada médium

¹³² Há uma vasta produção da psiquiatria sobre os fenômenos de possessão e transe, que durante muito tempo associou a essas práticas a idéia de charlatanismo ou algum adoecimento mental. O discurso psiquiátrico sobre a possessão foi pautado ao longo do tempo “... tanto por debates intradisciplinares, de natureza psicopatológica, como por disputas sociais e ideológicas referentes ao lugar que se deveria dar às formas de religiosidade das classes médias e de segmentos pobres da população. O desenvolvimento desses embates revela várias facetas e dimensões da luta por hegemonia de distintas concepções sobre a subjetividade humana, incluindo aqui a religiosidade e o adoecimento mental” (Almeida, Oda e Dalgarrondo, 2007, p. 40).

personifica uma ou várias dessas entidades, dando-lhes uma interpretação pessoal. Nos rituais de umbanda essa individualização é reforçada, pois os orixás que habitam o corpo do médium são ‘seus orixás’.” (2001, p. 84).

Para Maggie, “a possessão pode ser vista como um fenômeno no qual o individual e o coletivo se cruzam” (2001, p. 85). Nesse contexto, é importante, conforme aponta, entender que modelos sociais são construídos pelos atores dentro desse fenômeno. Ainda, arrisco dizer, seguindo a pista da autora, que no caso das *crossdressers* que pesquisei é necessário perceber também quais os modelos de feminilidade e masculinidade disponíveis que são acionados na produção de si realizada tanto para o lado *princesa* quanto para o lado *sapo* que as *crossdressers* acionam para *se montar* ou *desmontar*.

No caso das *cds*, parece que os lados *sapo* e *princesa* precisam se revezar para se manifestar, já que são dois lados de um mesmo indivíduo que socialmente não podem aparecer de forma concomitante. Um desses lados está de acordo com o sexo assignado ao nascer e o outro não. Esses lados devem se revezar por razões que vão da *princesa* não ser aceita socialmente à necessidade de que o *sapo* mantenha uma vida que possibilite que sustente a *princesa*. O lado *princesa*, nesse contexto, só pode se manifestar quando é possível ou permitido e é nesse momento que um clube como o BCC aparece como uma instituição que pode ajudar a trazer o lado *feminino* a público.

Enquanto no caso da *possessão* o *médium* precisa sair de si mesmo para a entidade falar a partir do corpo dele, no caso do *sapo* isso não ocorre. O *sapo* não precisa sair do corpo, a consciência do sujeito está presente nos dois momentos. Não se trata de um espírito que sai e de outro que *toma conta*. Esta é uma mudança muito mais na aparência e na gestualidade do que no ser, já que o *sapo* é sempre relatado como quem dá as bases para a *princesa* que se *monta*. Assim, no caso das *crossdressers*, parece que há um *eu* que gestiona os dois lados. É este *eu* que preside a existência dos dois lados, e por esta razão, diferente também do que ocorre na possessão, elas se lembram do que fizeram quando estavam montadas. Também parece que é por este motivo que buscam nas referências científicas a dualidade que carregam. A estratégia de cindir esses dois lados – e tratar a ambos na terceira pessoa – talvez seja uma maneira de administrar toda a necessidade do segredo e que

possibilita a esses homens viver uma experiência que lhes é importante de forma menos arriscada e com menos chance de perdas em suas vidas cotidianas.

Nessa construção de si realizada pelas *crossdressers*, são acionadas ainda diversas convenções sobre classe e geração. Assim, a *mulher de verdade* é a mais jovem, e todas dizem que as *princesas* que *montam* são mais novas que seus *sapos*. As roupas que usam também tem que ter *glamour*. Assim, os saltos são geralmente muito altos, as roupas muito enfeitadas e as *montagens* muito carregadas de acessórios e brilhos. Como disse uma S/O certa vez, *ve se alguém quer se montar para lavar louça*. A idéia de *se montar* raramente passa pela idéia de ser uma *mulher básica*, a não ser nos momentos em que desejem *se montar* e, ao ir à rua, *passar batido*.

Os *armários femininos* que me foram apresentados ao longo da pesquisa eram sempre maiores que o da maior parte das mulheres que conheço. Isso porque as *crossdressers* acumulam mais roupas que as mulheres, seja porque, de modo geral, as pessoas que pesquisei têm alto poder aquisitivo, seja porque a durabilidade das roupas também é maior pelo menor tempo de uso das peças. Há de se considerar também que a idéia de mulher que muitas acionam tem relação com estar sempre com roupas novas, diferentes, com uma produção a casa uso. Algumas das roupas que compram têm espaço privilegiado nos guarda-roupas, como vestidos de festa, sapatos de salto alto e as calcinhas. Algumas *crossdressers* têm verdadeiras coleções desses itens.

Algumas *crossdressers* compram roupas femininas pela internet, outras compram quando estão *de sapo* e para tanto, às vezes fingem que estão comprando um presente para alguém. Algumas *cds* só compram roupas femininas quando estão *en femme*. Algumas outras fazem questão, mesmo *de sapo*, de dizer que as roupas são para si mesmos e de contar que *se montam*. Há um misto de se esconder e se tornar visível nas formas como as *crossdressers* lidam com essas situações. Eventualmente contar que *se monta* para as vendedoras e experimentar coisas na loja pode ser algo que lhes gera muito prazer, conforme algumas relatam. De qualquer modo, a forma como gerenciam o *sair do armário* na ocasião de fazerem compras varia de uma *crossdresser* para outra, assim como com o fato de se sentirem a vontade ou não para o fazer. Assim, ora o segredo se faz necessário, ora não, a depender de como se sentem em relação à pessoa que os atendem e aos riscos que podem ser acarretados pela exposição. Algum grau de *exibicionismo* pode ser acrescido a esta decisão também e, eventualmente, *testar a reação do outro* (geralmente quando são mulheres)

aparece como uma forma de maximizar *o prazer de comprar roupas de mulher para si*.

O ato de comprar roupas em lojas, por vezes, também tem um lado de testar limites e de tentar fazer com que a vendedora entre num certo jogo e acabe, nele, tratando a *crossdresser* como mulher durante a venda. Quando isso acontece, é comum que a *cd* torne-se cliente regular da loja. O fato também é descrito como algo que proporciona grande satisfação à *crossdresser*.

Há formas diversas utilizadas pelas *cds* para comprar/esconder roupas, acessórios, sapatos e maquiagens, que dependem diretamente de quem sabe, com quem moram e de seu poder aquisitivo. Algumas *crossdressers* possuem apartamentos que utilizam para se montar e para guardar essas coisas. Algumas dividem locais para isso, como é o caso do *Le Closet*. Outras, lançam mão de artifícios diversos, dependendo se as pessoas com quem moram sabem ou não que *se vestem de mulher*.

No caso de comprar as coisas que necessitam para *se vestir*, há todo um aprendizado para que consigam comprar objetos que *sirvam* efetivamente e que *fiquem bem*. Isso é bastante dificultado pelo fato de que nem sempre é possível que provem as roupas que compram nas lojas, o que faz com que eventualmente as peças adquiridas não caibam ou fiquem esquisitas. Com o passar do tempo, é comum que as *cds* passem a tentar provar as roupas no ato da compra, ao menos em algumas lojas.

Como a maior parte das *crossdressers* com que tive contato também têm um bom poder aquisitivo e não fazem uso constante das roupas de mulher que adquirem, é comum que tenham armários abarrotados de coisas, que nem sempre usam, mas das quais também tendem a não se desfazer. De qualquer modo, as peças que compram e não ficam bem ou não servem podem ser vendidas nos bazares que acontecem em momentos como o HeF ou passadas adiante para outras *cds* que possam fazer melhor uso daquelas roupas, no caso de não haver possibilidade de reformá-las em uma costureira.

É evidente que o potencial de consumo é proporcional à renda do *sapo*. Contudo, um traço comum entre as *crossdressers* com que pude conversar é que todas, sem exceção, investem muito financeiramente (embora não apenas financeiramente) no *cding*. São as roupas e coisas do *lado feminino* que são objeto de ciúmes e cuidados especiais. Foi comum ouvir que não se importam muito com as coisas *do sapo*, mas que *odeiam* quando as mães ou esposas pegam suas jóias ou

roupas *de menina* emprestadas. De qualquer modo, em alguns momentos soube que elas acabam emprestando uma ou outra coisa para mães ou esposas.

O *sapo* é visto como aquele que possibilita a vida da *princesa*. Eventualmente ele é referido como um provedor que precisa estar bem em sua vida profissional e financeira para proporcionar à *princesa* uma existência confortável. Sem este lado bem estruturado, foi comum relatarem, não haveria a possibilidade de fazer *crossdressing*, já que os gastos com roupas femininas, as quais não usam no cotidiano, são por vezes referidas em tom de brincadeira como *disperdício de dinheiro*. De qualquer modo, a noção de *disperdício* precisa ser relativizada aqui, uma vez que o *crossdressing* ocupa um lugar importante na vida das pessoas pesquisadas e, nesse contexto, os gastos que o envolvem também fazem parte de um investimento em algo que, contam, desejam e tem grande satisfação em fazer.

Nesse contexto, a idéia de *jogar dinheiro fora* merece reflexão. É comum ressaltarem que o *crossdressing* é só uma *brincadeira*, que só fazem de vez em quando e se quiserem, e que, nesse sentido, não atrapalha suas vidas *desmontados*. O que ocorre é que, para dar vida à *princesa*, alguns sacrifícios são requeridos. A sociabilidade das *crossdressers* dificilmente se mostrou a mesma antes e depois de passarem a sair *montadas* na rua. Os lugares de frequência mudaram, assim como a periodicidade com que se *montam*. Nesse contexto, muitas *crossdressers* passaram a se relacionar mais com outras *cds* do que com amigos de antes desta *fase mais intensa* de *se montar*. A forma como administraram esta questão varia, mas sobretudo nos períodos de *urge*, a relação com os amigos da vida de *sapo* torna-se distante. O mesmo ocorre nas fases de *purge*, em que tendem a se afastar de todo e qualquer contato com outras *crossdressers*.

Se na primeira parte deste capítulo versei sobre as transformações corporais relacionadas ao que homens que se identificam como *crossdressers* imaginam que é *ser feminina* ou de que tipo de *feminilidade os satisfaz*, mesmo que saibam que isso é diferente do que as *GG* pensam e/ou fazem, aqui o que aparece é como constroem a sua persona feminina de forma relacional com a masculina, uma vez que a *princesa* só existe em relação ao *sapo*. Esta sessão buscou trazer, também, como eles acionam comportamentos relacionados ao estereótipo de *mulher faceira*: gastar demais, ser fútil, ser puta, ser contida/ingênua, etc., e como essa visão permeia também o *tipo de mulher* que constróem em suas *montagens*.

Assim, é através do uso de certos objetos e itens, assim como da compra desses, que esta outra pessoa pode ser concretizada, uma vez que estes objetos operam na transformação dos *sapos* em *princesas* e são, mesmo, fundamentais nessa passagem. Mas a produção dos corpos e a relação entre *sapo* e *princesa* é só uma das instâncias da negociação que estes homens operam para praticarem *crossdressing*. Há outras ainda, que também tem grande peso, como a relação com a família, o manejo do segredo (e das consequências da exposição, que englobam perdas afetivas e econômicas) e a relação entre *adrenalina* e *risco* que está contida nele. Passarei a falar delas no capítulo a seguir.

Capítulo 5 - “Vestidos para ir a lugar nenhum¹³³”: crossdressing e negociações para se estar montada.

Ao longo dos capítulos, busquei explorar algumas das negociações empreendidas por homens praticantes de *crossdressing* na forma como o expericiam quando *se montam*. Busquei explorar também os usos que fazem dos espaços que frequentam, dentre eles o BCC, um clube voltado para *crossdressers*. Ainda, busquei compreender como se articula o sistema de classificação intra-grupo, que torna algumas formas de praticar *crossdressing* mais legítimas que outras. Para tanto, explorei o conjunto de auto-classificações que foram aparecendo conforme realizei meu trabalho de pesquisa.

O capítulo anterior abordou uma negociação importante e complexa que envolve a negociação que realizam entre o *eu desmontado (sapo)* com o *eu montada (princesa)*. Esta negociação abrange uma série de fatores como o medo de comprometimento da sua vida social caso o segredo seja revelado, a relação com esposa, filhos/as ou outros/as familiares, a relação com amigos/as de fora do *meio crossdresser* e impacta, também, as formas como acessam certas coisas, como cuidados médicos.

Neste capítulo, discutirei a importância de sair na rua *vestida de mulher*, algo que é narrado pelas pessoas que pesquisei como uma experiência importante *para a vivência de seus crossdressings*, ao mesmo tempo em que é algo que tem implicações sobre suas vidas pessoais e a das pessoas com quem se relacionam. Assim, a negociação de que falarei neste capítulo continua, em certa medida, dialogando com esta possibilidade de comprometimento da vida social através da revelação do segredo de que se montam. Ainda, envolve outras dimensões das relações sociais, que importam e também podem ser comprometidas quando o *crossdressing* é contado. A primeira dessas relações é a com a família, amigos e a vida profissional. Conforme descreverei, essas relações são delicadas e estão sempre sob risco de rompimento caso o

¹³³ *Vestidos para ir a lugar nenhum* (*All Dressed up and No Place to Go*, de Peter Schwartz, 1996) é um documentário norte-americano sobre quatro homens heterossexuais e suas experiências em relação à prática de *crossdressing*. Não tive acesso ao documentário, que me foi indicado diversas vezes por Patrícia Din ao longo de meu trabalho de pesquisa. Para Patrícia, este é um documentário bastante próximo ao que é *ser crossdresser*. Isso porque traduz algo inerente ao sentimento e ao ato de *se montar* que, no final das contas, poderia ser traduzido pelo título mesmo daquele documentário. De certo modo, isso implicaria em dizer que o *se montar* pode ser visto como uma prática que se justifica em si mesma.

crossdressing seja descoberto. O rompimento dessas relações é algo que é visto pelas interlocutoras de meu trabalho como algo indesejável, pois implica em perdas emocionais e econômicas. Por esta razão, em algumas dessas relações o segredo deve ser mantido ou desvelado apenas em alguns casos e, preferencialmente, de modo planejado.

O segundo ponto que abordo aqui é a relação com as S/O's e as relações que estabelecem no interior da sociabilidade do grupo, em que se revelam que há certos atributos e comportamentos desejáveis e outros não. Assim, falarei sobre uma espécie de jogo de acusações que existe entre as pessoas que estão no grupo pesquisado e também como ela implica na manutenção, no rompimento ou numa relação mais próxima ou mais distante com *o meio crossdresser*.

Trato aqui também da idéia de *sair montada*/aparecer na mídia. A idéia de *adrenalina* e de *risco* estão em jogo quando se fala dessas exposições na rua ou em jornais, revistas ou televisão. Essa experiência de mostrar-se em público *montada* é relatada como importante, mas também é uma espécie de *experiência controlada*, para que se evite uma exposição indesejada. Nesse sentido, falar sobre esta questão implica em compreender que há uma administração do risco em relação a ela, assim como uma negociação para tentar evitar as consequências negativas possíveis de quando essa administração *não dá certo*.

Por fim, este capítulo traz uma discussão acerca das mudanças corporais, pertencimento de classe e as formas como as pessoas que pesquisei acessam aos serviços de saúde. Ao contrário do que eu imaginava inicialmente, a procura por médicos e serviços de saúde por parte de algumas interlocutoras não se dá mais facilmente pelo pertencimento de classe que têm, sobretudo para aquelas que modificam o corpo a ponto dos médicos poderem perceber que há algo de diferente com aquele paciente. Assim, no grupo pesquisado, o acesso aos serviços de saúde também é uma dimensão de suas experiências em que o segredo e a negociação dele importam e, por vezes, dado ao medo da discriminação, dificultam a relação das *cds* com seus médicos.

5.1 Relações com família, amigos e vida profissional

Conforme argumentei ao longo do capítulo anterior, o sucesso profissional e financeiro do *sapo* está sempre presente nas falas sobre as possibilidades de *montagem* realizadas, na quantidade de coisas que se pode comprar, na potencial participação em eventos e atividades do BCC, entre outras coisas. Um *sapo* bem sucedido também implica numa negociação de segredo diferenciada. Até porque mais sucesso implica, em vários casos, num aumento de coisas sociais e afetivas a se perder caso se tenha o *crossdressing* revelado. Esta revelação do segredo também implica em, por vezes, estar sujeito a perdas no âmbito das relações profissionais que podem se traduzir em perdas econômicas. Pode-se dizer, então, que as relações com a vida profissional são delicadas. De um lado, há sempre o medo de ser descoberto e perder o emprego. Para algumas com uma situação econômica um pouco mais estável este medo se dilui um pouco, mas não deixa de existir. Para aquelas que atuam em empresas privadas, há o medo da demissão. Para aquelas que gerenciam seus próprios negócios, há o medo de se perder clientes. Ainda, em alguns casos, relata-se o medo da perda do respeito ou de outras perdas em relação a pessoas que são subalternas a seus *sapos* no trabalho. A fala de uma interlocutora deste trabalho ao falar sobre outra ilustra este ponto: *Queria ver [fulana] ter que olhar funcionário de frente, dar ordens e manter o respeito tendo os cabelos compridos e unhas feitas e pintadas. Como ela não tem funcionário, nem esposa e nem filhos é fácil ser do jeito que é.*

A produção da feminilidade – ou da *mujer* que se quer ser – também aparece nos discursos das *crossdressers* como algo que tem impacto em suas vidas afetivas, tanto no que concerne a família e amigos, quanto no que concerne a seus relacionamentos amorosos. Evidentemente os impactos são diferenciados para cada tipo de relação. Nas relações com família, de modo geral, há certa política *não pergunte, não fale* ou, mesmo, um segredo absoluto sobre a prática. Uma das interlocutoras deste trabalho relata que, conforme as maquiagens que lhe eram favoritas e pertenciam à mãe e à irmã eram percebidas por elas como *mais usadas do que deveriam*, as mesmas deixavam de ser compradas.

Os relatos de discriminação foram raros ao longo de minha pesquisa. Apenas eventualmente as *crossdressers* admitem que sofreram algum tipo de preconceito. De modo geral, nas situações que eu veria como discriminatórias, elas justificam as

atitudes das pessoas pela falta de compreensão sobre o que fazem. Assim, atribuem à discriminação contra *gays* e *travestis* qualquer coisa que lhes ocorra, uma vez que pontuam que as pessoas confundem sua prática de *se montar* com o que essas outras pessoas fazem.

Houve momentos, contudo, em que uma ou outra pessoa admitiu ter passado por situações de discriminação. É o caso da história relatada no e-mail enviado aos fóruns *real* e *virtual* do BCC em 08/09/2009, que trata de uma visita à um evento familiar em que a associada estava de *sapo*. A situação ocorreu em atividade da família da esposa, da qual o casal oculta a questão de que o marido *se monta*. Segue o texto do e-mail:

“Queridas, aconteceu finalmente... fui discriminada! Estranhava muito ir a tantos lugares ‘vestida’ nessa minha imagem que nunca é homem e nunca é mulher 100% e nada acontecer. Pois nesse último final de semana, na chácara do meu sogro, logo que cheguei percebi risos e brincadeiras, mas não prestei atenção. Durante a tarde toda, um tio da minha esposa ficou fazendo brincadeiras comigo, piadinhas e achei que era algo inocente. No final do dia, voltando para casa, minha esposa me disse que assim que chegamos, ela escutou esse tio dizer ‘lá vem a bichinha’. O triste é que eu não ouvi isso e fiquei o dia todo em minha inocência, sem perceber que todas aquelas piadinhas eram mesmo por minha causa. Meu sogro, minha cunhada e a avó da [nome da esposa], que gostam muito de mim, estavam calados e meio tristonhos. Isso eu percebi, sem ligar os fatos. Anta! Embora a [nome da esposa] não queira, jurei a mim mesma que será a última vez. Na próxima, haverá resposta à altura e, como vocês me conhecem, vai ser pesada. O babaca viveu com a mamãe até os 50 anos de idade, engravidou a namorada, casou e hoje vive às custas da mulher, sem trabalhar (coisa que nunca fez)... e vem falar de mim? Ele que me aguarde, vai aprender que com travecona não se mexe...rs. É foda ter que aguentar isso e, pior, obrigar as pessoas de quem gostamos e que gostam de nós, a aguentar isso. É a imagem do nosso mundo hoje, de nossa sociedade, mas não é caladas que vamos mudar alguma coisa.
Bjs tristes,
MARCIA ROCHA - !!!DEMAIS!!!
TRAVESTI COM MUITO ORGULHO”

Certa ocasião, peguei carona do Rio de Janeiro para São Paulo com uma associada do BCC que havia se afastado do seu *crossdressing* e de outras *crossdressers* depois de uma série de problemas familiares. Pelo que me relatou, esses problemas também resultaram em perdas emocionais e econômicas significativas. Na ocasião, ela havia aproveitado que a namorada estava fora do país para ir a este evento

de final de semana do clube, uma visita de membros de fora do Rio à cidade, que aconteceria sobretudo na Turma Ok. Embora no caso dessa associada o que a expôs não tenha sido a intervenção corporal, mas o fato da ex-esposa contar a seus pais que ele praticava *crossdressing*, mesmo decidida na ocasião a assumir o lado feminino fortemente, ele foi chamado a uma reunião de família em que os pais disseram que, caso resolvesse assumir isto para a própria vida ele seria deserdado - o que no caso significava uma grande perda financeira e a exclusão dos laços familiares, incluindo contato com os filhos que tinha com a esposa. Aquele fato fez com que optasse por abandonar o *crossdressing* por considerar as perdas maiores que os ganhos em continuar a *se montar*. De qualquer modo, naquele final de semana ele aproveitou para *se montar* ao menos em uma das noites, usando para tanto roupas emprestadas de outras *crossdressers* que lá estavam.

Outra história que fala de perdas me foi contada quando convidei algumas pessoas do BCC para ir comigo a alguns eventos que seriam realizados por algumas ONGs¹³⁴ LGBT¹³⁵ de São Paulo em função do *Dia da Visibilidade Trans*, que é realizado no dia 29 de janeiro. Foram três encontros. Em uma dessas ocasiões uma das interlocutoras de meu trabalho foi *de sapo*. Nesse dia ele, que costuma se identificar como *travesti de classe média* dispara, quando se começa uma discussão sobre identidades, que *crossdresser* é *travesti que nasceu rico. Tem medo de perder um puta emprego...* Esta fala fez com que outra pessoa que estava na reunião e identificou-se como *travesti* citasse a primeira como alguém que funcionava como uma espécie de espelho para ela naquele momento e que a fazia pensar sobre suas escolhas.

De acordo com esta *travesti*, há alguns anos atrás (dois ou três) ela era como esta outra. Tinha bons empregos, nos quais as pessoas até notavam que ela tinha traços femininos, mas que, naquele ponto de transformação não implicavam em nenhum afastamento de sua vida profissional. Contou também que na época trabalhava como produtor de um programa de TV e que, quando os assistentes prendiam o microfone em sua camisa, ele tinha medo de que, no toque ou com a proximidade, as pessoas notassem que ocultava seios por debaixo da camisa social mais folgada (que era exatamente como o *sapo* da interlocutora de meu trabalho estava vestido). Continuou sua fala dizendo que hoje se questiona se valeu a pena ter

¹³⁴ Sigla para Organização Não-Governamental.

¹³⁵ Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

transformado ainda mais o corpo para viver da forma como gostaria, usar nome feminino, ter seios maiores, já que teve várias perdas de coisas que lhe eram caras, sobretudo no campo profissional. Disse sentir falta de dar aulas em uma faculdade privada paulistana de renome que citou na ocasião e de dirigir suas peças de teatro. Esta fala, embora realizada por alguém de fora do grupo que pesquisei, ilustra várias falas que pude ouvir ao longo do trabalho de pesquisa sobre os limites de até onde se pode ou deve ir e as possíveis perdas embutidas em cruzar algumas fronteiras. Para fora do grupo de *crossdressers*, há diversas outras relações que importam e que, por vezes, acabam esbarrando com o *crossdressing* que realizam.

No caso da relação com família e filhos, é sempre difícil saber se se deve, quando e como contar. Num dos eventos do BCC a que fui, antes do ônibus que nos levaria chegar ao hotel em que aguardávamos por ele, acabei conversando longamente com uma *cd*, que estava de *sapo* no saguão, e que me contou como havia sido a reação da filha de quinze anos quando ele contou a ela que gostava de *se vestir de mulher*. A decisão de contar, nesse caso, foi tomada conjuntamente com a esposa, que há anos sabe do *crossdressing* do marido. Ele a chamou para a frente do computador e ficou mostrando fotos de outras pessoas do clube e dele mesmo *montada*, pessoas que ela conhecia e perguntando se ela reconhecia alguém.

Este expediente foi utilizado também por outra *cd*, na faixa dos 50 anos, para contar para sua mãe, com quem mora, dizendo que fazia parte de um grupo que gostava de se reunir para fazer *festas do invertido* (em que homens se vestiam de mulher e mulheres se vestiam de homem). A mãe o reconheceu em uma das fotos e perguntou *é você?* Ele falou que era e perguntou se ficava bem. Ela disse que sim e em seguida perguntou *você é gay?*. Ele respondeu que não e ela disse então que *tudo bem*.

No caso da *cd* que contou para a filha, e cuja esposa já sabia e o ajudava a esconder da menina que ele se monta, a menina olhou as fotos e falou que *era legal* e que *é igual a crossplay*¹³⁶. Esta *cd* contou que, na sequência, subiu para o quarto, *vestiu-se de mulher* e apareceu para a filha *montada*. A filha, ao ver o pai *montado*, aproximou-se e apertou os seios falsos com as pontas dos dedos, tal qual fossem uma buzina. Desde então esta *cd* anda *montada* em casa regularmente, o que, entre outras coisas, fez com que passasse a ficar mais tempo em casa e fosse menos a eventos

¹³⁶ Para uma explicação sobre *crossplay*, ver Capítulo 2.

menores do clube (embora ainda vá aos maiores, como o *HeF*). Ela tem um armário no *Le Closet*, inclusive, que permanece vazio. Pelo que se conta ela só foi lá cerca de duas vezes, sendo uma delas a ocasião da inauguração daquele espaço.

A relação com esposas e filhos é pauta comum dos assuntos da lista de e-mails do clube, das conversas nos encontros e, também, dos materiais que produzem sobre si mesmas. Um exemplo de material produzido sobre a questão são os quadrinhos que algumas associadas desenham e mandam para a lista ou publicam em suas páginas na internet¹³⁷. Outro exemplo é a peça de teatro *A doce vida de uma cd*¹³⁸, escrita e produzida pela *presidenta* do BCC para ser apresentada no HeF 2008¹³⁹. A peça foi encenada pela *presidenta*, sua namorada e por outras associadas do BCC. Também contou com a participação de outras pessoas que costumam prestar serviços a elas, como pessoas da equipe de filmagem geralmente contratada para os eventos do clube e uma das cabeleireiras/maquiadoras que costumam auxiliá-las em suas *montagens*. A peça fala, de uma forma engraçada, sobre uma família que fica sabendo por acidente que o pai veste-se de mulher e as reações decorrentes da descoberta. No roteiro, aparecem em conjunto uma série de coisas que contam essas histórias de expôr o segredo de que *se montam*: o questionamento da sexualidade, a idéia da *falta de vergonha*, o argumento sobre *o que os outros vão pensar* e, por fim, a idéia de superação dessas coisas e aceitação do *crossdressing*.

Embora a peça tenha tido um final feliz, é importante dizer que nem todas as esposas ou famílias lidam bem com a descoberta de um *crossdressing*. Ao longo da pesquisa, poderia dizer que há quatro tipos diferentes de relação com as esposas, principalmente, mas que podem ser estendidas para as com a família em geral: ocultamento, revelação e aceitação, revelação e não-aceitação, e revelação com aceitação parcial (que implica em saber e aceitar, mas em não querer participar). O mais comum é o quarto caso, que tem graus variados quanto a não-participação. Isso quer dizer que, mesmo que algumas esposas vão aos eventos do BCC em que há pessoas *montadas*, por vezes o marido permanece de *sapo* quando estão acompanhados por elas. Em outros casos, a esposa transforma o marido em *uma amiga* apenas, com a qual não se relaciona para além da amizade. Algumas, contudo,

¹³⁷ Alguns exemplos desse material podem ser encontrados no Anexo V.

¹³⁸ O roteiro da peça encontra-se no Anexo IV.

¹³⁹ A peça foi reapresentada alguns meses depois na Turma OK, com algumas trocas no elenco.

sabem mas não querem ir junto a encontros que tenham relação com o *crossdressing*, embora apoiem a idéia de que os maridos *devem* ou *podem*, já que *gostam, se montar*.

No caso das esposas que não sabem, algumas *crossdressers* usam alguns expedientes como reuniões de trabalho ou viagens de negócios para se encontrarem com o grupo. Há casos em que elas aproveitam as viagens de trabalho para vivenciar seu *crossdressing*, seja pela facilidade de o fazer em quartos de hotel, seja porque algumas cidades como Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo tem grupos mais estruturados de *cds* que as recepcionam e levam para sair.

A relação de aceitação sempre é cercada de uma série de crises, conflitos e expectativas. Em alguns casais acaba impulsionando a ruptura da relação, em outros acaba fortalecendo os laços, sobretudo pautado na idéia de apoio mútuo e confiança. É comum que as esposas, contudo, desejem que o segredo sobre a prática seja mantido para fora da relação conjugal. Assim, contar para filhos/as é um outro passo, que precisa ser negociado. O mesmo ocorre para com o resto dos membros da família, amigos/as do casal e pessoas com que se trabalha.

Algumas *cds* relatam que foi comum guardar a “[seu nome feminino]” numa mala, mochila, num canto da garagem ou no porta-malas do carro durante boa parte de suas vidas. Isso acontece sobretudo quando as esposas ou pessoas com quem moram não sabem que ela *se monta*. Este fato gera algum estresse em relação a ser descoberta e às consequências possíveis disso. Uma *crossdresser* que mora no interior de São Paulo me contou que, após uma viagem, ao chegar em casa, jogou uma sacolinha plástica com as coisas que havia utilizado para *se montar* dentro do cesto de roupas sujas, que ficava na garagem da casa.

Sua idéia era esperar que a mulher saísse de casa para tirar aquilo do cesto de roupas sujas e esconder junto com as outras roupas e acessórios, os quais estavam bem escondidas em algum outro canto da casa. A esposa acabou percebendo a sacolinha dentro do cesto de roupas sujas. Ao notá-la a abriu e, assim, encontrou as roupas femininas do marido. Pensando que estava sendo traída, foi tomar satisfações. Foi quando a *cd* aproveitou para revelar *seu segredo* à esposa, que estranhou, mas entendeu o fato. Embora a esposa saiba e aceite, ela prefere até hoje – alguns anos depois do episódio – não participar dos momentos em que o marido *se monta*. De qualquer modo, ele costuma usar algumas peças femininas cotidianamente, como calcinhas e também meia-calças quando faz frio. Segundo esta *crossdresser*, as filhas

do casal já perceberam que ele usa essas coisas e já aconteceu das meninas brincarem com isso dizendo coisas como *o papai está de calcinha*.

A relação com as esposas *que sabem* são ambíguas. Ao mesmo tempo em que elas são vistas como boazinhas porque *entendem* ou *aceitam* que o marido *se vista de mulher*, a elas também é reservado o papel de *chatas, intolerantes, cerceadoras e incompreensivas*, já que por vezes impõem limites até onde pode ir o *crossdressing* do homem com que estão casadas. De certo modo, é possível traçar uma analogia dessa relação entre *homem que se monta* e *esposa* com aquilo que Mirian Goldenberg (1997) discute sobre a relação entre os papéis de *Outra* e a *esposa* nas percepções daquelas mulheres que ocupam o lugar da *Outra*.

No caso das *Outras* pesquisadas pela autora, há um papel relacional na apropriação dessas mulheres da categoria *outra*, que lhes permite manipular o estigma relativo a essa identidade e, ao mesmo tempo, colocar-se num papel positivo mesmo em relação a aquele ocupado pela esposa. No caso das *crossdressers* e *esposas que sabem*, há um jogo complexo de aproximação e afastamento que confere às esposas um lugar ambíguo e nem sempre confortável. Assim, como no trabalho de Goldenberg, as esposas das *crossdressers* encontram-se em um sistema circular de acusações – só que o sistema aqui não envolve *esposa-Outra*, mas *esposa-princesa*. Das esposas se espera compreensão e companheirismo, assim como se espera cuidados, já que é comum ouvir que *são as mulheres que dão o limite às cds*. Ao mesmo tempo, na lógica dessas relações, esses cuidados não podem ser excessivos a ponto de tolher a liberdade desses homens de *fazerem o que querem ou tornarem-se a princesa que almejam*.

Um outro exemplo das negociações sobre para quem se pode ou não revelar que *se montam* é o caso de uma das interlocutoras deste trabalho, que mora com a mãe, que sabe do *crossdressing*. Apesar de saber, aceitar e até comprar roupas de mulher para *a filha* (como se refere ao filho quando *se monta*), a mãe pediu que não revelasse à irmã que se monta, porque esta não entenderia. Esta *cd* também não sai de casa *montada* para não criar problemas para a mãe com a vizinhança. Não fosse pelo fato de residir com a mãe, conta, *se montaria* em casa para ir à rua sem problemas.

Algumas pessoas me relataram que desde muito cedo sabiam que aquilo que queriam fazer era *errado e não deveria ser dito a ninguém ou ser feito na frente de ninguém*. Pode-se dizer aqui que as interlocutoras de meu trabalho negociam, desde que passaram a reconhecer o desejo de *vestir-se do outro sexo*, com o estigma

associado a prática e com as convenções sociais estabelecidas sobre com que roupas um homem deve ou não deve se vestir – e sobre aquelas que lhes são interditas. Assim, desde muito cedo parecem entender que, enquanto homens, há roupas e coisas que lhes são inapropriadas ou proibidas. Essas regras são ensinadas e estabelecidas, por vezes de forma não explícita, dentro das suas relações sociais, seja com familiares ou com outras pessoas.

Por outro lado, eles também relatam que houve momentos ao longo de suas vidas em que a possibilidade de incorporação de coisas do universo feminino tornava-se mais flexível. Isso funcionava em ocasiões como as festas juninas ou o carnaval, em que mesmo os meninos podem ser maquiados (embora a maquiagem não seja a mesma feita nas meninas). Uma das interlocutoras deste trabalho conta que, quando era criança, tinha tias que o pintavam para os bailes de carnaval e festas juninas (uma delas chegou a levá-lo vestido de menina a uma padaria certa vez, mesmo fora dessas datas). Nessas ocasiões, era possível ter os olhos delineados com lápis, dependendo da fantasia que estivesse vestindo. Isso era visto como algo *muito prazeroso para ele* naquela época, que via aquela situação como *um momento em que era permitido fazer o que normalmente era proibido*. De qualquer modo, relata que mesmo as pinturas carnavalescas eram feitas longe dos olhos do pai, que *não entenderia* aquilo pois era *muito machista*.

No caso dos amigos, a exposição do segredo vai depender das visões de mundo deste amigo/a e, eventualmente, pode acarretar em afastamento no caso de se decidir *assumir* a prática. É comum que em grupos de amigos compostos por homens da faixa etária pesquisada, quando estão solteiros, que saber do *crossdressing* tenha apelo desfavorável e ocorra rupturas. A maior parte dos amigos da *vida de sapo* das interlocutoras deste trabalho não sabem da *vida dupla* que os amigos levam e são relatados como pessoas que *não teriam cabeça para entender*. Assim, quando se trata de amigos de fora do circuito de pessoas que praticam *crossdressing*, aparentemente não se revela esta outra vida. De qualquer modo, há sempre a possibilidade de fazer-se novos/as amigos/as através da internet e de alguns espaços de sociabilidade em que se saiba haver abertura para a prática do *crossdressing*.

Em casos mais dramáticos, pode haver rupturas de amizades, sobretudo naqueles contextos em que o *sapo* se insere em grupos de sociabilidade masculina que são apontados como *machistas* ou *homofóbicos*. Houve casos em que, ao ser descoberto o *crossdressing*, a pessoa deixou de ser convidada a eventos dos amigos,

ou passou a ser convidada com a ressalva de que não falasse sobre este assunto ou não fosse *montada*. Em alguns casos houve reações desfavoráveis, como no caso de uma *cd* cujo amigo de infância a acusou de ter *manchado seu passado*. Em outro momento, uma das interlocutoras de meu trabalho ficou bastante *chateada* com o fato de um amigo de muito tempo não ter convidado o *sapo* para o casamento de um de seus filhos após saber que ele *se montava*. Há outros casos em que há aceitação, contudo. Mas sobre estes geralmente as histórias param no *contei e foi tudo bem*.

Foi comum ouvir das *crossdressers* que ao longo de sua vida a *saída do armário* foi ou accidental e problemática, ou foi estratégica. No caso de ter sido estratégica, ela ainda pode ter sido problemática ou não. É comum nas narrativas das interlocutoras ouvir que essas *saídas do armário*, mesmo que planejadas, às vezes podem dar errado. Foi o caso da *crossdresser* que contou para a esposa que aceitou num primeiro momento mas, logo em seguida, revelou o segredo aos pais do marido. As *cds* pensam estrategicamente o que contam, para quem, e em que momento, até pelas perdas que podem ter caso seu segredo seja revelado. Perder clientes, ser demitido, separar-se ou divorciar-se são consequências possíveis e temidas da revelação. Afinal, não há garantias de que serão aceitas ou compreendidas caso revelem que *se montam*.

5.2 Relação com S/O's e intra-grupo

Eu quero alguém, na areia da praia.
Quero alguém, que use calça ou saia.
(Cazuza/ Renato Rocket)¹⁴⁰

O BCC é um clube para *crossdressers*, e os eventos do clube são, consequentemente, pensado para elas (assim como as *cd sessions*). Assim, consiste em uma oportunidade única e importante para que se *montem* e aproveitem isso que encaram como um desejo, uma prática que lhes faz bem ou, por vezes, um *fetiche*¹⁴¹.

Para a esposa ou *S/O*, eventualmente, os eventos do clube não tem tanta *graça*. Não que elas não se divirtam ou que não gostem de estar ali (embora algumas de fato

¹⁴⁰ Agradeço a Bárbara Stone pela referência a esta letra de música.

¹⁴¹ Embora a idéia de *crossdressing* como *fetiche*, conforme discutido no capítulo 3, seja controversa e, por vezes, negada.

não gostem tanto), mas certamente essas ocasiões não têm, para estas mulheres, o mesmo encanto que tem para *suas cds*¹⁴². Como as *cds* nesses eventos estão geralmente maravilhadas com a possibilidade de passar um final de semana inteiro montadas na companhia de outras pessoas que as *entendem* ou compartilham da mesma prática, pode-se dizer que elas entram numa espécie de êxtase coletivo no qual esquecem o mundo ao redor e parecem ver apenas a si mesmas. As mulheres *GG*, nesse contexto, tendem a ficar apagadas e *de lado* a maior parte do tempo. Nos termos de uma *cd*, numa conversa sobre como classificar a namorada da presidente do clube, *a S/O é sempre a segunda dama, porque a primeira somos nós*. Isso não necessariamente produz a tensão que por vezes aparece entre *cd* e *S/O*. Mas parece que há um limite para o que é aceitável no aproveitamento desse êxtase.

Por exemplo, uma queixa comum é a de que as *cds* raramente elogiam as mulheres *GG* ao seu redor. É como se, nessa relação, as únicas mulheres a serem notadas ou elogiadas fossem elas mesmas. Outra queixa é a de que, ao contrário do que se possa imaginar, num contexto de compra de roupas femininas para ambas, a *cd* faz as próprias compras e quer deixar a loja, não dando bola para as compras da *S/O*, ou se mostrando impaciente e irritado, como qualquer outro homem que não se montaria.

A relação nem sempre fácil ou tranquila entre *lado feminino* e *lado masculino* da *cd* também aparece como algo que tensiona a relação. Uma *crossdresser*, por mais feminina que seja ou esteja, ainda é um homem, que busca preservar sua masculinidade, mesmo que seja desejável parecer feminino quando *en femme*. É, também, um homem que compõe uma mulher cuja feminilidade é idealizada a partir das noções dele mesmo do que é uma mulher interessante, feminina e bonita, mas cujas atitudes e modos de pensar/agir poderiam ser classificadas como bastante *masculinas* e, eventualmente, *machistas*. Assim, nos termos de uma *S/O*, *você pega uma pessoa e põe o pior dos dois mundos: isso é uma cd*. Esta fala é peculiar por remeter a uma afirmação comum acerca das travestis, referidas como pessoas que reunem, do ponto de vista sexual, o melhor de dois mundos: seios e pênis (ou *peito e pau*, nos termos dos discursos de quem usa este expediente). De qualquer modo, a *S/O* em seu comentário não se referia às características físicas das *cds*, e sim às suas *atitudes* frente a determinadas situações.

¹⁴² A relação entre *cd* e *S/O* é sempre colocada em termos de pertencimento. A *cd* tem sua/s *S/O*'s e a *S/O* tem sua/s *cd*'s.

É preciso, aqui, falar sobre o que pode ser chamado de *fofoca* ou *julgamentos de valor*. Algumas dessas coisas sobre as quais escrevo aqui são ditas de modo mais oficial/pública – seja via conversas, seja via entrevistas. Algumas outras, contudo, fazem parte de coisas que ouvi em momentos específicos, em grupos menores, comentários mais *secretos* e que possivelmente as pessoas não repetiriam na presença de um grupo maior. Isso faz com que não seja simples reproduzir alguns desses comentários aqui, pois há evidentemente algo que é dito para ser ouvido por todos e algo que é cochichado e que não dever ser anunciado ao grupo, a não ser via comentários *entre amigos/as*. De qualquer modo, ao longo de várias ocasiões enquanto realizava esta pesquisa, ouvi comentários como estes. Nesse contexto é possível afirmar que eles são parte da sociabilidade que observei. Quando me refiro a amizades ao longo do texto, também, faz-se necessário dizer que estas nem sempre extrapolam os limites do clube. É quase desejável, com algumas exceções, que as pessoas tenham pouco ou nenhum contato com os cotidianos *de sapo* umas das outras, até como forma de proteção do segredo.

De qualquer modo, retomando a questão das tensões inerentes ao grupo, pode-se afirmar que elas não estão presentes apenas nas relações entre *cds* e *S/O's*. Elas também acontecem entre *S/O's* e *S/O's*, *S/O's* e *gays* e, com menos frequência, mas também significativamente, entre *cds* e *gays*, talvez até pela menor convivência. De modo geral, as relações entre *cds* não aparentam ter tensões, embora existam comentários esporádicos que apontam em outra direção. De qualquer modo, nos eventos do clube, há uma espécie de êxtase coletivo que oblitera essas pequenas rusgas. Elas aparecem mais nas relações da lista de discussão e/ou conversas nos encontros menores do clube. As *transexuais*, aparentemente, circulam quase que sem problemas entre todos os grupos e, eventualmente, parecem ser tratadas um pouco como *bibelôs* e geralmente referidas como *lindas, maravilhosas e perfeitas* por várias das participantes do evento. As *mulheres transexuais*, por vezes, parecem ser vistas com alguém que conseguiu fazer do seu *crossdressing* algo *bem feito* ou *passável*, alguém que conseguiu construir satisfatória ou perfeitamente sua feminilidade. É como se tivessem subido alguns degraus a mais que as *cds*, até pela sua condição particular, no quesito *ser/passar por feminina*.

No que concerne a relação entre *S/O's* e *S/O's*, e novas *S/O's* e *cds*, embora as amizades funcionem também por grupos de afinidade, inicialmente toda nova mulher que se aproxima do grupo passa por um período de observação. Toda mulher que

circula pelo grupo está, inicialmente, sob suspeita¹⁴³. Como de modo geral as namoradas que as *cds* trazem para o grupo são muito mais novas (observei relação entre pessoas que tinham entre 15 e 30 anos de diferença de idade) e, também, de modo geral as *cds* tenham uma faixa de renda aparentemente alta, é comum que se olhe para essas mulheres como *interesseiras* ou que aceitam o *crossdressing* por conta de alguma estabilidade/vantagem que possam obter desta união - seja social (permanecer casada), seja econômica. Ao mesmo tempo, há sempre uma desconfiança em relação a *S/O's* em geral, traduzida em falas como *eu não acredito em S/O* (que ouvi de várias *cds*, em diferentes momentos) ou *uma hora elas [as mulheres] cansam de brincar de boneca*. Esse tipo de desconfiança com relação às *S/O's* pode ser exemplificada através da mensagem que foi enviada ao *fórum virtual* do clube (em 30 de janeiro de 2009) por uma *associada virtual*:

“Assunto: S/Os - Recrutamento e Seleção

Queridas!

Estou de saco cheio (oops, ato falho) desculpem, estou cansada de encontrar GG's na internet que se dizem loucas por nós. “Ai! Uma mulher num corpo de homem..é o sonho!!” e bibibi. Só que na hora do vamos ver, a gente descobre alguns detalhes não citados. Variam em anos, quilos, manias, problemas e até algumas taras. Temos que nos cuidar, viramos ovelhinhas indefesas à merce dessas lobas más disfarçadas de pastorinhas digitais...

Por isto tive a idéia de sugerir ao BCC a criação de um departamento de RH para cuidar de nos manter a salvo. Se as candidatas passarem por alguns testes bem feitos e uma análise criteriosa poderíamos ter chances, não acham? Já temos embarcada tecnologia suficiente para isto, estou certa.

No que diz respeito ao sul do país, para as candidatas aprovadas, posso cuidar do test-drive, estou disponível.

Beijos safados e bom fim de semana a todas!!
[nome da cd]”

Ainda, por vezes, parece que há disputas sobre os significados de uma feminilidade desejável e verdadeira nessa relação. É comum as *cds* acusarem as *S/O's* de poderem fazer o que elas gostariam mas não podem e não aproveitarem. É comum também ouvir que às vezes as mulheres não conseguem entender o valor que *se montar* tem para elas.

¹⁴³ Conforme descrito no Capítulo 3, há um cuidado a se ter quando alguém novo entra no grupo. Isso acontece também quando uma nova *cd* deseja se tornar *real*.

Embora aparentemente a relação com homens *gays* seja tranquila, em alguns momentos elas também revelam tensões - seja porque as *cds* tendam a refutar/negar/temer a associação com a homossexualidade, da qual estão sob suspeita constante, seja porque os *homens gays* também estão sempre sob a suspeita de serem excessivamente lascivos e não terem pudores em dar em cima das *cds*, mesmo as que não se relacionam erótico-afetivamente com outros homens. Conversando com uma das poucas *crossdressers* que se identificam como *gay*, ela relatou que há coisas que a incomodam nas abordagens das listas do BCC acerca da homossexualidade associada ao *crossdressing*. Para ela, é incômodo ler mensagens que digam que seu *crossdressing vale menos* em termos de legitimidade, que teria um caráter *mais fetichista* que o das demais, pelo fato de se identificar como *gay*. Por vezes, relata, mesmo as *crossdressers* operam com uma noção de *continuum* entre homossexualidade e *se vestir de mulher*, como se uma coisa estivesse ligada a outra necessariamente e que fosse apenas uma questão de tempo para ela *virar travesti*. Outras vezes, aparece a idéia de que um homem *gay* só poderia desejar se vestir de mulher com finalidade sexual.

Não me deterei muito aqui nas relações intra-grupo pois elas permeiam todo o texto e estão apresentadas ao longo do capítulo 3 com maior ênfase. De qualquer modo, vale dizer aqui que a internet aparece como uma grande facilitadora na construção de laços com outras pessoas que compartilham desses *mesmos desejos* ou *mesmas práticas*. Ela aparece como o instrumento que torna factível que se constitua um grupo, independente de limites físicos ou relações que perpassem a necessidade de se encontrar pessoalmente (o mesmo acontece com outros grupos, como os T-lovers¹⁴⁴ pesquisados por Larissa Pelúcio, 2007). Boa parte das interações entre pessoas pertencentes a este grupo que venho acompanhando se dá virtualmente, sendo que poucas acabam se conhecendo pessoalmente em algum momento. As relações entre as *crossdressers* por vezes também são tensas, embora isso possa ser superado por certa idéia de *grupo que se apóia* em alguns momentos. Isso pode ser visto na

¹⁴⁴ Há um grupo de homens de classe média que saem com “T-gatas” (travestis, transexuais) e “gg’s” (genetic girls ou mulheres biológicas), que se entitulam “T-lovers”, e que se conhecem a partir de fóruns de discussão virtuais. De modo geral o grupo se reúne quando acontece o “dia T”, em que “t-lovers” e “t-gatas” se encontram em algum espaço de sociabilidade como bares e/ou boates e que lhes servem como espaço de paquera. De qualquer modo, os encontros presenciais não são tão frequentes e boa parte da sociabilidade do grupo se organiza através da internet, em fóruns de discussão e páginas criados e administrados pelos próprios “t-lovers” ou via sites de relacionamento como o *Orkut* e algumas salas de bate-papo virtuais.

fala de uma das interlocutoras deste trabalho quando afirma que *o que mais tem no BCC é briga... as pessoas brigam e voltam a se falar*. Outra interlocutora, também falando sobre o BCC, certa vez me disse que é possível resumir em uma frase o que acontece em relação a estas disputas que, eventualmente, resultam em brigas e rompimentos: *é muita estrela para pouco céu*. Conforme argumentei ao longo do capítulo 3, embora elas se protejam *para fora* não se pode desconsiderar que *para dentro* há formas de hierarquização e distinção que constróem em sua sociabilidade que também são importantes para a construção de si que as *crossdressers* fazem.

5.3 Sair montada/aparecer na mídia: negociações entre adrenalina e risco

Existem duas memórias importantes, aparentemente, para as *cds*: uma é a que remete a quando começaram a *se vestir de mulher*, como se deu este processo, como descobriram que era algo que deveria permanecer em segredo pois era uma coisa tida ou explicitada como *errada* por outras pessoas. O outro momento, relatado como uma experiência importante e única é a da primeira vez em que saem *montadas* em público. Esta experiência varia bastante em termos de como foi nas trajetórias individuais que me foram relatadas, mas sempre é contada como algo que causou medo e êxtase, e que envolveu tanto algum temor em relação ao que poderia ocorrer quanto uma *adrenalina* sem igual. Assim, nas falas das pessoas pesquisadas revela-se uma relação intensa entre segredo e êxtase, em que a possibilidade de *ser pego* ou *descoberto* é o que mobiliza boa parte dos sentimentos em torno do *sair montada*.

“Anna – Me fala um pouco sobre sua primeira experiência de sair montada.

Entrevistada – De sair montada foi punk. Eu tinha uma namorada e, até então, eu só me montava em casa, só me montava sozinho, com minhas mulheres... Eu tinha já quase trinta anos. Eu tinha uma namorada que gostava, que me pedia pra ver travesti na rua, ela sabia que eu me montava, pedia pra eu me montar e tudo... E, um dia, eu falei... eu tinha muita vontade de sair, eu sempre tive muita vontade de sair, de expor minha feminilidade, e não podia. Aí um dia ela falou: Vamos, vamos pra um barzinho. Nós fomos pro Clube Z, que tinha lá na Brigadeiro, não existe mais, não é mais lá, pelo menos... E eu me montei e a gente foi, eu morrendo de... fui pra um motel com ela, levei roupa, levei peruca, levei tudo, me montei, me maquiei, e nós fomos pra balada. Chegamos lá, eu fui super bem recebida, a porteira me adorou e tal, ‘Ai, que legal’, não sei o quê, entrei, o garçom deu em cima de mim, brincou comigo... eu adorei, eu adorei, foi muito louco. O menino veio, ficou brincando comigo, também dando em cima de mim, eu me senti o máximo da gostosura. E

até umas sapatias lá também vieram falar comigo e tudo. E a minha namorada curtindo de montão também. E aí nós fizemos isso algumas vezes isso depois, mas, assim, coração a mil, morrendo de medo de ser discriminada. Tinha uma calçada super inclinada na minha rua e eu tinha que andar de salto naquilo ali, apesar de que eu sempre andei de salto, desde pequeno, eu tava acostumada, mas na rua, calçada, gente olhando... nossa, eu tava com o coração a mil. Mas no fim da noite eu tava ótima já, eu tava tranquila, e foi tudo bem, eu voltei... E saí mais várias vezes assim, mesmo antes do BCC.

Anna – Engraçado, né, essa coisa da primeira vez na rua é uma coisa que todo mundo fala.

Entrevistada – É, é muito... E hoje, olha, quando eu vou montar uma cd session pra meninas, que ela vêm e tudo, eu sei o que elas estão sentindo, então eu deixo elas o mais à vontade possível, eu já me monto logo, e brinco, e ajudo, e falo que ela tá linda, e “Vamos embora”, e não sei o quê, e a gente sai... E, nossa, é muito gratificante ver, assim, às vezes, são pessoas de cinquenta e cinco anos de idade, de sessenta anos de idade, né, como a Márcia Polari agora que aconteceu... e que tem essa coisa guardada há tantos anos. E, assim, por um lado, eu vejo que ela tá nervosa, “Ai, mas a polícia!”, “Nós vamos passar na frente da polícia, fala boa noite e vamo embora”, né? E passa aqui na frente, né, que tem um posto policial... E elas ficam, gruda no meu braço, a gente vai, e eu deixo elas à vontade e tal... E, ao mesmo tempo, é uma realização, eu vejo dentro delas uma realização, é uma coisa de “Ahhh, finalmente! Eu tô saindo, eu não tô acreditando que eu tô aqui”... Uma das maiores emoções da vida, eu acho. E é muito gratificante fazer isso pelos outros. Como a Carol também, que saiu com a gente outro dia... tinha feito uma CD session lá com a Din, e aí veio o pessoal pra cá, “Vamos pra balada”, e a balada era pesada, e a Carol “Ah, eu vou junto”. Eu falei: “Ah, meu deus, a primeira vez que a menina vai sair, vai sair assim já...”. Foi, ficou a noite inteira num saltão doze que eu não acreditei, menina! (Marcia Rocha, 16/07/2008)

Para algumas, este sair na rua *montada* foi uma experiência inicialmente solitária. Ouvi relatos de pessoas que aproveitavam para fazer isso à noite, em locais com pouco movimento, em que paravam o carro e andavam um pouco pela rua sozinhas, tentando não chamar a atenção.

Entrevistada - Pra mim foi um histórico, é longo. Faz tanto tempo atrás, tanto tempo atrás, ta, mas eu me lembro que eu saí sim, saí pra rua montado, ou de dia, ou de noite. Saí de dia também, de dia, né. Naquele tempo também eu era mais novinho e cheio de medos, mas saía, saía. Eu cheguei a pegar durante o dia, pegar ônibus, entendeu? Pegar aqui, entrar nesse ponto, dar três, quatro pontos e descer, entendeu? Só pra ter a experiência de estar num ônibus normal. Já peguei ônibus, fui pro centro da cidade de São Bernardo. Andei pelo centro, depois peguei ônibus de volta. Isso aí foi há muitos anos atrás. Dizer pra você quando foi a primeira vez, eu vou falar, a primeira vez que eu comprei lingerie e que cheguei a usar, foi aquela vez que eu te falei. Isso foi por volta de sessenta e cinco, sessenta e seis. Agora... não, esquece, sessenta e nove, sessenta e nove, é isso mesmo. Agora, eu saio muitas vezes, eu saía tanto de noite como de dia. De noite sempre, de noite é melhor, ta, porque de noite as pessoas estão mais ocupadas, estão com suas casas, entendeu? Então de noite você consegue ter uma produção melhor e sair. Eu fazia e ia, deixava o carro na rua em algum lugar, saia do carro e andava muitos

quarteirões a pé na cidade, sabe, daí sempre me dei bem. Eu sempre me dei bem. Que mais? Foram muitas vezes, por isso que eu te falei, crossdresser acontecia tudo isso aí. Tinha uma fase que eu tinha umas roupas muito bacanas, eu lamento até hoje de ter acabado, porque por duas vezes eu joguei tudo fora, queimei, por duas vezes. Não adiantou nada, porque depois tava comprando tudo. Mas eu tinha uma, uns vestidos muito legais, bacana, peruca boa e tudo. Eu saía de casa semi vestido, com a roupa por baixo e por cima só tapeando, ta. A maquiagem até feita, mas normal. Eu entrava no carro, ia até um bairro, inclusive, que hoje eu tenho uma casa que eu construí lá, o bairro era um descampado assim, em cima, num morrão, né. Então ali eu despi a roupa que tava por cima, aí colocava peruca, tudo, entrava no carro. Porque eu não podia sair de casa já montado porque o risco era muito grande. Durante o dia, ta. Porque à noite eu ia. Rodava de carro, rodava à pé e quando saía a pé punha o carro em algum lugar que eu já conhecia, tinha pesquisado antes, aí andava, andava um quatro, cinco quarteirões à pé, normal, só pra ter o gostinho de fazer isso. Isso aí com chuva, sem chuva. Com chuva é até melhor. Porque é bacana, com chuva as pessoas não ficam na rua, é até melhor. É mais fácil, você põe uma sombrinha e vai embora. Então eu fazia isso aí em alguns bairros de cidade que eu conhecia. Depois começou a ter muito esse problema de segurança, coisa assim e aí complicava, porque muitas vezes o bairro tinha segurança e você andava e as pessoas te seguiam. Porque não sabiam qual era a intenção, o que era, desconfiavam, né. Então os riscos começaram a ficar maiores, entendeu? Então muitas vezes tivemos problemas desse tipo, da pessoa desconfiar. E o que você fazia? Voltava pro carro e ia embora. Eu tenho. A minha história se pegar com detalhes mesmo dá pra escrever um livro. Sempre pensei nisso. Dá pra escrever um livro mesmo, porque sabe, tem detalhes, muita coisa que eu vivenciei, bastante mesmo. (Solange Elizabeth Pearly, 24/07/2008)

Algumas outras costumavam circular pela cidade de carro quando montadas, embora acompanhadas pelo medo de serem paradas por alguma barreira policial que pudesse tornar a situação constrangedora. É possível pensar aqui na analogia entre perigo, morte e *tesão* proposta por Néstor Perlongher (1987). Embora talvez se possa substituir a idéia de *tesão* aqui pela de *adrenalina*, parece evidente nas falas das cds que há uma relação entre prazer e certo tipo de tesão, que funciona como um jogo entre *querer ser vista e desejar não ter seu sapo reconhecido ou passar por mulher de verdade.*

Entrevistada – Olha... eu não sei pode ser que eu pareça, assim, arrogante, mas eu não sei, eu já estava a tanto tempo me envolvendo com esse tipo de coisa, o impacto maior foi conhecer gente, esse foi o impacto maior, mais do que na sexta, eu já tava... já tinha feito a cabeça... eu não tava nervoso. É claro, foi uma excitação. Eu sai montado, não era minha intenção. É... mais foi uma emoção muito forte não no sentido de eu tar com medo, nervoso, no sentido de puxa vida, liberdade. É... depois disso então aí eu não parei mais, saía de carro, agora eu to com receio de sair de carro por causa dessa bendita dessa história aí de lei seca. Embora o problema não é esse, o problema é o traveca, aí os caras param querem examinar o carro. É difícil. Não por causa da bebida. Não bebo e ponto.

Não tem problema nenhum. Ahn... É. Foi uma emoção forte sem dúvida. Na verdade ouve outras, talvez tão fortes ou até mais, quando eu saí pela primeira vez a pé.

Anna – E como foi?

Entrevistada – Ah... foi o maior medo que eu passei. A pé dali do lugar onde a gente mora até o Chopp Escuro. E aí virou rotina era duas, três vezes por semana. Saia na boa, porque o lance, o barato, era me produzir, me pegar a bolsa, abrir a porta e ir embora, na rua como qualquer pessoa normal faz. E este era mais importante que balada. Eu fui a quase todas de São Paulo, uma vez ou duas, e enjoei de balada GLS. Uma vez eu fui até sozinho quando iniciei, só pra ver como é que era. Entrei me chamaram de senhora, digo, bom, era isso que eu queria ouvir. E vamo embora. É por isso aí. (Marcia Regina Moreira, 01/08/2008)

No caso do BCC, há uma dinâmica de auxiliar as associadas *virtuais* que desejam se tornar *reais* a ir para a rua *montadas* pela primeira vez. Primeiramente, um encontro é agendado, com todas *de sapo*, para avaliar se a nova *menina* é confiável mesmo ou não – já que é necessário também se proteger de pessoas que possam vir a chantageá-las futuramente ou coisas do tipo. De modo geral, conforme dito anteriormente, é feita uma *cd session de passagem para real*, em que associadas *reais* mais antigas e experientes levam a nova para um passeio que envolve, necessariamente, uma *montagem* completa com roupas dela mesma e maquiagem que ela mesma ou um maquiador contratado faça. Estando a nova associada *montada*, ela é levada para um passeio em locais previamente conhecidos e frequentados pelas associadas mais antigas, como a Lapa no caso carioca ou o Arouche no caso paulistano.

Entrevistada – Então, a primeira vez na rua foi aquela coisa, aquele ímpeto, foi nessa CD session que eu fiz lá na casa da Velany. O resultado me agradou, entendeu, e eu tava com outras meninas, tava a Kelly, essa que eu te falei, tava a Kelly, a Márcia Rocha, a Patrícia Din e a Solange, tinha uma outra menina também que fez a CD session junto comigo, foi a Susy Perfeita... E eu fiquei tão eufórica com o resultado, entende, que o meu primeiro ímpeto foi esse, ‘Vamos pra rua, eu tô doida pra ir pra rua’. Eu nem tava vestida, entende, eu só tava maquiada e de peruca, eu tinha colocado... tava, assim, uma roupa meio androgina, eu tava, assim, era uma calça jeans, peguei uma calça jeans que eu já não usava há algum tempo, tava bem apertada, uma calça jeans masculina, mas bem apertada... Eu tava também com uma bota masculina, mas que tinha um salto mais altinho, e aí a Velany me emprestou uma blusa, uma blusa feminina.

Anna – E aí vocês foram pra onde?

Entrevistada – Não, ficamos andando, saímos da Duque de Caxias, fomos pro Arouche, entramos no “Gato que Ri”, tomamos um chopp, não sei o quê, depois ficamos ali de bobeira em frente àquele bar ali do Arouche, o “Odara”, tal... Aí a Márcia Rocha me sacaneando, “Ó, tem um cara ali te paquerando, tá olhando pra você, não pára de olhar pra você”, “Pára com isso...” (Marcia Elisa Polari, 17/07/2008).

Anna - Tem uma coisa que o pessoal tem falado bastante, que eu nem tinha pensado em perguntar isso inicialmente, mas, é sobre a primeira vez de sair montada na rua. Isso foi uma experiência?

Entrevistada - É marcante, né? Foi a minha passagem pro real, né. Eu vim encontrar as meninas no... aquela vez que a gente marcou foi no Moncloa. E seguindo, trazendo sua malinha, coisa e tal, né. Chegava lá no quarto do hotel todo mundo meio montado meio desmontado, não conhecia ninguém ainda pessoalmente. Fica assim meio travado. Aí depois, a gente foi se acostumando, foi pra rua. A gente foi lá pra Augusta, depois pegou o carro, veio pra cá, no Chopp Escuro. Ai a partir de um certo momento é engraçado, você tem consciência que ta montado, você ta com uma outra imagem diferente do que está acostumado a andar na rua. Mas é engraçado que a partir de um certo ponto você se acostuma. Parece que não é tão estranho assim, né. Eu não sei como explicar, assim.

Anna - Eu não sei, me explica você, como é que foi.

Entrevistada - Eu não sei o que seria o equivalente pra você, pra mulher, as roupas não são tão, você tem opções que não são tão diversas do padrão assim, que seriam rapidamente reconhecidas como um negócio fora de contexto. Mas é engraçado você pegar, por uma roupa, um vestido, por as bijuterias, colares, por uma peruca e tal. Eu acho que a única coisa que me incomodou até hoje foi a peruca, é sempre um negócio que você se preocupa. Parece que vai cair, fica um negócio meio esquisito. Eu sempre brigo com ela. (Marisa Rosselini, 19/07/2008)

Ainda, essas tentativas de levar o *crossdressing* para fora das quatro paredes de suas casas ou de quartos de hotéis/motéis são relatadas sempre como acompanhadas pelo risco de ser reconhecida por alguém ou de acabar sendo agredida. Embora a idéia de que *uma crossdresser não vai a lugar nenhum sozinha*, conforme dito anteriormente, acompanhe estas saídas em público, esta também parece não ser uma regra geral, mas costuma funcionar sobretudo nas idas a alguns lugares públicos, principalmente aqueles mais *fora* de uma certa *zona de segurança* pela qual estão acostumadas a transitar. As queixas sobre ir sempre aos mesmos lugares é frequente. Contudo, explorar novos horizontes é algo visto como algo com que se deve tomar cuidado sempre. Por isso, no caso do BCC, há o cargo de relações públicas. Na prática, este cargo implica em se ter alguém com disponibilidade para ir a locais que poderiam *aceitar homens vestidos de mulher sem discriminá-los*. De qualquer modo, elas relatam que sempre vão primeiro de *sapo* ao local, explicam o que é *crossdressing* e o que fazem e perguntam se haveria problemas em irem lá *montadas* e em grupo. Caso obtenham resposta de que é possível ir ao lugar *montadas* sem problemas, elas acionam outras *cds* e aí sim vão em grupo. Conforme argumentam, a idéia não é *invadir* lugares e sim estarem lá e serem *aceitas e respeitadas*. Para as *crossdressers* com que conversei, a idéia de *respeito mútuo* é fundamental nesse

sentido pois, se invadem algum lugar e desrespeitam as regras não têm como exigir respeito em retorno.

Isso não quer dizer, contudo, que não assumam riscos eventualmente. Uma das pessoas com que estive em diálogo me relatou que em um sábado à tarde quando veio a São Paulo da cidade em que mora no interior do Estado, para tomar sua injeção mensal de Perlutan (hormônio feminino). Na ocasião, trouxe um vestido, sapato e acessórios para se montar, já que pretendia sair à noite, e ficaria hospedada em algum hotel não muito caro do centro. Contudo, acabou combinando de sair com umas *travestis* que conhecia e foi *se montar* na casa de uma delas, que a ajudou com a maquiagem. Decidiram dar uma volta pelo Ibirapuera, onde algumas *travestis* fazem ponto, para se divertirem um pouco. Lá chegando, as duas *travestis* que estavam com o carro sumiram. Ela presumiu, então, que haviam *se arranjado* com alguém ou ido *fazer programa*. Como não sabia se voltariam ou não, ela esperou por um tempo lá, ocasião em que recebeu cantadas e propostas de alguns homens que ali foram para procurar *travestis*. Ela não saiu com nenhum deles, mas conta que ficou bastante lisongeada com os elogios que havia recebido e com o fato de *estar atrativa vestida com roupas de mulher*. Perguntei a ela se ela não havia ficado com medo do risco, já que estar num lugar de prostituição *vestida de mulher* poderia ser uma situação de vulnerabilidade. Ela me disse que a empolgação de estar *vestida de mulher*, na rua e que a coisa de *passar por mulher* ou *travesti* e receber propostas foram tão excitantes que acabaram com qualquer sentimento de medo. Ao mesmo tempo em que esta interlocutora fala sobre o fim do medo trazido pela excitação do momento, parece-me importante pensar que medo e prazer constituem-se mutuamente neste e outros casos relatados ao longo de minha pesquisa. Assim, talvez a superação do medo implique menos em uma extinção dele do que em uma incorporação dele à produção do prazer de *sair montada* ou expôr-se *en femme*.

Voltando à narrativa desta interlocutora, como as *travestis* não voltaram mais, ela resolveu voltar para o hotel de táxi. Precisou, portanto, passar pela portaria em *roupas de mulher*. Precisou também voltar de ônibus para sua cidade dessa forma, já que as *roupas de homem* haviam ficado na casa da *travesti* que lhe ajudara a se montar. Durante a viagem ninguém a importunou e, de acordo com o que contou, ela *passou por mulher* tranquilamente. Mas não queria arriscar ser vista naqueles trajes na sua cidade, uma vez que alguém conhecido da família ou do trabalho poderia reconhecê-la ali com mais facilidade. A preocupação de não se arriscar sublinha, mais

uma vez, que o *segredo* tem um lugar importante na experiência de um *homem que se veste de mulher*, sobretudo para a manutenção de certa respeitabilidade em sua vida de *sapo*. Por isso, telefonou para casa para que algum dos seus irmãos a buscassem na rodoviária. Ao verem que ela estava *de mulher* o irmão e a irmã se assustaram e todo o trajeto de carro para casa foi mediado por uma *grande bronca* sobre o quão perigoso era aquilo e o quanto não queriam ver o irmão fazendo este tipo de coisa inaceitável, além de que, estava *expondo a família ao ridículo*. De qualquer modo, ao chegarem em casa, o assunto foi encerrado. A acusação de *expôr o outro ao ridículo* revela que há um papel de estigmatizado em jogo, em que o estigma de um membro da família que não se comporte de acordo com certas regras sociais pode ser estendido a e compartilhado pelos demais caso o que este faz de *errado* seja descoberto¹⁴⁵.

Dentro do BCC há dois modos de pensar o *sair à rua*, por assim dizer. O primeiro é desejável, que é *se tornar real*. O segundo é por vezes tido como importante ao mesmo tempo em que é controverso, que é divulgar o que é *crossdressing* na mídia, ou ir a ida à mídia, sobretudo televisiva, por parte de algumas das integrantes da diretoria do clube. Em um dos eventos do clube, quando chegamos a pousada, as pessoas logo foram procurar seus quartos para deixar as bagagens e, na sequência, seguiram para o café da tarde. Logo que cheguei ao salão, depois de falar com diversas pessoas, uma *crossdresser* de fora de São Paulo me chama para conversar, dizendo que eu precisava ouvir, por causa da minha pesquisa, uma coisa. Ela conversava com uma *cd* de outra cidade e, constrangida, sentei-me. A outra *cd* também parecia pouco confortável com a conversa. A primeira queria falar sobre a recente exposição do clube em matérias de revista, jornal e TV e como isto incomodava certas *pessoas mais antigas no clube*.

Sugeri a ela que expusesse sua opinião à diretoria, já que estava incomodada. Disse também que me parecia que as pessoas estavam abertas ao diálogo uma vez que, eu mesma, já havia presenciado várias conversas a respeito entre membros da diretoria com outras pessoas do clube e entre eles mesmos. De modo geral essas conversas versavam sobre os cuidados a se ter para não aparecer de forma negativa

¹⁴⁵ Caberia aqui uma analogia dessa exposição com uma das dimensões do *jogo de atributos* existente na relação entre garotas de programa e seus clientes analisado por Maria Dulce Gaspar (1988). De acordo com a autora, há uma revelação estratégica realizada pelas garotas que expõem o cliente em situações em que se percebem em risco ou em que os clientes não cumprem o combinado. Assim, em algumas situações, as garotas de programa tornam pública sua condição, fazendo com que os clientes compartilhem de seu estigma, o que levaria estes homens a certa condenação social.

nessas matérias ou não se expôr de modo a prejudicar a vida *do sapo*. Outra associada do BCC me chamou e pude sair daquela conversa que me constrangia. Em uma das entrevistas que realizei, a entrevistada também se coloca reticente sobre esta ida à mídia por algumas pessoas do clube:

“Particularmente não gosto disso. Acho que quem quer se manifestar à imprensa que o faça por sua conta e risco sem citar o nome do BCC. Por mais que nossa sociedade tenha avançado nesse setor, ainda existe muito preconceito. Já vi muitas amigas cds perderem tudo por causa da exposição em mídia ou exposição exagerada na Internet. Acho válido o movimento para conscientizar a sociedade dos direitos que temos mas para isso existem já poderosas organizações e ONGs que defendem e lutam pelos direitos gay e dos transgêneros no Brasil. Se querem defender o crossdressing em específico acho ótimo mas que não o façam usando o nome do BCC. Já deixei essa minha posição bem clara dentro do clube”. (Deborah Cristina, 28/07/2008).

Em um evento do BCC, à noite, exibiu-se no telão as matérias sobre *crossdressing* que foram veiculadas no Programa *A noite é uma super criança* do Otávio Mesquita (Rede Bandeirantes, em maio de 2008) e no Programa *Bom dia Mulher*, de Olga Bongiovani (Rede TV, 22 de setembro de 2008), para que as pessoas que ainda não haviam assistido pudessem fazê-lo. No primeiro programa, uma das entrevistadas foi a Diretora Cultural do clube, que faleceu em um acidente de trânsito pouco tempo depois da exibição daquele programa e cerca de uma semana após ao HeF, do qual havia participado. Vê-la na tela causou comoção nas pessoas presentes, sobretudo naquela matéria, uma vez que, havia o boato de que a morte de Vera tinha se dado em decorrência dela estar *no mundo da lua* como consequência dos impactos de ter dado àquela entrevista à TV. Ela havia sido atropelada ao atravessar a rua. Seu *sapo* era professor universitário e colegas e alunos/as haviam visto a entrevista e comentários circulavam pelos corredores da universidade, o que a deixou um tanto apreensiva na época. Pouco antes do acidente, a própria Vera havia solicitado afastamento do clube e pedido que suas informações fossem retiradas da página do BCC e de outras associadas, sobretudo as fotos. Para além deste incidente, comentários acerca da qualidade da matéria também circularam e, de modo geral, houve certo burburinho sobre se de fato ela teria servido para esclarecer ao público sobre o que é *crossdressing*.

Após se exibir as matérias, a *presidenta* aproveitou para falar dessas queixas de algumas associadas sobre esta ida à mídia e rebater alguns dos comentários

dizendo que quando foi eleita ela havia falado que expandiria o clube e levaria o BCC ao conhecimento público. Após esta fala ela foi ovacionada pela maioria, embora tenha havido quem se levantou e deixou o local no início da apresentação das matérias.



[Participação de Patrícia Din e Kelly da Silva Neta no programa Programa Bom dia Mulher da Rede TV. Fonte: Gazeta da Kelly, dezembro de 2008]

Este debate sobre a exposição do clube na imprensa aconteceu nos fóruns oficiais do clube e fora deles durante todo o ano de 2008 e parte do de 2009. Foram várias matérias, algumas para websites, outras para a TV aberta e, ainda, para jornais de circulação local e revistas de circulação nacional. Em um e-mail enviado ao fórum real do BCC (em 16 de fevereiro de 2009), uma associada pede que sua foto seja retirada de sua biografia do site do clube, uma vez que a recente exposição deste em matérias para a imprensa aumentou consideravelmente o número de curiosos que acessam o site e isso estava causando problemas:

“Prezadas:

Venho agora neste canal, solicitar o que já o fiz em PVT ao menos umas 6 vezes, e de uns 6 meses para cá... (solicitei primeiramente à Debby, depois à Cris Camps, depois à Kelly, e finalmente à Maria Antonieta) e não fui atendida e nem ao menos respondida, nem uma vez.

Solicito que seja retirada minha foto da Bio no site do BCC, pois a mesma está me causando problemas pessoais e profissionais, devido à grande

quantidade de visitas de pessoas curiosas ao site, dada a recente grande publicidade alcançada pelo BCC, nos meios de comunicação.

Sei que este não é o canal adequado para esta solicitação, mas como o fiz em PVT, e não obtive ao menos resposta, assim o faço aqui, pois parece que qualquer palavra postada aqui tem o dom de causar grande polemica, e quem sabe assim serei atendida ou ao menos respondida.

Grata
[nome da associada]"

Conta-se de uma matéria que foi publicada na *Revista Marie Claire* há alguns anos em que a *crossdresser* foi reconhecida por causa da esposa que a acompanhava nas fotos para a matéria. Na ocasião a pessoa foi demitida de seu trabalho, relatado como um *excelente emprego*, com grandes prejuízos financeiros. Esta associada também pediu afastamento do clube após a exibição de um programa de TV com a participação de diversas pessoas da diretoria que foi bastante controverso. Naquele programa, as críticas giraram em torno de que tipo de imagem de *crossdresser* havia sido veiculada, uma vez que o repórter que entrevistou as associadas do clube é quem havia roubado a cena, se montando sem ao menos ter o respeito ou cuidado de fazer a barba. A forma como a matéria foi apresentada, dando muito espaço à brincadeira do reporter em se montar e pouco espaço de fala às *crossdressers* de que dela participaram foi questionada também, assim como o fato de se ter feito as imagens dentro do *Le Closet*, o que desagradou algumas das pessoas que compõem o grupo de associadas a este espaço, que são contrárias a entrada de *gente de fora*, sobretudo imprensa, naquele local que *deveria permanecer protegido*.

Há, no clube, ainda, um outro debate muito semelhante a este da ida a mídia, que concerne a divulgação de fotos. Embora câmeras digitais sejam bastante comuns, assim como a presença de filmadoras em alguns momentos, há restrições quanto a divulgação das imagens realizadas nestes eventos. Algumas associadas se colocam sempre nos fóruns do clube pedindo que suas fotos não sejam utilizadas em páginas da internet ou enviadas por e-mail, mesmo que para as listas do clube. Isso não as impede, contudo, de posar para toda e qualquer câmera que apareça à sua frente nos encontros do clube. E não são apenas as fotos das *cgs* que estão em jogo. As das S/O's e esposas também, já que se argumenta que as *princesas* podem ser reconhecidas através das *GG* que as acompanham com muita facilidade. Nesse contexto, enviar ou publicar fotos de associadas sem autorização é, inclusive, razão

para expulsão do clube e, talvez, uma das únicas razões pelas quais alguém seja de fato convidado/a a se retirar.



[O Repórter Danilo Gentili montado, no *Le Closet*, para matéria sobre *crossdressers* para o Programa CQC de 23 de março de 2009. Imagens de Divulgação da Band]



[Primeira matéria publicada sobre *crossdressers* ao longo desta pesquisa.
Revista Época, 18 de setembro de 2008]

Aquelas pessoas que argumentam em favor desta ida à imprensa dizem que ela é importante para que as pessoas passem a conhecer o *crossdressing*. Em alguns momentos defendeu-se que estas aparições seriam de grande auxílio para a *causa crossdresser* e que ajudariam à sociedade em geral a compreender que elas são *pessoas de bem* que apenas gostam de fazer esta *brincadeira*. Em outros momentos, o debate passou pela idéia de que se deveria ir a *bons programas* e não aos

sensacionalistas, embora não tenha ficado claro em momento algum o que seria um ou outro. Mesmo as pessoas que participaram dos programas argumentaram que jamais iriam em programas que não fossem *sérios* ou sem conversar com a produção antes. Essa idéia de *boa imprensa* e *má imprensa* acompanhou boa parte da justificativa das pessoas que optaram por mostrar seus rostos ou contar suas histórias. Houve casos em que as entrevistas foram dadas lançando mão de artifícios para proteger suas identidades de *sapo*, como usar máscaras ou distorcer a voz.

Havia, ainda, uma idéia de *levar a bandeira e sacrificar-se em favor do grupo*, que acompanhava essas falas. Embora se argumentasse que o número de associadas cresceu com a divulgação do clube na imprensa, conta-se que também aumentaram os acessos de gente procurando sexo na pagina no clube, que seriam pessoas indesejadas. Assim, questionava-se um pouco a idéia de que era necessário divulgar o BCC, ainda mais deste modo, inclusive porque, para a maior parte das associadas, a invisibilidade era bastante cara. Por outro lado, embora houvesse o argumento de divulgar o clube e a prática do *crossdressing*, havia também a acusação de que as pessoas que iam à mídia o faziam em *benefício próprio* ou por *exibicionismo*. Noções vindas do campo da psiquiatria e psicologia (como a de *travestismo fetichista* ou *exibicionismo*), são utilizadas entre as *crossdressers* pesquisadas para deslegitimar o que alguém faz ou as intenções que subjazem a determinada ação como, por exemplo, *dar entrevistas à mídia*.

A idéia de *ter coragem para colocar a cara a tapa* era sempre reforçada quando havia essas acusações de que as pessoas que davam entrevistas só queriam aparecer. Ainda, questionou-se em diversos momentos se o tipo de abordagem realizado pela mídia de fato as ajudava ou se as tornava ainda mais exóticas diante dos olhos das pessoas em geral. Foi comum dizer que certas afirmações publicadas pela mídia, inclusive, eram equivocadas, não correspondiam à realidade e não auxiliavam a esclarecer o que é *crossdressing* para quem não tem contato com esta realidade. Ainda, questionou-se muito nos debates se era válido afirmar que as *crossdressers* são heterossexuais, uma vez que há várias que não são e que, este tipo de declaração beirava à *homofobia*.

Eles juram que gostam de mulher

Homens que usam saia e salto alto, os 'crossdresser', dizem que fazem sucesso com qualquer visual

JUSSARA SOARES
jussara.soures@diariosp.com.br

► Se a sua calcinha sumiu, sua frente-túnica apareceu no cesto de roupa suja e sua maquiagem não é mais só para o rosto, quando a sua filha ou a empregada. O 'sócio' talvez seja o seu marido. Por aí, tem muito homem que de dia, de terno e gravata, é João. E, à noite, sobrinhos só para virar Maria.

Se isso a tranquiliza, o marido em questão pode considerar que é só um sonho de dormir. Talvez ele seja apenas um 'crossdresser', um homem que sofre compulsão por vestir-se como uma garota. Como já cantava Pepeu Gomes, eles juram que ser um homem feminino quer ir o lado masculino.

Várias vezes comemora com a calcinha, descalça e sandália. Quando você vê, é um crossdresser. Tenho esse lado feminino e vivo esse momento como mulher", diz Patrícia Din, de 54 anos. Um empresário que, no dia-a-dia, esconde as unhas pintadas dentro de sacolas fechadas, mas é louco por sutiãs de sereia.

O verdadeiro nome ele não revela em hipótese alguma. Patrícia foi "casado" duas vezes. O primeiro casamento durou 21 anos. O segundo, dois. Agora, estou solteira. O que cair na rede é pétre", diz, alusiva ao fato esse perigo que sereias. Porque ele é macho, sim senhor!

Presidente do Brazilian Crossdresser Club (BCC), Kelly Silva Neta, de 50 anos, garante que o "clube da Luluinha", de vez em quando, tem cerca de 400 filiados. Segundo ela, a maioria dos membros é heterossexual. Os homossexuais são minoria. A associação quer acabar com o preconceito. Mas também trabalha pelo direito ao

“
Adoro ficar de pernas para fora. Amo minissaia. Devo ter umas 500 guardadas no armário”

KELLY NETA - 52, presidente do BCC

“
Faço sucesso com as mulheres por aí até mesmo vestido assim. Elas gostam”

PATRÍCIA DIN - 54, empresária

cabelo, tutu com enchimento e minissaia para todas.

"Fazemos um trabalho social. Muitos não sabem onde comprar peruca, maquiagem, roupa, e nem onde se montar. A regra é se esconder", diz Kelly.

E por isso que a associação manteve uma loja no Shopping Largo do Arcos. É lá que executivos bem-sucedidos e pais de família guardam seu lado feminino dentro do armário. São 13 guarda-roupas, trancados com cadeados e identificados com etiquetas, que os transformam de "sapos" (entendo estão vestindo o sapo) para "lulas".

"Não adianta querer entender. Eu sou feliz assim", afirma Kelly, que faz sucesso com as mulheres em suas duas versões.



KELLY E PATRÍCIA têm um apartamento só para abrigar seus guarda-roupas femininos: elas explicam que são felizes assim

FOTOS DE FERNANDO SANTAS

Advogado ensinou a filha a andar a salto

► Ele é advogado, casado com uma ex-modelo, pai de uma filha de 15 anos e muito "gostoso". Aos 46 anos, o "crossdresser" não mede esforço para ficar cada vez mais feminina. Tem o apoio das duas mulheres da sua vida. A advogada Márcia, de 28 anos, com quem vive há dois anos, e neta, não liga que de saia de casa para ir ao apartamento comprado só para poder ser Márcia. Ela também não faz restrições aos hormônios que lhe dão sexos. Nem liga que o advogado, de vez em quando, saia com outros homens. "Mas ela morre de

ciúme de mulher", explica Márcia, que fez depilação a laser em todo o corpo e liposculptura.

Ate a filha de 15 anos convive bem com as novas formas do pai. Os dois vivem juntos à praia de biquíni. E, como uma amiga bem velha, ela ensinou a adolescente a andar a salto e a se maquiar. "Fiz curso de maquiagem", explica ele, que no apartamento de Márcia mantém um cômodo lotada de batons, bases e outros produtos de beleza, todos importados e selecionados a dedo para causar.

Márcia é uma "mulher" ex-

tremamente vaidosa. Tem bom gosto para sapato, bolsas e roupas. "De vez em quando minha mulher vem aqui pegar umas", diz, sem deixar de escorregar o ciúme de suas coisas. O advogado, no entanto, é um homem deslumbrado. Adora a roupa de mulher e se enfeita assim: calça jeans surrada, uma jaqueta de couro e amarra o cabelo sem nenhum cuidado. Os gestos delicados ficam brutos. A exuberância feminina se torna uma versão masculina timida. Ele pergunta: "Sou mais bonita de Márcia ou assim?"

FERNANDO SANTAS

“
Cortar o meu pênis? Jamais! Eu gosto é de mulher”

MÁRCIA - Advogada



MÁRCIA é advogada, casado e pai de uma jovem de 15 anos, com quem vai à praia de biquíni

Para uns, basta a calcinha

► Se os "crossdressers" dizem que gostam de mulher, qual é a graça de parecer um? De acordo com a psicanalista Eliane Chermann Kogut, eles se exercitam com a própria figura feminina. "O objeto do amor não é o outro. É a mulher que ele se torna", explica Eliane, cuja tese de doutorado é sobre a clínica PUC-SP trata do comportamento "crossdressing".

Segundo ela, existem diversos níveis da prática. Desde aquele que curte usar a calcinha da mulher na hora do sexo até homens como Patrícia, Kelly e Márcia, que precisam se vestir de mulher às vezes para dar uma volta na rua.

"É uma compulsão. Não é que eles querem se vestir de mulher. É uma necessidade. A ansiedade atinge níveis altíssimos",

explica a psicanalista, dizendo que, embora não haja pesquisas conclusivas, estima-se que essa compulsão de se vestir como o sexo oposto atinja de 0,5 a 3% da população mundial.

Em geral, os "crossdressers" demonstram vontade de montar a parada de 100 anos. "Aos 10, 12, 14, 16, 18, 20, 22, 24, 26, 28, 30, 32, 34, 36, 38, 40, 42, 44, 46, 48, 50, 52, 54, 56, 58, 60, 62, 64, 66, 68, 70, 72, 74, 76, 78, 80, 82, 84, 86, 88, 90, 92, 94, 96, 98, 100, 102, 104, 106, 108, 110, 112, 114, 116, 118, 120, 122, 124, 126, 128, 130, 132, 134, 136, 138, 140, 142, 144, 146, 148, 150, 152, 154, 156, 158, 160, 162, 164, 166, 168, 170, 172, 174, 176, 178, 180, 182, 184, 186, 188, 190, 192, 194, 196, 198, 200, 202, 204, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 220, 222, 224, 226, 228, 230, 232, 234, 236, 238, 240, 242, 244, 246, 248, 250, 252, 254, 256, 258, 260, 262, 264, 266, 268, 270, 272, 274, 276, 278, 280, 282, 284, 286, 288, 290, 292, 294, 296, 298, 300, 302, 304, 306, 308, 310, 312, 314, 316, 318, 320, 322, 324, 326, 328, 330, 332, 334, 336, 338, 340, 342, 344, 346, 348, 350, 352, 354, 356, 358, 360, 362, 364, 366, 368, 370, 372, 374, 376, 378, 380, 382, 384, 386, 388, 390, 392, 394, 396, 398, 400, 402, 404, 406, 408, 410, 412, 414, 416, 418, 420, 422, 424, 426, 428, 430, 432, 434, 436, 438, 440, 442, 444, 446, 448, 450, 452, 454, 456, 458, 460, 462, 464, 466, 468, 470, 472, 474, 476, 478, 480, 482, 484, 486, 488, 490, 492, 494, 496, 498, 500, 502, 504, 506, 508, 510, 512, 514, 516, 518, 520, 522, 524, 526, 528, 530, 532, 534, 536, 538, 540, 542, 544, 546, 548, 550, 552, 554, 556, 558, 560, 562, 564, 566, 568, 570, 572, 574, 576, 578, 580, 582, 584, 586, 588, 590, 592, 594, 596, 598, 600, 602, 604, 606, 608, 610, 612, 614, 616, 618, 620, 622, 624, 626, 628, 630, 632, 634, 636, 638, 640, 642, 644, 646, 648, 650, 652, 654, 656, 658, 660, 662, 664, 666, 668, 670, 672, 674, 676, 678, 680, 682, 684, 686, 688, 690, 692, 694, 696, 698, 700, 702, 704, 706, 708, 710, 712, 714, 716, 718, 720, 722, 724, 726, 728, 730, 732, 734, 736, 738, 740, 742, 744, 746, 748, 750, 752, 754, 756, 758, 760, 762, 764, 766, 768, 770, 772, 774, 776, 778, 780, 782, 784, 786, 788, 790, 792, 794, 796, 798, 800, 802, 804, 806, 808, 810, 812, 814, 816, 818, 820, 822, 824, 826, 828, 830, 832, 834, 836, 838, 840, 842, 844, 846, 848, 850, 852, 854, 856, 858, 860, 862, 864, 866, 868, 870, 872, 874, 876, 878, 880, 882, 884, 886, 888, 890, 892, 894, 896, 898, 900, 902, 904, 906, 908, 910, 912, 914, 916, 918, 920, 922, 924, 926, 928, 930, 932, 934, 936, 938, 940, 942, 944, 946, 948, 950, 952, 954, 956, 958, 960, 962, 964, 966, 968, 970, 972, 974, 976, 978, 980, 982, 984, 986, 988, 990, 992, 994, 996, 998, 1000, 1002, 1004, 1006, 1008, 1010, 1012, 1014, 1016, 1018, 1020, 1022, 1024, 1026, 1028, 1030, 1032, 1034, 1036, 1038, 1040, 1042, 1044, 1046, 1048, 1050, 1052, 1054, 1056, 1058, 1060, 1062, 1064, 1066, 1068, 1070, 1072, 1074, 1076, 1078, 1080, 1082, 1084, 1086, 1088, 1090, 1092, 1094, 1096, 1098, 1100, 1102, 1104, 1106, 1108, 1110, 1112, 1114, 1116, 1118, 1120, 1122, 1124, 1126, 1128, 1130, 1132, 1134, 1136, 1138, 1140, 1142, 1144, 1146, 1148, 1150, 1152, 1154, 1156, 1158, 1160, 1162, 1164, 1166, 1168, 1170, 1172, 1174, 1176, 1178, 1180, 1182, 1184, 1186, 1188, 1190, 1192, 1194, 1196, 1198, 1200, 1202, 1204, 1206, 1208, 1210, 1212, 1214, 1216, 1218, 1220, 1222, 1224, 1226, 1228, 1230, 1232, 1234, 1236, 1238, 1240, 1242, 1244, 1246, 1248, 1250, 1252, 1254, 1256, 1258, 1260, 1262, 1264, 1266, 1268, 1270, 1272, 1274, 1276, 1278, 1280, 1282, 1284, 1286, 1288, 1290, 1292, 1294, 1296, 1298, 1300, 1302, 1304, 1306, 1308, 1310, 1312, 1314, 1316, 1318, 1320, 1322, 1324, 1326, 1328, 1330, 1332, 1334, 1336, 1338, 1340, 1342, 1344, 1346, 1348, 1350, 1352, 1354, 1356, 1358, 1360, 1362, 1364, 1366, 1368, 1370, 1372, 1374, 1376, 1378, 1380, 1382, 1384, 1386, 1388, 1390, 1392, 1394, 1396, 1398, 1400, 1402, 1404, 1406, 1408, 1410, 1412, 1414, 1416, 1418, 1420, 1422, 1424, 1426, 1428, 1430, 1432, 1434, 1436, 1438, 1440, 1442, 1444, 1446, 1448, 1450, 1452, 1454, 1456, 1458, 1460, 1462, 1464, 1466, 1468, 1470, 1472, 1474, 1476, 1478, 1480, 1482, 1484, 1486, 1488, 1490, 1492, 1494, 1496, 1498, 1500, 1502, 1504, 1506, 1508, 1510, 1512, 1514, 1516, 1518, 1520, 1522, 1524, 1526, 1528, 1530, 1532, 1534, 1536, 1538, 1540, 1542, 1544, 1546, 1548, 1550, 1552, 1554, 1556, 1558, 1560, 1562, 1564, 1566, 1568, 1570, 1572, 1574, 1576, 1578, 1580, 1582, 1584, 1586, 1588, 1590, 1592, 1594, 1596, 1598, 1600, 1602, 1604, 1606, 1608, 1610, 1612, 1614, 1616, 1618, 1620, 1622, 1624, 1626, 1628, 1630, 1632, 1634, 1636, 1638, 1640, 1642, 1644, 1646, 1648, 1650, 1652, 1654, 1656, 1658, 1660, 1662, 1664, 1666, 1668, 1670, 1672, 1674, 1676, 1678, 1680, 1682, 1684, 1686, 1688, 1690, 1692, 1694, 1696, 1698, 1700, 1702, 1704, 1706, 1708, 1710, 1712, 1714, 1716, 1718, 1720, 1722, 1724, 1726, 1728, 1730, 1732, 1734, 1736, 1738, 1740, 1742, 1744, 1746, 1748, 1750, 1752, 1754, 1756, 1758, 1760, 1762, 1764, 1766, 1768, 1770, 1772, 1774, 1776, 1778, 1780, 1782, 1784, 1786, 1788, 1790, 1792, 1794, 1796, 1798, 1800, 1802, 1804, 1806, 1808, 1810, 1812, 1814, 1816, 1818, 1820, 1822, 1824, 1826, 1828, 1830, 1832, 1834, 1836, 1838, 1840, 1842, 1844, 1846, 1848, 1850, 1852, 1854, 1856, 1858, 1860, 1862, 1864, 1866, 1868, 1870, 1872, 1874, 1876, 1878, 1880, 1882, 1884, 1886, 1888, 1890, 1892, 1894, 1896, 1898, 1900, 1902, 1904, 1906, 1908, 1910, 1912, 1914, 1916, 1918, 1920, 1922, 1924, 1926, 1928, 1930, 1932, 1934, 1936, 1938, 1940, 1942, 1944, 1946, 1948, 1950, 1952, 1954, 1956, 1958, 1960, 1962, 1964, 1966, 1968, 1970, 1972, 1974, 1976, 1978, 1980, 1982, 1984, 1986, 1988, 1990, 1992, 1994, 1996, 1998, 2000, 2002, 2004, 2006, 2008, 2010, 2012, 2014, 2016, 2018, 2020, 2022, 2024, 2026, 2028, 2030, 2032, 2034, 2036, 2038, 2040, 2042, 2044, 2046, 2048, 2050, 2052, 2054, 2056, 2058, 2060, 2062, 2064, 2066, 2068, 2070, 2072, 2074, 2076, 2078, 2080, 2082, 2084, 2086, 2088, 2090, 2092, 2094, 2096, 2098, 2100, 2102, 2104, 2106, 2108, 2110, 2112, 2114, 2116, 2118, 2120, 2122, 2124, 2126, 2128, 2130, 2132, 2134, 2136, 2138, 2140, 2142, 2144, 2146, 2148, 2150, 2152, 2154, 2156, 2158, 2160, 2162, 2164, 2166, 2168, 2170, 2172, 2174, 2176, 2178, 2180, 2182, 2184, 2186, 2188, 2190, 2192, 2194, 2196, 2198, 2200, 2202, 2204, 2206, 2208, 2210, 2212, 2214, 2216, 2218, 2220, 2222, 2224, 2226, 2228, 2230, 2232, 2234, 2236, 2238, 2240, 2242, 2244, 2246, 2248, 2250, 2252, 2254, 2256, 2258, 2260, 2262, 2264, 2266, 2268, 2270, 2272, 2274, 2276, 2278, 2280, 2282, 2284, 2286, 2288, 2290, 2292, 2294, 2296, 2298, 2300, 2302, 2304, 2306, 2308, 2310, 2312, 2314, 2316, 2318, 2320, 2322, 2324, 2326, 2328, 2330, 2332, 2334, 2336, 2338, 2340, 2342, 2344, 2346, 2348, 2350, 2352, 2354, 2356, 2358, 2360, 2362, 2364, 2366, 2368, 2370, 2372, 2374, 2376, 2378, 2380, 2382, 2384, 2386, 2388, 2390, 2392, 2394, 2396, 2398, 2400, 2402, 2404, 2406, 2408, 2410, 2412, 2414, 2416, 2418, 2420, 2422, 2424, 2426, 2428, 2430, 2432, 2434, 2436, 2438, 2440, 2442, 2444, 2446, 2448, 2450, 2452, 2454, 2456, 2458, 2460, 2462, 2464, 2466, 2468, 2470, 2472, 2474, 2476, 2478, 2480, 2482, 2484, 2486, 2488, 2490, 2492, 2494, 2496, 2498, 2500, 2502, 2504, 2506, 2508, 2510, 2512, 2514, 2516, 2518, 2520, 2522, 2524, 2526, 2528, 2530, 2532, 2534, 2536, 2538, 2540, 2542, 2544, 2546, 2548, 2550, 2552, 2554, 2556, 2558, 2560, 2562, 2564, 2566, 2568, 2570, 2572, 2574, 2576, 2578, 2580, 2582, 2584, 2586, 2588, 2590, 2592, 2594, 2596, 2598, 2600, 2602, 2604, 2606, 2608, 2610, 2612, 2614, 2616, 2618, 2620, 2622, 2624, 2626, 2628, 2630, 2632, 2634, 2636, 2638, 2640, 2642, 2644, 2646, 2648, 2650, 2652, 2654, 2656, 2658, 2660, 2662, 2664, 2666, 2668, 2670, 2672, 2674, 2676, 2678, 2680, 2682, 2684, 2686, 2688, 2690, 2692, 2694, 2696, 2698, 2700, 2702, 2704, 2706, 2708, 2710, 2712, 2714, 2716, 2718, 2720, 2722, 2724, 2726, 2728, 2730, 2732, 2734, 2736, 2738, 2740, 2742, 2744, 2746, 2748, 2750, 2752, 2754, 2756, 2758, 2760, 2762, 2764, 2766, 2768, 2770, 2772, 2774, 2776, 2778, 2780, 2782, 2784, 2786, 2788, 2790, 2792, 2794, 2796, 2798, 2800, 2802, 2804, 2806, 2808, 2810, 2812, 2814, 2816, 2818, 2820, 2822, 2824, 2826, 2828, 2830, 2832, 2834, 2836, 2838, 2840, 2842, 2844, 2846, 2848, 2850, 2852, 2854, 2856, 2858, 2860, 2862, 2864, 2866, 2868, 2870, 2872, 2874, 2876, 2878, 2880, 2882, 2884, 2886, 2888, 2890, 2892, 2894, 2896, 2898,

Ainda, houve matérias que criaram certa polêmica pelo conteúdo das falas das entrevistadas. Em alguns momentos, estas se defenderam dizendo que não era aquilo que tinham dito e que algumas coisas haviam sido distorcidas. Houve a preocupação, em alguns momentos, de acabarem sendo reveladas as reais identidades das *crossdressers*, preocupação esta que parecia ser muito mais das esposas ou de outras pessoas do BCC do que das *cds* que deram entrevistas para a imprensa. No caso da matéria da *Revista Época* citada anteriormente, houve certo desconforto no grupo. Isso porque, na matéria, apresenta-se a *cd* e sua esposa como um casal com *relacionamento aberto e liberado*. Ainda, outra coisa que causou certo impacto foi o fato de que o repórter havia entrevistado diversas pessoas do grupo, assim como feito fotos, mas a matéria acabou sendo apenas sobre uma associada e sua vida pessoal. Como a matéria versou sobre a vida de apenas uma pessoa e sobre alguns de seus hábitos de paquera, questionou-se muito a legitimidade da matéria em sua apresentação do que é *crossdressing*. Ainda, esta matéria criou certo problema entre o casal entrevistado, uma vez que a esposa sentiu-se exposta, teve medo de ser reconhecida por seus familiares e considerou ter sido atingida moralmente com o tipo de abordagem realizado pelo jornalista. Na ocasião, ela combinou com o marido que não haveria outras exposições à mídia, sob o risco de terem problemas no casamento caso ele voltasse a falar com a imprensa sobre seu *cding*.

Houve um outro caso em que a *crossdresser* resolveu dar a entrevista a um programa de televisão, mas não contou a ninguém que o tinha feito, achando que ninguém veria. A esposa, que sabia do *crossdressing*, ficou sabendo da matéria apenas após ir ao ar. As filhas dessa *cd*, que não sabiam do *crossdressing* do pai, apenas tomaram conhecimento através da matéria. Como esta *cd* mora em uma cidade do interior do Estado de São Paulo e é dono de um estabelecimento comercial, esta aparição na mídia teve algum impacto em sua sociabilidade naquela cidade, conforme me relatou. De qualquer modo, ela conta que isso se deu mais nos primeiros dias e que, com o tempo, as coisas amenizaram. Para ela, embora inicialmente ter aparecido na mídia tenha sido problemático, mais adiante isso resultou em *grande alívio*, uma vez que agora *todo mundo sabe e não precisa mais ficar se escondendo*. De qualquer modo, isso não a impediu de ter alguns problemas dentro da família, que questionou o porquê dela não ter contado para a esposa que participaria do programa ou para as filhas que *se montava* antes do programa ir ao ar.

Apesar da *ida à mídia* funcionar como uma estratégia de visibilidade para a prática do *crossdressing*, as pessoas que exibiram seus rostos e histórias lidavam com esta aparição de uma forma um tanto peculiar. Era como se elas fossem invisíveis, ou seja, estavam lá se mostrando mas não tivessem o risco de serem vistas. Foi comum ouvir delas que não tinham idéia de que as matérias seriam tão vistas ou de que *ninguém assiste a aquele programa ou que o programa passa tarde e ninguém vê*, então não tinham com o que se preocupar.

Este jogo entre *se mostrar* e *se esconder* remonta um pouco à relação complexa entre a vida do *sapo* e a vida da *princesa*. Se por um lado as *crossdressers* *se montam* para satisfazer um *desejo pessoal* e *privado*, por outro faz parte também deste desejo, ao menos em alguns casos, torná-lo e à prática públicos. A administração da publicidade que se dá à prática do *crossdressing* é peculiar, conforme apontei ao longo deste trabalho e traduz também algo das inserções sociais que têm para fora do *se montar*. Um gerenciamento estratégico da publicização desta prática é requerido, sob o risco de se ter perdas consideráveis, que passam pela vida afetiva e pela vida econômica.

Ainda, há que se considerar que *se vestir de mulher* pode implicar em perda de *status* e de *virilidade* em certos grupos de sociabilidade nos quais os *sapos* se insiram em suas vidas *desmontados*. Assim, *se montar* ou *se desmontar* são processos que estão interligados na vida dessas pessoas, e que são interdependentes. Não há como pensar um sem o outro, porque ambos têm impactos um sobre o outro. Assim, se o *sapo* dá as bases para a *princesa*, a *princesa* confere ludicidade às *vidas chatas* dos *sapos*. É como uma relação de equilíbrio tênue, em que lidar bem com a administração do segredo se faz fundamental para que as coisas fiquem em ordem.

No caso da *saída do armário* que *não dá certo*, é possível fazer um paralelo com a assunção familiar ou a descoberta por parte da família da homossexualidade em alguns contextos. Trabalhos como o de Carmen Dora Guimarães (2004) e o de Regina Facchini (2008) apontam para isso quando apresentam casos de homens e mulheres, respectivamente, que perderam acesso à convivência familiar, a universidade, etc., e que tiveram de passar a viver sob circunstâncias materiais bastante desfavoráveis depois da ocasião em que houve a descoberta e ruptura. Pode-se observar que, no caso das *crossdressers*, isso também ocorre e faz com que a negociação entre as experiências *montada/desmontado* implique em certo manejo do estigma que acompanha à prática do *cding*. Nesse contexto, compreender as relações que as

crossdressers estabelecem para dentro e para fora do grupo de pessoas que *se montam* faz-se importante para compreender, mesmo, o lugar que a prática ocupa ou pode ocupar em suas vidas ou em instâncias diversas destas.

5.4 Mudanças corporais, classe social e acesso à saúde¹⁴⁶

Dentro do escopo do que tem sido debatido acerca da *causa crossdresser* pelas pessoas que pesquisei, para além do reconhecimento da legitimidade de suas experiências *montadas*, há uma demanda pela realização de mudanças corporais tidas como *mais definitivas* e que implicam em acesso a certos serviços de saúde. Essa demanda coincide com algumas das principais bandeiras de luta do movimento LGBT organizado. Ainda que elas resistam à tornar o BCC algo parecido com o que é o movimento LGBT¹⁴⁷ (que exige certa rigidez nos enquadramentos identitários e contesta estratégias que passem pela manutenção do segredo), em dados momentos há confluência de interesses acerca da reivindicação de direitos, o que faz com que algumas *cds* cheguem a procurar espaços para falar sobre suas demandas junto a políticos, gestores públicos ou movimentos sociais. Isso se dá de um modo bastante diferente daquele pelo qual atua hoje o movimento LGBT, ou seja, através da construção de espaços políticos mais duradouros de interlocução com o poder público.

Pessoas classificadas dentro do escopo do que é *transgênero* têm sido foco de diversos estudos nas últimas décadas, sobretudo centrados em questões relativas a mudanças corporais pelas quais passam para adequar sua imagem e corpo a aquilo que gostariam de ver como imagem refletida de si no espelho. Embora não se possa negar a centralidade da importância dessas mudanças – definitivas ou não – para quem se sente inadequado/a no corpo com que *nasceu*, gostaria de versar aqui sobre as mudanças corporais pelas quais as *crossdressers* passam, assim como sobre como se processam essas mudanças e as implicações disso, sobretudo para aquelas pessoas que estão menos visíveis e, por esta razão, mais vulneráveis dentro deste grupo.

¹⁴⁶ Agradeço a Regina Facchini pelas conversas que inspiraram este tópico. Agradeço também por me auxiliar através da leitura e sugestões a este texto, as quais fizeram dele algo menos fragmentado e mais palatável.

¹⁴⁷ Para um mapa e histórico sobre a construção do que se chama hoje de Movimento LGBT no Brasil ver Edward MacRae, 1990, Regina Facchini, 2005 e Júlio Assis Simões e Regina Facchini, 2009.

A discussão acerca da *transgeneridade* emerge do campo médico enquanto categoria de *patologização* ou *distúrbio de identidade de gênero*. Nesse contexto, é incorporada pelos movimentos sociais com o intuito de ser reappropriada e ressignificada e, consequentemente, passar a fazer parte da pauta das reivindicações por direitos sexuais e humanos. No Brasil, essa discussão surge sobretudo dentro do movimento homossexual a partir da década de 1990, e faz com que se amplie a quantidade de identidades políticas que são adicionadas a pauta de reivindicações por direitos dentro do *movimento homossexual*. Contudo, embora exista uma ampliação das identidades e reivindicações, algumas pessoas - por não se encaixarem ou por se recusarem a se encaixar nas classificações médicas que dão origem a estas categorias - continuam excluídas dos processos de reivindicação de direitos e mantém-se numa espécie de não-lugar.

Este é o caso das pessoas que têm sido interlocutoras deste trabalho. Também é o caso das *travestis*, para citar outro grupo que têm dificuldade de acesso a certas políticas públicas. As *travestis* têm acesso limitado tanto no que concerne à justiça e direitos, como mudança do pré-nome em seu registro de nascimento e outros documentos, ou no acesso a serviços de saúde que contemplem questões que lhes sejam pertinentes, como o acesso à processos de hormonização (que se refere tanto ao acesso a endocrinologistas, acompanhamento através de exames, etc., quanto acesso aos hormônios em si).

Uma questão a ser pensada diz respeito a classificação do *travestismo* e do *transexualismo* no manual internacional de transtornos psiquiátricos¹⁴⁸ e a seus impactos na vida das pessoas que são enquadradas nestas classificações¹⁴⁹. Outra diz respeito a como esses sujeitos acessam ou não, têm espaço ou não nos serviços de saúde. Ainda, há de se pensar em que termos se opera a produção de vulnerabilidade entre esse sujeitos, sobretudo no que concerne a questões relativas a saúde pública (mas não apenas ela) que demanda políticas públicas direcionadas e que não vêm conseguindo, sistematicamente, dar conta de atender adequadamente as

¹⁴⁸ Publicado pela Associação Americana de Psiquiatria, o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* ou DSM, funciona como um guia para os profissionais da área de saúde mental. O *travestismo* é um dos *transtornos da sexualidade* listados nesse guia.

¹⁴⁹ Uma discussão importante neste contexto é do lugar ou importância da patologização da transexualidade e seu impacto na vida dos indivíduos que recebem este diagnóstico. Judith Butler (2009) faz uma discussão importante sobre a questão em seu artigo chamado “Desdiagnosticando o ‘gênero’”, ao trazer o caso de uma transexual que se suicida após receber o diagnóstico de que o que tinha era uma patologia.

demandas/necessidades desta população. Em que se pese a falta de recursos estruturais e humanos adequadamente formados para lidar com esta população, há outras questões que gostaria de levantar aqui: embora exista uma demanda social por parte desses sujeitos relacionados a processos de hormonização, mudanças corporais (plásticas, implantes de silicone), não há consenso nos serviços de saúde acerca da legitimidade desta demanda, tanto na esfera pública quanto na privada.

Ainda, embora existam serviços de saúde treinados para atuar ao longo do processo transexualizador, travestis e *crossdressers* contém especificidades que os afastam das políticas de saúde que vêm sendo pensadas para esta população no que concerne às mudanças corporais. Ainda, em termos de vulnerabilidade a DSTs/Aids, *transexuais* e *travestis* até estão inclusos em alguns programas de prevenção e cuidados, mas *crossdressers* – até pela invisibilidade dada pela forma específica como gestionam o segredo de *se montar* ou por serem pensados como *de classe média* e, portanto, *menos vulneráveis*, não tem espaço dentro dessas políticas.

Com relação especificamente às *crossdressers*, a idéia de que pertencem às classes mais abastadas faz com que se pense que acessam aos serviços de saúde privados para se hormonizarem, por exemplo. O que pude observar ao longo do meu trabalho de pesquisa é que o serviço privado de saúde não é mais receptivo a processos de *hormonização cruzada* – aplicação de hormônio feminino para homens – que o público e que os poucos médicos que prestam este tipo de assistência costumam cobrar muito caro pelo serviço. Ainda, há de se pesar o desconforto que atinge a todas essas pessoas em relação a como apresentar-se nos serviços de saúde, tanto em termos do não-uso de seu nome social no atendimento prestado quanto no que diz respeito a como os profissionais lidarão com as modificações que produziram em seus corpos. Os serviços de saúde que por vezes estão adequados ao atendimento de transexuais (as MTF¹⁵⁰ geralmente e muito raramente os FTM¹⁵¹) não conseguem também atender adequadamente às *travestis* e *crossdressers* em suas especificidades.

De acordo com Amanda V. Luna de Athayde (2001), no processo de transexualização além da psicoterapia é indicada uma medicação anti-androgênica (inibidores da produção de hormônios masculinos) e estrogênica (via ingestão de hormônios femininos). O objetivo desta terapia hormonal é a adequação dos caracteres sexuais secundários. No caso das *crossdressers*, e também das *travestis*, um

¹⁵⁰ *Male-to-Female* ou *de homem para mulher*.

¹⁵¹ *Female-to-Male* ou *de mulher para homem*.

dos pontos problemáticos sublinhados quando discutem este tipo de hormonização é o fato de que uma das consequências de se tomar anti-androgênicos é a perda da possibilidade de se ter ereção.

Ao contrário do que se pode supor, no caso das *crossdressers*, não ocorre uma procura por médicos quando se decide iniciar um processo de hormonização e nem acontece o acompanhamento deste processo uma vez iniciado. Mesmo em casos em que há acesso, a indicação do uso de anti-androgênicos e a possibilidade de perda da *potência sexual* afasta *crossdressers* e *travestis* do acompanhamento. Assim, é possível questionar a idéia de que as *travestis* não procuram serviços de saúde por pertencerem às classes populares ou *não terem dinheiro* para isso. No caso das *cds*, que *tem dinheiro para isso*, a procura por médicos também é restrita. Uma justificativa é a de que muitos médicos se negam a fazer este tipo de hormonização, por conta do preconceito. Outra é a de que os poucos médicos que fazem este tipo de terapia, normalmente consideram as demandas mais comuns entre *transexuais*, para as quais existem protocolos de hormonização. Como as *travestis* e as *crossdressers* não buscam *tornar-se mulheres* ao final do processo, o que os médicos oferecem não é o adequado para essas pessoas, que acabam optando pelas receitas que deram certo com *as amigas*, o que as torna susceptíveis a problemas de saúde que se afastam de suas experiência de classe.

As *crossdressers* não se reconhecem, em grande medida, assim como não são reconhecidas como parte do movimento LGBT e, nesse contexto, permanecem em certa medida distantes desse modo de ser organizar e demandar direitos. Mesmo entre os reconhecidos como sujeitos de direitos a partir do movimento, há hierarquias e relações de poder que impactam o espaço de vocalização de demandas e acesso a direitos. Ocorre que, nos últimos anos, *transexuais*, como sujeitos políticos, têm se aproximado estrategicamente do discurso médico de patologização de sua condição para obter acesso a mudanças corporais e, indiretamente, o reconhecimento jurídico de sua identidade de gênero. Parte de suas conquistas, como a aprovação das cirurgias de transgenitalização em caráter experimental e, posteriormente, para a realização em qualquer serviço habilitado, teve como protagonistas os próprios profissionais que realizam tais procedimentos. Se esse processo garante ganhos para pessoas que ocupam lugares deslegitimados socialmente, cria também um campo de *excluídos*.

Como se pode perceber, as *crossdressers* – assim como os transexuais FTM (que não necessariamente desejam a realização de neofaloplastia¹⁵² apesar de desejarem intervenções como hormonioterapia, mastectomia e hysterectomia), além de *travestis*, não se encaixam no discurso médico de adequação do corpo biológico à alma ou à psique. Isso faz com que, para além da classe social à qual pertençam tenhamos de olhar para questões como gênero, geração e para os processos de identificação e diferenciação que constituem sua compreensão de si mesmos a fim de pensar as vulnerabilidades a que estão submetidos e os processos de agenciamento que podem produzir individual ou coletivamente.

Por outro lado, se neste capítulo tratamos de questões que envolvem o estigma e o manejo de convenções sociais que podem colocar em risco o bem-estar do *sapo*, é preciso levar em conta que a ambiguidade inerente à prática do *crossdressing* não corresponde a um código inteligível que consiga dialogar com as práticas de vocalização de demandas políticas no espaço público ou com as práticas utilizadas para a reivindicação de direitos. O próprio processo de monopolização das discussões acerca do que é *se vestir de mulher* por travestis e transexuais, relatado no Capítulo 2, aponta também para o fato de que os arranjos produzidos pelas *crossdressers* para viver sua prática implicam em um nível de ambiguidade que os torna descompassados e até mesmo incompatíveis no que tange ao reconhecimento de suas demandas de saúde pelo discurso médico-psiquiátrico, ou no que diz respeito à produção de sujeitos políticos, à elaboração de demandas dos movimentos sociais na forma em que se dão em um contexto marcado por políticas focalizadas.

Ao mesmo tempo em que as *crossdressers* compartilham com as *travestis* o fato de estarem em classificações que não mobilizam a atenção médica no sentido de prover o suporte às mudanças corporais desejadas, suas estratégias para viver seus desejos, fazendo com que a *princesa* se apóie no *sapo*, não permitem o estabelecimento de uma identidade que possa ser afirmada de modo visível e inequívoco no espaço público. Daí que, no próprio espaço que criaram para vivenciar esses desejos – o BCC – sejam excluídas das discussões sobre *transgeneridade* sob a acusação de serem *enrustidas*. Isso talvez aponte para os limites colocados para formas de gerenciar desejos, riscos e estigmas por meio de estratégias que simultaneamente envolvem a adesão e a recusa de convenções sociais legítimas, sem,

¹⁵² *Neofaloplastia* é o nome dado à cirurgia de construção de um pênis em uma pessoa que foi assignada como do sexo feminino ao nascer.

por outro lado, se inserir nas formas estabelecidas fazer políticas de enfrentamento dessas convenções.

Considerações finais

O objetivo central deste trabalho foi compreender como se dão as negociações sociais empreendidas por homens que *se vestem de mulher* acerca de seu *crossdressing* em diversas instâncias de suas vidas. Nesse contexto, a idéia que acompanhou o trabalho de pesquisa e a confecção deste texto pautou-se por compreender como as pessoas que foram interlocutoras de minha pesquisa interpretam e significam a prática do *crossdressing* e a negociam em suas relações sociais, tanto para dentro do grupo pesquisado quanto para fora.

Busquei entender, também, como as pessoas pesquisadas mobilizam aspectos de sua vida *montada* e *desmontada* na prática do *crossdressing*, e como negociam em suas vidas, nas diversas inserções que tenham, a efetivação do desejo de *se montar*. Assim, empreendi uma pesquisa que se pautou na observação etnográfica, complementada por algumas entrevistas que realizei com *crossdressers* e *S/O's*.

Dadas as características do grupo estudado, optei por iniciar a apresentação dos dados coletados através da proposta de análise de uma situação social (Gluckman, 1987, Mitchell, 1959). A situação apresentada foi um evento do Brazilian Crossdresser Club (BCC), chamado *Olim...Piadas*. Assim como em outros eventos do clube, este desenvolveu-se ao longo de um final de semana, em uma pousada que foi fechada exclusivamente para sua realização. Foi possível, a partir da descrição deste evento, remontar a diversas situações e falas que revelam modos específicos não apenas da sociabilidade e do funcionamento do clube, mas também da prática de *crossdressing* das interlocutoras de meu trabalho.

Ao longo da descrição das situações sociais apresentadas, tornou-se possível perceber que as relações de afinidade/confílio entre as associadas do BCC apontaram para outros pertencimentos das pessoas pesquisadas, como os de classe, gênero, geração, a forma como gerenciam seu *crossdressing* quanto à suas relações familiares e de trabalho, entre outros. De certo modo, questões como manejo do estigma, negociações do segredo, e a construção de pessoa articulada a certas convenções de gênero, nortearam a análise e perpassaram toda a escrita deste texto.

Para tentar entender como essas questões permeiam as relações intra-grupo, passei a pensar na caracterização de práticas ou identidades que se encontram na fronteira do *crossdressing* como definido de forma mais específica no contexto do

BCC, incluindo aí possibilidades de trânsitos identitários e/ou de práticas que estão abertas, ou mesmo se confundem, com o *crossdressing*. Assim, busquei articular as categorias de legitimação e/ou acusação que são acionadas pelas interlocutoras de meu trabalho para falar sobre o que fazem e sobre o que tornam algumas formas de praticar *crossdressing* mais válidas que outras.

Como essas questões não podem ser entendidas fora dos usos dos espaços que fazem quando *se montam* e das negociações sociais que são inerentes a esta experiência de *sair montada*, busquei analisar também os usos que as *cds* pesquisadas fazem de espaços em que podem ir *en femme* de forma *segura*. O primeiro desses lugares é o próprio BCC, um espaço que possibilita a homens praticantes de *crossdressing* viverem seu desejo de *vestir-se de mulher*, e conhecer outras pessoas que compartilhem desse mesmo desejo. Também apresentei outros lugares a que costumam ir *montadas*. De certo modo, ao pensar no lugar e importância desses espaços para as pessoas pesquisadas, busquei me afastar de certo debate sobre público *versus* privado, uma vez que os locais que escolhem para sair à rua montadas também podem ser vistos como uma espécie de zona de segurança, ou continuidade da casa. Assim, as *crossdressers* pesquisadas costumam frequentar lugares em que corram pouco ou nenhum risco de encontrarem pessoas que fazem parte das suas vidas de *sapo* e que não sabem ou não podem saber que eles *se vestem de mulher*.

É possível pensar nos espaços de que as *crossdressers* pesquisadas fazem uso como que semelhantes ao que Park (1967) chamava de *zona moral*, lugares frequentados por aqueles indivíduos que compartilham de certo *código moral divergente*. Para tanto, escolhem locais que são espaços tradicionais da sociabilidade estabelecida na margem (Perlongher, 1993). Isso não quer dizer que exatamente se misturam à cena. O uso que fazem desses lugares é diferente do daqueles/as frequentadores/as habituais. Diferenciam-se inclusive através dos lugares em que mais frequentam: estão muito mais nos restaurantes tradicionais, tidos como *de nível*, que nos bares e clubes da região, conhecidos pela presença de pessoas tidas como de menor poder aquisitivo. O pertencimento de classe delas evidencia-se também nas diversas formas com que se afastam da associação com as *travestis* que *fazem programa*, o que vai da apropriação de certo discursos médico-psiquiátricos para falar de si ou sobre o que fazem, passando pelo investimento financeiro no *crossdressing* e pela constância das idas a *bons lugares*.

Depois, apresento uma negociação importante apontada pelas interlocutoras deste trabalho, que fala da relação do *eu montada* com o *eu desmontado*. Esta relação traz importantes elementos para entender como funcionam as dinâmicas de construção subjetivas relacionadas ao fato de se *vestirem de mulher*. Ao mesmo tempo, também apontam para o fato de que esta é uma dinâmica que extrapola os limites do individual, refletindo formas complexas de negociação entre masculinidades e feminilidades e de modos de ser/estar no mundo. Essa negociação constante entre os lados *sapo* e *princesa* também aponta para elementos que estão presentes em outras instâncias de suas vidas sociais, como suas vivências erótico-afetivas, suas sexualidades e suas relações de amizade e familiares. Esta relação aponta para dois caminhos analíticos: a relação e subsequente negociação que se dá no nível da construção da subjetividade desses homens, a qual implica em modos particulares da construção das suas noções de pessoa; e, por outro lado, as formas como essa construção de si impacta significativamente as diversas relações sociais que estabelecem em suas vidas, dentro de uma perspectiva que implica a negociação entre o que é/deve ser público e/ou privado dentro dessas práticas e as consequências e/ou limites da publicização ou não desta experiência de *se montar*.

Na construção de si realizada pelas *crossdressers*, são acionadas diversas convenções sobre classe e geração. Assim, a *mulher de verdade* é a mais jovem, e as roupas que usam também tem que ter *glamour*. A idéia de *se montar* raramente passa pela idéia de ser uma *mulher básica*, a não ser nos momentos em que desejem *se montar e passar batido* ao ir à rua.

Para as *crossdressers* que pesquisei há, ainda, um *eu* que gestiona seus lados *desmontado* (*sapo*) e *montada* (*princesa*). É este *eu*, inclusive, que preside a existência desses dois lados. Esta estratégia de cindir um *eu* em dois lados pode ser interpretada dentro do escopo da negociação e da necessidade do segredo. Isso porque parece ser uma maneira de administrar toda a necessidade do segredo, a qual possibilita a esses homens viver uma experiência que lhes é importante de forma menos arriscada e com menos chance de perdas em suas vidas cotidianas, já que seriam duas pessoas, em uma, que levariam vidas apartes. A forma como gerenciam essa questão tende a produzir o que pode ser visto como uma *vida dupla*. Talvez por esta razão, a sociabilidade das pessoas pesquisadas quando *en femme* mantém-se dentro dos limites da sociabilidade *montada* e são poucas as *crossdressers* que têm amigas *do meio* que passam a ser amigos também na *vida real*.

É comum ressaltarem que o *crossdressing* é apenas uma *brincadeira*, que só fazem de vez em quando e se quiserem, e que, nesse sentido, não atrapalha suas vidas *desmontados*. O que ocorre é que, para dar vida à *princesa*, alguns sacrifícios são requeridos. A sociabilidade das *crossdressers* dificilmente continuou a mesma antes e depois de passarem a sair *montadas* na rua. Os lugares de frequência mudaram, assim como a periodicidade com que se *montam*, que aumentou significativamente. Nesse contexto, muitas *crossdressers* passaram a se relacionar mais com outras *cds* do que com amigos de antes desta *fase mais intensa de se montar*. De qualquer modo, há de se considerar as idéias de *urge* e *purge* que são sempre mencionadas, e se referem, respectivamente, a períodos de intensificação ou diminuição (implicando mesmo em abandono temporário) no desejo de *se montar*.

Assim, discuti também a importância da experiência de sair na rua *vestida de mulher*, algo narrado pelas pessoas que pesquisei como central *para a vivência de seus crossdressings*, ao mesmo tempo em que é algo que pode ter implicações sobre suas vidas pessoais e a das pessoas com que se relacionam, caso sejam *descobertos*. Esta negociação continua, em certa medida, dialogando com a possibilidade de comprometimento da vida social através da revelação do segredo de que *se montam*. O jogo entre se arriscar vestir-se de mulher e a euforia que isso causa está sempre dialogando com o risco de perder a respeitabilidade que o *sapo* construiu para si.

A experiência de mostrar-se em público *montada* é relatada como importante, mas funciona, ao mesmo tempo, como uma *experiência controlada*, para que se evite uma exposição indesejada. Nesse sentido, falar sobre esta questão implica em compreender que há uma administração do risco em relação a *sair montada*, assim como uma negociação para tentar evitar as consequências negativas possíveis de quando essa administração *não dá certo*.

Há várias relações a serem preservadas do impacto de uma revelação desastrosa de que *se montam*. Relações com a família, os amigos e a vida profissional devem ser preservadas. Até porque, essas relações são delicadas e estão sempre sob risco de rompimento caso o *crossdressing* seja descoberto. O rompimento dessas relações é visto como indesejável, pois implica em perdas afetivas, de *status* e econômicas. Abordei também a relação que estabelecem com as S/O's e aquelas que constituem no interior da sociabilidade do grupo. Nessas relações é possível perceber que há certos atributos e comportamentos que são ou não aceitos e desejáveis na relação com pessoas *que sabem que se montam*. Esses atributos norteiam as

afinidades intra-grupo e, de certo modo, o afastamento de certos modos de praticar *crossdressing* tido como menos legítimos ou a associação entre *crossdressing* e homossexualidade. Tratei também das idéias de *adrenalina* e de *risco* imbricadas nas exposições na rua ou em jornais, revistas ou televisão empreendidas pelas interlocutoras de meu trabalho. Essa administração do segredo, conforme apontei, diz respeito também às formas como acessam ou não os serviços de saúde em virtude da vergonha ou medo da discriminação – sobretudo para aquelas que transformam seus corpos – e dos riscos inerentes ao não-acesso a este tipo de cuidado.

Assim, conforme apontei anteriormente, foi necessário pensar em minha pesquisa a partir das noções de desvio, manejo do estigma e negociações do segredo e os impactos dessas questões no grupo pesquisado. Se a idéia de desvio parte sempre de uma acusação, aqui não se trata de entender esses indivíduos como pessoas que se contrapõem às normas sociais ou vivem à margem delas. Ao contrário, pensar as *crossdressers* e as coisas que fazem desloca a análise para a compreensão de como aqueles tidos como *desviantes* dialogam com as normas.

Há um desejo pelo outro (uma mulher), por tornar-se outro – mesmo que um outro idealizado –, que faz com que estes homens dialoguem com um mundo todo ao qual não pertencem em suas vidas de *sapo*. Esta idéia de dialogar com outro mundo afasta a possível interpretação de que, na verdade, a vida de *sapo* é uma mentira. Para as *crossdressers* pesquisadas ambos os lados, *princesa* e *sapo*, são *reais*. Ao cederem ao desejo de *se montar* e sair à rua *en femme*, as *crossdressers* se unem, mesmo que momentaneamente, a pessoas que lhes são socialmente distantes e que circulam por lugares em que elas provavelmente jamais estariam não fosse a prática de *vestir-se do outro sexo*. Nessa gestão do *eu* dividido entre *sapo* e *princesa*, negociam com desejos que podem parecer antagônicos, mas que também nos fazem questionar sobre o quanto, em certa medida, os escapes da *norma* têm efetivamente o lugar de exceção na vida das pessoas, conforme Perlongher (1987) apontou.

Assim, antes de compreender as *crossdressers* como marginais, é preciso perceber as estratégias e negociações que os mantém em suas vidas *normais*, ao mesmo tempo em que se permitem participar de outros modos de vida tidos como inaceitáveis. Como nos lembra Fry (1987), é preciso pensar sobre os mecanismos sociais que fazem com que os modelos normativos se mantenham ao mesmo tempo em que há espaço para os escapes - que podem ser vistos mesmo como males

necessários -, modelos estes que parecem não serem excludentes e, ao contrário, coexistem na vida social.

Se estigma, nos termos de Goffman (1975) é um atributo dado a um indivíduo ou grupo em processos de diferenciação estabelecidos dentro das relações sociais é preciso reconhecer que, ao mesmo tempo em que ao vestir-se do outro sexo as *crossdressers* se contrapõem a certas convenções sociais, o modo como o fazem também dialoga com essas mesmas normas. Assim, são homens que usam roupas que não são tidas como apropriadas ao seu sexo assignado ao nascer mas, ao mesmo tempo, aquilo que produzem como feminilidade legítima acorda com certo padrão de beleza que circula na vida social. Assim como nas revistas de moda, para as *crossdressers* uma mulher bonita é jovem, usa salto alto, está sempre maquiada e veste roupas de festa.

O desvio, como o estigma, não existe por si só. É necessário que exista uma *acusação* para que se tenha um *desviante* (Becker, 2008). Dentro dessa lógica, uma pessoa que consiga manter seu desvio aparte do conhecimento público, ou sem segredo, não corre o risco de sanções aplicáveis a aqueles que descumprem às normas. É justamente através da idéia de segredo (Simmel, 1906, 1999) que é possível pensar a manutenção de uma *vida dupla*, tão cara às interlocutoras de meu trabalho, mais apropriadamente. Assim, é o segredo que possibilita que se tenha um segundo mundo junto com aquele que se manifesta. Estes dois mundos se influenciam mutuamente e dialogam, o que, no caso das *crossdressers*, aparece muito claramente na forma como gerenciam sua cisão do *eu*.

As *crossdressers* apontam que a noção de desvio precisa ser matizada no que tange a uma idéia de separação entre desvio e norma. Isso porque, indicam que não há um distanciamento das normas pelo fato de levarem uma *vida dupla*. Pelo contrário, a própria manutenção desta duplicidade indica que há aí um diálogo. A *vida dupla* das *crossdressers* indicaria um jogo entre o apreço às convenções sociais (de gênero, sexualidade, geração e classe social) versus a aceitação do descumprimento de algumas delas. Assim, pode-se afirmar que há transgressões que são aceitas, enquanto outras não são e que há algumas piores que outras, o que possivelmente explica uma diferenciação e produção de hierarquias tão grande no interior das sociabilidades estabelecidas intra-grupo. É preciso lembrar, conforme Perlóngher (1987), que não há uma oposição frontal entre normal e desviante. O que há é uma deriva.

A manutenção do segredo e da vida dupla, também demanda das *crossdressers* pesquisadas um flerte constante com as idéias de cálculo, desejo e risco. Isto porque o segredo, que lhes é fundamental e desejável é, também, precário. Seus limites estão sempre sendo testados, seja porque o segredo das *crossdressers* é frágil e sujeito a uma revelação a qualquer descuido, seja porque, para darem vazão completa a seus desejos, precisam arriscar-se. Assim, segredo e risco andam juntos e constituem parte importante da experiência das pessoas pesquisadas.

Conforme disse anteriormente, há um medo constante de se perder a vida respeitável construída como *sapo*, caso a *princesa* seja descoberta. Há um diálogo permanentemente entre a euforia de *vestir-se de mulher* e o risco de perder a respeitabilidade que o *sapo* construiu para si. A construção de legitimidade que um indivíduo precisa empreender ao longo de sua vida é complexa, assim como o é a construção de hierarquias no interior da vida social. Estas construções dependem de um jogo entre fatores complexos que, no caso das *crossdressers*, põem em diálogo coisas que normalmente seriam tidas como que pertencentes a ordens diversas. Assim, misturam elementos frívolos como saias, saltos, maquiagens, etc., com classe, geração, gênero e sexualidade, de modo a produzir indivíduos que brincam com a norma em alguns momentos para dar vida a um desejo e que, também, (re)conhecem o valor dela para a manutenção de certo *status* arduamente alcançado (e posto em risco pela cessão ao desejo de *se montar*) na vida cotidiana.

Referências Bibliográficas

Bibliografia Citada

ALMEIDA, Angélica A. Silva de; ODA, Ana Maria G. R.; DALGALARRONDO, Paulo. O olhar dos psiquiatras brasileiros sobre os fenômenos de transe e possessão. *Rev. psiquiatr. clín.*, São Paulo, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000700006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 nov. 2009.

AGUIÃO, Silvia. "Aqui nem todo mundo é igual". Cor, mestiçagem e Homossexualidade numa Favela do Rio de Janeiro. 2007. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

ARANHA FILHO, Jayme M. Tribos eletrônicas: usos & costumes. In: *Anais do Seminário preparatório sobre aspectos sócio-culturais da internet no Brasil*. Rio de Janeiro: RNP, MCT, 1995.

ATHAYDE, Amanda V. Luna de. Transexualismo masculino. *Arq Bras Endocrinol Metab*, São Paulo, v. 45, n. 4, ago. 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-27302001000400014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 nov. 2009.

BARBOSA, Bruno César. Nômades da Norma: Corpo, gênero e sexualidade em travestis de diferentes gerações. In: *Anais eletrônicos do Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*. UFSC: Florianópolis, 2008. Disponível em <http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST18/Bruno_Cesar_Barbosa_18.pdf>. Acesso em 20 nov. 2009.

BARBOSA DA SILVA, José Fábio. Homossexualismo em São Paulo. In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. *Por uma moral da ambiguidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BECKER, Howard S. *Outsiders*: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENEDETTI, Marcos. *Toda feita*: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BIRMAN, Patricia. Transas e transes: sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros, um sobrevôô. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 13, n. 2, ago. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 15 nov. 2009.

BIRMAN, Patricia. *Fazer estilo criando gêneros*: possessão e diferenças de gênero em terreiros de Umbanda e candomblé no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed. UERJ/RelumeDumará, 1995.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 26, jun. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 nov. 2009.

BULLOUGH, Vern L., BULLOUGH, Bonnie. *Cross Dressing, Sex, and Gender*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1993.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BUTLER, Judith. Desdiagnosticando o gênero. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 nov. 2009.

CAMARGO, Michelle Alcantara. Riot Grrrls em São Paulo: estética corporal na construção identitária. In: *Anais eletrônicos do Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*. UFSC: Florianópolis, 2008. Disponível em <http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST43/Michelle_Alcantara_Camargo_43.pdf>. Acesso em 21 nov. 2009.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Roberta Close e M. Butterfly: transgênero, testemunho e ficção. *Rev. Estud. Fem.*, Rio de Janeiro; Florianópolis, v. 7, n. 1-2, p. 37-52, 1999.

CARDOSO, Fernando Luiz. *O que é orientação sexual*. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Coleção Primeiros Passos, n. 307)

CARDOZO, Fernanda. *Parentescos e parentalidades de travestis em Florianópolis/SC*. Florianópolis, CFH/UFSC, 2006. [Monografia]

CLASTRES, Pierre. O arco e o cesto. In: *A sociedade contra o estado: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 117-143.

CORREA, Mariza. Não se nasce homem. Trabalho apresentado no Encontro "Masculinidades/Feminilidades", nos *Encontros Arrábida 2004*, Portugal, 2004. Disponível em: < <http://www.pagu.unicamp.br/files/pdf/Arrabida.pdf> >. Acesso em 22 out 2009.

CRANE, Diana. Vestuário feminino como resistência não-verbal: fronteiras simbólicas, vestuário alternativo e espaço público. In: *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Ed. Senac, 2006. pp. 197-268.

DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. *Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro*. 2009. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) - PPGAS/Museu Nacional/UFRJ.

ELLIS, Havelock. *A inversão sexual*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas: Movimento homossexual e a produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FRY, Peter. Mediunidade e sexualidade. *Religião e Sociedade*, n. 1, p. 105-123, 1977.

FRY, Peter; MacRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. 2^aed. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos, n. 81)

FRY, Peter. Prefácio. In: PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. pp. 11-15.

FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo*. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo.

FRANÇA, Isadora Lins. Gordos, peludos e 'masculinos': homossexualidade, consumo e produção de identidades em São Paulo. In: *Anais eletrônicos do 33º Encontro Anual da Anpocs* – 2009. Caxambu, 2009a. Disponível em <<http://sec.adtevento.com.br/anpocs/inscricao/resumos/0001/TC1749-1.pdf>>. Acesso em 18 nov. 2009.

FRANÇA, Isadora Lins. Na ponta do pé: quando o black, o samba e o GLS se cruzam em São Paulo. In: DÍAZ-BENITEZ, Maria Elvira; FIGARI, Carlos Eduardo (Org.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: CLAM - Garamond, 2009b. pp. 393-421.

GARBER, Marjorie. *Vested Interests: Cross-Dressing and Cultural Anxiety*. New York/London: Routledge, 1992.

GARCIA, Wilton. *A forma estranha: ensaios sobre cultura e homoerotismo*. São Paulo: Pulsar, 2000.

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e Identidade Social*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GASTALDO, Édison. "O complô da torcida": futebol e performance masculina em bares. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 11, n. 24, dez. 2005. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832005000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 nov. 2009.

GEERTZ, Clifford. "Do ponto de vista dos nativos": a natureza do entendimento antropológico. *O saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEERTZ, Clifford. "Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura". In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 13^a ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GOLDENBERG, Mirian. *A Outra: estudos antropológicos sobre a identidade da amante do homem casado*. 7^a ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GONTIJO, Fabiano. Quem são os "simpatizantes"? Culturas identitárias homossexuais no Brasil urbano. In: *Sexualidade, Gênero e Sociedade*. Boletim do Centro Latino Americano de Sexualidade e Direitos Humanos. v. XI, n. 21, setembro de 2004. Disponível em <<http://www.clam.org.br/pdf/n21.pdf>>. Acesso em 10 fev. 2007.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global Universitária, 1987. pp.227-344.

GREEN, James N. *Além do carnaval*. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

GREGORI, Maria Filomena. Relações de violência e erotismo. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 20, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-8332003000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 nov. 2009.

GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. In: *Antropologia em Primeira Mão*, 24, Ilha de Santa Catarina: PPGAS/UFSC, 1998.

GRUNVALD, Vitor. Dress-code: uma análise da prática *cross-dressing* em contextos brasileiros. In: *Anais da 25ª Reunião Brasileira de Antropologia*, v. 2. Associação Brasileira de Antropologia: Goiânia, 2006.

HARAWAY, Donna. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 22, jun. 2004. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 nov. 2009.

HIRSCHFIELD, Magnus. *Transvestites: The Erotic Drive to Cross-Dress*. New York: Prometeu Books, 1991.

JAYME, Juliana. G. *Travestis, transformistas, drag-queens, transexuais*: personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa.. 2001. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas.

KOGUT, Eliane Chermann. *Crossdressing Masculino: uma Visão Psicanalítica da Sexualidade Crossdresser*. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LAAI, Tatiana de. *Música que vem do coração: emos, identidades, cultura juvenil & sociabilidade digital*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

LACOMBE, Andrea. "Pra homem já tô eu": masculinidades e socialização lésbica em um bar no Rio de Janeiro. 2005. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) - PPGAS/Museu Nacional/UFRJ.

LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

LEITE Jr., Jorge. *Das maravilhas e prodígios sexuais*, São Paulo, Annablume/Fapesp, 2006

LEITE Jr., Jorge. *Nossos corpos também mudam: sexo, gênero e a construção das categorias travesti e transexual no discurso científico*. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

MAGGIE, Yvonne. *Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

McRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

MALUF, SÔNIA WEIDNER. Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 10, n. 1, jan. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 nov. 2009.

MALUF, Sônia Weidner. O dilema de Cênis e Tirésias: corpo, pessoa e as metamorfoses de gênero. In: LAGO, M.; SILVA, A. L. da; RAMOS, T. *Falas de gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1999. p. 261-275.

MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MITCHELL, J. Clyde. *The Kalela dance: aspects of social relationship among urban africans in Northern Rhodesia*. Manchester: Manchester University, 1959.

MOTTA, Flávia M. *Gênero e reciprocidade*. 2002. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas.

MOUTINHO, Laura. Homossexualidade, cor e religiosidade: flerte entre o ‘povo de santo’ no Rio de Janeiro. In: HEILBORN, Maria Luiza et al. (Org.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 273-297.

NANDA, Serena. Hijras: an alternative sex and gender role in India. In: HERDT, Gilbert. *Third sex, third gender: beyond sexual dimorphism in culture and history*. New York: Zone Books, 1993. p. 373-417.

NATIVIDADE, Marcelo. Fofoca e segredo: exercício da sexualidade entre evangélicos homossexuais (versão preliminar). In: *Anais da 25ª Reunião Brasileira de Antropologia*, v. 2. Associação Brasileira de Antropologia: Goiânia, 2006.

NEWTON, Esther. *Mother camp: female impersonators in America*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1979.

OLIVEIRA, Leandro de. *Gestos que pesam: Performance de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares*. 2006. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

PARK, Robert Ezra. A cidade: dugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p.29-72.

PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo: AnnaBlume/Fapesp, 2009.

PELUCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 25, dez. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-8332005000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 nov. 2009.

PELUCIO, Larissa. Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 14, n. 2, set. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 nov. 2009.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. 2^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PERLONGHER, Nestor. Territórios marginais. In: *Saúde Loucura 4: Grupos e Coletivos*. São Paulo: Hucitec, 1993.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira, PEREIRA, Vanessa Andrade, FREITAS, Angélica. Brazilian Crossdresser Club. In: *CyberPsychology & Behavior*. April 2000, 3(2): 287-296.

RAMOS, Fernanda Sansão. Jovens alternativos: herança romântica e consumo na construção de identidade. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense.

RADCLIFFE-BROWN. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Rio e Janeiro: Vozes, 1973.

RUSSO, Jane Araujo. Do desvio ao transtorno: a medicalização da sexualidade na nosografia psiquiátrica contemporânea. In: PISCITELLI, Adriana, GREGORI, Maria Filomena, CARRARA, Sérgio (orgs.). *Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: CLAM/Garamond, 2004. p. 95-114.

SIMMEL, Georg. *O segredo* (Traduzido por Simone Carneiro Maldonado). in Política e Trabalho, nº 15. João Pessoa: UFPB, p. 221-226. 1999. Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/politicaetrabalho/arquivos/artigo_ed_15/15-simmel.html>. Acesso em 22 nov. 2009.

SIMMEL, Georg. "The Sociology of Secrecy and of Secret Societies". *American Journal of Sociology* 11 (1906): 441-498. Disponível em <http://www.brocku.ca/MeadProject/Simmel/Simmel_1906.html>. Acesso em 22 nov. 2009.

SIQUEIRA, Mônica Soares. *Sou senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice*. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Perseu Abramo, 2009.

SÍVORI, Horacio Federico. A identidade homosexual como regime de vida e suas éticas menores. In: 30 Encontro Anual da ANPOCS, 2006, Caxambú. 30 Encontro Anual da Anpocs, 2006.

SPARGO, Tamsin. *Foucault and queer theory*. Icon/Totem Books: USA/UK, 1999.

SPITZER, Robert L.; GIBBON, Miriam; SKODOL, Andrew E.; WILLIAMS, Janet B. W.; FIRST, Michael B. *DSM-IV – Casos Clínicos: Complemento Didático para o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

STOLLER, Robert. *Masculinidade e feminilidade* (apresentações de gênero). Porto Alegre: Artmed, 1993.

VELHO, Gilberto. O estudo do comportamento desviante: a contribuição da Antropologia Social. In: *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. pp.11-28.

VENCATO, Anna Paula. Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros. In: *Cadernos AEL*, v. 10, n. 18/19, 2003, pp. 185-218.

VENCATO, Anna Paula. *Fervendo com as drags*: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da ilha de Santa Catarina. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.

WINTERSTEIN, Claudia Pedro. Relatório Científico Final – FAPESP, 2008 [Mimeo].

ZILLI, Bruno Dallacort. *A perversão domesticada*: Estudo do discurso de legitimação do BDSM na Internet e seu diálogo com a Psiquiatria. 2007. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Bibliografia Consultada

ALVES, Andrea Moraes. *A dama e o cavalheiro*: um estudo. antropologico sobre o envelhecimento, genero e. sociabilidade. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

BAKER, Roger. Introduction. In: *Drag: a history of female impersonation in the performing arts*. New York: New York Un. Press, 1994. pp. 1-19.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo*: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? *Cad. Pagu*, Campinas, n. 21, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-8332003000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 nov. 2009.

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana R. B. "Tá lá o corpo estendido no chão...": a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312006000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 nov. 2009.

ERDMANN, Regina Maria. *Reis e Rainhas do Desterro*. 1981. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.

FRY, Peter. Estética e Política: Relações entre "raça", publicidade e produção da beleza no Brasil. In GOLDENBERG, Mirian (org.) *Nu e Vestido*: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002. pp. 303-326.

GARBER, Marjorie. Sign, co-sign, tangent: crossdressing and cultural anxiety. In: GELDER, K.; THORNTON, S. *The subcultures reader*. London: Routledge, 1997. p. 456-457.

GOLDENBERG, Mirian. Gênero e corpo na cultura brasileira. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 nov. 2009.

HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A Ed., 1997.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. In: *Bagoas*. Natal: UFRN, v1, n.1, jul-dez de 2007. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art07_junqueira.pdf>. Acesso em 15 nov. 2009.

KULICK, Don. *Travesti*: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

LACERDA, Paula. *O Drama Encenado*: assassinatos de gays e travestis na imprensa carioca. 2006. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

LOBERT, Rosemary. *A PalavraMágica Dzi*: uma resposta difícil de se perguntar. 1979. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas.

MARINO, P. R. Travestismo: la contrucción de la identidad de género sexual em algunas comedias norteamericanas. *InTexto*, Porto Alegre, n. 2, p. 6, 1997. Disponível em: <<http://www.intexto.ufrgs.br>>. Acesso em 10 abr. 2000.

MIZRAHI, Mylene. *Figurino funk*: uma etnografia sobre roupa, corpo e dança em uma festa carioca. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MOTTA, Flávia M. *Velha é a vovozinha*: identidade feminina na velhice. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

MOUTINHO, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre "raça", (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 14, n. 1, abr. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 nov. 2009.

NUCCI, Marina Fisher; RUSSO, Jane Araújo. O terceiro sexo revisitado: a homossexualidade no Archives of Sexual Behavior. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, 2009. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 nov. 2009.

PALOMINO, Érika. *Babado forte*: moda, música e noite na virada do século 21. São Paulo: Mandarim, 1999.

SILVA LOPES, Suzana Helena Soares da. Corpo, metamorfose e identidades: de Alan a Elisa Star. In: LEAL, Ondina Fachel (org.). *Corpo e significado*: ensaios de antropologia social. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

SILVA, Hélio. *Travesti*: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

SIQUEIRA PERES, Wiliam. *Subjetividade das Travestis Brasileiras*: Da Vulnerabilidade da Estigmatização à Construção da Cidadania. 2005. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

TEIXEIRA, Flávia do Bonsuccesso. L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser européia e o babado da prostituição. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 31, dez. 2008 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332008000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 nov. 2009.

TURNER, Victor. Social dramas and stories about them. In: MITCHELL, W. J. T. (ed.) *On narrative*. Chicago: University of Chicago Press, 1981. pp. 137-164.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana*. 3^a ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VENCATO, Anna Paula. Desligando o gravador: raça, prestígio e relação centro/periferia nas construções de hierarquias entre drag queens. In: GROSSI, Miriam Pillar, SCHWADE, Elisete. *Política e cotidiano*: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade. Florianópolis: Nova Letra, 2006, pp. 281-296.

VENCATO, Anna Paula. Fora do armário, dentro do closet: o camarim como espaço de transformação. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 24, jun. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 nov. 2009.

VENCATO, Anna Paula. Negociando desejos e fantasias: corpo, gênero, sexualidade e subjetividade em homens que praticam crossdressing. In: DÍAZ-BENITEZ, Maria Elvira; FIGARI, Carlos Eduardo (Org.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: CLAM - Garamond, 2009. pp. 93-117.

Anexos

Anexo I - Regimento Interno do Brazilian Crossdresser Club

Anexo II - Regulamento de Inscrição

Anexo III - Ficha de Inscrição

Anexo IV - Roteiro da peça de teatro “A doce vida de uma cd”

Anexo V – Quadrinhos de associadas sobre a prática de crossdressing

Anexo I - Regimento Interno do Brazilian Crossdresser Club

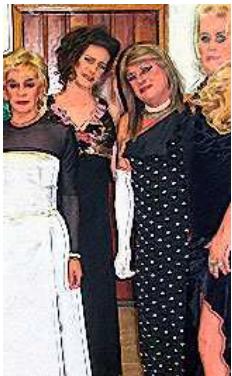


Brazilian Crossdresser Club

11 Anos
1997 - 2008

- Home
- Quem Somos
- Associadas
- Fale com o BCC
-
- Anuidades
- Artigos & Teses
- BCC Regional
- Charges
- Chat do BCC
- Depoimentos
- Editoriais
- Espaço S/O
- Espaço TS
- Eventos
- Fórum CD
- Inscrições
- Jornal Antigo
- Jornal 2007
- Legislação
- Mapa do Site
- Nós na Mídia
- Suporte ao CD

REGIMENTO INTERNO DO BRAZILIAN CROSSDRESSER CLUB



Assim como qualquer outras associação ou clube o BCC também tem o seu Regimento Interno. Clique nas opções abaixo para acessar o conteúdo desejado ou faça o download do Regimento para imprimir e ler na íntegra.

- Da Instituição
- Da eleição e dos poderes da Diretoria
- Dos membros e poderes da C.E.A.
- Do quadro de Associadas
- Dos Grupos de Correios Eletrônicos (Foruns)
- Da manutenção financeira do Clube
- Da divulgação do Clube

DOWNLOAD DO REGIMENTO COMPLETO

[<< Retornar <<](#)

© Brazilian Crossdresser Clube - Todos os direitos de imagem e criação reservados
Webmaster: Deborah Cristina (Debbi)

REGIMENTO INTERNO DO BRAZILIAN CROSSDRESSER CLUB

Capítulo I - DA INSTITUIÇÃO

Seção I - Da Constituição do BCC

O Brazilian Crossdresser Club - BCC é uma instituição sem fins lucrativos.

É um clube exclusivamente virtual (não possui sede física), podendo ser contato somente através de seu sítio eletrônico (site) na Rede Mundial de Computadores (Internet) através do endereço <http://www.bccclub.com.br>, onde estão os endereços de correio eletrônico (email).

Foi constituído em 15 de maio de 1997, data em que o site entrou no ar, por iniciativa de Monique Michele, Deborah Lee, Deborah Cristina (Debbi) e Priscila Queen, conforme consta do relato COMO SURGIU O BCC.

Seção II - Das Finalidades do BCC

Do Clube

O BCC tem por finalidades principais as de esclarecimento e informação ao público e de promover a interatividade, a congregação, a troca de informações e a amizade entre suas associadas, que são homens e mulheres que têm o sonho de ser ou estar como os do sexo oposto, mesmo que isso dure apenas alguns minutos, seja trancado entre quatro paredes ou em público.

Só nos interessa a verdadeira identificação dos associados da categoria REAL, por isso todos usam nomes artísticos femininos ou masculinos, inversos ao seu gênero sexual de nascimento.

Os homens vestem-se de maneira primorosa tal com as mulheres e as mulheres, tal como os homens. Ambos devem cuidar dos menores detalhes e fazendo bonito em público, para que não sejam discriminados por esse seu modo de ser. Por isso, sempre devem se apresentar com postura correta e com primoroso comportamento nos lugares por onde transitam ou que freqüentam.

No BCC também são admitidos simpatizantes desde os mesmos sejam indicados pelas associadas pertencentes à categoria de ASSOCIADAS REAIS.

Através de grupos de correio eletrônico de uso exclusivo, as associadas do BCC poderão conhecer ou trocar correspondências com homens e mulheres que no seu dia a dia agem e pensam como qualquer outra pessoa, mas que de vez em quando gostam de vestir roupas do sexo oposto.

Do site na Internet

Por intermédio da manutenção de site na Internet, o clube pretende manter o público informado sobre O que é ser crossdresser?

Seção III - Das Regionais

Os Grupos Regionais do BCC tem como objetivo a congregação de nossas Associadas em nível estadual.

Para a criação de um Grupo Regional são necessários os seguintes requisitos:

- a) - que pelo menos 2 (duas) associadas da categoria Real se proponham à criação de GR em seus Estados de residência;
- b - que a Diretoria aprove a iniciativa, designando-as como Representantes Regionais do BCC, no respectivo Estado;
- c) - O Grupo Regional deverá ter uma denominação, sendo aconselhável que o mesmo tenha conotação com as características locais;
- d) - Que o GR tenha um List registrado no yahoogrupos.com.br
- e) - Que entre as representantes pela Regional haja uma responsável ("proprietária") do grupo de correio eletrônico coletivo e uma "moderadora"
- f) - Que ao grupo de correio eletrônico só tenham acesso as associadas da categoria Real, residentes no Estado a que se refere o grupo;
- g) - Que os grupos regionais, dentro das possibilidades locais, organizem CDsessions e outros eventos que visem a socialização de suas Associadas;
- h) - Que dentro das possibilidades locais, os grupos regionais recebam e assistam às associadas de outros Estados em visita;
- i) - Que os grupos regionais facilitem o "debut" de Associadas Virtuais e sua promoção à categoria de Reais em consonância com a Diretoria de Contatos Reais;
- j) - Que os grupos regionais tenham logotipo próprio;
- k) - Que, havendo local específico para as atividades do grupo regional, sejam os mesmos de exclusiva responsabilidade civil de suas Mantenedoras.

Cabe às Representantes Regionais, além da organização de eventos locais, também participar como auxiliares na organização de eventos nacionais no Brasil ou no exterior.

Mediante contato pessoal, poderá ser solicitado que as Representantes Regionais verifiquem a real existência de associadas sob as quais hajam dúvidas ou suspeitas

As regionais podem ser constituídas em quaisquer cidades, com a devida autorização da diretoria, que nomeará a representante do clube exclusivamente da categoria de associada real (ver ainda a Seção III do Capítulo II).

As regionais em pleno funcionamento são:

Rio's Ladies

É a versão regional do BCC na cidade do Rio de Janeiro, comandada pela associada Diana Maria Casadana, Jorgete Del Rio e Denise Taynah.

Pampa's Girls

É a versão regional do BCC na cidade de Porto Alegre, comandada pela associada Cláisse Cristina Camps e Silvia Whisper Lips.

Band's Girls

É a versão regional do BCC na cidade de São Paulo, comandada pela associada Paula Andrews, Elisabeth Bardotti e Paola Gabrielli.

Red Feet Ladies

É a versão regional do BCC na cidade de Curitiba, comandada pela associada Maria Antonieta Rodrigues de Mattos.

Candangirls

É a versão regional do BCC na cidade de Brasília, comandada pelas associadas Bárbara Stone e Valéria Zin.

Capítulo II - DA ELEIÇÃO E DOS PODERES DA DIRETORIA

Seção I - Da Eleição, Reunião e Deliberações da Diretoria

Da Eleição

A eleição de qualquer membro da diretoria do BCC será feita por aclamação exclusiva e por consenso das demais diretoras empossadas.

Não há limitação para o número de Diretoras.

As Diretoras devem ser associadas da categoria REAL, podendo haver exceções.

Poderá ser nomeada como Diretoria qualquer associada efetivamente comprometida com as atividades do Clube, a critério da diretoria empossada.

Das Reuniões

A Diretoria reunir-se-á extraordinariamente na forma virtual, por intermédio do CHAT do grupo de correio eletrônico denominado DIRLIST, quando for convocada por qualquer uma das ocupantes do cargo.

A Diretoria também poderá reunir-se parcialmente de corpo presente, quando as deliberações serão levadas ao conhecimento das demais diretoras para análise e deliberação.

Das Deliberações

Quando alguma diretora colocar no "dirlist" um assunto que dependa de manifestação das demais, a secretaria, a partir da colocação e de eventuais comentários, sugestões, críticas, etc, feitas por outras diretoras, formula uma proposta, colocando-a em votação através de e-mail no grupo "dirlist".

O prazo para manifestação das diretoras é de uma semana (7 dias) a contar da data de envio do e-mail da secretaria. A resposta ("replay") deverá ser dada sobre o e-mail original.

Ao final do prazo serão computados os votos recebidos. Não serão computados os votos das diretoras que não se manifestarem no prazo estabelecido.

Havendo empate o voto de Minerva será da diretora-decana, atualmente a Diana Maria.

Uma vez obtido um resultado, a diretora Webmaster colocará o resultado:

- a guisa de arquivamento: no site do BCC, em página a ser criada especialmente para esse fim.
- a guisa de informação às associadas: no informe de atualizações mensais do site.
- o corpo de associadas será também informado por meio do FORUM_BCC, através de e-mail da secretaria ou da diretoria mais adequada a manifestar-se sobre o assunto em pauta.

A informação a ser passada para as associadas - através de e-mail, de publicação ou arquivamento no site - será apenas do resultado final, mantidas reservadas as posições individuais de cada diretora.

Os e-mails que deram corpo a discussão, ao final da mesma e depois de sua votação ficarão arquivados na secretaria e não serão publicados. Apenas diretoras terão acesso a esse material, a título de consulta e pesquisa.

A diretora que precisar ausentar-se por período maior do que uma semana deverá comunicar tal ausência ao restante da diretoria. Igualmente o fará quando de seu retorno.

A diretora que não fizer tal comunicação poderá ser desligada da diretoria, por sugestão de alguma outra diretora, após consulta interna que seguirá o procedimento previsto nos itens anteriores.

Ausência de manifestação em 3 (três) deliberações ensejará desligamento automático da diretora ausente.

Seção II - Dos Poderes da Diretoria

As associadas participantes da Diretoria devem administrá-lo com isenção e dentro dos princípios que norteiam as atividades do Clube, constantes deste Regimento Interno.

Cabe ainda à Diretoria deliberar sobre as diretrizes fundamentais do Clube e organizar os eventos de amplitude nacional.

Da Diretora de Divulgação - Webmaster

Cabe à diretora a manutenção do site no ar e efetuar as atualizações necessárias ao mesmo, de conformidade com o constante do Capítulo VII. e do Capítulo V deste Regimento Interno

Da Diretora Tesoureira

Cabe à diretora a administração financeira de conformidade com o disposto no Capítulo VI deste Regimento Interno e administração de eventos nacionais de acordo com o disposto no Capítulo VII deste Regimento Interno.

Da Diretora Secretária

Cabe a diretora o recebimento e encaminhamento, com seu parecer, de proposições ou consultas de associadas e não associadas que necessitem de deliberação da Diretoria ou da Comissão de Ética e Avaliação.

Da Diretora de Ética e Avaliação

Cabe a diretora coordenar as atividades da Comissão de Ética e Avaliação, de conformidade com o disposto no Capítulo III deste Regimento Interno.

Da Diretora de Contatos Reais

Cabe à diretora fazer contatos e organizar a realização de CD Sessions nas cidades em que esteja visitando, de forma a espalhar a rede de associadas Reais pelo Brasil. Também poderá designar essa tarefa a outras associadas Reais que estejam em viagem pelo Brasil e Exterior. Cabe ainda aprovação das novas associadas reais e a resposta a consultas formuladas por não associadas.

Da Diretora Adjunta

Cabe à diretora, além do seu voto normal nas deliberações, a decisão de Minerva (a Deusa da Sabedoria) nos casos em que haja empate entre as que votaram contra e a favor de determinado assunto em discussão. No caso da ausência ou abstenção desta diretora, o voto de Minerva caberá a Diretora Tesoureira.

O site do BCC tem links para páginas ou sites de suas associadas, conforme pedido expresso das mesmas. Isto não significa que a Diretoria do BCC seja responsável ou co-responsável pelo eventual conteúdo de cunho pornográfico que tenham esses sites de associadas. Deve ficar bem claro que não aprovamos esse tipo de conduta. A associada que tiver em seu site material pornográfico, assim considerado pela Diretoria e/ou pelas Associadas do Clube, deverá retirar esse material, caso contrário, poderá ser expulsa do Clube, depois de ouvida a Comissão de Ética e Avaliação.

Seção III - Das Representantes Regionais

As representantes regionais do BCC devem estar sempre dispostas a ajudar e devem ter o máximo empenho em fazer com que a postulante seja uma nova associada do clube. A postulante deve ler as biografias das representantes de sua região para conhecer o perfil de cada uma. Seria ideal escolher como madrinha uma associada cujo perfil mais se equivalha ao seu ou aquela responsável pelo seu primeiro contato com o BCC.

Cabe às Representantes Regionais deliberarem sobre as diretrizes regionais e organizar os eventos de amplitude regional.

A eleição de qualquer representante regional do BCC será feita por aclamação exclusiva e por consenso das demais diretoras do clube empossadas.

As representantes regionais devem ser associadas da categoria REAL, podendo haver exceções.

Poderá ser nomeada como representante regional qualquer associada efetivamente comprometida com as atividades do Clube.

Existem as seguintes representações regionais:

RIO DE JANEIRO - (Rio's Ladies) - comanda pelas associadas Diana Maria, Jorgete Del Rio, Denise Taynah.

SÃO PAULO - (Band's Girls) - comanda pelas associadas Elisabeth Bardotti, Paola Gabrielli e Paula Andrews

PARANÁ - (Red Feet's Ladies): comandada pelas associadas Susana Rodrigues, Simone Bueno e Maria Antonieta

RIO GRANDE DO SUL - (Pampa's Girls) - comandada pelas associadas Silvia Whisper Lips e Cristina Camps

DISTRITO FEDERAL - (Candangirls) comandada pelas associadas Bárbara Stone e Valéria Zinner

MINAS GERIAS - (Chese Bread's Girls) - comandada pelas associadas Lorena Sioux e Ritinha Volanick

PORTUGAL - comandada pela associada Cláudia Cabral

URUGUAI - comandada pela associada Georgina Perez

Seção IV - Das Assembléias Gerais

As assembléias gerais acontecerão na manhã de domingo por ocasião da realização dos HEF - Holiday En Femme, com a participação das associadas REAIS presentes ao evento, não sendo obrigatória a presença daquelas que optarem pela abstenção.

Capítulo III - DOS MEMBROS E PODERES DA C.E.A. (Comissão de Ética e Avaliação)

Seção I - Dos Membros da Comissão

DOS MEMBROS

Qualquer associada pode candidatar-se como membro da Comissão de Ética e Avaliação - C.E.A..

DA COORDENAÇÃO

A coordenadora da C.E.A. poderá recusar a entrada de novas associadas como membro da comissão se o número de participantes for igual a sete.

DAS DELIBERAÇÕES

As associadas participantes da C.E.A. devem deliberar com isenção e dentro dos princípios que norteiam as atividades do Clube, constantes deste Regimento Interno.

Seção II - Dos Deveres da Comissão

Cabe à C.E.A. - Comissão de Ética e Avaliação:

- Avaliar as novas candidatas ao quadro de associadas, podendo aprovar-las ou reprová-las com base no conteúdo da FICHA DE INSCRIÇÃO.
- Avaliar e julgar as pendências ou litígios entre Associadas.
- Avaliar o conteúdo do site do BCC e do de Associadas, podendo solicitar a retirada de material que considere inoportuno; depois da avaliação também deve ser ouvida a Diretoria, que tomará as medidas finais necessárias.
- Julgar as denúncias de associadas sobre a quebra de Ética por outras associadas, depois de ouvida a Diretoria.
- Deliberar pela eventual atribuição de penalidades às associadas ou pela eventual readmissão das mesmas, quando também será ouvida a Diretoria.

Seção III - Da Avaliação de Novas Associadas

As pretendentes ao quadro associativo do BCC devem estar conscientes de que o clube não tem finalidades sexuais e que não admite as bebidas alcoólicas em excesso e as drogas.

As biografias das associadas não devem conter particularidades de sua vida sexual ou detalhes sobre as preferências sexuais da mesma.

Os sites das associadas, que os mantenham, não devem expor pornografia e convites ao sexo.

Seção IV - Do Julgamento dos Litígios e das Afrontas à Ética

DOS LITÍGIOS

Nos casos de litígios entre associadas, incluindo ofensas, antes mesmo do pronunciamento da C.E.A., caberá a diretora secretária, mediante mensagem particular ou coletiva, tentar apaziguar e controlar os ânimos de forma que não seja necessária a participação da C.E.A..

Se as associadas não se contiverem, poderão ser imediatamente desligadas dos grupos de correio eletrônico de que participem, até que a C.E.A. decida qual a penalidade será aplicada.

DAS AFRONTAS À ÉTICA

A associada que tiver em seu site material pornográfico, assim considerado pela Diretoria e/ou pelas Associadas do Clube, deverá retirar de seu site esse material, caso contrário, poderá ser expulsa do Clube, depois de ouvida a Comissão de Ética e Avaliação.

A C.E.A. decidirá sobre outros casos de afronta à ética que mereçam avaliação.

DA SINDICÂNCIA

Para abrir um sindicância sobre infrações ao código de ética necessito somente de:

- 1) - DENÚNCIA - Que pode ser efetuada por qualquer Associada ou Diretora

- 2) - OBJETO - Explicitar a infração cometida pela Acusada
- 3) - COMPROBATÓRIO - A(s) prova(s) que consubstancia(m) a denúncia (uma ou mais)

Recebida a denúncia, a Coordenadora, instrui o processo de sindicância e o submete aos membros da Comissão de Ética, que deverão definir em voto, da constatação da infração ou não.

Apurada ou não a existência de infração, a Coordenadora encaminha o resultado à Diretoria, a quem cabe a decisão final.

No caso da Comissão de Ética entender que houve a existência ou não da infração, a Diretoria tem o pleno poder de aceitar ou não o referido parecer.

Seção V - Das Penalidades

A C.E.A. poderá deliberar pela aplicação de penalidades às associadas faltosas com advertência, suspensão ou expulsão.

DA ADVERTÊNCIA

No caso de irregularidades primárias, ou seja, aquelas cometidas pela primeira vez, a associada poderá ser advertida por mensagem particular ou através dos grupos de correio eletrônico.

DA SUSPENSÃO

No caso de reincidência, a associada poderá ser suspensa dos grupos de correio eletrônico de que participa por tempo determinado, a critério da Diretoria do Clube.

Entende-se por reincidência a prática de qualquer ato desabonador, mesmo que não seja igual ou semelhante ao ulterior praticado.

DA EXPULSÃO

No caso de nova reincidência ou de prática de falta grave, a critério da C.E.A. ou da Diretoria, a praticante poderá ser expulsa do quadro associativo do BCC.

Capítulo IV - DO QUADRO DE ASSOCIADAS

Seção I - Da Admissão

Serão admitidas no quadro associativo somente aquelas pessoas que preencham as condições constantes do Capítulo I deste Regimento Interno, relativo às finalidades do clube, e da Seção VI deste Capítulo.

Seção II - Das Associadas Virtuais

ASSOCIADAS VIRTUAIS são aquelas não conhecidas pessoalmente por pelo menos uma associada que esteja na condição de ASSOCIADA REAL.

Diz-se que as associadas virtuais cruzaram o PORTAL 1 ao ingressarem no clube.

Seção III - Das Associadas Reais

Subseção I - Caracterização

ASSOCIADA REAL é aquela conhecida PESSOALMENTE por uma ou mais associadas do BCC e que tenha sido vista MONTADA, ou seja, devidamente produzida como uma mulher, quando do sexo masculino, ou como um homem, quando do sexo feminino.

O contato pessoal exclusivamente com a indumentária do sexo genético não coloca a associada na categoria de REAL.

Diz-se também que as associadas reais cruzaram o PORTAL 2.

Toda associada virtual ao passar à categoria de REAL deve identificar-se às demais com apresentação de sua carteira de identidade e com outros dados pessoais que forem solicitados.

Subseção II - Condições Mínimas para Passagem à Categoria de Associada Real

A candidata deverá dispor para a ocasião de roupas, calçados e assessórios próprios.

O evento deverá ser documentado com fotos, bem como um breve relato feito pela Real que está atestando o fato, e enviados à Diretoria de Contatos Reais para o endereço: consultora@bccclub.com.br

As fotos deverão ser de corpo inteiro e com o rosto à mostra, sendo que serão descartadas imediatamente após a constatação e aprovação pela Diretoria de Contatos Reais.

À Diretoria de Contatos Reais fica reservado o direito de solicitar nova reunião de apresentação, caso ache necessário.

A candidata ao Portal 2 somente será considerada Real, após a aprovação da Diretoria de Contatos Reais e consequente expedição do Diploma Real e acesso ao grupo de correio eletrônico denominado BCC_Real.

Seção IV - Das Associadas Ativas

ASSOCIADAS ATIVAS são aquelas que possuem um endereço de email ATIVO para o qual possa ser remetido periodicamente um Boletim Informativo do BCC ou email de confirmação.

Ter o endereço de email ativo é obrigatório, mas não é obrigatória a participação nos grupos de correio eletrônico coletivo.

Se depois de sua associação ao clube a sócia excluir-se do grupo de correio eletrônico denominado FORUM_BCC, deverá manter seu email (endereço eletrônico) sempre atualizado para que possa continuar como associada ATIVA.

Periodicamente a webmaster remeterá um email de confirmação (Boletim do BCC). Caso este volte em razão do endereço estar incorreto ou inexistente a associada será transferida para o quadro de INATIVA.

Seção V - Das Associadas Inativas

ASSOCIADAS INATIVAS são aquelas que por algum motivo não tenham uma caixa postal ou que não efetuaram o pagamento da taxa de inscrição ou da taxa de manutenção da inscrição, quando essa passar a ser cobrada.

A critério da Comissão de Ética e de Avaliação, a associada sem endereço eletrônico (email) poderá ser eliminada do quadro associativo Clube, quando sua biografia e demais dados serão automaticamente retirados do site.

As associadas inativas poderão retornar a condição de ativas quando informarem a webmaster o seu novo endereço eletrônico (email) e efetuarem o pagamento da taxa de manutenção, quando esta passar a ser cobrada.

Seção VI - Condições Mínimas para Inscrição como Associada

A candidata ao quadro associativo deve ser maior de 18 anos e não estar na categoria civil de interdita ou incapaz.

Não há necessidade de comprovação, porém, a associada fica desde já totalmente responsável civil e criminalmente pelas consequências do não cumprimento desta determinação.

A associada deve conhecer detalhadamente as finalidades do clube e as restrições constantes do Capítulo I deste Regimento Interno.

A Ficha de Inscrição da requerente será avaliada por uma COMISSÃO DE ÉTICA E DE AVALIAÇÃO, de conformidade com o disposto no Capítulo III deste Regimento Interno, podendo ser aprovada ou não a critério da citada comissão.

A inscrição pode levar até 40 dias para ser efetivada. Essa efetivação acontecerá nos primeiros dias do mês seguinte, exceto nos casos das candidatas inscritas depois do dia 25, as quais devem esperar os 40 dias mencionados.

Nos primeiros dias de cada mês, será remetido à associada um convite para participação no nosso grupo de correio eletrônico no YAHOO GRUPOS. Esse convite expira em 7 dias. Caso isso aconteça, o novo convite só será expedido nos primeiros dias do mês seguinte e somente se for solicitado pela associada, que deve remeter email à webmaster.

Seção VII - Da Identificação das Associadas

Para associar-se ao BCC, a candidata deve adotar um nome feminino (se do sexo masculino) ou um nome masculino (se do sexo feminino) para ocultar sua verdadeira identidade, no sentido de evitar que pessoas inescrupulosas tentem prejudicá-la na sua vida cotidiana.

A candidata não deve ser homônima de outra já cadastrada. Por isso, antes de preencher a ficha de inscrição, deve consultar o quadro de associadas por ordem alfabética.

Seção VIII - Do Endereço das Associadas

A candidata ao quadro de associadas do BCC deve possuir obrigatoriamente um endereço eletrônico na Internet com o nome adotado, por extenso ou abreviado.

A CEA - Comissão de Ética e Avaliação, assim como a Webmaster poderá recusar o endereço caso o provedor de email (correio eletrônico) não fornecer espaço considerado

suficiente para participação de nossos grupos de correio eletrônico. O espaço mínimo necessário será de 10Mb.

Seção IX - Da Autobiografia

A associada e a candidata ao quadro associativo deve escrever uma Autobiografia do seu lado feminino com no máximo 30 linhas e o mínimo de 10 linhas.

Na Biografia a associada ou candidata deve contar a sua história (como tudo começou, a evolução, questionamentos e o atual estágio do seu "crossdressing", etc), deixando que seu lado feminino se expresse, mostrando sua feminilidade por inteiro, mas, deixando de lado as particularidades de sua intimidade sexual.

Antes de começar a escrever sua Autobiografia, a associada ou candidata deve ler no site do BCC os escritos de outras sócias mais antigas, lembrando que a Autobiografia será seu cartão de apresentação às demais associadas. Assim sendo, não deve apelar à pornografia ou a convites para atividades sexuais.

Seção X - Da Conduta da Associada

O BCC não aceita o preconceito e a discriminação, sejam eles de ordem religiosa, política, étnica, de opção sexual ou qualquer forma de segregacionismo.

O Clube também não aceita os usuários de tóxicos (drogas) e as pessoas que abusem das bebidas alcoólicas a ponto de se comportarem de forma desagradável.

As pessoas que buscam por sexo (virtual ou não) e por pornografia, não são bem-vindas em nosso meio. Sendo assim, a associada não deve fazer do clube um instrumento de oferta ou procura de sexo profissional ou mesmo esporádico, nem tentar esse tipo de relacionamento com as demais associadas;

A associada deve ser educada e comportar-se adequadamente com as demais associadas e em público, evitando discussões ou brigas e atos desordeiros e de vandalismo.

A associada deve estar totalmente comprometida com o sigilo. Ou seja, deve manter sigilo sobre sua verdadeira identidade, quando VIRTUAL, e das demais associadas do Clube, caso conheça. Também deve manter sigilo do que venha saber sobre vida profissional e/ou familiar das demais associadas.

A associada não deve denegrir o nome e a imagem do BCC com atos e dizeres comprometedores ou atitudes e palavras desabonadoras.

É aconselhável que a associada não divulgue a existência do BCC a familiares e amigos, principalmente se estes não aprovam a sua condição de crossdresser ou demonstrem qualquer tipo de preconceito ou discriminação.

Seção XI - dos Direitos das Associadas

ASSOCIADA VIRTUAL - quando aprovada para pertencer ao quadro associativo do BCC, a pretendente receberá um e-mail de boas vindas e será então incluída no grupo de discussões (Fórum BCC), de acesso exclusivo das associadas. Também poderá utilizar o CHAT DO BCC, que é aberto ao público de modo geral. E também poderá utilizar o chat fechado, onde só participam associadas.

ASSOCIADA REAL - Depois de se tornar conhecida pessoalmente por uma ou mais associadas do BCC, que já estejam nessa condição de conhecida por outras, a ASSOCIADA VIRTUAL passa para a categoria de REAL, a partir de quando poderá usufruir de outros direitos, como por exemplo participar de CD SESSIONS e do HOLIDAY EN FEMME e dos concursos de MISS BCC.

ASSOCIADA ATIVA - Será considerada Associada Ativa (Virtual ou Real) aquela que mantiver o endereço de email ativo.

ASSOCIADA INATIVA - Será considerada Associada Inativa (Virtual ou Real) aquela que não tiver um endereço de email ativo para receber correspondência do Clube.

Só poderão opinar, em eventuais consultas ao corpo associativo, aquelas que estiverem inscritas no FORUM BCC, porque as consultas serão efetuadas apenas por esse sistema de correio eletrônico coletivo.

Depois de aprovada como associada, a postulante terá direito a uma página no site do BCC contendo a sua biografia (obrigatória), o seu email (endereço eletrônico obrigatório), o seu número de ICQ (opcional), um link para seu site (opcional) e uma foto sua (opcional). No caso dos itens opcionais, basta enviá-los para webmaster@bccclub.com.br solicitando a publicação, observado o disposto no item seguinte.

Serão colocadas na biografia somente fotos autorizadas. Mas lembre-se: utilize exclusivamente o seu endereço feminino de e-mail para enviar seus dados. Fotos recebidas de remetentes não cadastrados serão ignoradas. À webmaster é reservado o direito de apresentar a foto à COMISSÃO DE ÉTICA E DE AVALIAÇÃO caso a considere imprópria para publicação.

Seção XII - Procedimentos para Inscrição das Novas Associadas

O endereço para onde são remetidas automaticamente as fichas de inscrição é cadastro@bccclub.com.br. Para acessá-lo é necessário senha a ser fornecida pela Webmaster

Os procedimentos são:

a) recebida a ficha de inscrição para avaliação, a Coordenadora envia e-mail para a candidata (resposta ou "reply") solicitando confirmação endereço eletrônico. Havendo informações incompletas, conflitantes ou biografia sucintas, a Coordenadora orienta a candidata. Em seguida, registra a Ficha sob o nº 000/200..., arquivando-a na Pasta LISTA, pondo NOME e ESTADO DE ORIGEM. Caso a candidata não tenha endereço YAHOO, solicita que a mesma providencie sua mudança.

b) Havendo na Ficha claras indicações de assuntos pornográficos, convites sexuais e sites pessoais do mesmo gênero, a Coordenadora arquiva a Ficha, não a submetendo à CEA e nem dá resposta à candidata.

c) Recebendo a confirmação do endereço eletrônico a Coordenadora registra a Ficha sob o número de ordem, por exemplo FI 174/2004 MARIA DOS ANZÓIS (SP) e a estoca na Pasta LISTCOMISS.

d) Havendo um número suficiente de Fichas na Pasta LISTCOMISS, a Coordenadora as envia em bloco às Avaliadoras que compõe o endereço listcomiss@yahoo.grupos.com.br para em prazo razoável apresentarem suas avaliações.

- e) Recebendo as avaliações, a Coordenadora as envia para a Pasta VOTOS para posterior apuração.
- f) Efetuada a apuração, a Coordenadora totaliza os resultados e os envia para conhecimento da listcomiss. Nela deverão constar o nº da Ficha, o nome da candidata, o estado de origem e seu endereço eletrônico bem como o resultado com os indicativos de SIM, NÃO e ABSTENÇÕES.
- g) Até a data de 25 de cada mês a Coordenadora envia o resultado final das apurações do mês á WEBMASTER (com cópia para Listcomiss)
- h) Nesta apuração final deverão constar igualmente as promoções à categoria de Reais informadas pela Diretora de Contatos Reais.

Capítulo V - DOS GRUPOS DE CORREIOS ELETRÔNICOS (FORUNS)

Seção I - Da Administração dos Grupos de Correio Eletrônico

Cabe a Diretora de Divulgação - webmaster - a administração das caixas postais do clube e dos grupos de correio eletrônico.

A Diretora de Divulgação poderá efetuar a correção ortográfica e a adaptação de textos transitados nos grupos de correio eletrônico para publicação no site do Clube. Esse trabalho poderá ser efetuado por outras diretoras ou associadas a pedido da webmaster.

Seção II - Dos Grupos de Correio Eletrônico e suas Finalidades

Do DIRLIST - Será de uso exclusivo das dirigentes do Clube

Do LISTCOMISS - Será de uso exclusivo das participantes da CEA - Comissão de Ética e Avaliação.

Do FORUM_BCC - Será de uso exclusivo das associadas virtuais, dele podendo participar também as associadas reais.

Do BCC_REAL - Será de uso exclusivo da Associadas Reais e dos Simpatizantes.

Do ESPAÇO_SO - Será de uso exclusivo das esposas e companheiras de associadas reais.

Seção III - Dos Endereços de Correio Eletrônico

Das Finalidades dos Endereços Eletrônicos

A webmaster poderá solicitar ao provedor, onde está hospedado o site do BCC, caixas postais suplementares para fornecimento às associadas a pedido das mesmas.

Do Fornecimento de Caixas Postais às Associadas

O clube poderá fornecer às associadas caixas postais de uso pessoal com a característica "associada@bccclub.com.br". O fornecimento ser feito mediante o pagamento antecipado de anuidade constante da Seção III do Capítulo VI.

Seção IV - Do Sigilo das Correspondências

Pela Diretoria, Pela CEA - Comissão de Ética e Avaliação e Pelas Associadas

As correspondências recebidas das associadas serão tratadas no mais absoluto sigilo, tanto pela diretoria como pelas demais associadas do clube.

Qualquer divulgação somente será feita com a expressa autorização da remetente.

Capítulo VI - DA MANUTENÇÃO FINANCEIRA DO CLUBE

Seção I - Da Administração Financeira

Cabe a Diretora Tesoureira a administração do caixa do clube, devendo manter as associadas informadas periodicamente do seu saldo e com a relação das verbas entradas e saídas.

A Diretoria Tesoureira também ficará responsável pela administração financeira e logística da produção dos eventos patrocinados pelo clube, podendo indicar outras associadas para auxiliá-la, sem consulta prévia às demais dirigentes.

Seção II - Das Anuidades

Das Associadas Reais

As associadas reais ativas deverão pagar uma anuidade estipulada em assembléia geral a ser realizada durante a realização do evento anual denominado HOLIDAY EN FEMME. Esta anuidade será dividida em duas semestralidades, que serão pagas até o final dos meses de abril e outubro respectivamente.

Só poderão participar de eventos (CD SESSIONS, HOLIDAY EN FEMME, MISS BCC) as associadas que tenham contribuído com pelo menos uma semestralidade.

Das Associadas Virtuais

As associadas virtuais estão dispensadas do pagamento de anuidades, mas poderão contribuir por livre e espontânea vontade.

Seção III - Das Taxas

Da Taxa de Inscrição

O Clube poderá cobrar taxa de inscrição das postulantes ao quadro de associadas.

Da Taxa de Manutenção da Inscrição

Poderá cobrada anualmente a taxa de manutenção da inscrição das associadas que desejarem permanecer no quadro associativo do Clube.

Da Taxa de Fornecimento de Caixas Postais

Pelo fornecimento da caixa postal de correio eletrônico, da associada será cobrada a anuidade de R\$ 25,00 (vinte e cinco) e só poderá ser fornecida uma caixa postal para cada associada.

Seção IV - Das Eventuais Receitas

Das Doações Recebidas

As doações recebidas serão levadas ao conhecimento das associadas do Clube pela Diretoria Tesoureira da mesma forma que a indicada às demais receitas.

Das Receitas com Eventos

As associadas participantes dos eventos deverão efetuar o pagamento de sua parcela diretamente na conta bancária designada pela Diretora Tesoureira.

A incumbida pela administração do evento, caso não seja a própria diretora tesoureira, deverá prestar contas a esta, que fará os lançamentos financeiros e prestará contas às associadas participantes.

Das Demais Receitas

Mensalmente ou em períodos maiores, quando não houver movimentação financeira, a Diretora Tesoureira deverá dar conta de sua gestão às associadas através dos grupos de correio eletrônico.

Seção V - Das Eventuais Despesas

Das Despesas de Manutenção do Site

A webmaster deverá prestar contas das despesas com o site, mesmo que não queira o reembolso das mesmas. Caso não queira o reembolso, o valor pago será lançado como doação ao Clube.

Das Despesas com Eventos

A incumbida da administração do evento, caso não seja a Diretora Tesoureira, deverá prestar contas a esta das despesas eventualmente pagas.

Das Demais Despesas

Da mesma forma estipulada para receitas, a Diretora Tesoureira deverá prestar contas dos pagamentos efetuados.

Capítulo VII - DA DIVULGAÇÃO DO CLUBE

Seção I - Do Sítio Eletrônico (Site)

O site é um espaço dedicado a Crossdressers do Brasil e do exterior, mas, travestis e transexuais também são bem vindos. Também são bem vindas as mulheres que tendem ao lado masculino (FTM) e os simpatizantes indicados por associadas da categoria REAL, a quem devemos agradecer a amizade e a admiração.

No sítio eletrônico do BCC as associadas e o público encontrarão notícias, depoimentos, artigos e teses produzidos por especialistas, informações sobre eventos, fórum para discussões, chat para bate-papo, suporte técnico às crossdressers, indicação de filmes e livros, entre outras informações relevantes.

O site do BCC tem link para as biografias das associadas e também para suas páginas na Internet, conforme pedido expresso das mesmas. Porém, isto não significa que a Diretoria do BCC seja responsável ou co-responsável pelo eventual conteúdo de cunho pornográfico que tenham esses sites de associadas. O BCC deixa bem claro que não aprova esse tipo de conduta.

Por intermédio do site, o BCC divulgará mensalmente um boletim denominado JORNAL CROSDRESSER DO BRASIL em que serão apresentados os principais fatos ocorridos no mês anterior, assim como poderão ser divulgados eventos, entrevistas, charges, fotos, notícias internas e publicadas nos órgãos de imprensa, entre outros fatos ou assuntos interessantes.

Seção II - Da Divulgação nos Meios de Comunicação

A Diretoria do BCC não está autorizada a participar de programas de rádio e televisão ou de entrevistas de jornais e revistas para falar sobre as atividades do clube e sobre suas associadas.

O BCC não aconselha que suas associadas se exponham, participando de programas de rádio e televisão ou dando entrevistas a jornais e revistas tendo em vista o eventual infortúnio ou prejuízo financeiro, intelectual ou profissional que possam sofrer em razão da discriminação e do preconceito que muitas pessoas ainda temem em cultivar e cultuar. O site do BCC já tem as informações suficientes para informação e esclarecimento do público em geral.

Seção III - Dos Poderes da Diretora de Divulgação

A Diretora de Divulgação poderá efetuar a correção ortográfica e a adaptação das biografias das associadas e de textos transitados nos grupos de correio eletrônico para publicação no site do Clube.

A Diretora de Divulgação poderá efetuar publicação de escrito que achar necessários, devendo retirá-los imediatamente, caso não sejam aprovados pela diretoria ou pela CEA - Comissão de Ética e Avaliação.

A Diretora de Divulgação poderá deixar de publicar matérias a pedido de associadas caso as ache inconvenientes. A associada, discordando da não publicação, poderá recorrer a CEA ou a Diretoria.

A Diretora de Divulgação não poderá utilizar-se do site em proveito próprio, nem de terceiros, sem a prévia autorização da Diretoria.

Seção IV - Dos Deveres da Diretora de Divulgação

A Diretora de Divulgação deverá conduzir o site do BCC de conformidade com as finalidades e os princípios contidos neste Regimento Interno.

A Webmaster deve promover mensalmente a atualização do site ou transferir a função para outra associada quando estiver impossibilitada de fazê-lo.

A Webmaster deve fornecer às demais diretoras um arquivo com as diversas identificações e senhas nos diversos dispositivos em que sejam utilizadas.

Anexo II - Regulamento de Inscrição



Leia tudo com muita atenção.

Por enquanto não existe taxa de inscrição para se filiar ao BCC. Das associadas, mediante prévio aviso, poderá ser cobrada uma contribuição nos termos descritos na página “**ANUIDADES**”, que deve ser lida atentamente.

Se você tem os mesmos ideais descritos em **QUEM SOMOS** e deseja estar num clube que procura principalmente a amizade e o congraçamento, siga então as instruções abaixo:

Para se associar ao BCC é necessário preencher alguns quesitos:

1. Possuir um endereço eletrônico feminino. As candidatas que tenham caixa postal do **HOTMAIL, BOL, IG, MSN, ZIPMAIL**, entre outros que oferecem pouco espaço para armazenamento de mensagens, devem providenciar um provedor que ofereça no mínimo 50 Mb de espaço. Aconselhamos o uso do **YAHOO**, que oferece 1 Gb de espaço. **NÃO ACEITAREMOS AS INSCRIÇÕES** de candidatas que usem provedores de pequeno espaço e que tenham nome igual ao de outra já associada. Verifique a relação de associadas por ordem alfabética.
2. Escrever uma Autobiografia do seu lado feminino **com no mínimo 10 linhas e no máximo 30 linhas**. Na Biografia você deve contar a sua história (como tudo começou, a evolução, questionamentos e o atual estágio do seu "crossdressing" etc). Antes de começar a escrever sua Biografia, leia no site do BCC biografias das sócias mais antigas. Da Biografia não deve constar experiências sexuais, nem pornografia ou convites para atividades sexuais.
3. Ler com atenção o Regulamento constante da página a seguir.
4. Preencher a Ficha de Inscrição, que será colocada à sua disposição após a leitura do Regulamento.

IMPORTANTE:

A sua inscrição pode levar até 40 dias para ser efetivada. Essa efetivação acontecerá nos primeiros dias do próximo mês, exceto nos casos das candidatas inscritas depois do dia 25, as quais devem esperar os 40 dias mencionados.

Nos primeiros dias de cada mês, será remetido à associada um convite para participação no nosso grupo de correio eletrônico. Esse convite expira em 7 dias. Caso isso aconteça, o novo convite só será expedido nos primeiros dias do mês seguinte e somente se for solicitado pela associada, que deve remeter email à webmaster.

Periodicamente a webmaster enviará um BOLETIM DO BCC para a caixa postal individual de cada uma das associadas. Se a mensagem voltar em razão da inexistência do endereço eletrônico, a associada será transferida para o quadro de ASSOCIADA INATIVA, podendo ser automaticamente desligada do Clube.

Clique aqui para CONTINUAR



Regulamento

INSCRIÇÃO DE NOVAS ASSOCIADAS

O BCC não aceita o preconceito e a discriminação, sejam eles de ordem religiosa, política, étnica, de opção sexual ou qualquer forma de segregacionismo. Entretanto, **pessoas que buscam por sexo (virtual ou não) e por pornografia, não são bem-vindas em nosso meio.** Também não aceitamos os usuários de tóxicos e as pessoas que abusem das bebidas alcoólicas a ponto de se comportarem de forma desagradável.

Por favor, leia o Regulamento abaixo, antes de solicitar sua filiação:

REGULAMENTO PARA FILIAÇÃO:

DEVERES DAS ASSOCIADAS:

1. Ser maior de 18 anos e não estar na categoria civil de interdita ou incapaz (não há necessidade de comprovação, porém, a associada fica totalmente responsável civil e criminalmente pelas consequências do não cumprimento desta determinação);
2. Não ter qualquer preconceito e não cultuar qualquer tipo de discriminação, mas não pode ser usuária de tóxicos e exagerar do uso de bebidas alcoólicas a ponto de proceder de forma desagradável;
3. Não fazer do clube um instrumento de oferta ou procura de sexo profissional ou mesmo esporádico;
4. Não procurar ou oferecer-se para atividades sexuais (virtuais ou não) com as demais associadas;
5. Ser educada e comportar-se adequadamente com as demais associadas e em público;
6. Ter um endereço de e-mail com nome feminino, para ocultar sua verdadeira identidade, quando será considerada como ASSOCIADA ATIVA. Caso a associada por qualquer motivo perca o seu endereço eletrônico e não comunique a existência de um novo, será automaticamente transferida para a categoria de ASSOCIADA INATIVA;
7. Ter total compromisso com o sigilo, ou seja, manter sigilo sobre sua verdadeira identidade e das demais associadas do Clube, incluindo o que venha saber sobre vida profissional e/ou familiar de cada uma das demais associadas;
8. Não denegrir o nome e a imagem do BCC com atos e dizeres comprometedores ou atitudes e palavras desabonadoras.
9. Não divulgar a existência do BCC a familiares e amigos.
10. Preencher a Ficha de Inscrição e manter o endereço eletrônico sempre ativo para receber periodicamente um Boletim Informativo expedido pelo Clube.

DIREITOS DAS ASSOCIADAS:

1. **ASSOCIADA VIRTUAL** - A Ficha de Inscrição da requerente será avaliada por uma COMISSÃO DE ÉTICA E DE AVALIAÇÃO. Se aprovada, a pretendente receberá um e-mail de boas vindas e será então incluída no grupo de discussões (Fórum BCC), de acesso exclusivo das associadas. Também poderá utilizar o CHAT DO BCC, que é aberto ao público de modo geral.
2. **ASSOCIADA REAL** - Depois de se tornar conhecida pessoalmente por uma ou mais associadas do BCC, que já estejam nessa condição de conhecida por outras, a ASSOCIADA VIRTUAL passa para a categoria de REAL, a partir de quando poderá usufruir de outros direitos, como por exemplo participar de CD SESSIONS e do HOLIDAY EN FEMME e dos concursos de MISS BCC.
3. **ASSOCIADA ATIVA** - Será considerada Associada Ativa (Virtual ou Real) aquela que mantiver o endereço de email ativo.
4. **ASSOCIADA INATIVA** - Será considerada Associada Inativa (Virtual ou Real) aquela que não tiver um endereço de email ativo para receber correspondência do Clube.

5. Só poderão opinar, em eventuais consultas ao corpo de associadas, aquelas que estiverem inscritas no **FORUM BCC**, porque as consultas serão efetuadas apenas por esse sistema de correio eletrônico coletivo.
6. Depois de aprovada como associada, a postulante terá direito a uma página no site do BCC contendo a sua biografia (obrigatória), o seu email (endereço eletrônico obrigatório), o seu número de ICQ (opcional), um link para seu site (opcional) e uma foto sua (opcional). No caso dos itens opcionais, basta enviá-los para webmaster@bccclub.com.br solicitando a publicação, observado o disposto no item seguinte.
7. Serão colocadas na biografia somente fotos autorizadas. Mas lembre-se: utilize seu endereço feminino de e-mail para enviar seus dados. Fotos recebidas de REMETENTES NÃO CADASTRADOS serão ignoradas. À webmaster é reservado o direito de apresentar a foto à COMISSÃO DE ÉTICA E DE AVALIAÇÃO caso a considere imprópria para publicação.

Atenção: Se depois de sua associação ao clube você se excluir do Fórum BCC, deverá manter seu email (endereço eletrônico) sempre atualizado para que possa continuar como associada ATIVA. Mensalmente o webmaster remeterá um email de confirmação (Boletim do BCC). Caso este volte em razão do endereço estar incorreto a associada será transferida para o quadro de INATIVA, podendo, a critério da Comissão de Ética e de Avaliação, ser eliminada do quadro associativo Clube, quando sua biografia e demais dados serão automaticamente retirados do site.

Não publicaremos fotos pornográficas ou links para sites pornográficos!!!

Aceito o Regulamento

Anexo III - Ficha de Inscrição

FICHA DE INSCRIÇÃO BCC**ATENÇÃO !!!!!**

EVITE ERROS DE PORTUGUÊS E CONCORDÂNCIA VERBAL.
PREENCHA A FICHA ABAIXO COM ESMERO, ATENÇÃO E CORAÇÃO.
O BCC RECEBE DE BRAÇOS ABERTOS AS IRMÃS QUE DESEJAM ENCONTRAR SUAS SEMELHANTES E VIVER SEU LADO MULHER. DÊ-NOS MOTIVO PARA ACEITÁ-LA ENTRE NÓS. TENHA CERTEZA QUE REALMENTE O BCC É O LOCAL CERTO PARA VOCÊ.

| | | |
|--|--|--|
| I-DADOS PESSOAIS: | | |
| Nome obrigatório (Utilize um nome feminino completo, com nome e sobrenome) | Apelido | O apelido ajuda diferenciar homônimos |
| Nascimento (dd/mm/aaaa) | Idade | Estado civil obrigatório <input type="checkbox"/> |
| Cidade obrigatório | UF | País obrigatório |
| Site http:// | | |
| e-mail obrigatório | Instrução | Obrigatório <input type="checkbox"/> |
| <p>Para sua segurança, não aceitaremos endereços de e-mail de conta POP3. Utilize uma conta de correio de servidores gratuitos como Hotmail, BRfree, IG, Tutopia, etc. Não se esqueça de criar um endereço de e-mail com nome feminino.</p> | | |
| Idiomas que domina, além do seu idioma nativo: | | |
| Idioma 1 | Idioma 2 | Idioma 3 |
| Profissão | | |
| II-QUESTIONÁRIO: | | |
| a) Você conhece alguma sócia do BCC? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não | | |
| b) Se respondeu sim, indique seu(s) nomes: | | |
| 1) | <input type="radio"/> Virtualmente <input type="radio"/> Pessoalmente | |
| 2) | <input type="radio"/> Virtualmente <input type="radio"/> Pessoalmente | |
| 3) | <input type="radio"/> Virtualmente <input type="radio"/> Pessoalmente | |
| 4) | <input type="radio"/> Virtualmente <input type="radio"/> Pessoalmente | |
| c) Como a conheceu? | | |
| d) Sobre sua transgenerideade, você se considera: Obrigatório <input type="checkbox"/> | | |
| e) Sobre sua sexualidade, você se considera: Obrigatório <input type="checkbox"/> | | |
| f) Existem outras pessoas que conhecem seu lado "crossdresser"? <input type="checkbox"/> Ninguém <input type="checkbox"/> Familiares <input type="checkbox"/> Parentes <input type="checkbox"/> Amigo(a)s | <input type="checkbox"/> Heterossexual <input type="checkbox"/> Homossexual <input type="checkbox"/> Bissexual | |

- Casada
- Desquitada
- Divorciada
- Separada
- Solteira
- Viúva

- 1º grau incompleto
- 1º grau completo
- 2º grau incompleto
- 2º grau completo
- 3º grau incompleto
- 3º grau completo
- Pós Graduação
- Mestrado
- Doutorado

- CD - Crossdresser
- TS - Transexual
- DQ - Drag Queen
- TV - Travesti
- SI - Simpatizante

- g) Já participou de CDsessions com outras CDs? Sim Não
- h) Você acha que as CDsessions têm finalidade de proporcionar encontros sexuais?
 Sim Não
- i) Você participaria de reuniões (CDsessions) promovidas por sócia(o)s ou pelo BCC?
 Sim Não
- j) Você participaria de reuniões com a presença de pessoas que não sejam CDs?
 Sim Não
- k) Porque?

S/O = abreviatura para "Supportive Other", que significa mais ou menos "Oposto que Apóia", ou seja, alguém do sexo oposto que dá suporte, orienta, ajuda comprar roupas e sapatos, ensina truques de maquiagem, etc.

- l) Leia a definição acima e responda: Você tem namorada, noiva, esposa ou simplesmente alguma amiga que você considera como S/O?
 Sim Não
- m) Se a resposta foi sim, sua S/O eventualmente acompanharia você nas CDsessions?
 Sim Não

- n) Explique porque:

- o) Qual é a sua posição quanto à hormonização:

Sou hormonizada Já tentei mas parei
 Pretendo tentar Sou contra

- p) **LEIA COM ATENÇÃO :** Escreva abaixo sua Biografia para ser publicada no site do BCC. A Biografia (**obrigatória**) é fundamental para a sua avaliação pela Diretoria.
Na Biografia você deve contar a sua história (como tudo começou, a evolução, questionamentos e o atual estágio do seu "crossdressing" etc). Deixe seu lado feminino se expressar, mostre sua feminilidade por inteiro. Antes de começar a escrever sua Biografia, leia no site do BCC biografias das sócias mais antigas. Lembre-se, a Biografia será seu cartão de apresentação para as outras associadas, devendo evitar pornografia ou convites para atividades性uais. Evite erros ortográficos ou gramaticais, pois não faremos correções.
Finalmente, **biografias lacônicas não serão aceitas...**

Obrigatório

Anexo IV - Roteiro da peça de teatro “A doce vida de uma cd”

Roteiro da peça de teatro “A doce vida de uma cd”, escrita por Kelly da Silva Neta.

PERSONAGENS

PAI – Kelly
ESPOSA - Maria Luiza
FILHO – Renan
FILHA - Rafaela
MÃE – Candice
CUNHADA – Cris
CUNHADO - Marcio
MAQUIADOR – Velani
AMIGA 1 – Denise

O CENÁRIO

Um sofá, uma mesa pequena para telefone e um aparelho telefônico.

A PEÇA

A peça começa com a Luiza sentada no sofá de casa com uma mala pronta para ir viajar.

O Reinaldo chega do trabalho vestido socialmente, dá um beijo na Luiza e trava o seguinte diálogo com a esposa:

Pai – Oi amor
Esposa – Ola amor !!!!!!
Pai – Aonde você vai?
Esposa - minha irmã ligou de porto alegre e me informou que mamãe não está passando bem.
Pai – o que ela tem?
Esposa – não sei, desde que meu pai faleceu ela não é mais a mesma pessoa, tonturas, mal estar, estas coisas de pessoas de idade
pai – mas o que você vai fazer?
esposa – comprei as passagens e estou indo pra lá
Pai – agora?
esposa – sim

Nisso entram nossos filhos em cena

Filho – diz ai paizão
Filha – fala veio !!!!!!
Pai – meu Deus !!!!!
esposa – meu Deus o que?
Pai – paizão, veio a vida não é mais a mesma

Os filhos fazem aquela cara de babaca e segue o diálogo

Filha – desculpa ai, foi mal.
Filho – pó pai !!!!!
esposa – paizão ou veio a parte, estou indo

Pai – mas hoje é dia do nosso aniversario de casamento
esposa – e daí?
Pai – como e daí? Não é todo dia que se faz 25 anos de casado

Esposa – também não é todo dia que a mãe da gente passa mal
Pai - pois é e quem se fode sou eu
Esposa – pois é fui !!!!!!!! inté amanhã

A luiza da um beijo nos filhos e em mim e sai de cena.

Pai – bem acho que sobrou pra nos Quem vai comemorar comigo meus 25 anos de casado?
Filho – to fora !!!!!!!! vou pra praia com uma galera
Filha – nem hoje vai rolar o maior festão
Pai – e eu?
Filha – tu é maior e vacinado, sabe o que faz
Filho – valeu mana, fui popoio
Filha – valeu veio
Pai – e vocês voltam quando?
Filha – sábado a noite to por aki
Filho – so no domingo

Os dois dão um beijo no pai e saem de cena

Fico sozinho no cenário e faço o seguinte monólogo.

Que merda !!!!!!
Bem, já que é assim
Vamos a luta !!!!!!
Operação desmontar o esconderijo secreto

Pego o telefone

Denise
Já estas em sampa?
Então vem pra casa
Não
Foram todos viajar e so voltam amanhã a noite
Sei lá, vem pra ca depois a gente acha o que fazer

Beleza
Até já

Novamente ao fone

O veia gostosa
Onde você esta?
Beleza
Então sobe aqui em casa pra maquiar a kelly
É rapidinho amor

Ascendo um cigarro e em 1 minuto chega a Velani.

Pai – oi amor
vela – ai safada !!!!!!!
pai – tudo bem amor?
Vela – vamos rápido que tenho um monte de coisa pra fazer ainda

E começa a me maquiar.

Durante a maquiagem ficamos jogando conversa fora.

Vela – cadê a família ?

Pai – conto o ocorrido

Nisso toda a campainha e chega a Denise

Beijos pra la e pra ca e enquanto a Velani acaba minha maquiagem o papo rola

Denise – vamos aonde kelly?

Pai – que tal ao xuxu?

Velani – porque não mudam de lugar?

Denise – e ir aonde?

Pai – sei la vamos por ai

Nisso a velani acaba minha maquiagem

Vela – pronto vagabunda

Pai – espera ai que já volto.....

Saio de cena pra me trocar e a denise com a velani ficam em cena falando sobre o acontecido comigo

Velani – sacanagem que fizeram com a kelly

Denise – o que houve?

Velani – é aniversario de casamento dela e todos saíram

Denise – por isso que ela me ligou

Velani – ela esta triste

Denise – ela não merecia isso por parte da família

Velani – mas é assim mesmo segue a vida

Volto ao palco e

Pai - To bonita?

Vela – bem puta rsrsrsrsrs

Denise – beleza pura vamos?

Pai – so vou pegar a bolsa e vamos

Saio de cena para pegar a bolsa e nisso entra a esposa, filho, filha, cunhado, cunhada, mãe

.....

Esposa – boa noite

Denise e vela – boa noite

Esposa – cadê o reinaldo?

Denise – foi pegar os doctos dele e já vem

Nisso eu entro

Tomo um baita susto e os outros também

Denise – fudeu

Esposa – o que significa isto?

Pai – calma que eu posso explicar

Filho – que massa

Filha – deis

Mãe – isso é um absurdo

Pai – amor não é o que você esta pensando

Esposa – e é o que?

Suspiro fundo e

Pai – bem isso é um feitiche que tenho há alguns anos

Esposa – quantos anos?

Pai – 5, talvez 10, acho que uns 20 na realidade uns 30 sei lá

Esposa – e como nunca percebi?

Pai – porque pago as contas

Esposa – então as pernas depiladas não tem nada haver com natação

Pai – 10 %, talvez 1

Esposa – quero o divorcio

Pai – então quer dizer que você nunca me amou?

Esposa – bela desculpa

Pai – desculpa (ironicamente)

Esposa – lógico que é desculpa

Pai – então você não gosta do reinaldo, você gosta das calças, camisas, cuecas

Esposa – tem graça

Pai – eu sou o que sou, independente da roupa que uso

Cunhado – Meu cunhado é um viado

Pai – Querido deputado federal me de uma parte por favor excelencia

Cunhado – fique a vontade

Pai – porque eu uso saia, sou viado?

Cunhado – lógico

Pai – construir a mansão que você fez as custas do mensalão é correto?

Cunhado – bem

Pai – comprar roupas pra sua senhora com o cartão corporativo esta certo?

Cunhado – não provaram nada

Cunhada – você esta acusando meu marido de ser corrupto?

Pai – querida cunhada e jovem engenheira

Pai – o lalau esta preso né?

Cunhada – lógico

Pai – você não levou nadinha na construção do fórum?

Cunhada – absolutamente nada

Pai – as jóias, os carros foram tudo fruto de trabalho né

Cunhada – ergue o dedo, ameaça responder mas como não tem palavras, se cala

Pai – é querem saber o que mais so me interessa a opnião de minha mãe

Mãe – isto é um absurdo

Nisso o filho saia da sala, levando a Vealni consigo.

Pai – amor eu amo você e podemos ser felizes a tres

Esposa – não sei não

PRIMEIRO VOCE DECIDE

PAI – amor, faço parte de um grupo chamado BCC

Esposa – B o que?

Pai – bcc

Esposa – o que quer dizer isto?

Pai – brazilian crossdresser club

Esposa – é o que faz este grupo

Pai – explica

Esposa – legal
Pai – inclusive a Denise que esta aqui faz umas dublagens maravilhosas
Esposa – duvido
Pai – denise, mostra pra ela

DENISE CANTA

Nisso entra na cena o filho montado de renata

FILHO – oi kelly
Pai – como você sabe meu nome?
Filho – faço parte do bcc e sou virtual. Como sei que você é a presidente do grupo, não podia sair do armário.
Esposa –jesus !!!!!!!
Mãe – mais um absurdo
Filha – carai, tenho duas mães e ganhei uma irmã
Cunhado – vamos embora amor? (dirigindo-se a cris)
Cunhada – nem pensar
Cunhado – como não?
Cunhada – a lu é minha irmã e se ela aceita por mim ta tudo bem
Cunhado – mas amor
Cunhada – vamos conversar a respeito de você dormir de camisola ou é melhor parar por aqui?
Cunhado – bem Kelly, bem vinda a família

A cunhada chama a esposa de lado e pergunta

Cunhada – você perdoou ele por que?

SEGUNDA VOCE DECIDE

Vou para perto da mãe

Pai – oi mãe
Mãe – oi filho
Pai – continua achando que é um absurdo?
Mãe – sim
Pai – lembra do pai?
Mãe – lógico
Pai – você sabia que o pai nas horas possíveis era a Diana?
Mãe – não quis lhe dizer, mas sabia
Pai – pois é ele me pediu para cuidar do bcc antes de partir
Mãe – então cuida minha filha
Pai – dá um beijo na mãe

A denise canta outra musica

Terminamos agradecendo o pulbico

Anexo V – Quadrinhos de associadas sobre a prática de crossdressing



[Quadrinho enviado pela autora ao Forum Virtual do BCC em 07/07/2008]



[Quadrinho enviado pela autora ao Forum Virtual do BCC em 18/07/2008]

Crossdressing e Filhos 1/...



[Tirinha enviada pela autora ao Forum Virtual do BCC em 12/01/2009]



[Quadrinho de Amanda Gomide¹. Disponível em: <<http://www.leticialanz.org/cartoons%20da%20lelanz/cartoonssdale.htm>>. Acesso em: 07 set 2009.]

¹ Na época em que o quadrinho saiu, a *presidenta* do BCC tinha recém participado de um quadro de um programa para a televisão apresentado por Serginho Groisman.



História mais-do-que verídica, adaptada por LeLanz, set-2006

A SITUAÇÃO É A MESMA. OS PERSONAGENS SÃO OS MESMOS. O ENREDO É O MESMO. TUDO É IGUAL, EXCETO O COMPORTAMENTO DOS ATORES DIANTE DA REALIDADE QUE ESTÃO VIVENDO.

UM OUTRO MUNDO É POSSÍVEL



[Quadrinhos disponíveis no site do BCC. Acesso em 02/12/2007]